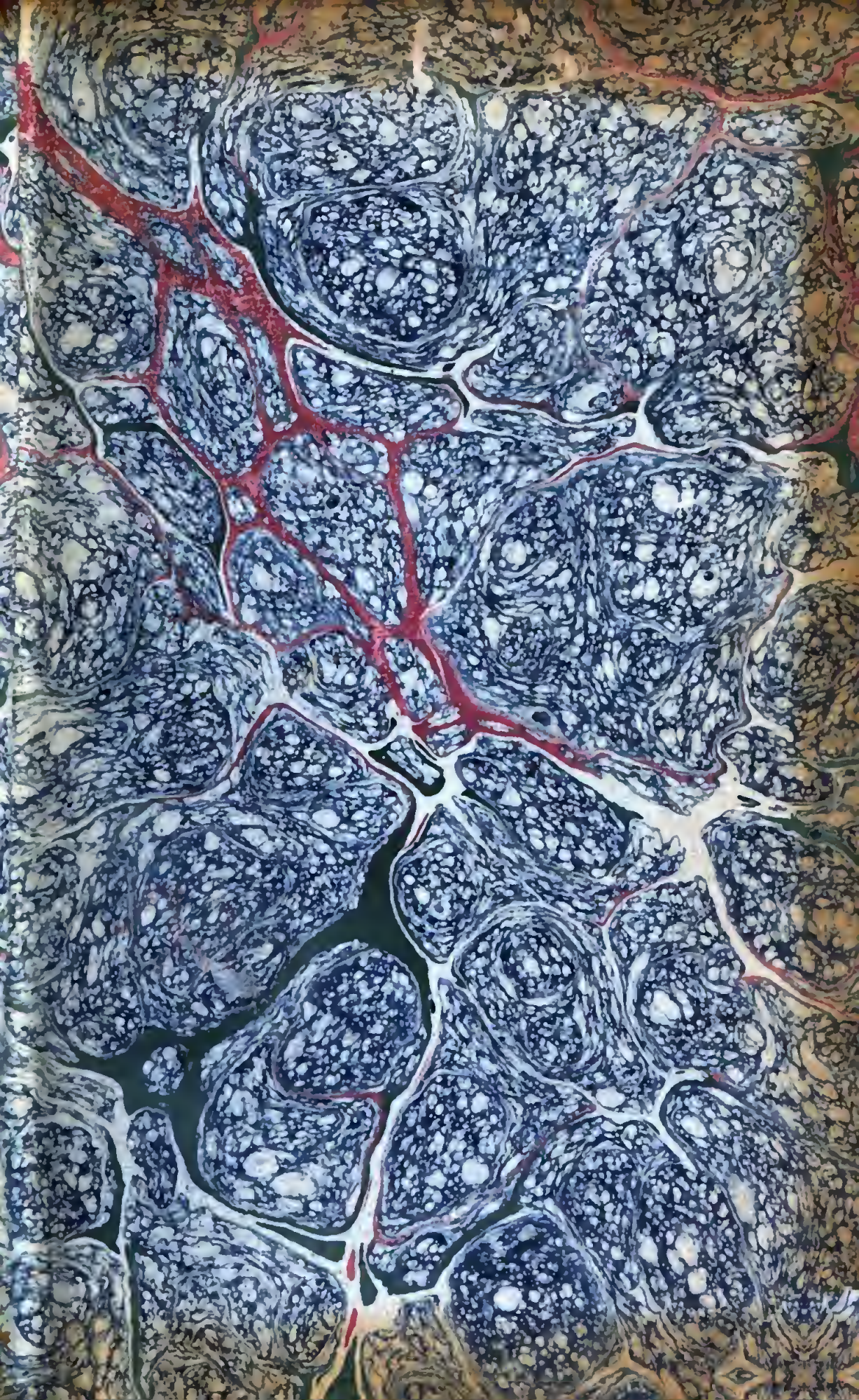
Digitized by Google

NAZIONALE
BIBLIOTECA
FONDO
DORIA
111
114/3
VITTORIO EM. III
NAPOLI



Digitized by Google

OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

TOMO TERCEIRO.

Digitized by Google

OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES,

PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

TERCEIRA EDIÇÃO,

DA QUE, NA OFFICINA LUISIANA, SE FEZ EM LISBOA

NOS ANNOS DE 1779, E 1780.

TOMO III.

PARIS,

NA OFFICINA DE P. DIDOT SENIOR.

E ACHA-SE EM LISBOA,

EM CASA DE VIUVA BERTRAND E FILHOS.

MDCCCXV.

Digitized by Google

Fondo Doria
III. 114 (3.
961734

ADVERTENCIA

DO EDITOR

AOS QUE LEREM.

Porque naõ falte cousa que possa enriquecer esta nossa Ediçaõ, e porque vá acompanhada de tudo o que de alguma maneira póde ser interessante, dar gosto aos Leitores, e servir-lhes de instrucçaõ, lançaremos aqui o Prologo, feito pelo excellente Jurista, e Poeta Fernando Rodrigues Lobo Surrupita, com o qual, no anno de 1595. em Lisboa, sahíram impressas a primeira vez algumas Rhythmas do nosso Poeta. He, pois, o referido Prologo como se segue:

Como este Livro ha de vir ás mãos de muitos, e naõ he possivel em todos ser igual a noticia das cousas, que se requerem para entendimento delle, naõ pareceo pouco acertado

advertir brevemente algumas, assi sobre o titulo, e divisaõ da Obra, como tambem sobre o Author della. E começando pelo titulo, esta palavra *Rhythmas* (que os Italianos, e Francezes pronunciam sem aspirações) descende de ῥυθμὸς, vocabulo Grego, que quer dizer, « número, *ou* harmonía; » como declara Diomedes Grammatico, e Nicoláo Perotto, na Cornucopia, no Commento do quarto Epigramma: e em ambas as significações propriamente ao verso de medida Italiana, porque naõ sómente consiste em certo número de syllabas, mas tambem na harmonía, causada dos accentos, e consoantes, como prova Benedetto Varchi, no Dialogo Herculano, na pergunta 9. Nem isto recebe dúvida, porque geralmente o corpo de toda a sorte de Poema se forma de número, e harmonía; donde nasceo chamar-lhe Possidonio Estoico, « Dicçaõ nu- « merosa, » que consta de medida certa; como refere Laercio, na vida de Zenaõ. Em tanto, que sendo Socrates avisado, por hum Oraculo, se queria alcançar a bemaventurança, appli-

casse o animo á Musica; entendeo que satisfazia ao intento daquelle aviso, em se empregar todo em fazer versos, por ser a harmonia, e números delles, parte da mesma Musica, como conta Celio Calcagnino, na Oraçaõ que fez em louvor das Artes. Donde tambem procedeo a etymologia deste nome *Poeta*, que conforme a opiniaõ de Eustathio, seguida por Rhodegino, no livro quarto, se deriva de ποιεῖν, que significa ἐμμέτρως ἀείδειν, que quer dizer *cantar*: e o mesmo nome de *Musa* significa *Canto*, como affirma o mesmo Nicoláo Perotto, sobre o quinto Epigramma: e por isso Dante chamou á Poesia, ficçaõ Rhetorica, posta em Musica. E que o titulo de Rhythmas convenha a toda esta Obra, mostra-se tambem claramente por hum Discurso que fez o Cardeal Pedro Bembo, no livro 2. das Prosas, onde diz que as Rhythmas (ou Rimas, como elle escreve) saõ de tres maneiras; porque ou saõ reguladas, ou livres; ou parte livres, e parte reguladas. Reguladas se chamam aquellas que vaõ sempre atadas a huma mesma regra, como

saõ os Tercetos, de que se crê ser inventor Dante, porque antes delle se naõ acham feitos por outrem (*). E assim as Oitavas, que inventáram os Sicilianos, fazendo-as de dous consoantes até ao cabo: e despois foram reduzidas a melhor fórma pelos Toscanos, accrescentando-lhe terceiro consoante nos dous versos

(*) Postoque naõ existam hoje, sabe-se com tudo, que antes de Dante, e Petrarca, houve versos Hendecasyllabos, e Tercetos. Na Dedicatoria da sua Chronica Geral de Hespanha, impressa em Valença no anno de 1546., affirma Pedro Antaõ Beuter, que em Valença hum certo Mossen Jordi, que floreceo pelos annos de 1250., escrevia Sonetos, Sextinas, e Terceroles, que saõ Tercetos: e he de opiniaõ o mesmo Beuter, que este Author, neste genero de versos, imitava a outros ainda mais antigos, como o Imperador Federico II., e seu filho, que viviam pelos annos de 1200. Consta ao certo, que Dante nasceo em 1265., donde naõ fica lugar a duvidar, que antes de Dante se escreviam versos Hendecasyllabos, e Tercetos. Para maior prova copiaremos huns versos, que do mesmo Jordi traz Beuter naquella Dedicatoria, ou naquelle Prologo; e saõ os que se seguem:

ultimos : e as Sextinas, que foram invençaõ dos Provençaes, especialmente de Arnaldo Da-

---

E no he pau, e no tinch quim guarreig:
Vol sobrel cel, e non movi de terra,
E no estrench res, etot lo man abrás:
Hoy he de mi, e vull altri gran bè,
Si no Amor, dons aço que sem.

Versos que Petrarca, que nasceo em 1304., imitou; ou para melhor dizer, traduzio desta maneira:

Pace no trovo, e non ho da far guerra:
E uolo sopra il Cielo, e ghiacio in terra,
E nulla stringo, e tutto il mondo abraccio:
Et ho in odio me stesso, et amo altrui
S'amor non è, che dunque è quel ch'io sento.

A'lém do que fica dito, tambem nos consta de manuscriptos dignos de toda a fé, e credito, que o nosso Rei, o Senhor D. Diniz, que nasceo primeiro que Dante tres ou quatro annos, compuzera muitos versos Hendecasyllabos, entre os quaes se faz crivel entrassem tambem Tercetos. Na Chronica de Cister, escripta por Fr. Bernardo de Brito, liv. 6. cap. 1. m. fol. 372., achará o Leitor versos deste genero, compostos por Gonçalo Hermigues, que florecia pelos annos de 1090., tempo em que o Conde D. Henrique naõ havia ainda entrado em Portugal, e 170. annos antes do Senhor Rei D. Diniz.

nielo (*). Rhythmas livres saõ aquellas que naõ guardam regra alguma, nem no número dos versos, nem na correspondencia dos consoantes, como saõ os Madrigaes derivados de Mandra, palavra Toscana; por ser composiçaõ villanesca, a que respondem os nossos Villancetes. Rhythmas parte livres, parte reguladas, saõ as que em algumas cousas vaõ sujeitas a regra, e n'outras saõ isentas della; como saõ os Sonetos, e Canções: porque os Sonetos, ainda que no número dos versos, e disposiçaõ delles, tem obrigaçaõ de seguir sempre huma mesma regra; com tudo, na correspondencia dos consoantes, naõ tem obrigaçaõ certa, como mostra Reingifo, na sua Arte Poetica, no cap. 43.,

(*) Muitos se persuadíram serem as Sextinas invençao de Petrarca; porém enganáram-se, porque 50. annos primeiro que Petrarca, as escreveo Dante, e primeiro que Dante o tal Arnaldo Danielo, de quem aqui faz mençaõ Surrupita. Em Portugal foi primeiro em as escrever Jorge de Monte Maior, e quasi pelos mesmos tempos Luis de Camões.

seguindo todavia a observaçaõ, que com muito engenho, e juizo, advertio Torquato Tasso, no seu Dialogo da Poesia Toscana : e as Canções tem a mesma natureza, como aponta o mesmo Rengifo, no cap. 59. e nos seguintes. E com isto temos satisfeito ao titulo.

Segue-se a divisaõ da Obra, que vai repartida em cinco partes, porque o número quinquenario pertence particularmente a Obras de Poesia, e Eloquencia : o que se vê claramente, porque conforme a doutrina dos Platonicos, era dedicada a Mercurio, e aos outros deoses, que no seu rito Gentilico eram Padroeiros das Artes, como escreve Rhodigino, lib. 12. cap. 10. E a Mercurio tinham elles por divindade da Eloquencia; e por isso lhe conságravam as Linguas, como refere Vincencio Cartario no Livro das Imagẽes dos Deoses, sobre a Imagem de Mercurio : e sendo assi da Eloquencia, ficava tambem sendo da Poesia, pela liança que entre si tem, conforme a definiçaõ de Dante, e Possidonio. E por isso a quinta letra do Alphabeto Grego era dedicada a Apollo,

como escreve Guillelmo Onciaco, no Livro dos Lugares, cap. 5. E as Musas, postoque sejam nove, só a cinco dellas tocava o ministerio da Poesia, porque a Clio se attribuia o sogeito della, presidindo á Historia: a Polymnia o ornamento da linguagem: a Calliope o verso Heróico: a Melpomene o Tragico: a Thalia o Comico, conforme ao Epigramma vulgar, que anda entre os de Virgilio. Seguindo, pois, esta divisaõ, se deo a primeira parte aos Sonetos, por ser composiçaõ de mais merecimento, por causa das difficuldades della, assim em naõ admittir nenhuma palavra ociosa, nem de pouca efficacia, como em haver de cerrar toda a materia delle, dentro no limite de quatorze versos: fechando o ultimo Terceto de maneira, que naõ fique ao entendimento desejo de passar avante; cousa em que muitos Poetas, que andam nas azas da fama, tiveram pouca felicidade (*). A segunda parte se deo ás Canções,

(*) O nosso Antonio Ferreira, pouco feliz na versificaçaõ, cahio neste defeito, por quanto se acham nelle

e Odes, que respondem aos versos Lyricos, como mostra Fernando de Herrera, no seu doc-

---

Sonetos, em cujo fim o Leitor fica como esperando pelo mais que o Poeta devia dizer. Apontaremos hum, para que com este exemplo o Estudioso que se applicar a semelhantes composições, tenha cuidado de se acautelar nesta parte, e para que se veja a justificada crítica de Surrupíta, que pelo que entendemos, naquelle tempo se dirigia ao mesmo Ferreira. O tal Soneto, segundo se colhe do contexto delle, parece que he feito a huns olhos, e diz assim:

O' olhos, donde amor suas frechas tira
Contra mim, cuja luz me espanta, e cega!
O' olhos, onde amor se esconde, e prega
As almas, e em pregando-as, se retira!

O' olhos, onde amor amor inspira,
E amor promette a todos, e amor nega!
O' olhos, onde amor tambem se emprega,
Porque tambem se chora, e se suspira!

O' olhos, cujo fogo a neve fria
Accende, e queima! O' olhos poderosos
De dar á noite luz, e vida á morte!

Olhos, por quem mais claro nasce o dia!
Por quem saõ os meus olhos taõ ditosos,
Que de chorar por vós lhe coube em sorte!

Sem por ora fazermos outras reflexões, só diremos,

tissimo Commento, sobre a primeira Cançaõ de Garcilasso. A terceira a Elegias, e Oitavas, de que naõ achamos que usasse Petrarca (*), mas de ambas estas composições usou felicemente Ariosto, e por ventura que soube melhor imitar nagraça, e perfeiçaõ do verso Elegiaco a Tibullo, e Propercio, que saõ os Principes deste genero, que na magestade do Heroico a Virgilio. A quarta a Eclogas, por ser

---

que, na opiniaõ de Antonio Ferreira, com o primeiro destes quatorze versos estava feito o Soneto, porque os que se seguem a esse mesmo primeiro nenhuma outra cousa accrescentam.

(*) Naõ compoz Petrarca Elegias com este titulo; mas escreveo os seus Triumphos em Tercetos, que naõ saõ outra cousa, que humas puras Elegias. Em algumas Edições das Obras deste Poeta, assim como na de Napoles de 1609., em 16., se acha hum pequeno Poema em Tercetos, com o titulo de Capitulo, (talvez posto por Impressores) que naõ deixa de ser huma Elegia. Principia:

Nel cor pien de amarissima dolcezza
Risonavan' ancor gli ultimi accenti
Del ragioner, che' ai soi brama, et apprezza, etc.

especie de composiçaõ, em que se requere menos sufficiencia; e nelle, deixando a Theocrito, e Virgilio, teve particular excellencia Sannazaro, como nas Piscatorias Berardino Rota (*). A quinta, e ultima parte se deo ás Grosas, e voltas, e outras composições de verso pequeno, que saõ proprias da nossa Hespanha (**), em

(*) A Sannazaro, e Rota, podia, sem muito escrupulo, accrescentar Lodovico Paterno na Italia, e Garcilasso na Hespanha.

(**) Diz que as « Grosas, e voltas, e outras composições de verso pequeno, saõ proprias da Hespana, » e nisto ha engano. Em quanto as *Grosas, e voltas*, he certo que só os Hespanhoes as usáram, e que em nenhum tempo apparecêram fóra da Hespanha: em quanto aos versos pequenos naõ tem razaõ, porque Gregos, e Latinos os usáram, e os Italianos em todos os tempos no seu Idioma: o que seria facil provar. O juizo que faz de Gregorio Sylvestre he o mais ajustado com a razaõ, porque na verdade foi insigne, tanto nos versos pequenos, como nas chamadas *Grosas*. Foi Portuguez, e natural de Lisboa: porém creou-se, e viveo sempre na Hespanha, onde tratou outros tambem egregios no mesmo genero de versificaçaõ: assim

que Gregorio Sylvestre se avantajou notavelmente, entre todos os Hespanhoes, e tivera o primeiro lugar, se Luis de Camões lho naõ ganhára, assi na agudeza dos conceitos, e propriedade das palavras, como na habilidade de meter regras impossiveis; que mostrou muito mais nas outras Rhythmas, como logo diremos. E continuando com elle, (que he a terceira parte deste Prologo) he evidente temeridade querer louvá-lo; porque ainda que os outros Poetas fossem particularmente abalizados em alguma perfeiçaõ especial, todavia a huns faltou a natureza, que lhes fizesse facil a contextura do verso, lavrando-o com tanta aspereza, e difficuldade (*), que parece que estaõ alli as

---

como Garcia Sanches de Badajoz, Bartholomeu de Torres Navarro, D. Joaõ Fernandez de Heredia, e Christovaõ de Castilejo. As Obras de Sylvestre se imprimiram em Lisboa, por Manoel de Lyra, anno de 1592., em doze, e depois em Granada, por Sebastiam de Mena, anno de 1599. em oitavo.

(*) Aqui deve entrar o mesmo Ferreira, de quem já acima fallámos, o qual postoque tivesse bastante

palavras violentadas, e os conceitos encerrados nellas por força : e assi carecem da suavi-

---

liçaõ dos Poetas, segundo alcançamos das suas Obras: como lhe faltasse o espirito, e natureza, para a suavidade, e melodia metrica, tem versos de tal aspereza, e escabrosidade, que parece deixam os ouvidos escalavrados a quem os ouve recitar. Naõ bastam os muitos estudos Poeticos, para constituir hum Poeta egregio; tambem he necessario que a indole, o genio, e a natureza, concorram. Horacio o diz claramente na Poetica, vers. 408.:

Natura fieret laudabile carmen, an arte
Quæsitum est: ego nec studium sine divite vena,
Nec rude quid prosit video ingenium: alterius sic
Altera poscit opem res, et conjurat amicè.

Porém este defeito que aqui aponta Surrupita, naõ procedeo tanto no Ferreira da falta do espirito, ou natureza, quanto da pouca extensaõ que este Poeta tinha no Idioma Portuguez, e de se mostrar menos instruido na Arte versificatoria. O Poeta que deseja constituir-se tal, deve entre outras muitas cousas, saber manejar bem aquella Lingua em que escreve, e estar senhor della, para que lhe naõ succeda o mesmo que ao Ferreira, que para encher versos, a cada passo se está servindo das mesmas palavras, como o *sprito*,

dade, em que consiste a mesma Poesia, confórme a doutrina de Fracastorio, no seu Dia-

---

(já naquelle tempo se dizia *espirito*) e outras taes, de que nunca se póde sahir. Deve ter conhecimento da natureza, ou (como lhe chama certo Author) virtude, e poder das letras: deve saber quaes saõ suaves, quaes saõ brandas, asperas, humildes, sonoras, graves, etc. Deve tambem conhecer das syllabas, dos diphthongos, e das palavras, que se compõe dessas mesmas letras, e syllabas. Deve ter noticia da contracçaõ das vogaes; em que lugares do verso se devem, ou pódem contrahir, sem deformidade, ou offensa dos ouvidos, e em que lugares naõ. Deve tambem saber, em quanto ás palavras, quaes saõ simples, quaes compostas, usadas, antigas, estranhas, novas, proprias, translatas, e figuradas. Deve, em fim, naõ ignorar que cousa seja huma a que os Gregos chamam *ἐυφωνία*, e Quintiliano *vocalitas;* e assentar com Aristoteles no cap. primeiro da sua Poetica, que quem produzio a Poesia foi a imitaçaõ, a harmonia, e o número. Todas estas, e outras cousas, que deixamos aos que fizerem Tratados da versificaçaõ, deve saber o Poeta, que quizer fazer versos que se possam ler: aliás lhe succedera o mesmo que aconteceo ao Ferreira, que naõ só por falta de genio, mas por naõ ter os estudos

logo intitulado, Naugerio, tirada de Horacio, e Quintiliano. Outros que alcançáram ter mais

---

sufficientes, nos deixou huns versos confragosos, duros, aridos, insipidos, desabridos, muitas vezes errados, e taes que ainda naquelles que tem as mesmas onze syllabas de que devem constar, nos naõ he possivel descobrir alguma cadencia, ou harmonia metrica, como aqui se verá, sem sahirmos dos Sonetos.

Que folgaria entaõ poder esquecer-vos:
Nem o dourado Sol, nem o Ceo estrellado:
Tranças louras de que esphera, ou estrellas:
A luz, e o fogo, que assim em mim se atea:

Eu como abrandarei huma dura serra:
Daquella que venceo estrellas, e fados:
E traz nos brancos cornos as luminosas:
D'outro desejo mais saõ, d'outros amores.

Disto a cada passo neste Poeta: e poderemos nós chamar numerosos a estes versos taõ dignamente, como Luis de Camões (no Canto I. Estancia IX.) fallando com o Senhor Rei D. Sebastiam, chamava aos seus,

. . . . . Vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos
Em versos divulgado numerosos?

Pelos nemos, se ahi se acha suavidade, brandura, número metrico, Musica ou consonancia metrica, como lhe chamam os Mestres, confessamos ingenua-

natureza, ou por acertarem de ser pouco felices na eleiçaõ das palavras, ou por naõ terem cabedal com que ataviar a Oraçaõ, assi da lindeza da linguagem, como de tropos, e figuras, sem as quaes Cicero, nem Virgilio, nunca falláram, usam de huns termos taõ humildes, e vulgares, como se a natureza da Poesia naõ consistíra em ser levantada do uso commum de fallar, confórme a opiniaõ de Plutarco, no seu Tratado da Poetica, e de Rhodigino, no cap. 4. do livro 4. Outros que se melhoram mais na linguagem, naõ tem nenhuma erudiçaõ com que illustrem suas Obras, sendo verdade, como diz Rhodigino, no cap. 2. do mesmo Livro, que só aquelles se chamam Poetas legitimos, que mostráram noticia de diversas Sciencias em suas Obras, como Orphéo, Homero,

---

mente, que naõ atinamos com ella. Destes mesmos achaques, aindaque com melhores symptomas, adoeceo Diogo Bernardes, de quem pouco differe seu contemporaneo, e amigo, Pedro de Andrade Caminha, do qual vimos humas Elegias, com outros versos, que correm manuscriptos.

Virgilio, e Pindaro. E pelo contrário, Luis de Camões está taõ affastado de todos estes defeitos, que juntamente vemos nelle natureza prómptissima, para declarar seus pensamentos, accompanhada de huma facilidade natural, que enche os seus versos de suavidade; e com ella huma linguagem taõ pura, e ornada de todos os lumes da elocuçaõ, e taõ rica de conceitos, e diversas joias de todas as Sciencias, que parece que nelle só ajuntou a arte, e a natureza, tudo o que convinha para subir ao mais alto da Poesia. E com ser excellente em toda a sorte de Rhythmas, e em especial do verso pequeno como já dissemos (*), muito mais o

(*) Por huma constante observaçaõ se tem assentado, que nem todos os Poetas se acham igualmènte grandes em todas as composições: observa-se, que huns se abalizáram mais em humas, e que outros se distinguíram mais em outras. O desprezar-se o conselho que Horacio dá no

Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
Viribus, etc.

póde ser tenha dado occasiaõ a alguns se despenharem. Já acima vimos (e o poderaõ ver todos os que

foi nas Canções (*), onde guardou de maneira todas as leis dellas, que nenhuma inveja póde

---

livres de paixaõ o quizerem ler) quanto Antonio Ferreira pôde nos versos hendecasyllabos, ou maiores: agora trataremos de mais alguns Portuguezes. O nosso Sá e Miranda, pelas durezas he nos versos grandes insupportavel; ao mesmo tempo que nos pequenos he sentencioso, suave, brando, e digno de ler-se. Diogo Bernardes ao contrário; tiradas tambem certas durezas, e a phrase baixa, e humilde, com que se explicou em muitos lugares, he melhor nos maiores, que nos menores. Naõ existem versos pequenos de Vasco Mousinho de Quevedo, nem tam pouco de Gabriel Pereira de Castro, que a have-los, póde ser que os naõ vissemos taõ harmoniosos, e cheios de suavidade metrica, como os grandes, que temos destes dous Poetas. O nosso Francisco Rodrigues Lobo meteo-se a fazer hum Poema Epico: mas pela froxidaõ de espirito; falta de genio, e forças, veio a perder aquelle credito, que aliás conseguíra nas composições humildes, e pequenas, que soube tratar. As suas dez Eclogas de versos menores, estimam-se naquelle genèro, por huma das melhores cousas da Hespanha. Assim este Author naõ andára taõ corrupto, e depravado pela ignorancia Typografica! Este juizo que

ter a Petrarca, Bembo, e Garcilasso, que neste genero saõ os mais louvados: e o mesmo lugar tem na maior parte dos Sonetos, e o tivera em todos, se alguns que aqui vaõ impressos por seus, naõ foram feitos sem cuidado, á importunaçaõ de amigos; onde acontece muita vezes acudir mais á pressa (**) com que os pedem,

---

aqui se faz destes Authores (podera ser de mais alguns, mas por naõ fazermos longo escripto, os omittimos) poderá padecer suas contradicções de alguns apaixonados; porém como elle naõ he nosso (com a maior ingenuidade reconhecemos a pobreza dos nossos estudos) o hajam os que tem seus caprichos na Poetica, com os que vieram primeiro que nós que tambem souberam seu pouco de Poesia.

(*) He muito difficil de se decidir, em que Obras se avantajou mais Luis de Camões, sendo taõ grande em todas: neste lugar parece que pertende Surrupita, que se prefiram as Canções a todas as outras Rhythmas do Poeta: porém naõ faltam bons intelligentes, que estejam mais a favor das Odes, que das Canções.

(**) Ainda aqui se dá outra razaõ, e vem a ser: que intervém grande differença em escrever voluntario, ou constrangido, e obrigado. Aquelles assumptos

que á obrigaçaõ de os limar; e despois, sem vontade do Author se publicam por seus. Tratar do estylo Heroico naõ he deste lugar : poderá fazê-lo quem commentar a sua Lusiada (*): mas o que com razaõ se póde affirmar he, que cumprio nella tanto á risca as obrigações do Poema Epico, que senaõ parecéra arrogancia, puderamos dar-lhe assento muito perto de Vir-

---

que saõ escolhidos pela mesmo Poeta, sempre devemos presumir que haõ de ser mais bem tratados, que outros, que de fóra se lhe propõe: o nosso discurso ordinariamente repugna nestes ultimos, ao mesmo tempo que experimentamos, que muito gostoso abraça os primeiros.

(*) *Tratar do estylo Heroico naõ he deste lugar: poderá fazê lo quem commentar a sua Lusiada.* Assim sahio esta passagem na primeira Ediçaõ, que he como seu Author a escreveo. Segunda vez se imprimio este Prologo: mas os apaixonados de Manoel Correa, talvez para fazerem valer o seu Commento (na verdade pouco merecedor deste nome), viciáram este lugar, e imprimiram : *Tratar do estylo Heroico naõ he deste lugar; porque o Licenciado Manoel Correa, que está commentando suas Lusiadas terá esse cuidado.*

gilio. Porque na grandeza, gravidade, e harmonía das palavras; na traça, e discurso da Obra; na alteza do sogeito, seguio em tudo as pizadas de Virgilio; e nas ficções allegoricas (sem as quaes naõ póde haver nenhum Poema Heroico, confórme a opiniaõ de Aristoteles, referida por Rhodigino, no mesmo liv. 4. cap. 4., e ao que escreveo Plutarcho, no lugar acima allegado, reprehendendo a Empedocles, Parmenides, Nicandro, e Theognides, por usurparem o nome de Poetas, só com versos ricos de doutrina, mas desacompanhados de ficções) mostrou taõ admiravel engenho, que quasi se igualou a Homero: e oxalá pudera humilhar a grandeza delle, em algumas das Eclogas, conformando-se mais com o estylo Bucolico (*). E postoque naõ faltam murmura-

(*) Todos concordam que no estylo Bucolico se deve dar o primerio lugar a Theocrito: e querem que depois delle se siga logo Virgilio, naõ obstante ter pensamentos levantados, e sublimes, menos proprios das composições deste genero. O nosso Camões, ou por muito exacto imitador de Virgilio, ou pelo costume de

dores que calumniáram suas Obras, naõ escurece isso o merecimento dellas; porque tambem Virgilio, e Homero, passáram por este trance, que he natural a todos os engenhos raros: em tanto, que só de erros de Virgilio, compoz Carbilio, Grammatico, hum livro inteiro: e Cesar Caligula ousou affirmar, que nenhuma habilidade, nem erudiçaõ tivera; e esteve determinado para mandar meter no fogo suas obras, e retratos, que havia em algumas Livrarias, como conta Suetonio Tranquillo, e Pedro Crinito, no liv. 3. dos Poetas Latinos. E

---

discorrer sobre assumptos nobres, e heroicos; ou talvez por se naõ poder domar a si mesmo no seu enthusiasmo, cahio no mesmo defeito; especialmente nas Eclogas primeira, segunda, e sexta: porém os intelligentes lhe concedem sempre hum lugar mui distincto, merecido por estes Poemas. Saõ muito estimadas as Eclogas de Nemesiano, de Hieronymo Vida, e do nosso Portuguez Henrique Caiado. Na Italia tem-se pelas melhores as de Berardino Rota, Lodovico Paterno, Panfilo Sasso, Serafino Aquilano, e Sannazaro, na Arcadia. Na Hespanha naõ tem iguaes as de Garcílasso.

com isto naõ resta mais que lembrar, que os erros que houver nesta impressaõ, naõ passáram por alto a quem ajudou a copiar este Livro; mas achou-se que era menos inconveniente irem assim como se acháram, por conferencia de alguns Livros de mão, onde estas Obras andavam espedaçadas, que naõ violar as composições alheias, sem certeza evidente de ser a emenda verdadeira; porque sempre aos bons entendimentos fica reservado julgarem, que naõ saõ erros do Author, senaõ vício do tempo, e inadvertencia de quem as trasladou (*). E se-

(*) Os muitos vicios, e erros, que Fernando Rodrigues Lobo Surrupita achou (e de que justissimamente se queixa) nas cópias que descobrio dessas poucas Rhythmas de Camões, que se imprimiram no anno de 1595., deram occasiaõ a que as mesmas Rhythmas, nessa primeira Ediçaõ sahissem muito erradas. Deste desgosto porém nos tirou, alguns annos depois, Manoel de Faria e Sousa; o qual, alcançando com immenso trabalho, e incrivel diligencia, Manuscriptos do Poeta, nos deo (á excepçaõ dos versos menores) hum corpo das suas Obras, completo em quanto á certeza.

gue-se nisto o parecer de Augusto Cesar; que na commissaõ que deo a Vario, e a Tucca, para emendar a Eneida de Virgilio, lhe defendeo expressamente, que nenhuma cousa mudassem, nem accrescentassem; porque em effeito he confundir a substancia dos versos, e conceitos do Author, com as palavras, e invençaõ de quem emenda; sem ficar ao diante certeza se o que se lê he proprio, se emendado. E por isso se naõ bulio em mais, que só naquillo que claramente constou ser vicio da penna; e o mais vai assi como se achou escripto, e muito differente do que houvera de ir, se Luis de Camões em sua vida o dera á Impressaõ. Mas assi debaixo destas affrontas, que o tempo, e a ignorancia lhe fizera, resplandece tanto a luz de seus merecimentos, que basta para neste genero de Poesia naõ havermos inveja a nenhuma Naçaõ Estrangeira.

O Licenciado FERNAÕ RODRIGUES LOPO SURRUPITA,
Advogado nesta Corte.

RHYTHMAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

PARTE PRIMEIRA.

Digitized by Google

RHYTHMAS.

PARTE PRIMEIRA.

SONETOS.

I.

Em quanto quiz fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suave pensamento
Me fez que seus effeitos escrevesse.
Porém temendo amor que aviso désse
Minha escriptura a algum juizo isento,
Escureceo-me o engenho co' o tormento,
Para que seus enganos naõ dissesse.
O' vós, que amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades; quando lerdes
N'hum breve livro casos taõ diversos;
Verdades puras saõ, e naõ defeitos.
Entendei que segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

II.

Eu cantarei de amor taõ docemente,
Por hũus termos em si taõ concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que naõ sente.
Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia, e pena ausente.
Tambem, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda, e rigorosa,
Contentar-me-hei dizendo a menor parte:
Porém para cantar de vosso gesto
A composiçaõ alta, e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, e arte.

III.

Com grandes esperanças já cantei,
Com que os deoses no Olympo conquistára;
Depois vim a chorar porque cantára,
E agora chóro já porque chorei.
Se cuido nas passadas que já dei,
Custa-me esta lembrança só taõ cara,
Que a dor de ver as mágoas que passára,
Tenho por a mór mágoa que passei.
Pois logo, se está claro que hum tormento
Dá causa que outro na alma se accrescente,
Já nunca posso ter contentamento.
Mas esta phantasia se me mente?
Oh ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente?

IV.

Despois que quiz amor que eu sò passasse
Quanto mal já por muitos repartio,
Entregou-me á fortuna, porque vio
Que naõ tinha mais mal que em mi mostrasse.
Ella, porque do amor se avantajasse
Na pena a que elle só me reduzio,
O que para ninguem se consentio,
Para mim consentio que se inventasse.
Eis-me aqui vou com vário som gritando,
Copioso e exemplario para a gente,
Que destes dous tyrannos he sujeita:
Desvarios em versos concertando.
Triste quem seu descanso tanto estreita,
Que deste taõ pequeno está contente!

V.

Em prisões baixas fui hum tempo atado;
Vergonhoso castigo de meus erros:
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que a morte, a meu pezar, tem já quebrado.
Sacrifiquei a vida a meu cuidado;
Que amor naõ quer cordeiros, nem bezerros:
Vi mágoas, vi miserias, vi desterros:
Parece-me que estava assi ordenado.
Contentei-me com pouco, conhecendo
Que era o contentamento vergonhoso,
Só por ver que cousa era viver lédo.
Mas minha estrella, que eu já agora entendo,
A morte cega, e o caso duvidoso,
Me fizeram de gostos haver medo.

VI.

Illustre e digno ramo dos Menezes,
Aos quaes o providente, e largo Ceo
(Que errar naõ sabe) em dote concedeo,
Que rompesse os Mahometicos arnezes:
Desprezando a fortuna, a seus revezes,
Ide para onde o fado vos moveo:
Erguei flammas no mar alto Erythreo,
E sereis nova luz aos Portuguezes.
Opprimi com taõ firme e forte peito
O Pirata insolente, que se espante
E trema Taprobana, e Gedrosia.
Dai nova causa á côr do Arabo Estreito;
Assi que o Roxo mar de aqui em diante,
O seja só com sangue de Turquia.

VII.

No tempo que de amor viver sohia,
Nem sempre andava ao remo ferrolhado;
Antes agora livre, agora atado,
Em várias flammas váriamente ardia.
Que ardesse n'hum só fogo naõ queria
O Ceo, porque tivesse exprimentado,
Que nem mudar as cousas ao cuidado,
Mudança na ventura me faria.
E se algum pouco tempo andava isento,
Foi como quem co'o pezo descansou
Por tornar a cansar com mais alento.
Louvado seja amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu taõ cansado soffrimento.

VIII.

Amor, que o gesto humano na alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro crystal se derretia
Por entre vivas rosas, e alva neve.
A vista, que em si mesma naõ se atreve,
Por se certificar do que alli via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao soffrimento doce, e leve.
Jura amor, que brandura de vontade
Causa o primeiro effeito: o pensamento
Endoudece, se cuida que he verdade.
Olhai como amor géra em hum momento,
De lagrimas de honesta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

IX.

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio:
Sem causa juntamente chóro, e rio;
O mundo todo abarco, e nada apérto.
He tudo quanto sinto hum desconcerto:
Da alma hum fogo me sahe, da vista hum rio:
Agora espero, agora desconfio;
Agora desvarío, agora acérto.
Estando em terra chego ao Ceo voando:
N'hum' hora acho mil annos, e he de geito,
Que em mil annos naõ posso achar hum' hora.
Se me pergunta alguem, porque assi ando;
Respondo, que naõ sei: porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

X.

TRANSFORMA-SE o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar:
Naõ tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.
Se nella está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente pode descansar,
Pois com elle tal alma está liada.
Mas esta linda e pura semidéa,
Que como o accidente em seu sojeito,
Assi com a alma minha se confórma;
Está no pensamento como idéa;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a materia simples busca a fórma.

XI.

PASSO por meus trabalhos taõ isento
De sentimento grande, nem pequeno,
Que só por a vontade com que peno
Me fica amor devendo mais tormento.
Mas vai-me amor matando tanto a tento,
Temperando a triaga co'o veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque naõ mo consente o soffrimento.
Porém se esta fineza o amor sente,
E pagar-me meu mal com mal pertende,
Torna-me com prazer como ao Sol neve.
Mas se me vê co'os males taõ contente,
Faz-se avaro da pena, porque entende,
Que quanto mais me paga, mais me deve.

XII.

Em flor vos arrancou, de entaõ crescida,
(Ah Senhor Dom Antonio!) a dura sorte,
Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos antiguos esquecida.
Huma só razaõ tenho conhecida,
Com que tamanha mágoa se conforte;
Que se no Mundo havia honrada morte,
Naõ podieis vós ter mais larga vida.
Se meus humildes versos podem tanto
Que co' o desejo meu se iguale a Arte,
Especial materia me sereis.
E celebrado em triste e longo canto,
Se morrestes nas maõs do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

XIII.

N'hum jardim adornado de verdura,
Que esmaltavam por cima várias flores,
Entrou hum dia a deosa dos amores,
Com a deosa da caça, e da espessura.
Diana tomou logo hũa rosa pura,
Venus hum roxo lyrio, dos melhores:
Mas excediam muito ás outras flores,
As violas na graça, e formosura.
Perguntam a Cupido, que alli estava,
Qual de aquellas tres flores tomaria,
Por mais suave, e pura, e mais formosa.
Sorrindo-se o minino lhes tornava:
Todas formosas saõ; mas eu queria
Viola antes, que lyrio, nem que rosa.

XIV.

Todo animal da calma repousava,
Só Liso o ardor della naõ sentia;
Que o repouso do fogo em que elle ardia,
Consistia na Nympha que buscava.
Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia;
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro posto estava.
Cansado já de andar por a espessura,
No tronco de huma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:
Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

XV.

Busque amor novas artes, novo engenho,
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que naõ póde tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu naõ tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Pois naõ temo contrastes, nem mudanças,
Andando em bravo mar perdido o lenho.
Mas com quanto naõ póde haver desgosto
Onde esperança falta, là me esconde
Amor hũ mal, que mata, e naõ se vê.
Que dias ha que na alma me tem posto
Hũ naõ sei que, que nasce naõ sei onde;
Vem naõ sei como, e doe naõ sei porque.

XVI.

Quem vê, Senhora, claro, e manifesto,
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Senaõ perder a vista só com vellos,
Já naõ paga o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto;
Mas eu, por de vantagem merecellos,
Dei mais a vida, e alma, por querellos,
Donde já me naõ fica mais de resto.
Assi que alma, que vida, que esperança,
E que quanto for meu, he tudo vosso:
Mas de tudo o interesse eu só o levo.
Porque he tamanha bemaventurança
O dar-vos quanto tenho, e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

XVII.

Quando da bella vista, e doce riso,
Tomando estaõ meus olhos mantimento,
Taõ elevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o Paraiso.
Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento:
Assi que em termo tal, segundo sento,
Pouco vem a fazer quem perde o siso.
Em louvar-vos, Senhora, naõ me fundo;
Porque quem vossas graças claro sente,
Sentirá que naõ póde conhecellas.
Pois de tanta estranheza sois ao Mundo,
Que naõ he de estranhar, Dama excellente,
Que quem vos fez, fizesse Ceo, e Estrellas.

XVIII.

Doces lembranças da passada gloria,
Que me tirou fortuna roubadora;
Deixai me descansar em paz hum' hora,
Que comigo ganhais pouca victoria.
Impressa tenho na alma larga historia
Deste passado bem, que nunca fora;
Ou fora, e naõ passára: mas já agora
Em mi naõ póde haver mais que a memoria.
Vivo em lembranças, morro de esquecido
De que sempre devêra ser lembrado,
Se lhe lembrára estado taõ contente.
Oh quem tornar pudéra a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

XIX.

Alma minha gentil, que te partiste
Taõ cedo desta vida descontente;
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Naõ te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus taõ puro viste.
E se vires que póde merecer-te
Algũa cousa a dor, que me ficou
Da mágoa, sem remedio de perder-te;
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que taõ cedo de cá me leve a ver-te,
Quaõ cedo de meus olhos te levou.

XX.

N'hũ bosque, q̃ das Nymphas se habitava,
Sibella, Nympha linda, andava hũ dia;
E subida em huma arvore sombria,
As amarellas flores apanhava.
Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a sésta á sombra fria,
Em hum ramo, arco, e séttas, que trazia,
Antes que adormecesse, pendurava.
A Nympha, como idoneo tempo vira
Para tamanha impresa, naõ dilata;
Mas com as armas foge ao moço esquivo.
As séttas traz nos olhos, com que tira.
O' Pastores; fugi, que a todos mata,
Senaõ a mim, que de matar-me vivo.

XXI.

Os Reinos, e os Imperios pederosos,
Que em grandeza no Mundo mais crescêram,
Ou por valor de esforço florecêram,
Ou por Barões nas letras espantosos.
Teve Grecia Themistocles famosos;
Os Scipiões a Roma engrandecêram;
Doze Pares a França gloria deram;
Cides a Hespanha, e Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal, que agora vemos
Taõ differente de seu ser primeiro,
Os vossos deram honra, e liberdade.
E em vós, grão successor, e novo herdeiro
Do Bragançaõ Estado, ha mil extremos
Iguaes ao sangue, e móres que a idade.

XXII.

De vós me parto, ó vida, e em tal mudança
Sinto vivo da morte o sentimento.
Naõ sei para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança.
Mas dou-vos esta firme segurança,
Que postoque me mate o meu tormento,
Por as aguas do eterno esquecimento
Segura passará minha lembrança.
Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
Que com cousa outra alguma se contentem:
Antes os esqueçais, que vos esqueçam.
Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereçam
A gloria que em soffrer tal pena sentem.

XXIII.

Chara minha inimiga, em cuja maõ
Poz meus contentamentos a ventura;
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mi consolaçaõ.
Eternamente as aguas lograráõ
A tua peregrina formosura:
Mas em quanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharáõ.
E se meus rudos versos podem tanto,
Que possam prometter-te longa historia,
De aquelle amor taõ puro, e verdadeiro;
Celebrada serás sempre em meu canto:
Porque em quanto no Mundo houver memoria,
Serà a minha escriptura o teu letreiro.

XXIV.

Aquella triste e léda madrugada,
Chea toda de mágoa, e de piedade,
Em quanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ella só, quando amena, e marchetada,
Sahia, dando á terra claridade,
Vio apartar-se de huma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.
Ella só vio as lagrimas em fio,
Que de hũus e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formáram largo rio.
Ella ouvio as palavras magoadas,
Que pudéram tornar o fogo frio,
E dar descanço ás almas condemnadas.

XXV.

Se quando vos perdi, minha esperança,
A memoria perdêra juntamente,
Do doce bem passado, e mal presente,
Pouco sentíra a dor de tal mudança.
Mas amor, em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi lédo, e contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas de que apenas hum signal
Havia, porque as dei ao esquecimento,
Me vejo com memorias perseguido.
Ah dura estrella minha! Ah grão tormento!
Que mal póde ser mór, que no meu mal
Ter lembranças do bem que he já passado?

XXVI.

Em formosa Lethea se confia,
Por onde vaidade tanta alcança,
Que tornada em soberba a confiança,
Com os deoses celestes competia.
Porque naõ fosse avante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puzeram a vingança
Que tamanha doudice merecia.
Mas Oleno perdido por Lethea,
Naõ lhe soffrendo amor que supportasse
Duro castigo em tanta formosura;
Quiz a pena tomar da culpa alhea:
Mas porque a morte amor naõ apartasse,
Ambos tornados saõ em pedra dura.

XXVII.

Males, que contra mim vos conjurastes;
Quanto ha de durar taõ duro intento?
Se dura, porque dure meu tormento,
Baste-vos quanto já me atormentastes.
Mas se assi porfiais, porque cuidastes
Derribar o meu alto pensamento,
Mais póde a causa delle, em que o sustento,
Que vós, que della mesma o ser tomastes.
E pois vossa tençaõ, com minha morte,
Ha de acabar o mal destes amores,
Dai já fim a tormento taõ comprido.
Assi de ambos contente será a sorte:
Em vós por acabar-me, vencedores,
Em mim porque acabei de vós vencido.

XXVIII.

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa, e honesta;
Nas bellas faces, e na boca, e testa,
Cecẽes, rosas, e cravos debuxando.
De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto póde manifesta;
Que o monte, o campo, o rio, e a floresta,
Se estaõ de vós, Senhora, namorando.
Se agora naõ quereis que quem vos ama
Possa colher o fructo destas flores,
Perderáõ toda a graça os vossos olhos.
Porque pouco aproveita, linda Dama,
Que semeasse o amor em vós amores,
Se vossa condiçaõ produze abrolhos.

XXIX.

Sete annos de Pastor Jacob servia
Labaõ, pai de Raquel, Serrana bella,
Mas naõ servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.
Os dias na esperança de hum só dia
Passava, contentando-se com vella:
Porém o pai, usando de cautella,
Em lugar de Rachel lhe deo a Lia.
Vendo o triste Pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua Pastora,
Como se a naõ tivera merecida;
Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servíra, senaõ fora
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

XXX.

Está o lascivo, e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando;
O verso sem medida, alegre, e brando,
Despedindo no rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado, e manso desviando,
Com prompta vista a sétta endireitando,
Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.
Desta arte o coraçaõ, que livre andava,
(Postoque já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido.
Porquê o frécheiro cego me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

XXXI.

Pede o desejo, Dama, que vos veja:
Naõ entende o que pede; está enganado.
He este amor taõ fino, e taõ delgado,
Que quem o tem, naõ sabe o que deseja.
Naõ há cousa, a qual natural seja,
Que naõ queira perpétuo o seu estado.
Naõ quer logo o desejo o desejado,
Só porque nunca falte onde sobeja.
Mas este puro affecto em mim se dana:
Que como a grave pedra tem por arte
O centro desejar da natureza:
Assi meu pensamento por a parte
Que vai tomar de mi, terreste, e humana,
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

XXXII.

Porque quereis, Senhora, que offereça
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos nasce do pouco que eu mereço,
Bem por nascer está quem vos mereça.
Entendei, que por muito que vos peça,
Poderei merecer quanto vos peço,
Pois naõ consente amor q̃ em baixo preço
Taõ alto pensamento se conheça.
Assi que a paga igual de minhas dores
Com nada se restaura; mas devesma
Por ser capaz de tantos desfavores.
E se o valor de vossos amadores
Houver de ser igual comvosco mesma,
Vós só comvosco mesma andai de amores.

XXXIII.

Se Se tanta pena tenho merecida
Em pago de soffrer tantas durezas;
Provai, Senhora, em mi vossas cruezas,
Que aqui tendes huma alma offerecida.
Nella experimentai, se sois servida,
Desprezos, desfavores, e asperezas;
Que móres soffrimentos, e firmezas,
Sustentarei na guerra desta vida.
Mas contra vossos olhos quaes seraõ?
He preciso que tudo se lhes renda;
Mas porei por escudo o coraçaõ.
Porque em taõ dura, e aspera contenda,
He bem, que pois naõ acho defensaõ,
Com meter-me nas lanças me defenda.

XXXIV.

Quando o Sol encoberto vai mostrando
Ao Mundo a luz quieta, e duvidosa,
Ao longo de hũa praia deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co' a mão na face, taõ formosa;
Aqui fallando alegre, alli cuidosa;
Agora estando queda, agora andando.
Aqui esteve sentada, alli me vio,
Erguendo aquelles olhos, taõ isentos;
Commovida aqui hum pouco, alli segura.
Aqui se entristeceo, alli se rio;
E, em fim, nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vãa, que sempre dura.

XXXV.

Hum mover de olhos, brando, e piedoso,
Sem ver de que; hũ riso brando, e honesto,
Quasi forçado; hũ doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso:
Hum despejo quieto, e vergonhoso;
Hum repouso gravissimo e modesto;
Huma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo, e gracioso:
Hũ encollhido ousar; huma brandura;
Hũ medo sem ter culpa; hũ ar sereno;
Hũ longo e obediente soffrimento:
Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

XXXVI.

Tomou-me vossa vista soberana
Aonde tinha as armas mais á maõ,
Por mostrar a quem busca defensaõ
Contra esses bellos olhos, que se engana.
Por ficar da victoria mais ufana,
Deixou-me armar primeiro da razaõ.
Bem salvar-me cuidei, mas foi em vaõ,
Que contra o Ceo naõ val defensa humana.
Com tudo, se vos tinha promettido
O vosso alto destino esta victoria,
Ser-vos ella bem pouca está entendido.
Pois, indaque eu me achasse apercebido,
Naõ levais de vencer-me grande gloria,
Eu a levo maior de ser vencido.

XXXVII.

Naõ passes, caminhante. Quem me chama?
Huma memoria nova, e nunca ouvida,
De hũ que trocou finita, e humana vida,
Por divina, infinita, e clara fama.
Quem he, que taõ gentil louvor derrama?
Quem derramar seu sangue naõ duvída,
Por seguir a bandeira esclarecida
De hũ Capitam de Christo que mais ama.
Ditoso fim, ditoso sacrificio,
Que a Deos se fez e ao Mundo juntamente:
Pregoando direi taõ alta sorte.
Mais poderás contar a toda a gente;
Que sempre deo na vida claro indicio
De vir a merecer taõ santa morte.

XXXVIII.

FORMOSOS olhos, que na idade nossa
Mostrais do Ceo certissimos signais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.
Vereis que do viver me desapossa
Aquelle riso com que a vida dais:
Vereis como de amor naõ quero mais,
Por mais que o tempo corra, ó damno possa.
E se ver-vos nesta alma, em fim, quizerdes,
Como em hum claro espelho, alli vereis
Tambem a vossa Angelica, e serena.
Mas eu cuido, que só por me naõ verdes,
Ver-vos em mim, Senhora, naõ quereis.
Tanto gosto levais de minha pena!

XXXIX.

O fogo que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil, que eu na alma vejo,
Se accendeo de outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.
Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo;
E remettendo com furor sobejo,
Vos foi beijar na parte onde se via.
Ditosa aquella flamma que se atreve
A apagar seus ardores, e tormentos,
Na vista a quem o Sol temores deve.
Namoram-se, Senhora, os elementos
De vós; e queima o fogo aquella neve
Que queima corações, e pensamentos.

XL.

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras, e frescas aguas de crystal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos:
Sylvestres montes, asperos penedos,
Compostos de concerto desigual;
Sabei que sem licença de meu mal
Já naõ podeis fazer meus olhos lédos.
E pois já me naõ vedes como vistes,
Naõ me alegrem verduras deleitosas,
Nem aguas que correndo alegres vem.
Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nasceráõ saudades de meu bem.

XLI.

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seo,
Outras tantas de hum aspero receo
Salteado Laurenio a côr perdia.
Ella, que a Sylvio, mais que a si queria,
Para podê-lo ver naõ tinha meo.
Ora como curára o mal alheo
Quem o seu mal taõ mal curar podia?
Elle, que vio taõ clara esta verdade,
Com soluços dizia (que a espessura
Inclinavam, de mágoa, e piedade)
Como póde a desordem da natura
Fazer taõ differentes na vontade
Aos que fez taõ conformes na ventura?

XLII.

Lindo e subtil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereço;
Se só comtigo, vendo-te, endoudeço,
Que fora co' os cabellos que apertaste?
Aquellas tranças de ouro que ligaste,
Que os raios do Sol tem em pouco preço,
Naõ sei se ou para engano do que peço,
Ou para me matar as desataste.
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfaçaõ de minhas dores,
Como quem naõ tem outra, hei de tomar-te
E senaõ for contente o meu desejo,
Dir-lhe-hei que nesta regra dos amores,
Por o todo tambem se toma a parte.

XLIII.

O Cysne quando sente ser chegada
A hora que põe termo á sua vida,
Harmonía maior, com voz sentida,
Levanta por a praia inhabitada.
Deseja lograr vida prolongada,
E della está chorando a despedida:
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.
Assi, Senhora minha, quando eu via
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio;
Com mais suave accento de harmonía
Descantei por os vossos desfavores
La vuestra falsa fé, y el amor mio.

XLIV.

Por os raros extremos que mostrou
Em sábia Pallas, Venus em formosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
Africa, Europa, e Asia as adorou.
Aquelle saber grande que juntou
Esprito, e corpo, em liga generosa,
Esta mundana máchina lustrosa,
De sós quatro elementos fabricou.
Mas fez maior milagre a natureza
Em vós, Senhoras, pondo em cada hũa
O que por todas quatro repartio.
A vós seu resplandor deo Sol, e Lũa:
A vós com viva luz, graça, e pureza,
Ar, fogo, terra, e agua, vos servio.

XLV.

Tomava Daliana por vingança
Da culpa do Pastor que tanto amava,
Casar com Gil vaqueiro; e em si vingava
O erro alheo, e pérfida esquivança.
A discriçaõ segura, a confiança
Das rosas que o seu rosto debuxava,
O descontentamento lhas mudava;
Que tudo muda huma aspera mudança.
Gentil planta disposta em secca terra;
Lindo fructo de dura mão colhido;
Lembranças de outro amor, e fé perjura:
Tornáram verde prado em serra dura;
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizeram desditosa a formosura.

XLVI.

Grão tempo ha já que soube da ventura
A vida que me tinha destinada;
Que a longa experiencia da passada,
Me dava claro indicio da futura.
Amor fero, e cruel, fortuna escura,
Bem tendes vossa força exprimentada:
Assolai, destrui, naõ fique nada;
Vingai-vos desta vida, que inda dura.
Soube amor da ventura que a naõ tinha,
E porque mais sentisse a falta della,
De imagẽes impossiveis me mantinha.
Mas vós, Senhora, pois que minha estrella
Naõ foi melhor, vivei nesta alma minha,
Que naõ tem a fortuna poder nella.

XLVII.

Se sómente hora alguma em vós piedade
De taõ longo tormento se sentíra,
Amor sofrêra mal que eu me partíra
De vossos olhos, minha saudade.
Apartei-me de vós, mas a vontade,
Que por o natural na alma vos tira,
Me faz crer que esta ausencia he de mentira,
Porém venho a provar que he de verdade.
Ir-me-hei, Senhora; e neste apartamento
Lagrimas tristes tomaráõ vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.
Desta arte darei vida a meu tormento;
Que, em fim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no vosso esquecimento.

XLVIII.

Oh como se me alonga de anno em ano
A peregrinaçaõ cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve, e vão discurso humano!
Mingoando a idade vai, crescendo o dano;
Perdeo-se-me hum remedio, que inda tinha:
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grande esperança he grande engano.
Corro apoz este bem que naõ se alcança;
No meio do caminho me fallece;
Mil vezes caio, e perco a confiança.
Quando elle foge, eu tardo, e na tardança,
Se os olhos ergo a ver se inda apparece,
Da vista se me perde, e da esperança.

XLIX.

Ja' he tempo já, que minha confiança
Se desça de huma falsa opiniaõ;
Mas amor naõ se rege por razaõ;
Naõ posso perder, logo, a esperança.
A vida si; que huma aspera mudança
Naõ deixa viver tanto hum coraçaõ,
E eu só na morte tenho a salvaçaõ.
Si: mas quem a deseja naõ a alcança.
Forçado he logo que eu espere, e viva.
Ah dura lei de amor, que naõ consente
Quietaçaõ n'hum' alma que he captiva!
Se hei de viver, em fim, forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva
De huma esperança vãa que me atormente?

L.

Amor, com a esperança já perdida,
Teu soberano Templo visitei:
Por signal do naufragio que passei,
Em lugar dos vestidos, puz a vida.
Que mais queres de mi, pois destruida
Me tens a gloria toda que alcancei?
Naõ cuides de render-me; que naõ sei
Tornar a entrar-me onde naõ ha sahida.
Vês aqui a vida, e a alma, e a esperança,
Doces despojos de meu bem passado,
Em quanto o quiz aquella que eu adoro.
Nellas podes tomar de mi vingança:
E se te queres inda mais vingado,
Contenta-te co' as lagrimas que chóro.

LI.

Apollo e as nove Musas descantando,
Com a dourada lyra me influiam
Na suave harmonia que faziam,
Quando tomei a penna, começando:
Ditoso seja o dia, e hora, quando
Taõ delicados olhos me feriam:
Ditosos os sentidos que sentiam
Estar-se em seu desejo traspassando.
Assi cantava, quando amor virou
A roda á esperança, que corria
Taõ ligeira, que quasi era invisibil.
Converteo-se-me em noite o claro dia;
E se alguma esperança me ficou,
Será de maior mal, se for possibil.

LII.

Lembranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estado,
Naõ vivo com meu mal taõ enganado,
Que naõ espere delle muito mais.
De longo tempo já me costumais
A viver de algum bem desesperado:
Já tenho co' a fortuna concertado
De soffrer os tormentos que me dais.
Atada ao remo tenho a paciencia,
Para quantos desgostos der a vida;
Cuide quanto quizer o pensamento.
Que pois naõ posso ter mais resistencia,
Para taõ dura quéda de subida,
Aparar-lhe-hei debaixo o soffrimento.

LIII.

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava,
Que o Pastor na memoria a debuxava,
Por poder sustentar-se deste engano.
Por hũa praia do Indico Oceano
Sobre o curvo cajado se encostava,
E os olhos por as aguas alongava,
Que pouco se doiam de seu dano.
Pois com tamanha mágoa, e saudade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,
Por testimunhas tómo Ceo, e estrellas.
Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Levai tambem as lagrimas que chóro,
Pois assi me levais a causa dellas.

LIV.

Quando vejo que meu destino ordena,
Que por me exprimentar, de vós me aparte,
Deixando de meu bem taõ grande parte,
Que a mesma culpa fica grave pena:
O duro desfavor, que me condena,
Quando por a memoria se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte,
Que a dor da ausencia fica mais pequena.
Mas como póde ser que na mudança
D'aquillo que mais quero, estê taõ fóra
De me naõ apartar tambem da vida?
Eu refrearei taõ aspera esquivança:
Porque mais sentirei partir, Senhora,
Sem sentir muito a pena da partida.

LV.

Despois de tantos dias mal gastados,
Despois de tantas noites mal dormidas,
Despois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos suspiros vãos vãamente dados:
Como naõ sois vós já desenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas,
Quereis remediar mortaes feridas,
Que amor fez sẽ remedio, o tempo, os fados?
Se naõ tivereis já longa experiencia
Das semrazões de amor a quem servistes,
Fraqueza fora em vós a resistencia.
Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Que o tempo naõ curou, nem larga ausencia,
Qual bem delle esperais, desejos tristes?

LVI.

NAIADES, vós que os rios habitais,
Que os saudosos campos vaõ regando,
De meus olhos vereis estar manando
Outros que quasi aos vossos saõ iguais.
Driades, que com sétta sempre andais
Os fugitivos cervos derribando,
Outros olhos vereis que triumphando
Derribam corações que valem mais.
Deixai, logo, as aljavas, e aguas frias;
E vinde, Nymphas bellas, se quereis,
A ver como de hũus olhos nascem mágoas.
Notareis como em vão passam os dias:
Mas em vão naõ vereis, porque vereis
Nos seus as séttas, e nos meus as agoas.

LVII.

MUDAM-SE os tempos, mudam-se as vontades;
Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o Mundo he composto de mudança,
Tomando sempre novas calidades.
Continuamente vemos novidades,
Differentes em tudo da esperança:
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria;
E em mi converte em choro o doce canto.
E afóra este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que naõ se muda já como sohia.

LVIII.

Se as penas com que amor taõ mal me trata
Permittirem que eu tanto viva dellas,
Que veja escuro o lume das estrellas,
Em cuja vista o meu se accende, e mata:
E se o tempo, que tudo desbarata,
Seccar as frescas rosas, sem colhellas,
Deixando a linda côr das tranças bellas
Mudada de ouro fino em fina prata:
Tambem, Senhora, entaõ vereis mudado
O pensamento da aspereza vossa,
Quando naõ sirva já sua mudança.
Ver-vos-heis suspirar por o passado,
Em tempo quando executar-se possa
No vosso arrepender minha vingança.

LIX.

Quem jaz no grão sepulchro, que descreve
Taõ illustres signaes no forte escudo?
Ninguem: que nisso, em fim se torna tudo:
Mas foi quem tudo pôde, e tudo teve.
Foi Rei? Fez tudo quanto a Rei se deve:
Poz na guerra, e na paz, devido estudo:
Mas quaõ pezado foi ao Mouro rudo,
Tanto lhe seja agora a terra leve.
Alexandro será? Ninguem se engane:
Mais que o adquirir, o sustentar estima.
Será Hadriano grão Senhor do Mundo?
Mais observante foi da Lei de cima.
He Numa? Numa naõ; mas he Joane,
De Portugal Terceiro sem segundo.

LX.

Quem póde livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos com juizo socegado,
Se o menino, que de olhos he privado,
Nas meninas dos vossos olhos mora?
Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli vive das gentes venerado;
Que o vivo lume, e o rosto delicado,
Imagẽes saõ adonde amor se adora.
Quem vê que em branca neve nascem rosas,
Que crespos fios de ouro vaõ cercando,
Se por entre esta luz a vista passa;
Raios de ouro verá, que as duvidosas
Almas estaõ no peito traspassando,
Assi como hum crystal o Sol traspassa.

LXI.

Como fizeste, ó Porcia, tal ferida?
Foi voluntaria, ou foi por innocencia?
He que amor fazer só quiz experiencia
Se podia eu soffrer tirar-me a vida.
E com teu proprio sangue te convida
A que faças á morte resistencia?
He que costume faço da paciencia,
Porque o temor, morrer me naõ impida.
Pois porque estás comendo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? He que ordena
Amor que morra, e pene juntamente.
E tens a dor do ferro por pequena?
Si; que a dor costumada naõ se sente;
E naõ quero eu a morte sem a pena.

LXII.

De taõ divino accento em voz humana,
De elegancias que saõ taõ peregrinas,
Sei bem que minhas obras naõ saõ dinas;
Que o rudo ingenho meu me desengana.
Porém da vossa penna illustre mana
Licor que vence as agoas Caballinas;
E comvosco do Tejo as flores finas
Faraõ inveja á cópia Mantuana.
E pois a vós, de si naõ sendo avaras
As filhas de Mnemosine formosa,
Partes dadas vos tem ao Mundo claras:
A minha Musa, e a vossa taõ famosa,
Ambas se podem nelle chamar raras
A vossa de alta, a minha de invejosa.

LXIII.

Debaixo desta pedra está metido,
Das sanguinosas armas descansado,
O Capitam illustre, e assignalado,
Dom Fernando de Castro, e esclarecido.
Este por todo o Oriente taõ temido,
Este da propria inveja taõ cantado.
Este, em fim, raio de Mavorte irado,
Aqui está agora em terra convertido.
Alegra-te, ó guerreira Lusitania,
Por est'outro Viriato que criaste,
E chora a perda sua eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardania;
Que se a Roma com elle anniquilaste,
Nem por isso Carthago está contente.

LXIV.

Que vençais no Oriente tantos Reis;
Que de novo nos deis da India o Estado;
Que escureçais a fama que haõ ganhado
Aquelles que a ganháraõ de infiéis:
Que vencidas tenhais da morte as leis;
E que vencesseis tudo, em fim, armado;
Mais he vencer na patria desarmado,
Os monstros, e as Chimeras que venceis:
Sobre vencerdes, pois, tanto inimigo,
E por armas fazer, que sem segundo
No Mundo o vosso nome ouvido seja;
O que vos dá mais fama inda no Mundo,
He vencerdes, Senhor, no Reino amigo,
Tantas ingratidões, taõ grande inveja.

LXV.

Vossos olhos, Senhora, que competem
Com o Sol em belleza, e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lagrimas de vê-los se derretem.
Meus sentidos postrados se submetem
Assi cegos a tanta magestade;
E da triste prisaõ da escuridade,
Cheos de medo por fugir remetem.
Porém se entaõ me vedes por acerto,
Esse aspero desprezo com que olhais
Me torna a animar a alma enfraquecida.
Oh gentil cura! Oh estranho desconcerto!
Que dareis co' hum favor, que vós naõ dais,
Quando com hum desprezo me dais vida?

LXVI.

Formosura do Ceo a nós descida,
Que nenhum coraçaõ deixas isento,
Satisfazendo a todo pensamento,
Sem que sejas de algum bem entendida:
Qual lingua póde haver taõ atrevida,
Que tenha de louvar-te atrevimento,
Pois a parte maior do entendimento,
No menos que em ti ha se vê perdida?
Se em teu valor contemplo a melhor parte,
Vendo que abre na terra hum paraiso,
Logo o engenho me falta, o esprito mingoa.
Mas o que mais me impede inda louvar-te,
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando naõ te vejo perco o siso.

LXVII.

Pois meus olhos naõ cansam de chorar
Tristezas naõ cansadas de cansar-me;
Pois naõ se abranda o fogo em que abrazar-me
Póde quem eu já mais pude abrandar:
Naõ canse o cego amor de me guiar
Donde nunca de lá possa tornar-me;
Nem deixe o Mundo todo de escutar-me,
Em quanto a fraca voz me naõ deixar.
E se em montes, se em prados, e se em valles,
Piedade mora alguma; algum amor
Em feras mora, em aves, pedras, agoas;
Ouçam a longa historia de meus males,
E curem sua dor com minha dor;
Que grandes mágoas pódem curar mágoas.

LXVIII.

Dai-me hũa lei, Senhora, de querer-vos,
Porque a guarde sobpena de enojar-vos;
Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos,
Fará que fique em lei de obedecer-vos.
Tudo me defendei, senaõ só ver-vos,
E dentro na minha alma contemplar-vos;
Que se assi naõ chegar a contentar-vos,
Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.
E se essa condiçaõ cruel, e esquiva,
Que me deis lei de vida naõ consente,
Dai-ma, Senhora, já, seja de morte.
Se nem essa me dais, he bem que viva
Sem saber como vivo tristemente;
Mas contente estarei com minha sorte.

LXIX.

Ferido sem ter cura perecia
O forte, e duro Télepho temido,
Por aquelle que na agua foi metido,
E a quem ferro nenhum cortar podia.
Quando a Apollineo Oraculo pedia
Conselho para ser restituido;
Respondeo-lhe, tornasse a ser ferido
Por quem o já feríra, e sararia.
Assi, Senhora, quer minha ventura,
Que ferido de ver-vos claramente,
Com tornar-vos a ver amor me cura.
Mas he taõ doce vossa formosura,
Que fico como o hydropico doente,
Que bebendo lhe cresce mór seccura.

LXX.

Na metade do Ceo subido ardia
O claro, almo Pastor, quando deixavam
O verde pasto as cabras, e buscavam
A frescura suave da agua fria.
Com a folha das arvores, sombria,
Do raio ardente as aves se amparavam:
O módulo cantar de que cessavam,
Só nas roucas cigarras se sentia.
Quando Liso Pastor n' hum campo verde,
Natercia, crua Nympha, só buscava
Com mil suspiros tristes que derrama.
Porque te vás de quem por ti se perde,
Para quem pouco te ama? (suspirava)
E o eco lhe responde: Pouco te ama.

LXXI

Já a roxa, e branca Aurora destoucava
Os seus cabellos de ouro delicados,
E das flores os campos esmaltados,
Com crystallino orvalho borrifava:
Quando o formoso gado se espalhava
De Sylvio, e de Laurente, por os prados,
Pastores ambos, e ambos apartados,
De quem o mesmo amor naõ se apartava.
Com verdadeiras lagrimas Laurente;
Naõ sei, (dizia) ó Nympha delicada,
Porque naõ morre já quem vive ausente.
Pois a vida sem ti naõ presta nada;
Responde Sylvio; amor naõ o consente:
Que offende as esperanças da tornada.

LXXII.

Quando de minhas mágoas a comprida
Maginaçaõ os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me apparece,
Que para mi foi sonho nesta vida.
Lá n'huma soidade, onde estendida
A vista por o campo desfallece,
Corro apoz ella; e ella entaõ parece
Que mais de mi se alonga, compellida.
Brado: Naõ me fujais, sombra benina.
Ella (os olhos em mi co' hum brando pejo,
Como quem diz, que já naõ póde ser)
Torna a fugir-me: tórno a bradar: *Dina;*
E antes que acabe em *mene*, acórdo, e vejo,
Que nem hum breve engano posso ter.

LXXIII.

Suspiros inflammados que cantais
A tristeza com que eu vivi taõ lédo;
Eu morro, e naõ vos levo, porque hei medo
Que ao passar do Letheo vos percais.
Escriptos para sempre já ficais
Onde vos mostraráõ todos co' o dedo,
Como exemplo de males; e eu concedo
Que para aviso de outros estejais.
Em quem, pois, virdes largas esperanças
De amor, e da fortuna, (cujos danos
Algũus teraõ por bemaventuranças)
Dizei-lhe, que os servistes muitos anos,
E que em fortuna tudo saõ mudanças,
E que em amor naõ ha senaõ enganos.

LXXIV.

Aquella fera humana que enriquece
A sua presunçosa tyrannia,
Destas minhas, entranhas, onde cria
Amor hum mal, que falta quando crece:
Se nella o Ceo mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao Mundo pertendia;
Porque de minha vida se injuría?
Porque de minha morte se ennobrece?
Ora, em fim sublimai vossa victoria,
Senhora, com vencer-me, e captivar-me:
Fazei della no Mundo larga historia.
Pois, por mais que vos veja atormentar-me,
Já me fico logrando desta gloria
De ver que tendes tanta de matar-me.

LXXV.

Ditoso seja aquelle que sómente
Se queixa de amorosas esquivanças,
Pois por ellas naõ perde as esperanças
De poder n'algum tempo ser contente.
Ditoso seja quem estando ausente
Naõ sente mais que a pena das lembranças;
Porqu' inda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dor quando se sente.
Ditoso seja, em fim, qualquer estado,
Onde enganos, desprezos, e isençaõ,
Trazem hum coraçaõ atormentado.
Mas triste quem se sente magoado
De erros em que naõ póde haver perdaõ
Sem ficar na alma a mágoa do peccado.

LXXVI.

Quem fosse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a avezinha,
Que despois de perder hum bem q̃ tinha,
Naõ sabe mais que cousa he ser contente.
E quem fosse apartando-se da gente,
Ella por companheira, e por vesinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
E eu a ella tambem a que ella sente.
Ditosa ave, que ao menos se a natura
A seu primeiro bem naõ dá segundo,
Dá-lhe o ser triste a seu contentamento.
Mas triste quem de longe quiz ventura,
Que para respirar lhe falte o vento,
E para tudo, em fim, lhe falte o Mundo.

LXXVII.

O Culto divinal se celebrava
No Templo donde toda creatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado Sangue restaurava.
Amor alli, que o tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura,
Com huma rara, e Angelica figura
A vista da razaõ me salteava.
Eu crendo que o lugar me defendia,
De seu livre costume naõ sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia;
Deixei-me captivar; mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

LXXVIII.

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra hum paraiso;
Entre rubjis, e perlas, doce riso,
Debaixo de ouro, e neve, côr de rosa:
Presença moderada, e graciosa,
Onde ensinando estaõ despejo, e siso,
Que se póde por arte, e por aviso,
Como por natureza, ser formosa:
Falla de que ou já vida, ou morte pende,
Rara, e suave; em fim, Senhora, vossa;
Repouso na alegria comedido:
Estas as armas saõ com que me rende,
E me captiva amor; mas naõ que possa
Despojar-me da gloria de rendido.

LXXIX.

Bem sei, amor, que he certo o que receo;
Mas tu, porque com isso mais te apuras,
De manhoso mo negas, e mo juras
Nesse teu arco de ouro, e eu te creo.
A mão tenho metida no teu seo,
E naõ vejo os meus damnos ás escuras:
Porém porfias tanto, e me asseguras,
Que me digo que minto, e que me enleo.
Nem sómente consinto neste engano,
Mas inda to agradeço; e a mi me nego
Tudo o que vejo, e sinto de meu dano.
Oh poderoso mal a que me entrego!
Que no meio do justo desengano
Me possa inda cegar hum moço cego!

LXXX.

Como quando do mar tempestuoso
O marinheiro todo trabalhado,
De hum naufragio cruel sahindo a nado,
Só de ouvir fallar nelle está medroso:
Firme jura que o vê-lo bonançoso
Do seu lar o naõ tire, socegado;
Mas esquecido já do horror passado
Delle a fiar se torna, cobiçoso:
Assi, Senhora, eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvar me,
Jurando de naõ mais em outra ver-me;
Com a alma que de vós nunca se ausenta,
Me tórno, por cobiça de ganhar-me,
Onde estive taõ perto de perder-me.

LXXXI.

Amor he hum fogo que arde sem se ver;
He ferida que doe, e naõ se sente;
He hum contentamento descontente;
He dor que desatina sem doer:
He hũ naõ querer mais que bem querer;
He solitario andar por entre a gente;
He hum naõ contentar-se de contente;
He cuidar que se ganha em se perder:
He hum estar-se preso por vontade;
He servir a quem vence o vençedor;
He hum ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si taõ contrário o mesmo amor?

LXXXII.

Se pena por amar-vos se merece,
Quem della estará livre? Quem isento?
E que alma, que razaõ, que entendimento,
No instante em que vos vê naõ obedece?
Qual mór gloria na vida já se offrece,
Que a de occupar-se em vós o pensamento?
Naõ só todo rigor, todo tormento,
Com ver-vos naõ magôa, mas se esquece.
Porém se heis de matar a quem amando,
Ser vosso de amor tanto só pertende,
O Mundo matareis, que todo he vosso.
Em mi podeis, Senhora, ir começando,
Pois bem claro se mostra, e bem se entende,
Amar-vos quanto devo, e quanto posso.

LXXXIII.

Que levas, cruel morte? Hum claro dia.
Aque horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Naõ o entendo.
Pois quem to faz levar? Quem o entendia.
Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo.
Lusitania que diz? Fica dizendo.
Que diz? Naõ mereci a grão Maria.
Mataste a quem a vio? Já morto estava.
Que discorre o amor? Fallar naõ ousa.
E quem o faz callar? Minha vontade.
Na Corte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que ver? Nenhuma cousa.
Que gloria lhe faltou? Esta beldade.

LXXXIV.

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sobre as rosas esparzidos
Fazeis que a sua graça se accrescente:
Olhos, que vos moveis taõ docemente,
Em mil divinos raios incendidos,
Se de cá me levais a alma, e sentidos,
Que fora, se eu de vós naõ fora ausente?
Honesto riso, que entre a mór fineza
De perlas, e coraes, nasce, e apparece;
Oh quem seus doces ecos já lhe ouvisse!
Se imaginando só tanta belleza,
De si com nova gloria a alma se esquece,
Que fará quando a vir? Ah quem a visse!

LXXXV.

Foi já n'hum tempo doce cousa amar
Em quanto me enganou hũa esperança:
O coraçaõ com esta confiança
Todo se desfazia em desejar.
Oh vão, caduco, e debil esperar!
Como, em fim, desengana huma mudança!
Que quanto he mór a bemaventurança,
Tanto menos se crê que ha de durar.
Quem já se vio com gostos prosperado,
Vendo-se brevemente em pena tanta,
Razaõ tem de viver bem magoado.
Mas quem já tem o Mundo exprimentado,
Naõ o magôa a pena, nem o espanta:
Que mal se estranhará o costumado.

LXXXVI.

Dos antigos Illustres que deixáram
Hum nome digno de immortal memoria,
Ficou por luz do tempo a larga historia
Dos feitos em que mais se avantajáram.
Se com suas acções se cotejáram
Mil vossas, cada hũa taõ notoria,
Vencéra a menor dellas a mór gloria
Que elles em tantos annos alcançáram.
A gloria sua foi : ninguem lha tome :
Seguindo cada qual varios caminhos
Estatuas mereceo no heroico Templo.
Vós honra Portugueza, e dos Coutinhos,
Clarissimo Dom Joaõ, com melhor nome
A vós encheis de gloria, a nós de exemplo.

LXXXVII.

Conversaçaõ domestica affeiçôa,
Ora em fórma de limpa e sãa vontade,
Ora de huma amorosa piedade,
Sem olhar calidade de pessoa.
Se despois, por ventura, vos magôa
Com desamor, e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando amor, que tudo, em fim, perdôa.
Naõ saõ isto que fallo conjeituras
Que o pensamento julga na apparencia,
Por fazer delicadas escripturas.
Metida tenho a mão na consciencia,
E naõ fallo senaõ verdades puras
Que me ensinou a viva experiencia.

LXXXVIII.

Esforço grande igual ao pensamento,
Pensamentos em obras divulgados,
E naõ em peito timido encerrados,
E desfeitos despois em chuva, e vento:
Animo da cobiça baixa isento,
Digno por isto só de altos estados,
Fero açoute dos nunca bem domados
Póvos do Malabar sanguinolento:
Gentileza de membros corporaes,
Ornados de pudíca continencia;
Obra por certo da celeste altura;
Estas virtudes raras, e outras mais;
Dignas todas da Homerica eloquencia,
Jazem debaixo desta sepultura.

LXXXIX.

No Mundo quiz o tempo que se achasse
O bem que por acerto, ou sorte vinha;
E por exprimentar que dita tinha,
Quiz que a fortuna em mi se exprimentasse.
Mas porque o meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta taõ longa vida minha
Cousa me deixou ver que desejasse.
Mudando andei costume, terra, estado,
Por ver se se mudava a sorte dura:
A vida puz nas mãos de hum leve lenho.
Mas, segundo o que o Ceo me tem mostrado,
Já sei que deste meu buscar ventura,
Achado tenho já que naõ a tenho.

XC.

A perfeiçaõ, a graça, o doce geito,
A Primavera cheia de frescura,
Que sempre em vós florece; a que a ventura,
E a razaõ, entregáram este peito:
Aquelle crystallino, e puro aspeito,
Que em si comprehende toda a formosura;
O resplandor dos olhos, e a brandura,
Donde amor a ninguem quiz ter respeito:
S'isto que em vós se vê, ver desejais,
Como digno de ver-se claramente,
Por muito que de amor vos isentais:
Traduzido o vereis taõ fielmente
No meio deste espirito onde estais,
Que vendo-vos sintais o que elle sente.

XCI.

Vós que de olhos suaves, e serenos,
Com justa causa a vida captivais,
E que os outros cuidados condemnais
Por indevidos, baixos, e pequenos;
Se de amor os domesticos venenos
Nunca provastes, quero que saibais
Que he tanto mais o amor despois que amais,
Quanto saõ mais as causas de ser menos.
E naõ presuma alguem que algum defeito,
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito:
Antes o dobra mais; e se atormenta,
Pouco a pouco desculpa o brando peito,
Que amor com seus contrarios se accrescenta.

XCII.

Que poderei do Mundo já querer,
Pois no mesmo em que puz tamanho amor,
Naõ vi senaõ desgosto, e desfavor,
E morte, em fim, que mais naõ póde ser?
Pois me naõ farta a vida de viver,
Pois já sei que naõ mata grande dor,
Se houver cousa que mágoa dé maior,
Eu a verei, que tudo posso ver.
A morte, a meu pezar, me assegurou
De quanto mal me vinha : já perdi
O que a perder o medo me ensinou.
Na vida desamor sómente vi;
Na morte a grande dor que me ficou.
Parece que para isto só nasci.

XCIII.

Pensamentos, que agora novamente
Cuidados vãos em mi resuscitais,
Dizeime : E ainda naõ vos contentais
De ter a quem vos tem taõ descontente?
Que phantasia he esta, que presente
Cad'hora ante os meus olhos me mostrais?
Com hũus sonhos taõ vãos, inda tentais
Quem nem por sonhos póde ser contente?
Vejo-vos, pensamentos, alterados.
E naõ quereis, de esquivos, declarar-me,
Que he isto que vos traz taõ enleados?
Naõ me negueis, se andais para negar-me;
Porque se contra mi estais levantados,
Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

XCIV.

Se tómo a minha pena em penitencia
Do error em que cahio o pensamento,
Naõ abrando, mas dobro meu tormento,
Que a tanto, e mais, obriga a paciencia,
E se huma côr de morto na apparencia,
Hum espalhar suspiros vãos ao vento,
Naõ faz em vós, Senhora, movimento,
Fique o meu mal em vossa consciencia.
Mas se de qualquer aspera mudança
Toda vontade isenta amor castiga,
(Como eu vejo no mal que me condena)
E se em vós naõ se entende haver vingança,
Será forçado (pois amor me obriga)
Que eu só da culpa vossa pague a pena.

XCV.

Aquella que, de pura castidade,
De si mesma tomou cruel vingança,
Por huma breve, e subita mudança,
Contrária á sua honra, e calidade;
Venceo á formosura a honestidade;
Venceo no fim da vida a esperança,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
De si, da gente, e do Mundo esquecida,
Ferio com duro ferro o brando peito,
Banhando em sangue a força do tyrano.
Oh ousadia estranha! Estranho feito!
Que dando breve morte ao corpo humano,
Tenha sua memoria larga vida!

XCVI.

Os vestidos Elisa revolvia,
Que Enéas lhe deixára por memoria;
Doces despojos da passada gloria;
Doces quando seu fado o consentia.
Entre elles a formosa espada via,
Que instrumento, em fim, foi da triste historia;
E como quem de si tinha a victoria,
Fallando só com ella, assi dizia:
Formosa, e nova espada, se ficaste
Só porque executasses os enganos
De quem te quiz deixar, em minha vida;
Sabe que tu comigo te enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobeja-me a tristeza da partida.

XCVII.

Oh quaõ caro me custa o entender-te,
Molesto amor, que só por alcançar-te,
De dor em dor me tẽes trazido a parte,
Donde em ti odio, e ira se converte!
Cuidei que para em tudo conhecer-te
Me naõ faltava experiencia, e arte;
Mas na alma vejo agora accrescentar-te
Aquillo que era causa de perder-te.
Estavas taõ secreto no meu peito,
Que eu mesmo, que e tinha, naõ sabia
Que me senhoreavas deste geito.
Descubriste-te agora; e foi por via,
Que teu descobrimento, e meu defeito,
Hum me envergonha, e outro me injuría.

XCVIII.

Se despois de esperança taõ perdida,
Amor por causa alguma consentisse
Que inda algum'hora breve alegre visse,
De quantas tristes vio taõ longa vida;
Hum'alma já taõ fraca, e taõ cahida
(Quando a sorte mais alto me subisse)
Naõ tenho para mi que consentisse
Alegria taõ tarde consentida.
Nem tamsómente o amor me naõ mostrou
Hum'hora em que vivesse alegremente,
De quantas nesta vida me negou;
Mas inda tanta pena me consente,
Que co' o contentamento me tirou
O gosto de algum'hora ser contente.

XCIX.

O Raio crystallino se estendia
Por o Mundo, da Aurora marchetada,
Quando Nise, Pastora delicada,
Donde a vida deixava se partia.
Dos olhos com que o Sol escurecia,
Levando a luz em lagrimas banhada,
De si, do fado, e tempo, magoada
Pondo os olhos no Ceo, assi dizia:
Nasce, sereno Sol, puro, e luzente;
Resplandece purpurea, e branca Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente;
Que a minha, sabe tu que desde agora
Já mais na vida a podes ver contente,
Nm taõ triste nenhuma outra Pastora

C.

No Mundo poucos annos, e cansados,
Vivi, cheos de vil miseria, e dura:
Foi-me taõ cedo a luz do dia escura,
Que naõ vi cinco lustros acabados.
Corri terras, e mares apartados,
Buscando á vida algum remedio, ou cura:
Mas aquillo que em fim, naõ dá ventura,
Naõ o daõ os trabalhos arriscados.
Criou-me Portugal na verde, e chara
Patria minha Alemquer; mas ar corruto,
Que neste meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peixes em ti bruto
Mar, que bates a Abássia fera, e avara,
Taõ longe da ditosa Patria minha.

CI.

Vo's que escuitais em Rhythmas derramado
Dos suspiros o som que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro em parte do que sou mudado:
Sabei que busca só do já cantado
No tempo em que ou temia, ou esperava,
De quem o mal provou, que eu tanto amava,
Piedade, e naõ perdaõ, o meu cuidado.
Pois vejo que tamanho sentimento
Só me rendeo ser fábula da gente,
(Do que comigo mesmo me envergonho)
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheçam claramente
Que quanto ao Mundo apraz he breve sonho.

CII.

De amor escrevo; de amor trato, e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado;
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto naõ seja ser de amor captivo.
De amor que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria sua em ser ousado;
Que se veja melhor purificado
No immenso resplandor de hũ raio esquivo.
Mas ai, que tanto amor só pena alcança!
Mais constante ella, e elle mais constante,
De seu triumpho cada qual só trata.
Nada, em fim, me aproveita; q̃ a esperança,
Se anima alguma vez a hum triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

CIII.

Se da célebre Laura a formosura
Hum numeroso Cysne ufano escreve,
Huma Angelica penna se te deve,
Pois o Ceo em formar-te mais se apura.
E se voz menos alta te procura
Celebrar, (oh Natercia!) em vão se atreve:
De ver-te já a ventura Liso teve,
Mas de cantar-te falta-lhe a ventura.
No Ceo nasceste, certo, e naõ na terra:
Para gloria do Mundo cá desceste:
Quem mais isto negar, muito mais erra.
E eu imagino que de lá vieste
Para emendar os vicios que elle encerra,
Co' os divinos poderes que trouxeste.

CIV.

Esses cabellos louros, e escolhidos,
Que o ser ao aureo Sol estaõ tirando:
Esse ar immenso, adonde naufragando
Estaõ continuamente os meus sentidos:
Esses furtados olhos taõ fingidos,
Que minha vida, e morte, estaõ causando:
Essa divina graça, que em fallando,
Finge os meus pensamentos naõ ser cridos:
Esse compasso certo, essa medida,
Que faz dobrar no corpo a gentileza;
A divindade em terra, taõ subida:
Mostrem já piedade, e naõ crueza,
Que saõ laços que amor tece na vida,
Sendo em mi soffrimento, em vós dureza.

CV.

Quem pudéra julgar de vós, Senhora,
Que hũa tal fé pudesse assi perder-vos?
Se por amar-vos chego a aborrecer-vos,
Deixar naõ posso o amar-vos algum'hora.
Deixais a quem vos ama, ou vos adora,
Por ver a quem quiçá naõ sabe ver-vos?
Mas eu sou quem naõ soube merecer-vos,
E esta minha ignorancia entendo agora.
Nunca soube entender vossa vontade,
Nem a minha mostrar-vos verdadeira,
Indaque clara estava esta verdade.
Esta, em quanto eu vos vir, vereis inteira;
E se em vão meu querer vos persuade,
Mais vosso naõ querer faz que vos queira.

CVI.

Quem Senhora, presume de louvar-vos
Com discurso que baixe de divino,
De tanto maior pena será dino,
Quanto vós sois maior ao contemplar-vos.
Naõ aspire algum canto a celebrar-vos,
Por mais que seja raro, ou peregrino;
Pois de vossa belleza eu imagino,
Que só comvosco o Ceo quiz comparar-vos.
Ditosa esta alma vossa a que quezestes
Pôr em posse de prenda taõ subida,
Qual esta que benigna, em fim, me déstes.
Sempre será anteposta á mesma vida:
Esta estimar em menos me fizestes,
Se antes que essoutra a quero ver perdida.

CVII.

Moradoras gentís, e delicadas,
Do claro, e aureo Tejo, que metidas
Estais em suas grutas escondidas,
E com doce repouso socegadas.
Agora esteis de amores inflammadas,
Nos crystallinos Paços entretidas;
Agora no exercicio embevecidas,
Das télas de ouro puro matizadas.
Movei dos lindos rostos a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo
Que lagrimas derramem de tristura.
E assi com dor mais propria ireis ouvindo
As queixas que derramo da ventura,
Que com penas de amor me vai seguindo.

CVIII.

Brandas aguas do Tejo que passando
Por estes verdes campos que regais,
Plantas, hervas, e flores, e animais,
Pastores, Nymphas, ides alegrando:
Naõ sei, (ah doces aguas!) naõ sei quando
Vos tornarei a ver; que mágoas tais,
Vendo como vos deixo, me causais,
Que de tornar já vou desconfiando.
Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partida que me vai custando tanto.
Saudoso de vós, delle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras aguas com meu pranto.

CIX.

Novos casos de amor, novos enganos,
Envoltos em lisonjas conhecidas;
Do bem promessas falsas, e escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos:
Como naõ tomais já por desenganos,
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois que a vida naõ basta, nem mil vidas,
A tantos dias tristes, tantos anos?
Hum novo coraçaõ mister havia,
Com outros olhos menos aggravados,
Para tornar a crer o que eu vos cria.
Andais comigo, enganos, enganados;
E se o quizerdes ver, cuidai hum dia
O que se diz dos bem acutilados.

CX.

Onde porei meus olhos que naõ veja
A causa de que nasce o meu tormento?
A qual parte me irei co' o pensamento,
Que para descansar parte me seja?
Já sei como se engana quem deseja
Em vão amor, fiel contentamento;
De que nos gostos seus, que saõ de ven'o,
Sempre falta seu bem, seu mal sobeja.
Mas inda, sobre o claro desengano,
Assi me traz esta alma sobjugada,
Que delle está pendendo o meu desejo.
E vou de dia em dia, de anno em ano,
Apoz hum naõ sei que, apoz hum nada,
Que quanto mais me chego menos vejo.

CXI.

Já' do Mondego as aguas apparecem
A meus olhos, naõ meus, antes alheos,
Que de outras differentes vindo cheos,
Na sua branda vista inda mais crecem.
Parece que tambem forçadas decem,
Seguudo se detém em seus rodeos.
Triste! Por quantos modos, quantos meos,
As minhas saudades me entristecem!
Vida de tantos males salteada,
Amor a põe em termos, que duvída
De conseguir o fim desta jornada.
Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que naõ vai da alma acompanhada;
Que se deixou ficar onde tem vida.

CXII.

Que doudo pensamento he o que sigo?
Apoz que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mi! Que naõ me entendo;
Nem o que callo sei, nem o que digo.
Pelejo com quem trata paz comigo;
De quem guerra me faz naõ me defendo.
De falsas esperanças que pertendo?
Quem do meu proprio mal me faz amigo?
Porque, se nasci livre, me captivo?
E pois o quero ser, porque o naõ quero?
Como me engano mais com desenganos?
Se já desesperei, que mais espero?
E se inda espero mais, porque naõ vivo?
E se vivo, que accuso mortaes danos?

CXIII.

Hum firme coraçaõ posto em ventura;
Hum desejar honesto, que se engeite
De vossa condiçaõ, sem que respeite
A meu taõ puro amor, a fé taõ pura:
Hum ver-vos, de piedade, e de brandura,
Sempre inimiga, faz-me que suspeite
Se alguma Hyrcana fera vos deo leite,
Ou se nascestes de huma pedra dura.
Ando buscando causa, que desculpe
Crueza taõ estranha; porém quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata.
Donde vem, q̃ naõ ha quem nos naõ culpe;
A vós, porque matais quem vos quer tanto;
A mim, por querer tanto a quem me mata.

CXIV.

Ar, que de meus suspiros vejo cheio;
Terra, cansada já com meu tormento;
Agua, que com mil lagrimas sustento;
Fogo, que mais accendo no meu seio.
Em paz estais em mim; e assi o creio,
Sem esse ser o vosso proprio intento;
Pois em dor onde falta o soffrimento,
A vida se sostém por vosso meio.
Ai imiga fortuna! Ai vingativo
Amor! A que discursos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha mágoa!
Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Fogo, fortuna, amor, ar, terra, e agoa?

CXV.

Ja' claro vejo bem, já bem conheço
Quanto augmentando vou o meu tormento;
Pois sei q̃ fundo em agua, escrevo em vento,
E que o cordeiro manso ao lobo peço;
Que Arachne sou, pois já com Pallas teço;
Que a tigres em meus males me lamento;
Que reduzir o mar a hum vaso intento,
Aspirando a esse Ceo que naõ mereço.
Quero achar paz em hum confuso inferno;
Na noite, do Sol puro a claridade;
E o suave Veraõ, no duro Inverno.
Busco em luzente Olympo escuridade;
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

CXVI.

De cá, donde sómente o imaginar-vos
A rigorosa ausencia me consente,
Sobre as azas de amor, ousadamente
O mal soffrido esprito vai buscar-vos.
E senaõ receára de abrazar-vos
Nas chammas que por vossa causa sente,
Lá ficára comvosco, e vós presente
Aprendêra de vós a contentar-vos.
Mas pois que estar ausente lhe he forçado,
Por Senhora, de cá, vos reconhece,
Aos pés de imagẽes vossas inclinado.
E pois vedes a fé que vos offrece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E dar-lhe-heis inda mais do que merece.

CXVII.

Naõ ha louvor que arribe á menor parte
De quanto em vós se vê, bella Senhora:
Vós sois vosso louvor : quem vos adora
Reduz sómente a este o engenho, e arte.
Quanto por muitas damas se reparte
De bello, e de formoso, em vós agora
Se junta em modo tal, que pouco fora
Dizer que sois o todo, ellas a parte.
Culpa, logo, naõ he, se vou louvar-vos,
Ver incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o Ceo avantajar-vos.
Seja a culpa de vossos resplandores;
E a que elles tem vos dou, só para dar-vos
O mór louvor de todos os maiores.

CXVIII.

Naõ vás ao monte, Nise, com teu gado,
Que lá vi que Cupido te buscava:
Por ti sómente a todos perguntava,
No gesto menos placido que irado.
Elle publíca, em fim, que lhe has roubado
Os melhores farpões da sua aljava;
E com hum dardo ardente assegurava
Traspassar esse peito delicado.
Fuge de ver-te lá nesta aventura,
Porque se contra ti o tẽes iroso,
Póde ser que te àlcance com mão dura.
Mas ai, que em vão te advirto temeroso,
Se á tua incomparavel formosura
Se rende o dardo seu mais poderoso!

CXIX.

A Violeta mais bella que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu pallido lustre, e formosura,
Por mais bella, Violante, te obedece.
Perguntas-me, porque? Porque apparece
Em ti seu nome, e sua côr mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais florece.
Oh luminosa flor! Oh Sol mais claro!
Unico roubador de meu sentido,
Naõ permittas que amor me seja avaro.
Oh penetrante sétta de Cupido!
Que queres? Que te peça por reparo
Ser neste valle Enéas desta Dido?

CXX.

Tornai essa brancura á alva assucena,
E essa purpurea côr ás puras rosas:
Tornai ao Sol as chammas luminosas
De essa vista que a roubos vos condena.
Tornai á suavissima sirena
De essa voz as cadencias deleitosas:
Tornai a graça ás Graças, que queixosas
Estaõ de a ter por vós menos serena.
Tornai á bella Venus a belleza;
A Minerva o saber, o engenho, e a arte;
E a pureza á castissima Diana.
Despojai-vos de toda essa grandeza
De dões; e ficareis em toda parte
Comvosco só, que he só ser inhumana.

CXXI.

De mil suspeitas vãas se me levantam
Trabalhos, e desgostos verdadeiros.
Ai, que estes bées de amor saõ feiticeiros,
Que com hum naõ sei q̃ toda alma encantam!
Como serêas docemente cantam,
Para enganar os tristes marinheiros:
Os meus assi me attrahem lisongeiros,
E despois com horrores mil me espantam.
Quando cuido que tómo porto, ou terra,
Tal vento se levanta em hum instante,
Que subito da vida desconfio.
Mas eu sou quem me faz a maior guerra,
Pois conhecendo os riscos de hum amante,
Fiado a ondas de amor, dellas me fio.

CXXII.

Mil vezes determino naõ vos ver,
Por ver se abranda mais o meu penar:
E se cuido de assi me magoar,
Cuidai o que será, se houver de ser.
Pouco me importa já muito soffrer,
Despois que amor me poz em tal lugar;
E o que inda me doe mais he só cuidar,
Que mal sem esta dor posso viver.
Assi naõ busco eu cura contra a dor,
Porque buscando alguma entendo bem,
Que nesse mesmo ponto me perdi.
Quereis que víva, em fim, neste rigor?
Sómente o querer vosso me convém.
Assi quereis que seja? Seja assi.

CXXIII.

A chaga que, Senhora, me fizestes,
Naõ foi para curar-se em hum só dia;
Porque crescendo vai com tal porfia,
Que bem descobre o intento que tivestes.
De causar tanta dor vos naõ doestes?
Mas a doer-vos, dor me naõ seria,
Pois já com esperança me veria
Do que vós que em mi visse naõ quizestes.
Os olhos com que todo me roubastes
Foram causa do mal que vou passando;
E vós estais fingindo o naõ causastes.
Mas eu me vingarei. E sabeis quando?
Quando vos vir queixar porque deixastes
Ir-se a minha alma nelles abrazando.

CXXIV.

Se com desprezos, Nympha, te parece
Que podes desviar do seu cuidado
Hum coraçaõ constante, que se offrece
A ter por gloria o ser atormentado.
Deixa a tua porfia, e reconhece
Que mal sabes de amor desenganado,
Pois naõ sentes, nem vês, q̃ em teu mal crece,
Crescendo em mi de ti mais desamado.
O esquivo desamor com que me tratas,
Converte em piedade, senaõ queres
Que cresça o meu querer, e o teu desgosto.
Vencer-me com cruezas nunca esperes:
Bem me podes matar, e bem me matas,
Mas sempre ha de viver meu presupposto.

CXXV.

Senhora minha, se eu de vós ausente
Me defendêra de hum penar severo,
Suspeito que offendêra o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente.
Traz este, logo sinto outro accidente,
E he ver que se da vida desespero,
Perco a gloria que vendo-vos espero,
E assi estou em meus males differente.
E nesta differença meus sentidos
Combatem com taõ aspera porfia,
Que julgo este meu mal por deshumano.
Entre si sempre os vejo divididos;
E se acaso concordam algum dia,
He só conjuraçaõ para o meu dano.

CXXVI.

No regaço da mãi amor estava,
Dormindo taõ formoso que movia
O coraçaõ que mais isento o via,
E a sua propria mãi de amor matava.
Ella co' os olhos nelle contemplava
A quanto estrago o Mundo reduzia:
Elle porém, sonhando lhe dizia,
Que todo aquelle mal ella o causava.
Soliso, que graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assi soltou a dúvida aos Pastores:
Se bem me ferem sempre sem ter cura
Do menino os ardentes passadores,
Mais me fere da mãi a formosura.

CXXVII.

Este terreste cáos com seus vapores
Naõ póde condensar as nuvẽes tanto,
Que o claro Sol naõ rompa o negro manto
Com suas bellas, e luzentes cores.
A ingratidaõ esquiva de rigores
Opposta nuvem he, que dura em quanto
Nos naõ converte o Ceo em triste pranto
Suas vãas esperanças, seus favores.
Póde-se contrapôr ao Ceo a terra;
E estar o Sol por horas eclipsado,
Mas naõ póde ficar escurecido.
Póde prevalecer a vossa guerra;
Mas a pezar das nuvẽes, declarado
Ha de ser vosso Sol, e obedecido.

CXXVIII.

Huma admiravel herva se conhece,
Que vai ao Sol seguindo de hora em hora
Logo que elle do Euphrates se vê fóra,
E quando está mais alto, entaõ florece.
Mas quando ao Oceano o carro dece,
Toda a sua belleza perde Flora,
Porque ella se emmurchece, e se descora;
Tanto co' á luz ausente se entristece.
Meu Sol, quando alegrais esta alma vossa,
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida,
Cria flores em seu contentamento.
Mas logo, em naõ vos vendo, entristecida
Se murcha, e se consume em grão tormento;
Nem ha quem vossa ausencia soffrer possa.

CXXIX.

Crescei, desejo meu, pois que a ventura
Já vos tem nos seus braços levantado;
Que a bella causa de que sois gerado,
O mais ditoso fim vos assegura.
Se aspirais por ousado a tanta altura,
Naõ vos espante haver ao Sol chegado;
Porque he de Aguia Real vosso cuidado,
Que quanto mais o soffre mais se apura.
Animo, coraçaõ; que o pensamento
Te póde inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento.
Que cresças inda mais he já forçoso;
Porque se foi de ousado o teu intento,
Agora de atrevido he venturoso.

CXXX.

He o gozado bem em agua escrito;
Vive no desejar, morre no effeito:
O desejado sempre, he mais perfeito,
Porque tem parte alguma de infinito.
Dar a huma alma immortal gozo prescrito,
Em verdadeiro amor, fora defeito:
Por modo superior, naõ imperfeito,
Sois exceiçaõ de quanto aqui limito.
De huma esperança nunca conhecida,
Da fé do desejar naõ alcançada,
Sereis mais desejada possuida.
Naõ podeis da esperança ser amada:
Vista podereis ser, e entaõ mais crida;
Porém, naõ sem aggravo, comparada.

CXXXI.

De quantas graças tinha a natureza,
Fez hum bello, e riquissimo thesouro;
E com rubijs, e rosas; neve, e ouro,
Formou sublime, e Angelica belleza.
Poz na boca os rubijs, e na pureza
Do bello rosto as rosas, por quem mouro;
No cabello o valor do metal louro;
No peito a neve, em que a alma tenho accesa.
Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez delles hum Sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.
Em fim, Senhora, em vossa compostura,
Ella a apurar chegou quanto sabia
De ouro, rosas, rubijs, neve, e luz pura.

CXXXII.

Nunca em amor damnou o atrevimento;
Favorece a fortuna á ousadia;
Porque sempre a encolhida covardia,
De pedra serve ao livre pensamento.
Quem se eleva ao sublime Firmamento,
A Estrella nelle encontra que lhe he guia;
Que o bem que encerra em si a phantasia
Saõ humas illusões que leva o vento.
Abrir se devem passos á ventura:
Sem si proprio ninguem será ditoso:
Os principios sómente a sorte os move.
Atrever-se he valor, e naõ loucura.
Perderá por covarde o venturoso,
Que vos vê, se os temores naõ remove.

CXXXIII.

Doces, e claras aguas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida, e perfida esperança,
Longo tempo apoz si me trouxe cego.
De vós me aparto, si; porém naõ nego,
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me naõ deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo mais me achego.
Bem poderá a fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova, e estranha,
Offerecida ao mar remoto, ao vento.
Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, vôa, e em vós se banha.

CXXXIV.

Senhor Joaõ Lopes, o meu baixo estado
Hontem vi posto em gráo taõ excellente,
Que sendo vós inveja a toda a gente,
Só por mi vos quezereis ver trocado.
O gesto vi suave, e delicado,
Que já vos fez contente, e descontente,
Lançar ao vento a voz taõ docemente,
Que fez o ar sereno, e socegado.
Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem diria em muitas : mas eu chego
A espirar só de ouvir a doce fala.
Oh mal o haja a fortuna, e o moço cego!
Elle, que os corações obriga a tanto;
Ella, porque os estados desiguala.

CXXXV.

A morte, que da vida o nó desata,
Os nós, que dá o amor, cortar quizera
Co' a ausencia que he sobre elle espada fera,
E co' o tempo que tudó desbarata.
Duas contrárias, que huma a outra mata,
A morte contra amor junta, e altera;
Huma, razaõ contra a fortuna austera;
Outra, contra a razaõ fortuna ingrata.
Mas mostre a sua imperial potencia
A morte em apartar de hum corpo a alma,
O amor n'hum corpo duas almas una.
Para que assi triumphante leve a palma
Da morte amor a grão pesar da ausencia,
Do tempo, da razaõ, e da fortuna.

CXXXVI.

Arvore, cujo pomo bello, e brando,
Natureza de leite, e sangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta,
Está virgineas faces imitando.
Nunca do vento, e ira, que arrancando
Os troncos vaõ, o teu injúria sinta;
Nem por malicia de ar te seja extinta
A côr que está teu fructo debuxando.
E pois emprestas doce, e idoneo abrigo
A meu contentamento, e favoreces
Com teu suave cheiro a minha gloria;
Se eu naõ te celebrar como mereces,
Cantando-te, se quer farei comtigo
Doce nos casos tristes a memoria.

CXXXVII.

O filho de Latona esclarecido,
Que com seu raio alegra a humana gente,
Matar pode a Phytonica serpente,
Que mortes mil havia produzido.
Ferio com arco, e de arco foi ferido,
Com ponta aguda de ouro reluzente:
Nas Thessalicas praias docemente
Por a Mympha Penea andou perdido.
Naõ lhe pode valer contra seu dano,
Saber, nem diligencias, nem respeito
De quanto era celeste, e soberano.
Pois se hũ deos nunca vio nem hũ engano
De quem era taõ pouco em seu respeito,
Eu q̃ espero de hum ser, q̃ he mais q̃ humano?

CXXXVIII.

Presença bella, Angelica figura,
Em quem, quanto o Ceo tinha, nos tẽ dado;
Gesto alegre de rosas semeado,
Entre as quaes se está rindo a formosura:
Olhos, onde tem feito tal mistura
Em crystal puro o negro marchetado,
Que vemos já no verde delicado,
Naõ esperança, mas inveja escura:
Brandura, aviso, e graça, que augmentando
A natural belleza co' hum desprezo,
Com que mais desprezada mais se augmenta,
Saõ as prizões de hum coraçaõ, que prezo,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a serêa na tormenta.

CXXXIX.

Por cima destas aguas forte, e firme,
Irei aonde os fados o ordenáram,
Pois por cima de quantas derramáram
Aquelles claros olhos pude vir-me.
Já chegado era o fim de despedir-me;
Já mil impedimentos se acabáram,
Quando rios de amor se atravessáram
A me impedir o passo de partir-me.
Passei-os eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada, e gloriosa,
Faz o vencido já desesperado.
Em qual figura, ou gesto desusado,
Póde já fazer medo a morte irosa,
A quem tem a seus pés rendido, e atado?

CXL.

Tal mostra de si dá vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças, e o poder da natureza,
Com sua claridade mais apura.
Quem confiança ha visto taõ segura,
Taõ singular esmalte da belleza,
Que naõ padeça mal de mais graveza,
Se resistir a seu amor procura?
Eu, pois, por escusar tal esquivança,
A razaõ sujeitei ao pensamento,
A quem logo os sentidos se entregáram.
Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida que ficáram.

CXLI.

Na desesperaçaõ já repousava
O peito longamente magoado;
E com seu damno eterno concertado,
Já naõ temia, já naõ desejava.
Quando huma sombra vãa me assegurava,
Que algum bem me podia estar guardado
Em taõ formosa imagem, que o traslado
Na alma ficou, qne nella se elevava.
Que credito que dá taõ facilmente
O coraçaõ a aquillo que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino!
Ah! Deixem-me enganar; que eu sou contente:
Pois postoque maior meu damno seja,
Fica-me a gloria já do que imagino.

CXLII.

Diversos dões reparte o Ceo benino,
E quer que cada hũa alma hũ só possua;
Por isso ornou de casto peito a Lua,
Que o primeiro orbe illustra, crystallino.
De graça a mãi formosa do menino,
Que nessa vista tem perdido a sua;
Pallas, de sciencia naõ maior que a tua,
Tem Juno da nobreza o Imperio dino.
Mas junto agora o largo Ceo derrama
Em ti o mais que tinha, e foi o menos,
Em respeito do Author da natureza.
Que a seu pezar te daõ, formosa Dama,
Seu peito a Lũa, sua graça Venos,
Sua sciencia Pallas, Juno sua nobreza.

CXLIII.

Gentil Senhora, se a fortuna imiga.
Que contra mi com todo o Ceo conspirà,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga.
Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mór pressa de mar, de fogo, e d'ira,
A dar-vos a memoria, que suspira,
Só por fazer comvosco eterna liga.
Nesta alma, onde a fortuna póde pouco,
Taõ viva vos terei, que frio, e fome,
Vos naõ possam tirar, nem mais perigos.
Antes com som de voz trémulo, e rouco,
Por vós chamando, só com vosso nome
Farei fugir os ventos, e os imigos.

CXLIV.

Que modo taõ subtil da natureza
Para fugir ao Mundo, e seus enganos!
Permitte que se esconda em tenros anos,
Debaixo de hum burel tanta belleza.
Mas naõ póde esconder-se aquella alteza,
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos,
Resistencia naõ sinto, ou fortaleza.
Quem quer livre ficar de dor, e pena,
Vendo-a já, já trazendo-a na memoria,
Na mesma razaõ suá se condena.
Porque quem mereceo ver tanta gloria;
Captivo ha de ficar; que amor ordena,
Que de juro tenha ella esta victoria.

CXLV.

Quando se vir com agua o fogo arder,
Juntar-se ao claro dia a noite escura,
E a terra collocada lá na altura
Em que se vem os Ceos prevalecer.
Quando amor á razaõ obedecer,
E em todos for igual huma ventura,
Deixarei eu de ver tal formosura,
E de a amar deixarei depois de a ver.
Porém naõ sendo vista esta mudança
No Mundo, porque, em fim, naõ póde ver-se,
Ninguem mudar me queira de querer-vos.
Que basta estar em vós minha esperança,
E o ganhar-se a minha alma, ou o perder-se,
Para dos olhos meus nunca perder-vos.

CXLVI.

Quando a suprema dor muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
He força que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.
Assi de erro taõ grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano, ou fingimento,
Dizer que em tal descanso mais se acerta.
Porque essa propria imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço,
Faz-mo de hum certo modo ser presente.
Ditosa he, logo, a pena que padeço,
Pois que da causa della em mi se sente
Hum bem que inda sem ver-vos reconheço.

CXLVII.

Na margem de hum ribeiro, que fendia
Com liquido crystal hum verde prado,
O triste Pastor Liso debruçado
Sobre o tronco de hum freixo assi dizia:
Ah Natercia cruel! Quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.
Que foi de aquella fé que tu me déste?
De aquelle puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar pode taõ asinha?
Quando esses olhos teus n'outro puzeste,
Como te naõ lembrou que me juraste
Por toda a sua luz, que eres só minha?

CXLVIII.

Se me vem tanta gloria só de olhar-te,
He pena desigual deixar de ver-te.
Se presumo com obras merecer-te,
Grão paga de hum engano he desejar-te.
Se aspiro por quem es a celebrar-te,
Sei certo por quem sou que hei de offender-te.
Se mal me quero a mi por bem querer-te,
Que premio querer posso mais que amar-te?
Porque hũ taõ raro amor naõ me soccorre?
Oh humano thesouro! Oh doce gloria!
Ditoso quem á morte por ti corre!
Sempre escripta estarás nesta memoria;
E esta alma vivirá, pois por ti morre;
Porque ao fim da batalha he a victoria.

CXLIX.

Sempre a razaõ vencida foi de amor;
Mas porque assi o pedia o coraçaõ,
Quiz amor ser vencido da razaõ.
Ora que caso póde haver maior!
Novo modo de morte, e nova dor!
Estranheza de grande admiraçaõ!
Pois, em fim, seu vigor perde a affeiçaõ,
Porque naõ perca a pena o seu vigor.
Fraqueza nunca a houve no querer,
Mas antes muito mais se esforça assim
Hum contrario com outro por vencer.
Mas a razaõ que a luta vence, em fim,
Naõ creo que he razaõ, mas deve ser
Inclinaçaõ que eu tenho contra mim.

CL.

Coitado, que em hũ tempo chóro, e rio;
Espero, e temo; quero, e aborreço;
Juntamente me alegro, e me entristeço;
Confio de huma cousa, e desconfio.
Vôo sem azas; estou cego, e guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Entaõ fallo melhor quando emmudeço;
Sem ter contradiçaõ sempre porfio.
Possivel se me faz todo o impossivel;
Intento com mudar-me estar-me quedo;
Usar de liberdade, e ser captivo.
Queria visto ser, ser invisivel;
Ver-me desenredado amando o enredo;
Taes os extremos saõ com que hoje vivo.

CLI.

Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me taõ entregue a meu cuidado,
Andar sempre dos homẽes apartado,
E de humanos commercios esquecido.
Mas eu que tenho o Mundo conhecido,
E quasi que sobre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, rustico, e enganado,
Quem naõ he com meu mal engrandecido.
Vá revolvendo a terra, o mar, e o vento,
Honras busque, e riquezas, a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio, e calma.
Que eu por amor sómente me contento
De trazer esculpido, eternamente,
Vosso formoso gesto dentro da alma.

CLII.

Olhos, aonde o Ceo com luz mais pura
Quiz dar de seu poder claros signais,
Se quizerdes ver bem quanto possais,
Vede-me a mi que sou vossa feitura.
Em mi viva vereis vossa figura,
Mais propria que em purissimos crystais,
Porque nesta alma he certo que vejais
Melhor que em hum crystal tal formosura.
De meu naõ quero mais que o meu desejo,
Se acaso por querer-vos mais mereço,
Porque o vosso poder em mi se asselle.
Do Mundo outra memoria em mi naõ vejo:
Com lembrar-me de vós, delle me esqueço;
Com triumphardes de mi, triumpharei delle.

CLIII.

Creou a natureza Damas bellas,
Que foram de altos plectros celebradas,
Dellas tomou as partes mais prezadas,
E a vós, Senhora, fez do melhor dellas.
Ellas diante vós saõ as Estrellas,
Que ficam com vos ver logo eclipsadas:
Mas se ellas tem por Sol essas rosadas
Luzes de Sol maior, felices ellas!
Em perfeiçaõ, em graça, e gentileza,
Por hũ modo entre humanos peregrino,
A todo bello excede essa belleza.
Oh quem tivera partes de divino
Para vos merecer! Mas se pureza
De amor val ante vós, de vós sou dino.

CLIV.

Que esperais, esperança? Desespero.
Quem disso a causa foi? Hũa mudança.
Vós, vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis, coraçaõ? Que muito quero.
Que sentis, alma, vós? Que amor he fero.
E, em fim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta, logo? Huma lembrança.
E só nella esperais? Só nella espero.
Em que podeis parar? Nisto em que estou.
E em que estais vós? Em acabar a vida.
E tende-lo por bem? Amor o quer.
Quem vos obriga assi? Saber quem sou.
E quem sois? Quem de todo está rendida.
A quem rendida estais? A hum só querer.

CLV.

Se como em tudo o mais fostes perfeita,
Foreis de condiçaõ menos esquiva,
Fora a minha fortuna mais altiva,
Fora a sua altiveza mais sujeita.
Mas quando a vida a vossos pés se deita,
Porque naõ a acceitais, naõ quer que eu viva:
Ella propria de si já a mi me priva,
Que porque me engeitais, tambem me engeita.
Se nisso contradiz vossa vontade,
Mandai-lhe vós, Senhora, que dê fim
A' minha profundissima tristeza.
Pois ella naõ mo dá porque piedade
Tenha deste meu mal, mas porque em mim
Possais assi fartar vossa crueza.

CLVI.

Se algum'hora essa vista mais suave
Acaso a mi volveis, em hum momento
Me sinto com hum tal contentamento,
Que naõ temo que damno algum me aggrave.
Mas quando com desdem esquivo, e grave,
O bello rosto me mostrais isento,
Huma dor provo tal, hum tal tormento,
Que muito vem a ser que naõ me acabe.
Assi está minha vida, ou minha morte,
No volver de esses olhos; pois podeis
Dar co' huma volta delles morte, ou vida.
Ditoso eu, se o Ceo quer, ou minha sorte,
Que ou vida para dar-vo-la me deis,
Ou morte para haver morte querida.

CLVII.

Tanto se foram, Nympha, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que naõ passando já por natureza,
O que por accidente hiam passando.
No que ao somno se deve estou velando,
E venho a velar só minha tristeza:
O choro naõ abranda esta aspereza,
E meus olhos estaõ sempre chorando.
Assi de dor em dor, de mágoa em mágoa,
Consumindo-se vaõ inutilmente,
E esta vida tambem vaõ consumindo.
Sobre o fogo de amor inutil agoa!
Pois eu em choro estou continuamente,
E do que vou chorando te vás rindo.
Assi nova corrente
Levas de choro em foro,
Porque de ver-te rir, de novo chóro.

CLVIII.

Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida:
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que razaõ leva vencida,
Presto veraõ o fim á triste vida,
Se vos naõ tórno a ver como desejo.
Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Veraõ partir de mi vossa lembrança.
Amor, que vai comigo, o certifica.
Por mais que no tornar haja tardança,
Me faraõ sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

CLIX.

Vencido está de amor
O mais q̃ póde ser,
Sujeita a vos servir, e
Offerecendo tudo
Contente deste bem
Ou hora em que se vio
Mil vezes desejando
Outras mil renovar
Com esta pertensaõ
A causa que me guia
Taõ sobrenatural,
Jurando naõ querer
Votando só por vós
Ou ser no vosso amor
Meu pensamento
Vencida a vida,
Instituida,
A vosso intento.
Louva o momento,
Tambem perdida;
Assi ferida,
Seu perdimento.
Está segura
Nesta empreza,
Honrosa, e alta.
Outra ventura,
Rara firmeza,
Achado em falta.

CLX.

Divina companhia, que nos prados
Do claro Eurotas, ou no Olympo monte
Ou sobre as margẽes da Castalia fonte
Vossos estudos tendes mais sagrados:
Pois por destino dos immoveis fados
Quereis que em vosso número me conte,
No eterno Templo de Belorofonte
Ponde em bronze estes versos entalhados.
Soliso (porque em seculos futuros
Se veja da belleza o que merece
Quem de sábia doudice a mente inflama)
Seus escriptos, da sorte já seguros,
A estas aras em huma maõ offrece,
E a alma em outra á sua bella Dama.

CLXI.

Ala margen del Tajo en claro dia,
Con rayado marfil peynando estava
Natercia sus cabellos, y quitava
Con sus ojos la luz al Sol que ardia.
Soliso, que qual Clicie la seguia,
Lexos de si, mas cerca della estava:
Al son de su zampoña celebrava
La causa de su ardor, y assi dezia:
Si tantas, como tu tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las lleváras
Colgada cada qual del uno dellos.
De no tenerlas tu me consoláras,
Si tantas vezes mil como son ellos,
En ellos la que tengo me enredáras.

CLXII.

Por gloria tuve un tiempo el ser perdido;
Perdiame de puro bien ganado;
Gané quando perdi ser libertado;
Libre agora me veo, mas vencido.
Venci quando de Nise fuy rendido;
Rendime por no ser della dexado:
Dexôme en la memoria el bien passado;
Passo agora a llorar lo que he servido.
Servia al premio de la luz que amava;
Amandola esperavale por cierto;
Incierto me salió quanto esperava.
La esperança se queda en desconcierto;
El concierto en el mal que no pensava;
El pensamiento con un fin incierto.

CLXIII.

Rebuelvo en la incessable phantasia,
Quando me he visto en màs dichoso estado,
Si agora que de amor vivo inflammado,
Si quando de su ardor libre vivia.
Entonces desta llama solo huia
Despreciando en mi vida su cuidado:
Agora, con dolor de lo passado,
Tengo por gloria aquello que temia.
Bien veo que era vida deleitosa
Aquella que lograva sin temores,
Quando gustos de amor tuve por viento.
Mas viendo oy a Natercia tan hermosa,
Hallo en esta prision glorias mayores,
Y en perderlas por libre hallo tormento.

CLXIV.

Las peñas retumbavan al gemido
Del misero zagal, que lamentava
El dolor que a su alma lastimava,
De un obstinado desamor nacido.
El mar que las batia, su bramido
Con los retumbos dellas ayuntava;
Confuso son el viento derramava,
En cavernosos valles repetido.
Responden a mi llanto duras peñas:
Ai de mi! (dixo) la mar brama, y gime;
Los ecos suenan de tristeza llenos.
Y tu, por quien la muerte en mi se imprime,
De oir las ansias mias te desdeñas;
Y quando lloro màs, te abrando menos.

CLXV.

En una selva al dispuntar del dia
Estava Endimion triste, y lloroso,
Buelto al rayo del Sol, que presuroso
Por la falda de un monte descendia.
Mirando al turbador de su alegria,
Contrario de su bien, y su reposo,
Tras un suspiro, y otro, congoxoso,
Razones semejantes le dezia:
Luz clara, para mi la màs escura,
Que con esse passeo apresurado,
Mi Sol con tu tiniebla escureciste;
Si allà pueden moverte en essa altura
Las quexas de un Pastor enamorado,
No tardes en bolver adó saliste.

CLXVI.

Orpheo enamorado que tañia
Por la perdida Nympha que buscava,
En el Orco implacable donde estava,
Con la arpa, y con la voz la enternecia.
La rueda de Ixion no se movia,
Ningun atormentado se quexava;
Las penas de los otros ablandava,
Y todas las de todos èl sentia.
El son pudo obligar de tal manera,
Que en dulce galardon de lo cantado,
Los infernales Reyes condolidos,
Le mandaron bolver su compañera,
Y bolviola a perder el desdichado,
Con que fueron entrambos los perdidos.

CLXVII.

Eu cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei taõ confiado:
Parece que no canto já passado
Se estavam minhas lagrimas criando.
Cantei; mas se me alguem pergunta, quando,
Naõ sei, que tambem fui nisso enganado.
He taõ triste este meu presente estado,
Que o passado por lédo estou julgando.
Fizeram-me cantar manhosamente
Contentamentos naõ, mas confianças:
Cantava, mas já era ao som dos ferros.
De quem me queixarei, se tudo mente?
Porém, que culpas ponho ás esperanças,
Onde a fortuna injusta he mais que os erros?

CLXVIII.

Ai amiga cruel! Que apartamento
He este que fazeis da patria terra?
Ai! Quem do amado ninho vos desterra,
Gloria dos olhos, bem do pensamento?
His tentar da fortuna o movimento,
E dos ventos cruéis a dura guerra?
Ver brenhas de ondas? Feito o mar em serra,
Levantada de hum vento, e de outro vento?
Mas já que vós partis sem vos partirdes,
Parta comvosco o Ceo tanta ventura,
Que se avantaje áquella que esperardes.
E só desta verdade ide segura,
Que fazeis mais saudades com vos irdes,
Do que levais desejos por chegardes.

CLXIX.

Campo nas Syrtes deste mar da vida,
Apoz naufragios seus taboa segura:
Claras bonanças em tormenta escura,
Habitaçaõ da paz, de amor guarida:
A ti fujo: e se vence tal fugida,
E quem mudou lugar mudou ventura,
Cantemos a victoria; e na espessura
Triumphe a honra da ambiçaõ vencida.
Em flor, e fructo de Veraõ, e Outono,
Utilmente murmuram claras aguas:
Alegre me acha aqui, me deixa o dia.
Amantes rouxinoes rompem-me o sono
Que ata o descanso: aqui sepulto mágoas
Que Já foram sepulchros de alegría.

CLXX.

Ah minha Dinamene! Assi deixaste
Quem nunca deixar pode de querer-te?
Que já, Nympha gentil, naõ possa ver-te?
Que taõ veloz a vida desprezaste?
Como por tempo eterno te apartaste
De quem taõ longe andava de perder-te?
Puderam essas aguas defender-te
Que naõ visses quem tanto magoaste?
Nem sómente fallar-te a dura morte
Me deixou, que apressada o negro manto
Lançar sobre os teus olhos consentiste.
Oh mar! Oh Ceo! Oh minha escura sorte!
Qual vida perderei que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triste?

CLXXI.

Guardando em mi a sorte o seu direito,
Em verde me cortou minha alegria.
Oh quanto feneceo naquelle dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!
Quando mais o imagino bem suspeito
Que a tal bem tal desconto se devia;
Por naõ dizer o Mundo que podia
Achar-se em seus enganos bem perfeito.
Pois se a fortuna o fez por descontar-me
Esse desgosto, em cujo sentimento
A memoria naõ faz senaõ matar-me,
Que culpas póde dar-me o pensamento,
Se a causa que elle tem de atormentar-me,
Tenho eu de soffrer mal o seu tormento?

CLXXII.

Cantando estava hũ dia bem seguro,
Quando passava Sylvio, e me dizia:
(Sylvio, Pastor antiguo que sabia
Por o canto das aves o futuro)
Liso, quando quizer o fado escuro,
A opprimir-te viraõ em hum só dia
Dous lobos; logo a voz, e a melodia,
Te fugiraõ, e o som suave, e puro.
Bem foi assi; porque hum me degolou
Quanto gado vacum pastava, e tinha,
De que grandes soldadas esperava.
E por mais damno o outro me matou
A Cordeira gentil, que eu tanto amava,
Perpétua saudade da alma minha.

CLXXIII.

O ceo, a terra, o vento socegado,
As ondas que se estendem por a area,
Os peixes que no mar o somno enfrea,
O nocturno silencio repousado:
O Pescador Aonio, que deitado
Onde co' o vento a agua se menea,
Chorando, o nome amado em vão nomea,
Que naõ pode ser mais que nomeado.
Ondas (dizia) antes que amor me mate,
Tornai-me a minha Nympha, que taõ cedo
Me fizestes á morte estar sujeita.
Ninguem responde; o mar de longe bate;
Move-se brandamente o arvoredo;
Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

CLXXIV.

Ah fortuna cruel! Ah duros fados!
Quaõ asinha em meu damno vos mudastes!
Com os vossos cuidados me cansastes,
E gora descansais co' os meus cuidados.
Fizestes-me provar gostos passados,
E vossa condiçaõ nelles provastes:
Singelos em hum' hora mos levastes,
Deixando em seu lugar males dobrados.
Quanto melhor me fora que naõ víra
Os doces bẽes de amor? Ah bẽes suaves!
Quem me deixa sem vós, porque me deixa?
De queixar-te, alma minha, te retira:
Alma, de alto cahida em penas graves,
Pois tanto amaste em vão, em vão te queixa.

CLXXV.

Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento
Vos hei de ver taõ tristes, e aggravados?
Naõ bastam meus suspiros inflammados,
Que sempre em mi renovam seu tormento?
Naõ basta consentir meu pensamento
Em mágoas, em tristezas, e em cuidados?
Senaõ que haveis de andar taõ maltratados,
Que lagrimas tenhais por mantimento?
Naõ sei porque tomais esta vingança,
Mostrando-vos na ausencia taõ saudosos,
Se sabeis quanto pode huma esperança.
Olhos, naõ aggraveis outros formosos,
Tornando hum puro amor em esquivança,
Pois ficais por esquivos desdenhosos.

CLXXVI.

Lembranças, que lembrais o bem passado,
Para que sinta mais o mal presente,
Deixai-me, se quereis, viver contente,
Morrer naõ me deixeis em tal estado.
Se de todo, com tudo, está do fado,
Que eu morra de viver taõ descontente,
Venha-me todo o bem por accidente,
E todo o mal me venha por cuidado.
Que muito melhor he perder-se a vida,
Perdendo-se as lembranças da memoria,
Pois fazem tanto damno ao pensamento.
Porque, em fim nada perde quem perdida
A esperança tem já de aquella gloria
Que fazia suave o seu tormento.

CLXXVII.

Quando os olhos emprégo no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido;
Que tudo emprego foi mal empregado.
Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.
Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Por esse chão os via em hum momento.
Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento.
Triste o que espera! Triste o que confia!

CLXXVIII.

Ja cantei, já chorei a dura guerra
Por amor sustentada longos anos;
Vezes mil me vedou dizer seus danos,
Por naõ ver quem o segue o muito que erra.
Nymphas, por quem Castalia se abre, e cerra;
Vós que fazeis á morte mil enganos,
Concedei-me já alentos soberanos,
Para que diga o mal que amor encerra.
Para que aquelle, o que seguir ardente,
Veja em meus puros versos hum exemplo
De quanto em glorias promettidas mente.
Que inda que em triste estado me contemplo,
Se neste assumpto me inspirais, contente
Darei a minha lyra ao vosso templo.

CLXXIX.

Os meus alegres, venturosos dias,
Passáram como raio brevemente;
Movem-se os tristes mais pezadamente
Apoz das fugitivas alegrias.
Ah falsas pertensões! Vãas phantasias!
Que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triste peito a chamma ardente,
O tempo reduzio a cinzas frias.
Nellas revolvo agora erros passados,
Que outro fructo naõ deo a mocidade,
A quem vergonha, e dor minha alma deve.
Revolvo mais de toda a mais idade,
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,
Para que leve tudo o tempo leve.

CLXXX.

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo quando vos tinha,
Que vos visse mudadas taõ asinha
Em taõ compridos annos de tormento.
As altas torres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as sostinha:
Do mal que me ficou a culpa he minha,
Pois sobre cousas vãas fiz fundamento.
Amor com brandas mostras apparece;
Tudo possivel faz tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.
Estranho mal! Estranha desventura!
Por hum pequeno bem que desfallece,
Hum bem aventurar, que sempre dura!

CLXXXI.

Onde acharei lugar taõ apartado,
E taõ isento em tudo da ventura,
Que, naõ digo eu de humana creatura,
Mas nem de feras seja frequentado?
Algum bosque medonho, e carregado,
Ou selva solitaria, triste, e escura,
Sem fonte clara, ou plácida verdura;
Em fim, lugar conforme a meu cuidado?
Porque alli nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queixe copiosa, e livremente.
Que pois a minha pena he sem medida,
Alli naõ serei triste em dias lédos,
E dias tristes me faraõ contente.

CLXXXII.

Aqui de longos damnós breve historia
Veraõ os que se jactam de amadores:
Reparo pode ser das suas dores
Naõ apartar as minhas da memoria.
Escrevi, naõ por fama, nem por gloria,
De que outros versos saõ merecedores;
Mas por mostrar seus triumphos, seus rigores,
A quem de mi logrou tanta victoria.
Crescendo foi a dor co' o tempo tanto,
Que em número me fez, alheo de arte,
Dizer do cego amor que me venceo.
Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto;
E dando a penna á maõ, esta só parte
De minhas tristes penas escreveo.

CLXXXIII.

Por sua Nympha Céphalo deixava
A Aurora, que por elle se perdia,
Postoque dá princípio ao claro dia,
Postoque as roxas flores imitava.
Elle, que a bella Procris tanto amava,
Que só por ella tudo engeitaria,
Deseja de tentar se lhe ácharia
Taõ firme fé como ella nelle achava.
Mudado o trage, tece hum duro engano:
Outro se finge; preço põe diante:
Quebra-se a fé mudavel, e consente.
Oh subtil invençaõ para seu dano!
Vede que manhas busca hum cego amante,
Para que sempre seja descontente!

CLXXXIV.

Sentindo-se alcançada a bella esposa
De Céphalo no crime consentido,
Para os montes, fugia do marido;
E naõ sei se de astuta, ou vergonhosa.
Porque elle, em fim, soffrendo a dor ciosa,
Da segueira obrigado de Cupido,
Apoz ella se vai como perdido,
Já perdoando a culpa criminosa.
Deita-se aos pés da Nympha endurecida,
Que do cioso engano está aggravada;
Já lhe pede perdaõ, já pede a vida.
Oh força de affeiçaõ desatinada!
Que da culpa contr'elle commettida,
Perdaõ pedia á parte que he culpada!

CLXXXV.

Seguia aquelle fogo que o guiava,
Leandro contra o mar, e contra o vento;
Quebravam-lhe ondas o animoso alento,
Por mais, e mais que amor lho renovava.
Com sentir já que quasi lhe faltava,
Sem nada esmorecer, no pensamento
(Naõ podendo fallar) de seu intento
O fim ao surdo mar encommendava.
O' mar, (dizia o moço só comsigo)
Já te naõ peço a vida; só queria
Que a de Ero me salvasses: naõ me veja.
Este defunto corpo lá o desvia
De aquella torre: sé-me nisto amigo,
Pois no meu maior bem me houveste inveja.

CLXXXVI.

Os olhos onde o casto amor ardia,
Lédo de se ver nelles abrazado;
O rosto onde com lustre desusado
Purpurea rosa sobre neve ardia.
O cabello que inveja ao Sol fazia,
Porque fazia o seu menos dourado;
A branca mão, o corpo bem talhado,
Tudo aqui se reduz a terra fria.
Perfeita formosura em tenra idade,
Qual flor que anticipada foi colhida,
Murchada está da mão da morte dura.
Como naõ morre amor de piedade?
Naõ della, que se foi á clara vida;
Mas de si, que ficou em noute escura.

CLXXXVII.

Ditosa penna, como a mão que a guia,
Com tantas perfeições da subtil arte,
Que quando com razaõ venho a louvar-te,
Em teus louvores perco a phantasia.
Porém amor, que effeitos varios cria,
De ti cantar me manda em toda parte,
Naõ em plectro belligero de Marte,
Mas em suave, e branda melodia.
Teu nome Emmanuel, de hũ n'outro Polo,
Voando se levanta, e te pregoa,
Agora que ninguem te levantava.
E porque immortal sejas; eis Apolo
Te offerece de flores a coroa,
Que já de longo tempo te guardava.

CLXXXVIII.

Espanta crescer tanto o crocodilo
Só por seu limitado nascimento;
Que se maior nascêra, mais isento
Estivera de espanto o patrio Nilo.
Em vão levantará meu baixo estilo
Vosso Pontifical, novo ornamento,
Pois no ventre o immortal merecimento
Vo-lo talhou para despois vesti-lo.
Tardou, mas veio: que a quem mais merece,
Vir o premio mais tarde he sempre certo,
Inda que vez alguma venha cedo.
Os Ceos que do primeiro estaõ mais perto,
Mais devagar se movem. Quem conhece
Sobre aquelle segredo, este segredo!

CLXXXIX.

Ornou sublime esforço ao grande Atlante,
Com que a celeste máchina sustenta;
Honrou a Homero o engenho, com que intenta
Grecia do quarto Ceo passá-lo avante.
Coroou claro amor, de amor constante
A Orphéo, na paz firme, e na tormenta;
Inspirou a fortuna, em tudo isenta,
A Cesar de quem foi hum tempo amante.
Exaltaste tu, fama, a gloria alta
De Alcides lá no monte em q̃ resides;
Mas Castro, em quem o Ceo seus dões derrama,
Mais orna, honra, coroa, inspira, exalta,
Que Atlante, Homero, Orphéo, Cesar, e Alcides,
Esforço, engenho, amor, fortuna, e fama.

CXC.

Despois que vio Cibele o corpo humano
Do formoso Atis seu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro
Convertido, chorava o grave dano.
E á sua dor fazendo illustre engano,
A Jupiter pedio, que o verdadeiro
Preço da nobre palma, e do loureiro,
Ao seu pinheiro désse, soberano.
Mais lhe concede o filho poderoso,
Que crescendo, as Estrellas tocar possa,
Vendo os segredos lá do Ceo superno.
Oh ditoso pinheiro! Oh mais ditoso
Quem se vir coroar da rama vossa,
Cantando á vossa sombra verso eterno!

CXCI.

Pois torna por seu Rei, e juntamente
Por Christo, a governar aquella parte
Onde se tem mostrado hũ Numa, hũ Marte,
O famoso Luis, justo, e valente:
O Tejo espere ver de todo o Oriente,
Onde taõ raros dões o Ceo reparte,
Render a tanto esforço, aviso, e arte,
Mil palmas, mil tributos novamente.
Os que bebem no Gange, os que no Indo,
A quem pouco valêram lança, e escudo,
O render-se teraõ por bom partido.
O Euphrates temerá, seu nome ouvindo:
Que para delle ver vencido tudo,
Já vio do braço seu tudo vencido.

CXCII.

Agora toma a espada, agora a pena,
Estacio nosso, em ambas celebrado,
Sendo, ou no salso mar de Marte amado,
Ou na agua doce amante da Camena.
Cysne sonoro por Ribeira amena,
De mi para cantar-te he cobiçado;
Porque naõ pódes tu ser bem cantado
De ruda frauta, nem de agreste avena
Se eu que a penna tomei, tomei a espada,
Para poder jogar licença tenho,
Desta alta influiçaõ de dous Planetas;
Com huma, e outra luz delles lograda,
Tu com pujante braço, ardente engenho,
Serás Faro a Soldados, e a Poetas.

CXCIII.

Erros meus, má fortuna, amor ardente,
Em minha perdiçaõ se conjuráram:
Os erros, e a fortuna sobejáram,
Que para mi bastava amor sómente.
Tudo passei, mas tenho taõ presente
A grande dor das cousas que passáram,
Que já as frequencias suas me ensináram
A desejos deixar de ser contente.
Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa a que a fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
De amor naõ vi senaõ breves enganos.
Oh quem tanto pudesse que fartasse
Este meu duro genio de vinganças!

CXCIV.

Cá' nesta Babylonia adonde mana
Materia a quanto mal o Mundo cria:
Cá donde o puro amor naõ tem valia,
Que a mãi, que manda mais, tudo profana:
Cá donde o mal se affina, o bem se dana,
E póde mais que a honra a tyrannia:
Cá donde a errada, e cega Monarchia
Cuida que hum nome vão a desengana:
Cá neste labyrintho onde a nobreza,
O valor, e o saber, pedindo vaõ
A's portas da cobiça, e da vileza:
Cá neste escuro caos de confusaõ,
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Siaõ!

CXCV.

Correm turbas as aguas deste rio,
Que as rápidas enchentes enturbáram:
Os florecidos campos se seccáram;
Intratavel se fez o valle, e frio.
Passou, como o Veraõ, o ardente Estio;
Humas cousas por outras se trocáram:
Os fementidos fados já deixáram
Do Mundo o regimento, ou desvario.
Já o tempo a ordem sua tem sabida;
O Mundo naõ: mas anda taõ confuso,
Que parece que delle Deos se esquece.
Casos, opiniões, natura, e uso,
Fazem que nos pareça desta vida
Que naõ ha nella mais do que parece.

CXCVI.

Vo'soutros que buscais repouso certo
Na vida, com diversos exercicios;
A quem, vendo do Mundo os beneficios,
O regimento seu fica encoberto;
Dedicai, se quereis, ao desconcerto
Novas honras, e cegos sacrificios;
Que por castigo igual de antiguos vicios,
Quer Deos que andem as cousas por acerto.
Naõ cahio neste modo de castigo
Quem poz culpa á fortuna, quem sómente
Crê que acontecimentos ha no Mundo.
A grande experiencia he grão perigo:
Mas o que a Deos he justo, e evidente,
Parece injusto aos homẽes, e profundo.

CXCVII.

Para se namorar do que creou,
Te fez Deos, sacra Phenix, Virgem pura.
Vede que tal seria esta feitura
Que para si o seu Feitor guardou!
No seu alto conceito te formou
Primeiro que a primeira creatura;
Para que unica fosse a compostura
Que de taõ longo tempo se estudou.
Naõ sei se digo em tudo quanto baste
Para exprimir as raras calidades
Que quiz crear em ti quem tu criaste.
Es Filha, Mãi, e Esposa: se alcançaste
Huma só, tres taõ altas dignidades,
Foi porque a Tres de Hum só tanto agradaste.

CXCVIII.

Desce do Ceo immenso Deos benino,
Para incarnar na Virgem soberana.
Porque desce divino a cousa humana?
Para subir o humano a ser divino.
Pois como vem taõ pobre, e taõ menino,
Rendendo-se ao poder da mão tyrana?
Porque vem receber morte inhumana
Para pagar de Adaõ o desatino.
He possivel que os dous o fructo comem
Que de quem lhes deo tanto foi vedado?
Si, porque o proprio ser de deoses tomem.
E por esta razaõ foi humanado?
Si; porque foi com causa decretado,
Se quiz o homem ser Deos, q̃ Deos fosse homem.

CXCIX.

Dos Ceos á terra desce a mór belleza;
Une-se á nossa carne, e a faz nobre:
E sendo a humanidade de antes pobre,
Hoje subida fica a mór riqueza.
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza;
Que como ao Mundo o seu amor descobre,
De palhas vís o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Ceo despreza.
Como? Deos em pobreza á terra dece?
O que he mais pobre tanto lhe contenta,
Que este sómente rico lhe parece.
Pobreza este Presepio representa;
Mas tanto por ser pobre já merece,
Que quanto mais o he, mais lhe contenta.

CC.

Porque a tamanhas penas se offerece
Por o peccado alheio, e erro insano,
O Trino Deos? Porque o sogeito humano
Naõ póde co' o castigo que merece.
Quem padecerá as penas que padece?
Quem soffrerá deshonra, morte, e dano?
Quem será, senaõ for o Soberano,
Que reina, e servos manda, e obedece?
Foi a força do homem taõ pequena,
Que naõ pode soster tanta aspereza,
Pois naõ sosteve a Lei que Deos órdena.
Mas soffre-a aquella immensa Fortaleza
Por amor puro: que a mortal fraqueza
Foi para o erro, e naõ já para a pena.

CCI.

Despois de haver chorado os meus tormentos,
Quer amor que lhe cante as suas glorias.
Canto de huma belleza os vencimentos,
De hũ longo padecer chóro as memorias.
Porém, se as minhas penas saõ victorias
Por a causa, a meus altos pensamentos;
Dilatem-se em larguissimas historias
Estes meus gloriosos rendimentos.
Mova-se em todo o Mundo unico espanto,
De que he, por a belleza que eu adoro,
Do que cantado tenho, premio, o pranto.
Contente offreço a amor taõ triste foro:
Que se chôro naõ ha como o meu canto,
Naõ sei canto melhor q̃ este meu chôro.

CCII.

Onde mereci eu tal pensamento,
Nunca de ser humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De quem tanto me honrou co' o vencimento?
Em gloria se converte o meu tormento,
Quando vendo-me estou taõ bem perdido;
Pois naõ foi tanto mal ser atrevido,
Como foi gloria o mesmo atrevimento.
Vivo, Senhora, só de contemplar-vos;
E pois esta alma tenho taõ rendida,
Em lagrimas desfeito acabarei.
Porque naõ me faraõ deixar de amar-vos,
Receos de perder por vós a vida,
Que por vós vezes mil a perderei.

CCIII.

De frescas belvederes rodeadas
Estaõ as puras aguas desta fonte:
Formosas Nymphas lhes estaõ defronte,
A vencer, e a matar acostumadas.
Andam contra Cupido levantadas
As suas graças, que naõ ha quem conte:
De outro valle esquecidas, de outro monte,
A vida passam neste socegadas.
O seu poder juntou, sua valia,
Amor já naõ soffrendo este desprezo,
Sómente por se ver dellas vingado.
Mas vendo-as, entendeo que naõ podia
De ser morto livrar-se, ou de ser prezo,
E ficou-se com ellas desarmado.

CCIV.

Nos braços de hũ Sylvano adormecendo
Se estava aquella Nympha que eu adoro,
Pagando com a boca o doce foro,
Com que os meus olhos foi escurecendo.
Oh bella Venus! Porque estás soffrendo
Que a maior formosura do teu coro,
Em hum poder taõ vil perca o decoro
Que o merito maior lhe está devendo?
Eu levarei de aqui pro presupposto
Desta nova estranheza que fizeste,
Que em ti naõ póde haver cousa segura.
Que pois o claro lume, o bello rosto
A'quelle monstro taõ disforme deste,
Naõ creio que haja amor, senaõ ventura.

CCV.

Quem diz que amor he falso, ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel, ou rigoroso.
Amor he brando, he doce, e he piedoso;
Quem o contrário diz naõ seja crido;
Seja por cego, e apaixonado tido,
E aos homẽes, e inda aos deoses odioso.
Se males faz amor, em mi se vem;
Em mi mostrando todo o seu rigor,
Ao Mundo quiz mostrar quanto podia.
Mas todas suas iras saõ de amor:
Todos estes seus males saõ hum bem,
Que eu por todo outro bem naõ trocaria.

CCVI.

Formosa Beatriz, tendes taes geitos
N'hum brando revolver dos olhos bellos,
Que só no contemplá-los, senaõ vellos,
Se inflammam corações, e humanos peitos.
Em toda perfeiçaõ saõ taõ perfeitos,
Que o desengano daõ de merecellos:
Naõ póde haver quem possa conhecellos,
Sem nelle amor fazer grandes effeitos.
Sentíram, por meu mal, taõ graves danos
Os meus, que com os ver cegos, e tristes,
Ficáram sem prazer, co' a luz perdida.
Mas já que vós com elles me feristes,
Tornai-me a ver com elles mais humanos,
E deixareis curada esta ferida.

CCVII.

Alegres campos, verdes, deleitosos,
Suaves me seraõ vossas boninas,
Em quanto forem vistos das meninas
Dos olhos de Ignez bella taõ formosos.
Dos meus, que vos seraõ sempre invejosos
Por naõ verem estrellas taõ divinas,
Sereis regados de aguas peregrinas,
Soprados de suspiros amorosos.
E vôs, douradas flores por ventura
Se Ignez quizer fazer de meus amores
Experiencias na folha derradeira.
Mostrai-lhe, para ver minha fé pura,
O bem que sempre quiz, formosas flores,
Que entaõ naõ sentirei que mal me queira.

CCVIII.

Ondados fios de ouro, onde enlaçado
Continuamente tenho o pensamento,
Que quanto mais vos solta o fresco vento,
Mais preso fico entaõ de meu cuidado.
Amor, de hũus bellos olhos sempre armado,
Me combate co' as forças do tormento,
Provando da minha alma o soffrimento,
Que á justa lei da paz trago obrigado.
Assi que em vosso gesto mais que humano
Amo a paz juntamente, e o perigo;
E em amar hum, e outro naõ me engano.
Muitas vezes dizendo estou comigo,
Que pois he tal a causa de meu dano,
He justa a guerra, he justa a paz que sigo.

CCIX.

Amor que em sonhos vãos do pensamento
Paga o zelo maior de seu cuidado,
Em toda condiçaõ, em todo estado,
Tributario me fez de seu tormento.
Eu sirvo, eu canso; e o grão merecimento
De quanto tenho a amor sacrificado,
Nas mãos da ingratidaõ despedaçado
Por presa vai do eterno esquecimento.
Mas quando muito, em fim, cresça o perigo
A que perpetuamente me condena
Amor, que amor naõ he, mas inimigo;
Tenho hũ grande descanso em minha pena,
Que a gloria do querer, que tanto sigo,
Naõ póde ser co' os males mais pequena.

CCX.

Nem o tremendo estrepito da guerra,
Com armas, com incendios espantosos,
Que despacham pelouros perigosos,
Bastantes a abalar huma alta serra,
Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
Despois que vio os olhos taõ formosos,
Por quem o horror nos casos pavorosos,
De mi todo se aparta, e se desterra.
A vida posso ao fogo, e ferro dar,
E perdê-la em qualquer duro perigo,
E nelle, como phenix, renovar.
Naõ póde mal haver para comigo,
De que eu já me naõ possa bem livrar,
Senaõ do que me ordena amor imigo.

CCXI.

Fiou-se o coraçaõ, de muito isento
De si; cuidando mal que tomaria
Taõ illicito amor, tal ousadia,
Tal modo nunca visto de tormento.
Mas os olhos pintáram taõ attento
Outros que vistos tem na phantasia,
Que a razaõ temerosa do que via,
Fugio deixando o campo ao pensamento.
O' Hippolyto casto, que de geito
De Phedra tua madrasta foste amado,
Que naõ sabia ter nenhum respeito;
Em mi vingou amor teu casto peito:
Mas está deste aggravo taõ vingado,
Que se arrepende já do que tem feito.

CCXII.

Quem quizer ver de amor hũa excellencia,
Onde sua fineza mais se apura,
Attente onde me põe minha ventura,
Porque de minha fé faça experiencia.
Onde lembranças mata a larga ausencia,
Em temeroso mar, em guerra dura,
A saudade alli está mais segura,
Quando risco maior corre a paciencia.
Mas ponha-me a fortuna, e o duro fado,
Em morte, ou nojo, ou damno, ou perdiçaõ,
Ou em sublime, e próspera ventura.
Ponha-me, em fim, em baixo ou alto estado,
Que até na dura morte me acharáõ
Na lingua o nome, e na alma a vista pura.

CCXIII.

Los ojos que con blando movimento
Al passar enternecen la alma mia,
Si detener pudiera solo un dia,
Pudiera bien librarla de tormento.
Deste tan amoroso sentimento
El importuno mal se acabaria;
O tambien su accidente creceria
Para acabar la vida en un momento.
O si ya tu esquivez me permitiesse
Que al ver, ò Nynpha, tu semblante hermoso,
A manos de tus ojos yo muriesse!
O si los detuvieras! Quan dichoso
Seria aquel momento en que me viesse
Vida en ellos cobrar, cobrar repouso!

CCXIV.

No bastava que amor puro, y ardiente,
Por terminos la vida me quitasse;
Mas que la muerte assi se apresurasse
Con un deshumanissimo accidente?
No pretendiò mi alma, aunque lo siente,
Que el riguroso curso se atajasse,
Porque nunca morir se exprimentasse
Desamado el que amó tan dulcemente.
Mas vuestra voluntad tan poderosa
Con essas gracias vuestras ordenaron
Crueldad assi impossible, o nunca oida.
Aquel frio desden, y la amorosa
Furia, de un golpe solo me quitaron
Con dós contrarias muertes una vida.

CCXV.

Ayudame, Señora, a ser vengança
De tal selvatiquez, de tal rudeza,
Pues de mi poquedad, de mi baxeza,
Osado a ti elevava la esperança.
A essa tu perfecion, que no se alcança;
A essas sublimes cumbres de belleza,
Donde una vez llegó naturaleza,
Mas de bolver perdió la confiança.
Aquello que en ti miro contemplando,
Que apenas contemplarlo me consiente,
Contemplandolo más, menos lo espero.
Si gloria de mi pena en ti se siente,
Derrama eu mi tus iras, desamando;
Que al ofenderme más yo más te quiero.

CCXVI.

O claras aguas deste blando rio,
Que en vós al natural estais pintando
El frondifero adorno con que alzando
Se vá a los Cielos este bosque umbrio.
Assi las llubias, assi el Austro frio
Jamás puedan veniros enturbiando,
Que os vays del seco Estio preservando
Con socorreros deste llanto mio.
Y quando en vós Marfisa se mirare
Mi figura, qual veys desfallecida,
Ante sus claros ojos puesta sea.
Y si por mi de vós los apartare,
De verme alli mostrandose offendida,
En pena de no verme no se vea.

CCXVII.

Mil vezes entre sueños tu figura,
O bella Nynphia, claramente veo:
Y quando más la miro, más deseo
Gozar libre de sueños su hermosura.
En tanto que este dulce engaño dura,
Vivo en la vana gloria que posseo:
Mas quanto alli se eleva mi deseo,
Viene a caer despierto en sombra escura.
Dueleme el despertar por contemplarte;
Que si bien sê te huelgas de no verme,
Huelgome de ser ciego por mirarte.
Mas si quiero de engaños mantenerme,
Y tu quieres me pierda por amarte,
Sin gran ganancia no podrê perderme.

CCXVIII.

Mi gusto y tu beldad se desposaron,
Terceros por mi mal mis ojos fueron:
Su logro ha sido tal, que, alfin, hizieron
Un hijo hermoso a quien amor llamaron.
Tan fuera de compás le regalaron,
Que quando màs alegres estuvieron,
Sin entender el mal que produxeron,
Perdidos por amores se miraron.
La beldad desposada deste suelo,
Vino a parir un monstro con dós alas;
La madre a la sobervia, es nido el zelo.
O madre que a tu hijo en todo igualas!
Quien mortal haze al immortal abuelo,
Y al padre mortal dá immortales salas?

CCXIX.

Si el fuego que me enciende, consumido
De algũ más suelto Aquario ser pudiesse;
Si el alto suspirar me convertiesse
En ayre por el ayre desparzido:
Si un horrible rumor siendo sentido,
La alma a dexar el cuerpo reduxesse;
O por estos mis ojos al mar fuesse
Este mi cuerpo en llanto convertido;
Nunca podria la fortuna airada,
Con todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar la alma mia de su gloria.
Porque en vuestra beldad va transformada,
Ni del Estygio lago eternos llantos
Os podrian quitar de mi memoria.

CCXX.

Que me quereis perpétuas saudades?
Com que esperanças inda me enganais?
O tempo que se vai naõ torna mais,
E se torna naõ tornam as idades.
Razaõ he já, ó annos, que vós vades,
Porque estes taõ ligeiros que passais,
Nem todos para hum gosto saõ iguais,
Nem sempre saõ conformes as vontades.
Aquillo a que já quiz he taõ mudado,
Que quasi he outra cousa; porque os dias
Tem o primeiro gosto já damnado.
Esperanças de novas alegrias,
Naõ mas deixa a fortuna, e o tempo irado,
Que do contentamento saõ espias.

CCXXI.

Oh rigorosa ausencia desejada
De mi sempre, mas nunca conhecida!
Saudade n'outro tempo taõ temida,
Como em meu damno agora exprimentada!
Já rigorosamente começada
Tendes vossa esperança em minha vida;
Mas tanto, que já temo que opprimida
Sejais com ella cedo, ou acabada.
Os dias mais alegres me entristecem;
As noites com cuidados as desconto,
Em que sem vós sem conto me parecem.
Eu desejando espero, e os annos conto;
Mas com a vida, em fim, elles fallecem;
Nem basta á carne enferma esprito pronto.

CCXXII.

Ay! Quien darà a mis ojos una fuente
De lagrimas que manen noche, y dia?
Respiràra si quiera la alma mia,
Llorando lo passado, y lo presente.
Quien me diera apartado de la gente,
De mi dolor siguiendo la porfia,
Con la triste memoria, y phantasia,
Del bien por quien mal tanto assi se siente!
Quien me darà palabras con que iguale
El duro agravio que el amor me ha hecho,
Donde tan poco el sufrimiento vale?
Quien me abrità profundamente el pecho,
Do està escrito el secreto que no sale
Con tanto dolor mio a mi despecho?

CCXXIII.

Con razon os vays, aguas, fatigando
Por llegar do sereys bien recebidas;
Y en aquel mar immenso convertidas,
Que ya de tantos dias vays buscando.
Triste de aquel que siempre anda llorando
Las vanas esperanças ya perdidas;
Y con dolor las lagrimas vertidas
Nunca alfin pertendido van llegando.
Vosotras sin traer derecha via,
Al termino llegays tan deseado,
Por màs que os embarace el gran rodeo.
Mas yo siempre afligido noche, y dia,
Por un camino, que no llevo errado,
Jamàs puedo llegar donde deseo.

CCXXIV.

O cesse ya, Señor, tu dura mano!
No llegues tanto al cabo con mi vida.
Baste el estar por ti tan consumida,
Que ya no se halla en ella lugar sano.
Ay estraña hermosura! Ay deshumano
Hado, a que nunca puedo hallar salida!
Si tu de tu piedad no eres movida,
Roto el hilo vital veràs temprano.
Un blando desamor, un amor blando,
Bien basta para un hombre tan perdido,
Que de su mal ningun remedio espera.
Y si estimas en poco el ver qual ando,
Aqui me tienes ante ti rendido.
Viva tu gusto, mi esperança muera.

CCXXV.

Dulces engaños de mis ojos tristes;
Quan vivo despertays mi pensamiento!
Aquello que pudiera dar contento,
En sombra de pintura lo bolvistes.
De blando sobresalto enternecistes
Con vista arrebatada el sentimiento;
Mas no le assegurastes un momento
Aaqueste vano bien que le ofrecistes.
Veo que la figura era fingida,
Y no aquella que en si mi alma esconde,
Aunque en esta se llega al natural.
Assi escucha mi llanto, assi responde;
Assi se condolece de mi vida,
Como si fuera el proprio original.

CCXXVI.

Quanto tiempo ha que lloro un dia triste,
Como si alguno alegre yo esperara?
Como, ó Tajo, al passar essa tu clara
Agua, no la alteraste, y no me hundiste?
El passo me cerraste, el pecho abriste.
O mi ventura, de mi bien avara!
A Dios, montañas, de hermosura rara;
A Dios, mi corazon, que no partiste.
Si adonde quedas en dichosa suerte,
No bevieres las aguas del olvido,
En tanto bien no quieras olvidarte.
Cantando mi dolor llora mi muerte;
Porque asta el hueco monte sin sentido,
Suelta su ronca voz por consolarme.

CCXXVII.

Levantai, minhas Tagides, a frente,
Deixando o Tejo ás sombras nemorosas:
Dourai o valle umbroso, as frescas rosas,
E o monte com as arvores frondente.
Fique de vós hum pouco o rio ausente;
Cessem agora as lyras numerosas:
Cesse vosso louvor, Nymphas formosas;
Cesse da fonte vossa a grão corrente.
Vinde a ver a Theodosio grande, e claro,
A quem está offrecendo maior canto
Na cithara dourada o louro Apolo.
Minerva, do saber dá-lhe o dom raro;
Palas lhe dá o valor de mais espanto;
E a fama o leva já de Polo a Polo.

CCXXVIII.

Vo's Nymphas da Gangetica espessura
Cantai suavemente, em voz sonora,
Hũ grande Capitam que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noite escura.
Ajuntou-se a caterva negra, e dura,
Que na Aurea Chersoneso affouta mora,
Para lançar do charo ninho fóra
Aquelles que mais podem que a ventura.
Mas hum forte leaõ, com pouca gente,
A multidaõ taõ fera como necia,
Destruindo castiga, e torna fraca.
O' Nymphas, cantai, pois, que claramente
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leoniz fez em Malaca.

CCXXIX.

Alma gentil, que á firme eternidade
Subiste clara, e valerosamente,
Cá durará de ti perpetuamente
A fama, a gloria, o nome, e a saudade.
Naõ sei se he mór espanto em tal idade
Deixar de teu valor inveja á gente;
Se hum peito de diamante, ou de serpente,
Fizeres que se mova a piedade.
Invejosa da tua acho mil sortes,
E a minha mais que todas invejosa,
Pois ao teu mal o meu tanto igualaste.
Oh ditoso morrer! Sorte ditosa!
Pois o que naõ se alcança com mil mortes,
Tu com huma só morte o alcançaste.

CCXXX.

Debaixo desta pedra, sepultada
Jaz do Mundo a mais nobre formosura,
A quem a morte, só de inveja pura,
Sem tempo sua vida tem roubada;
Sem ter respeito a aquella assi estremada
Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia; cuja alvura
Do Sol a clara luz tinha eclipsada.
Do Sol peitada foste, cruel morte,
Para o livrar de quem o escurecia;
E da Lũa, que ante ella luz naõ tinha.
Como de tal poder tiveste sorte?
E se a tiveste, como taõ asinha
Tornaste a luz do Mundo em terra fria?

CCXXXI.

Imagẽes vãas me imprime a phantasia;
Discursos novos acha o pensamento;
Com q̃ daõ á minha alma grão tormento
Cuidados de cem annos n'hum só dia.
Se fim grande tivessem, bem seria
Responder a esperança ao fundamento:
Mas o fado naõ corre taõ attento,
Que reserve á razaõ sua valia.
Caso, e fortuna, pódem acertar;
Mas se por accidente daõ victoria,
Sempre o favor da fama he falsa historia.
Excede ao saber, determinar:
A' constancia se deve toda a gloria:
O animo livre he digno de memoria.

CCXXXII.

QUANTA incerta esperança, quanto engano!
Quanto viver de falsos pensamentos!
Pois todos vão fazer seus fundamentos
Só no mesmo em q̃ está seu proprio dano.
Na incerta vida estribam de hum humano,
Daõ credito a palavras que saõ ventos;
Choram despois as horas, e os momentos,
Que riram com mais gosto em todo o ano.
Naõ haja em apparencias confianças;
Entendei que o viver he de emprestado;
Que o de q̃ vive o Mundo saõ mudanças.
Mudai, pois, o sentido, e o cuidado,
Sómente amando aquellas esperanças
Que duram para sempre com o amado.

CCXXXIII.

MAL, q̃ de tempo em tempo vás crescendo;
Quem te visse de hũ bem acompanhado!
A vida passaria descansado
Ea morte naõ temêra o rosto horrendo.
Se os vãos cuidados fora convertendo
Em suspiros que daõ outro cuidado,
Oh quaõ prudente, oh quaõ affortunado
A capella de louro irá tecendo!
Tempo he já de esquecer contentamentos
Passados, co' a esperança que passou,
E de que triumphem novos pensamentos.
A fé, que viva na alma me ficou,
Dê já fim aos caducos ardimentos
A que o passado bem se condemnou.

CCXXXIV.

Oh quanto melhor he o supremo dia
Da mansa morte, que o do nascimento!
Oh quanto melhor he hum só momento,
Que livra de annos tantos de agonia!
De alcançar outro bem cesse a porfia;
Cesse todo applicado pensamento
De tudo quanto dá contentamento,
Pois só contenta ao corpo a terra fria.
O que do seu fez Deos seu despenseiro,
Tem mais estreita conta que lhe dar:
Entaõ parece rico o ovelheiro.
Triste de quem no dia derradeiro,
Tem o suor alheo por pagar,
Pois a alma ha de vender por o dinheiro!

CCXXXV.

Como podes (oh cego peccador!)
Estar em teus errores taõ isento,
Sabendo que esta vida he hum momento,
Se comparada com a eterna for?
Naõ cuides tu que o justo Julgador
Deixará tuas culpas sem tormento,
Nem que passando vai o tempo lento
Do dia de horrendissimo pavor.
Naõ gastes horas, dias, mezes, anos,
Em seguir de teus damnos a amisade,
De que despois resultam mores danos.
E pois de teus enganos a verdade
Conheces, deixa já tantos enganos,
Pedindo a Deos perdaõ com humildade.

CCXXXVI.

VERDADE, amor, razaõ merecimento,
Qualquer alma faraõ segura, e forte:
Porém fortuna, caso, tempo, e sorte,
Tem do confuso Mundo o regimento.
Effeitos mil revolve o pensamento,
E naõ sabe a que causa se reporte:
Mas sabe que o que he mais q̃ vida, e morte,
Naõ se alcança de humano entendimento.
Doctos varões daraõ razões subidas;
Mas saõ as experiencias mais provadas:
E por tanto he melhor ter muito visto.
Cousas ha hi que passam sem ser cridas:
E cousas cridas ha sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo he crer em Christo.

CCXXXVII.

DE Babel sobre os rios nos sentámos,
De nossa doce patria desterrados,
As mãos na face, os olhos derribados,
Com saudades de ti, Siaõ, chorámos.
Os orgãos nos salgueiros pendurámos,
Em outro tempo bem de nós tocados:
Outro era elle, por certo; outros cuidados;
Mas por deixar saudades os deixámos.
Aquelles que captivos nos traziam,
Por cantigas alegres perguntavam.
Cantai (nos dizem) hymnos de Saiõ.
Sobre tal pena, pena tal nos daõ,
Pois tyranicamente pertendiam
Que cantassem aquelles que choravam.

CCXXXVIII.

Sobre os rios do Reino escuro, quando
Tristes, quaes nossas culpas o ordenáram,
Lagrimas nossos olhos derramáram,
Por ti, Siaõ divina, suspirando:
Os que hiam nossas almas infestando,
De contino em error, as captiváram;
E em vão por nossos Psalmos perguntáram,
Que tudo era silencio miserando.
Dizendo estamos: Como cantaremos
As accitas canções a Deos benino,
Quando a contrarios seus obedecemos?
Mas já, Senhor só Santo, determino,
Deixando viciosissimos extremos,
Os cantos proseguir de Amor Divino.

CCXXXIX.

Em Babylonia sobre os rios, quando
De ti Siaõ sagrada nos lembrámos,
Alli com grão saudade nos sentámos,
O bem perdido, miseros, chorando.
Os instrumento musicos deixando,
Nos estranhos salgueiros pendurámos;
Quando aos cantares, q̃ já em ti cantámos,
Nos estavam imigos incitando.
A's esquadras, dizemos, inimigas:
Como hemos de cantar em terra alhea,
As cantigas de Deos, sacras cantigas?
Se a lembrança eu perder que me recrea
Cá nestas penosissimas fadigas,
Oblivioni detur dextra mea.

CCXL.

A Ponta a bella Aurora, luz primeira,
Que a grão nova nos deo do claro dia,
Vesti-vos, corações, já de alegria,
E recebei da vida a Mensageira.
Da humana Redempçaõ nasce a Terceira:
Alegra-te, Divina Monarchia;
Da terra terás cedo a companhia;
Do Ceo verás tambem a nossa feira.
De tal obra se espanta a natureza,
Confuso fica de temor o inferno,
Vendo a que nasce isenta da defeza.
Lei geral era posta desde eterno:
Mas o Senhor da Lei, toda limpeza
Para o Sacrario seu guardou, Materno.

CCXLI.

Porque a terra no Ceo agasalhasse
O Ceo na terra Deos agasalhou:
Lá naõ cabendo, cá se accommodou,
Porque lá de cá indo se alargasse.
Porq̃ o homem a ser Deos por Deos chegasse,
Por o homem a ser homem Deos chegou:
Seu divino poder tanto humanou,
Porque o humano em divino se tornasse.
Vede bem o que deo, e recebeo:
Naõ se perca hũ bem tanto da memoria:
Deo-nos a vida, a morte padeceo.
Trocou por nossa pena a sua gloria:
Deo-nos o triumpho que elle mereceo:
Porque amor foi auctor desta victoria.

CCXLII.

Que estilla a Arvore sacra? Hũ licor santo.
Para quem? Para o genero he humano.
Que faz delle? Hum remedio soberano.
Para que? Para a culpa, e triste pranto.
E que obra? Reduzir Lusbel a espanto.
Porque? Porque co' hũ pomo fez grão dano.
Que foi? A morte deo com hum engano.
Tanto pode? Sem falta pode tanto.
Quem sobe a ella? Quem do Ceo desceo.
A que desce? A subir a creatura.
Que quiz da terra? Só levá-la ao Ceo.
He escada para ir lá? E a mais segura.
Quem o obrigou? De amor só se venceo.
Que amava este Feitor? Sua feitura.

CCXLIII.

Oh Arma, unicamente só triumphante,
Propugnaculo só de nossas vidas,
Por quem foram ganhadas as perdidas,
Com q̃ o Tartaro horrendo andava ovante!
Sigua-se esta bandeira militante,
Por quem saõ taes victorias conseguidas,
Por quantas almâs, dellas divertidas,
No ponente erram cá, lá no Levante.
Oh Arvore sublime, e marchetada
De branco, e carmesi, de ouro embutida,
Dos rubijs mais preciosos esmaltada,
De trophéos mais claros guarnecida!
A' vida a morte vimos em ti dada,
Para que em ti se désse á morte a vida.

CCXLIV.

Aos homẽes hum só homem poz espanto,
E o poz a toda a humana natureza,
Que de homẽ teve o ser, de Anjo a pureza,
Porque antes que nascesse era já Santo.
Propheta foi na Mãi; em fim, foi tanto,
Que entre os nascidos houve a mór alteza;
Que da Luz, sem a ver, vio a grandeza,
Tendo por trompa o Verbo Sacrosanto.
Aquella voz foi elle, sonorosa,
No concavo dos Orbes resonante,
E que a Carne inculpavel baptizou;
Quem do mór Pai ouvio a voz amante;
Quem a subtil pergunta, industriosa,
Com syncera resposta socegou.

CCXLV.

Vo's só podeis, sagrado Evangelista,
Angelico abrazado Seraphim,
E na sciencia mais alto Cherubim,
Do q̃ he mais sabio Amor ser Coronista.
Divina, e real Aguia, cuja vista
Vio o q̃ he sem principio, o q̃ he sem fim;
De Jacob mais querido Benjamim,
Quem mais campêa de Joseph na lista.
Apostolo, e Propheta, e Patriarca;
Ao Principe dos Ceos o mais acceito;
Que em seu seo dormindo entaõ mais via.
A quem o mesmo Deos por irmão marca;
Quem por filho da Mãi unica feito,
Em corpo, e alma goza o claro dia.

CCXLVI.

Como louvarei eu, Seraphim santo,
Tanta humildade, tanta penitencia?
Castidade, e pobreza, e paciencia,
Com este meu inculto, e rudo canto?
Argumento que ás Musas põe espanto,
Que faz muda a grandiloqua eloquencia.
Oh imagem, que a Divina Providencia
De si viva em vós fez para bem tanto!
Fostes de Santos hũa rara mina;
Almas de mil a mil ao Ceo mandastes
Do Mundo, que perdido reformastes.
E naõ roubaveis só com a doutrina
As vontades mortaes, mas a Divina,
Pois os seus rubijs cinco lhe roubastes.

CCXLVII.

Ditosas almas, que ambas juntamente
Ao Ceo de Venus, e de Amor voastes,
Onde hũ bem que taõ breve cá lograstes,
Estais logrando agora eternamente.
Aquelle estado vosso taõ contente,
Que só por durar pouco triste achastes,
Por outro mais contente já o trocastes,
Onde sem sobresalto o bem se sente.
Triste de quem cá vive taõ cercado
Na amorosa fineza, de hum tormento,
Que a gloria lhe perturba mais crescida!
Triste, pois me naõ val o soffrimento;
E amor para mais damno me tem dado
Para taõ duro mal taõ larga vida.

CCXLVIII.

Contente vivi já, vendo-me isento
Deste mal de que a muitos queixar via:
Chamam-lhe amor; mas eu lhe chamaria
Discordia, e sem razaõ; guerra, e tormento.
Enganou-me co' o nome o pensamento.
Quem com tal nome naõ se enganaria?
Agora tal estou, que temo hum dia
Em que venha a faltar-me o soffrimento.
Com desesperaçaõ, e com desejo,
Me paga o que por elle estou passando,
E inda está do meu mal, mal satisfeito.
Pois sobre tantos damnos inda vejo
Para dar-me outros mil, hum olhar brando;
E para os naõ curar hum duro peito.

CCXLIX.

Deixa Apollo o correr taõ apressado,
Naõ sigas essa Nympha taõ ufano:
Naõ te leva o amor, leva-te o engano,
Com sombras de algũ bem a mal dobrado.
E quando seja amor, será forçado;
E se forçado for, será teu dano:
Hum parecer naõ queiras mais que humano,
Em hum sylvestre adorno ver tornado.
Naõ percas por hum vão contentamento
A vista que te faz viver contente:
Modéra em teu favor o pensamento,
Porque menos mal he tendo-a presente,
Soffrer sua crueza, e teu tormento,
Que sentir sua ausencia eternamente.

CCL.

Nas Cidades, nos bosques, nas florestas,
Nos valles, e nos montes, teus louvores
Sempre te cantem musicos Pastores,
Nas manhãas frias, nas ardentes sestas.
E neste Templo donde manifestas,
E repartes agora teus favores,
Com Psalmos, hymnos, e com varias flores,
Sejam celebres sempre as tuas festas.
Estes te offreçam pés, essoutros mãos;
De aquelles pendam sobre os teus altares
Monstros do mar, de servidaõ prisãos.
Que eu cuidados, enganos, e affeições;
Muito maiores monstros, e milhares,
Te deixo aqui de pensamentos vãos.

CCLI.

Vi queixosos de amor mil namorados,
E nenhũus inda vi com seus louvores:
E aquelle que mais chora o mal de amores,
Vejo menos fugir de seus cuidados.
Se das dores de amor sois mal tratados,
Porque tanto buscais de amor as dores?
E se tambem as tendes por favores,
Porque dellas fallais como aggravados?
Naõ queirais alegria achar algũa
No amor, porque he composto de tristeza;
Na fortuna que achei mais agradavel.
Nella, e nelle achei sempre a mesma Lũa,
Em quem nunca se vio outra firmeza,
Que naõ seja a de ser sempre mudavel.

CCLII.

Se lagrimas choradas de verdade
O marmore abrandar podem mais duro,
Porque as minhas que nascem de amor puro
Hum coraçaõ naõ rendem a piedade?
Por vós perdi, Senhora, a liberdade,
E nem da propria vida estou seguro.
Rompei de esse rigor o forte muro;
Naõ passe tanto avante a crueldade.
Ao prezar de desprezos dai já fim:
Naõ vos chamem cruel; nome devido
A quem se ri de quem suspira, e ama.
Abrandai esse peito endurecido,
Por o que toca a vós, já naõ por mim:
Que eu aventuro a vida, e vós a fama.

CCLIII.

Ja' me fundei em vãos contentamentos
Quando delles vivi todo enganado
De hùm phantastico bem, e de hum cuidado,
De que só cuidam cegos pensamentos.
Passava dias, horas, e momentos,
Deste enleo de amores taõ pagado,
Que tinha só por bemaventurado
Quem só por elles mais bebia os ventos.
Mas agora, que já cahi na conta,
Desengana-me quanto me enganava:
Que tudo o tempo dá, tudo descobre.
O amor mais caudaloso menos monta;
Que he de gostos mais rico, eu ignorava,
Aquelle que de amores he mais pobre.

CCLIV.

Em huma lapa, toda tenebrosa,
Adonde bate o mar com furia brava,
Sobre huma mão o rosto, vi que estava
Huma Nympha gentil, mas cuidadosa.
Igualmente, que linda, lastimosa,
Aljofar dos seus olhos distillava:
O mar os seus furores applacava
Com ver cousa taõ triste, e taõ formosa.
Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.
Com angelica voz, assi dizia:
Ah, que falta mais vezes a ventura,
Onde sobeja mais a natureza!

CCLV.

Se em mim, ó alma, vive mais lembrança
Que aquella só da gloria de querer-vos,
Eu perca todo o bem que lógro em ver-vos,
E de ver-vos tambem toda a esperança.
Veja-se em mi taõ rustica esquivança,
Que possa indigno ser de cónhecer-vos;
E quando em mór empenho de aprazer-vos
Vos offenda, se em mi houver mudança.
Confirmado estou já nesta certeza;
Examine-me vossa crueldade;
Exprimente-se em mi vossa dureza.
Conhecei já de mi tanta verdade,
Pois em penhor, e fé desta pureza
Tributo vos fiz ser o que he vontade.

CCLVI.

Illustre Gracia, nombre de una moça,
Primera malhechora en este casso
A Mondoñedo, a Palma, al coxo Trasso,
Sugeto digno de immortal coroça.
Si en medio de la Iglesia no reboça
El manto a vuestro rostro tan devasso,
Por vós dirán las gentes rezio, y passo;
Veys quien con el demonio se retoça.
Puede mover los montes sin trabajo;
Con palabras el curso al agua enfrena;
Por las ondas hará camino enxuto.
Averguenza su patria, y rico Tajo,
Que por ella hombres lleva màs que arena,
De que paga al infierno gran tributo.

CCLVII.

Qual tem a borboleta por costume,
Que elevada na luz da acesa vella,
Dando vai voltas mil, até que nella
Se queima agora, agora se consume:
Tal eu correndo vou ao vivo lume
De esses olhos gentís, Aonia bella;
E abrazo-me, por mais que com cautella
Livrar-me a parte racional presume.
Conheço o muito a que se atreve a vista;
O quanto se levanta o pensamento;
O como vou morrendo claramente.
Porém naõ quer amor que lhe resista,
Nem a minha alma o quer, q̃ em tal tormento,
Qual em gloria maior está contente.

CCLVIII.

Lembranças de meu bem, doces lembranças,
Que taõ vivas estais nesta alma minha,
Naõ queirais mais de mi, se os bẽes que tinha
Em poder vedes todos de mudanças.
Ai cego amor! Ai mortas esperanças,
De que eu em outro tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos sostinha,
Acabaráõ co' a vida as confianças.
Co' a vida acabaráõ, pois a ventura
Me roubou n'hum momento aquella gloria,
Que quando taõ grande he, taõ pouco dura.
Oh se apoz o prazer fora a memoria!
Ao menos estivera a alma segura
De ganhar-se com ella mais victoria.

CCLIX.

Formosos olhos, que cuidado dais
A' mesma luz do Sol, mais clara, e pura!
Que sua esclarecida formosura,
Com tanta gloria vossa atraz deixais!
Se por serdes taõ bellos desprezais
A fineza de amor que vos procura,
Pois tanto vedes, vede que naõ dura
O vosso resplandor quanto cuidais.
Colhei, colhei do tempo fugitivo,
E de vossa belleza o doce fruto,
Que em vão fóra de tempo he desejado.
E a mi, que por vós morro, e por vós vivo,
Fazei pagar a amor o seu tributo,
Contente de por vós lho haver pagado.

CCLX.

Pues siempre sin cessar, mis ojos tristes,
En lagrimas tratais la noche, el dia,
Mirad si es lagrima esta que os embia
Aquel Sol por quien vós tantas vertistes.
Si vós me asegurais, pues ya la vistes,
Que es lagrima, será ventura mia;
Por empleadas bien desde oy tendria
Las muchas que por ella sola distes.
Mas qualquier cosa mucho deseada,
Aunque viendo se estè nunca es creida;
Y menos esta, nunca imaginada.
Pero della asseguro, si es fingida,
Que basta ser por lagrima embiada,
Para que sea por lagrima tenida.

CCLXI.

Tem feito os olhos neste apartamento
Hum mar de saudosa tempestade,
Que póde dar saudade á saudade,
Sentimentos ao proprio sentimento.
Em dor vai convertido o soffrimento,
Em pena convertida a piedade;
A razaõ taõ vencida da vontade,
Que escravo faz do mal o entendimento.
A lingua naõ alcança o que a alma sente;
E assi, se alguem quizer em algum'hora
Saber que cousa he dor naõ comprehendida,
Parta-se do seu bem, porque exprimente,
Que antes de se partir, melhor me fora
Partir-se do viver para ter vida.

CCLXII.

A Peregrinaçaõ de hum pensamento,
Que dos males fez hábito, e costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quanto cresce na causa do tormento.
Leva a dor de vencida ao soffrimento;
Mas a alma está de entregue taõ sem lume,
Que elevada no bem que haver presume,
Naõ faz caso do mal que está de assento.
De longe receei, se me valêra,
O perigo que tanto á porta vejo,
Quando naõ acho em mi cousa segura.
Mas já conheço, (oh nunca o conhecêra!)
Que entendimentos presos do desejo,
Naõ tem remedio mais que o da ventura.

CCLXIII.

Acho-me da fortuna salteado,
O tempo vai fugindo presuroso,
Deixando-me da vida duvidoso,
E cada instante mais desesperado.
Trocou-se o meu descuido em tal cuidado,
Que donde a gloria he mais, he mais penoso:
Nem vivo, de perder-me, receoso;
Nem, de poder ganhar-me, confiado.
Qualquer ave nos montes mais agrestes,
Qualquer fera na cova repousando,
Tem horas de alegria; eu todas tristes.
Vós, saudosos olhos, que o quizestes,
(Pois com tormento amor me está pagando)
Chorai, como que vedes, o que vistes.

CCLXIV.

Se no que tenho dito vos offendo,
Naõ he a intençaõ minha de offender-vos;
Que inda que naõ pertenda merecer-vos,
Naõ vos desmerecer sempre pertendo.
Mas he meu fado tal, segundo entendo,
Que por quanto ganhava em entender-vos,
Naõ me deixa até agora conhecer-vos,
Por a mi proprio me ir desconhecendo.
Os dias ajudados da ventura,
A cada qual de si daõ desenganos,
E a outros soe dá-lo a desventura.
Qual destas sirva a mi, diraõ os danos,
Ou gostos que eu tiver, em quanto dura
Esta vida, taõ larga, em poucos anos.

Atéqui os Sonetos que se acham na edicaõ de Manoel de Faria e Sousa. Joseph Lopes Ferreira, imprimindo em Lisboa, no anno de 1720, em hum volume, de folha, todas as Obras de Luis de Camões, accrescentou os que se seguem, sem nos dizer onde haviam sido achados. Na edicaõ Parisiense do anno de 1759, e na que posterior a ella se fez em Lisboa, se acham tambem os mesmos; mas nem por isso ficamos por fiadores de que todos sejam de Luis de Camões: os Leitores intelligentes, que forem versados na licaõ das Obras do Poeta, faraõ seu juizo.

CCLXV.

Doce contentamento já passado,
Em que todo o meu bem só consistia;
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vós taõ apartado?
Quem cuidou que se visse neste estado
Naquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura consentia,
Que de enganos vivesse meu cuidado?
Fortuna minha foi cruel, e dura,
Aquella que causou meu perdimento,
Com a qual ninguem póde ter cautella.
Nem se engane nenhuma creatura,
Que naõ póde nenhum impedimento,
Fugir do que lhe ordena sua estrella.

CCLXVI.

Sempre cruel, Senhora, receei,
Medindo vossa grão desconfiança,
Que désse em desamor vossa tardança,
E que me perdesse eu, pois vos amei.
Perca-se, em fim, já tudo o que esperei,
Pois n'outro amor já tendes esperança.
Taõ potente será vossa mudança,
Quanto eu encobri sempre o que vos dei.
Dei-vos a alma, a vida, e o sentido;
De tudo o que em mi ha vos fiz senhora;
Prometteis, e negais o mesmo amor,
Agora tal estou, que de perdido
Naõ sei por onde vou, mas algum'hora
Vos dará tal lembrança grande dor.

CCLXVII.

Fortuna em mim guardando seu direito
Em verde derrubou minha alegria.
Oh quanto se acabou naquelle dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!
Quando contemplo tudo, bem suspeito,
Que a tal bem, tal descanso se devia,
Por naõ dizer o Mundo, que podia
Achar-se em seu engano bem perfeito.
Mas se a fortuna o fez por descontar-me
Tamanho gosto, em cujo sentimento
A memoria naõ faz senaõ matar-me:
Que culpa póde dar-me o soffrimento,
Se a causa que elle tem de atormentar-me,
Eu tenho de soffrer o seu tormento?

CCLXVIII.

Se a fortuna inquieta, e mal olhada,
Que a justa Lei do Ceo comsigo infama,
A vida quieta, que ella mais desama,
Me concedêra honesta, e repousada:
Pudera ser que a Musa alevantada
Com luz de mais ardente, e viva flama
Fizera ao Tejo lá na patria cama
Adormecer co' o som da lyra amada:
Porém, pois o destino trabalhoso,
Que me escurece a Musa fraca, e lassa,
Louvor de tanto preço naõ sustenta:
A vossa de louvar-me pouco escassa
Outro sogeito busque valeroso,
Tal qual em vós ao Mundo se apresenta.

CCLXIX.

Este amor, que vos tenho limpo, e puro,
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Tê-lo dentro nesta alma só procuro.
De haver nelle mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
Nem o supremo bem, ou baixo estado,
Nem o tempo presente, nem futuro.
A bonina, e a flor asinha passa,
Tudo por terra o Inverno, e Estio deita,
Só para meu amor he sempre Maio.
Mas ver-vos para mim Senhora escassa,
E que essa ingratidaõ tudo me engeita,
Traz este meu amor sempre em desmaio.

CCLXX.

Se grande gloria me vem só de olhar-te,
He pena desigual deixar de ver-te,
Se presumo com obras merecer-te,
Grande paga do engano he desejar-te.
Se quero, por quem es, talvez louvar-te,
Sei certo, por quem sou, que he offender-te.
Se mal me quero a mi por bem querer-te,
Que premio quero eu mais que só o amar-te?
Extremos saõ de amor os que padeço,
O' humano thesouro, ò doce gloria;
E se cuido que acabo, entaõ começo.
Assi te trago sempre na memoria;
Nem sei se vivo, ou morro, mas conheço,
Que ao fim da batalha he a victoria.

CCLXXI.

A formosura desta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros;
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra:
O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do Sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvẽes pelo ar a branda guerra:
Em fim, tudo o que a rara natureza,
Com tanta variedade nos offrece,
Me está (se naõ te vejo) magoando:
Sem ti tudo me enoja, e me aborrece;
Sem ti perpétuamente estou passando
Nas móres alegrias, mór tristeza.

CCLXXII.

Sospechas, que en mi triste phantasia
Puestas hazeis la guerra a mi sentido,
Bolviendo y rebolviendo el afligido
Pecho con dura mano noche, y dia:
Ya se acabò la resistencia mia;
Ya la fuerça del alma ya rendido,
Vencer de vós me dexo arrepentido
De averos contrastado em tal porfia:
Llevadme a aquel lugar tan espantable,
Que por no ver mi muerte alli esculpida,
Cerrados hasta aqui tuve los ojos.
Las armas pongo ya, que concedida
No es tan larga defensa al miserable;
Colgad en vuestro carro mis despojos.

CCLXXIII.

Sustenta meu viver hũa esperança
Derivada de hum bem taõ desejado,
Que quando nella estou mais confiado,
Mór dúvida me põe qualquer mudança:
E quando inda este bem na mór pujança
De seus gostos me tem mais enlevado,
Me atormenta entaõ ver eu, que alcançado
Será por quem de vós naõ tem lembrança.
Assi, que nestas redes enlaçado,
Apenas dou a vida, sustentando
Hũa nova materia a meu cuidado:
Suspiros d'alma tristes arrancando,
Dos silvos de hũa pedra acompanhado,
Estou materias tristes lamentando.

CCLXXIV.

Ja' naõ sinto, Senhora, os desenganos,
Com q̃ minha affeiçaõ sempre tratastes,
Nem ver o galardaõ, que me negastes,
Merecido por fé ha tantos anos.
A magoa chóro só, só chóro os danos,
De ver por quem, Senhora, me trocastes;
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratidaõ, vossos enganos.
Dobrada gloria dá a qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa.
Mas eu de vossos males, e esquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Naõ o quizera eu tanto á vossa custa.

CCLXXV.

Que póde já fazer minha ventura,
Que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento,
De cousa que o naõ tem, nem he segura?
Que pena póde ser taõ certa, e dura,
Que possa ser maior que meu tormento?
Ou como receará meu pensamento
Os males, se com elles mais se apura?
Como quem se costuma de pequeno
Com peçonha criar por mão sciente,
Da qual o uso já o tem seguro:
Mas eu acostumado ao veneno,
E uso de soffrer meu mal presente
Me faz naõ sentir já nada o futuro.

CCLXXVI.

Quando cuido no tempo, que contente
Vi as pérolas, neve, rosa, e ouro,
Como quem vê por sonhos hũ thesouro,
Parece tenho tudo aqui presente.
Mas tanto que se passa este accidente,
E vejo o quaõ distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me ausente.
Já foram dias, em que por ventura
Vos vi, Senhora, se dize-lo posso
Com o coraçaõ seguro estar sem medo.
Agora em tanto mal naõ mo assegura
A propria phantasia, e nojo vosso:
Eu naõ posso entender este segredo.

CCLXXVII.

Quando, Senhora, quiz amor q̃ amasse
Essa grão perfeiçaõ, e gentileza,
Logo deo por sentença, que a crueza
Em vosso peito amor accrescentasse.
Determinou, que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem aspereza;
Mas que em minha rarissima firmeza
Vossa isençaõ cruel se executasse.
E pois tendes aqui offerecida
Esta alma vossa a vosso sacrificio,
Acabai de fartar vossa vontade.
Naõ lhe alargueis, Senhora, mais a vida,
Acabará morrendo em seu officio,
Sua fé defendendo, e lealdade.

CCLXXVIII.

Eu vivia de lagrimas isento,
N'hum engano taõ doce, e deleitoso,
Que em q̃ outro amante fosse mais ditoso,
Naõ valiam mil glorias hum tormento.
Vendo-me possuir tal pensamento,
De nenhũa riqueza era invejoso;
Vivia bem, de nada receoso,
Com doce amor, e doce sentimento.
Cobiçosa a fortuna, me tirou
Deste meu taõ contente, e alegre estado,
E passou-se este bem, que nunca fora:
Em troco do qual bem, só me deixou
Lembranças, que me matam cada hora,
Trazendo-me á memoria o bem passado.

CCLXXIX.

Indo o triste Pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Taes queixas espalhava ao leve vento,
Co'hum brando suspirar da alma sahido:
A quem me queixarei, cego perdido,
Pois nas pedras naõ acho sentimento?
Com quem fallo? A quem digo meu tormento?
Que onde mais chamo, sou menos ouvido.
O' bella Nympha, porque naõ respondes?
Porque o olhar-me, tanto me encareces?
Porque queres que sempre me querelle?
Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assim que co' o mal cresce a causa delle.

CCLXXX.

De hum taõ felice engenho, produzido
De outro, q̃ o claro Sol naõ vio maior,
He trazer cousas altas no sentido,
Todas dignas de espanto, e de louvor.
Museo foi antiquissimo Escriptor,
Philosopho, e Poeta conhecido,
Discipulo do Musico Amador,
Que co' o som teve o inferno suspendido.
Este pode abalar o monte mudo,
Cantando aquelle mal, que eu já passei,
Do mancebo de Abydo mal sisudo.
Agora contam já (segundo achei)
Tasso, e o nosso Boscaõ, que disse tudo
Dos segredos que move o cego Rei.

CCLXXXI.

Dizei, Senhora, da belleza idéa;
Para fazerdes esse aureo crino,
Onde fostes buscar esse ouro fino,
De que escondida mina, ou de que véa?
Dos vossos olhos essa luz Phebéa,
Esse respeito, de hum Imperio dino,
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medéa?
De que escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas Orientaes,
Que fallando mostrais no doce riso?
Pois vos formastes tal, como quizestes,
Vigiai-vos de vós, naõ vos vejais,
Fugi das fontes, lembre-vos Narciso.

CCLXXXII.

Na ribeira do Euphrates assentado,
Discorrendo me achei pela memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti doce Siaõ tinha passado.
Da causa de meus males perguntado
Me foi; como naõ cantas a historia
De teu passado bem, e da victoria,
Que sempre de teu mal has alcançado?
Naõ sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, indaque grave, e rigoroso?
Canta, pois, e naõ chores dessa sorte.
Respondi com suspiros: Quando erece
A muita saudade, o piedoso
Remedio he naõ cantar, senaõ a morte

CCLXXXIII.

El vaso relusiente, y crystalino,
De Angeles agua clara, y olorosa,
De blanda seda ornado, y fresca rosa,
Ligado con cabellos de oro fino:
Bien claro parecia el don divino
Labrado por la mano artificiosa
De aquella blanca Nynpha graciosa,
Mas que el rubio luzero matutino:
Nel vaso vuestro cuerpo se afigura,
Raxado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua vuestra anima pura:
La seda es la blancura, y los cabellos
Son las prisiones, y la ligadura
Con que mi libertad fue asida dellos.

CCLXXXIV.

Chorai, Nymphas os fados poderosos
Daquella soberana formosura.
Onde foram parar na sepultura
Aquelles Reaes olhos graciosos?
Oh bens do mundo falsos, e enganosos!
Que mágoas para ouvir, e que figura
Jaza sem resplandor na terra dura
Com tal rosto, e cabellos taõ formosos!
Das outras que será! pois poder teve
A morte sobre cousa tanto bella,
Que ella eclipsava a luz do claro dia.
Mas o Mundo naõ era digno della,
Por isso mais na terra naõ esteve,
Ao Ceo subio, que já se lhe devia.

CCLXXXV.

Senhora ja desta alma, perdoai
De hum vencido de amor os desatinos,
E sejam vossos olhos taõ beninos,
Com este puro amor, que d'alma sai.
A minha pura fé sómente olhai,
E vede meus extremos se saõ finos;
E se de algũa pena forem dinos,
Em mim, Senhora minha, vos vingai.
Naõ seja a dor que abraza o triste peito,
Causa por onde pene o coraçaõ,
Que tanto em firme amor vos he sujeito.
Guardai-vos do que algũus, dama, diraõ,
Que sendo raro em tudo vosso objeito
Possa morar em vós ingratidaõ.

CCLXXXVI.

Quem vos levou de mim, saudoso estado,
Que tanta sem razaõ comigo usastes?
Quem foi, por quem taõ presto me negastes,
Esquecido de todo o bem passado?
Trócastes-me hũ descanso em hum cuidado
Taõ duro taõ cruel, qual me ordenastes;
A fé, que tinheis dado, me negastes,
Quando mais nella estava confiado.
Vivia sem receo deste mal;
Fortuna, que tem tudo á sua mercê,
Amor com desamor me revolveo.
Bem sei que neste caso nada val,
Que quem nasceo chorando, justo he,
Que pague com chorar o que perdeo.

CCLXXXVII.

Diversos casos, varios pensamentos
Me trazem taõ confuso o entendimento,
Que em nada vejo já contentamento,
Senaõ quando se vaõ contentamentos.
Em varios casos, varios sentimentos
Succedem, por mostrar ao fundamento,
Que he o que se deseja tudo vento,
Pois pinta haver descanso em vãos intentos.
Vê-se em grandes discursos o desejo,
Quando as occasiões os tempos mudam,
Naõ ha cousa impossivel a hum cuidado:
O injusto co' o justo he já trocado:
Os duros montes seus assentos mudam,
Eu só naõ posso ver meu mal mudado.

CCLXXXVIII.

Doce sonho, suave, e soberano,
Se por mais longo tempo me durára,
Ah quem de sonho tal nunca acordára,
Pois havia de ver tal desengano!
Ah deleitoso bem! Ah doce engano!
Se por mais largo espaço me enganára,
Se entaõ a vida misera acabára,
De alegria, e prazer, morrêra ufano.
Ditoso, naõ estando em mi, pois tive
Dormindo o que acordado ter quizera.
Olhai com que me paga meu destino!
Em fim, fóra de mim ditoso estive,
Em mentiras ter dita razaõ era,
Pois sempre nas verdades fui mofino.

CCLXXXIX.

Diana prateada esclarecida
Com a luz que do claro Phebo ardente,
Por ser de naturcza transparente,
Em si como em espelho, reluzia.
Cem mil milhões de graças lhe influia,
Quando me appareceo o excellente
Raio de vosso aspecto, differente
Em graça, e em amor, do que sohia.
Eu vendo-me taõ cheio de favores,
E taõ propinquo a ser de todo vosso,
Louvei a hora clara, e a noite escura:
Pois nella déstes côr a meus amores,
Donde collijo claro que naõ posso
De dia para vós já ter ventura.

CCXC.

A lá en Monte Rei, en Bal de Laça,
A Biolante bi beira de hum rio,
Tan fermosa em berdá, que quedê frio
De ber alma immortal em mortal maça:
De hum alto, e lindo copo a seda laça
A Pastora sacaba fio a fio,
Quando lhe disse, morro, corta o fio,
Bolveo, naõ cortarei, seguro paça:
E como passarei, se eu acá quedo?
Se passar, respondi, naõ bou seguro,
Que este corpo sem alma morra cedo.
Com a minha, que lebas, te asseguro
Que naõ morras, Pastor. Pastora ei medo;
O quedar-me parece mais seguro.

CCXCI.

Porque me faz amor inda acá torto,
O' mal te faga Deos desbergonçado,
Rapaz bil, descortez, que me has guiado
A ber a biolante, que me ha morto.
Bila, por más non berme tomar porto
En reposo ningun desbenturado,
Mas para chorar sempre que abado
As agoas dos meus olhos som conforto.
Bem vir ser tua madre Cypriāna
Una mundana astrosa, deshonesta,
Cruel, falsa, sem lei, dura, e tyrana:
Que a bós ella ser outra, e naõ ser esta,
Naõ tiberas bontá taõ deshumana,
Nem fora contra mi taõ cruda besta.

CCXCII.

Em quanto Phebo os montes accendia
Do Ceo com luminosa claridade,
Por conservar illesa a castidade,
Na caça o tempo Delia despendia.
Venus, que entaõ do furto descendia,
Por captivar de Anchises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quasi zombando della, lhe dizia:
Tu vás com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando,
Mas as minhas enredam o sentido.
Melhor he (respondia a deosa pura)
Nas redes leves cervos ir tomando,
Que tomar-te alli nelles teu marido.

CCXCIII.

Se de vosso formoso, e lindo gesto
Nascêram lindas flores para os olhos,
Que para o peito saõ duros abrolhos,
Em mi se vê mui claro, e manifesto:
Pois vossa formosura, e vulto honesto,
Em os ver, de boninas vi mil mólhos;
Mas se meu coraçaõ tivera antolhos,
Naõ víra em vós seu damno e mal funesto.
Hũ mal visto por bem, hũ bem tristonho,
Que me traz elevado o pensamento
Em mil, porém diversas phantasias:
Nas quaes eu sempre ando, e sempre sonho,
E vós naõ cuidais mais que em meu tormento,
Em que fundais as vossas alegrias.

CCXCIV.

N'hum taõ alto lugar de tanto preço
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfallece nelle inda o desejo,
Vendo quanto por mi o desmereço.
Quando esta tal baixeza em mi conheço,
Acho que cuidar nelle he grão despejo,
E que morrer por elle me he sobejo,
E mór bem para mi do que mereço.
O mais que natural merecimento
De quem me causa hum mal taõ duro, e forte,
O faz que vá crescendo de hora em hora.
Mas eu naõ deixarei meu pensamento,
Porque inda que este mal me causa a morte,
Un bel morir tutta la vita honora.

CCXCV.

Quantas penas, amor, quantos cuidados,
Quantas lagrimas tristes sem proveito,
De que mil vezes olhos, rosto, e peito,
Por ti, cego, me viste já banhados?
Quantos mortaes suspiros derramados
Do coraçaõ, por tanto a ti sujeito?
Quantos males, em fim, tu me tens feito,
Todos foram em mi bem empregados.
A tudo satisfaz (confesso-te isto)
Huma só vista branda, e amorosa,
De quem me captivou minha ventura.
Oh sempre para mi hora ditosa!
Que posso temer já, pois tenho visto
Com tanto gosto meu, tanta brandura?

CCXCVI.

O tempo acaba, o anno, o mez, e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza:
O tempo acaba a fama, e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora:
O tempo busca, e acaba o onde mora
Qualquer ingratidaõ, qualquer dureza;
Mas naõ póde acabar minha tristeza,
Em quanto naõ quizerdes vós Senhora.
O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste,
O tempo a tempestade em grão bonança.
Mas de abrandar o tempo estou seguro,
O peito de diamante, onde consiste
A pena, e o prazer desta esperança.

CCXCVII.

Posto me tem fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido,
Naõ tenho que perder já de perdido,
Nem tenho que mudar já de mudado.
Todo bem para mi he acabado,
De aqui dou o viver já por vivido,
Que aonde o mal he taõ conhecido,
Tambem o viver mais será escusado.
Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança naõ convém,
E curarei hum mal com outro mal.
E pois do bem taõ pouco bem espero,
Já que o mal este só remedio tem,
Naõ me culpem em querer remedio tal.

CCXCVIII.

Ja' naõ fere o amor com arco forte,
As settas tem lançadas já por terra,
Como solia, já naõ nos faz guerra,
Porque a que nos faz he de outra sorte.
Com olhos pelos olhos nos dá morte,
E para acertar o que naõ erra,
Os vossos escolheo em quem se encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte.
Concede-vos o amor taõ grão poder,
Que vós sejais do seu livre, e isenta:
Apagou-se a candêa no meio do consoante.
Por isso, Feliza, se vos naõ contenta,
Naõ vades com o Soneto por diante,
Que he sonho o que a phantasia representa.

CCXCIX.

Pues lagrimas tratais mis ojos tristes,
Y en lagrimas passais la noche, y dia,
Mirad si es llanto este que os embia
Aquella por quien vós tantas vertistes:
Sentid mis ojos bien esta que vistes;
Y si ella lo es, ó grán ventura mia,
Por mui bien empleadas las avria,
Mil cuentos que por esta sola distes.
Mas una cosa mucho desseada,
Aunque se vea cierta, no es creida,
Quanto màs esta, que me es embiada.
Pero digo, que aunque sea fingida,
Que basta que por lagrima sea dada,
Porque sea por lagrima tenida.

CCC.

Olhos formosos em quem quiz náture
Mostrar do seu poder altos signais,
Se quizerdes saber quanto possais,
Vedeme a mi, que sou vossa feitura.
Pintada em mi se vê vossa figura,
No que eu padeço retratada estais;
Que se eu passo tormentos desiguais,
Muito mais póde vossa formosura.
De mi naõ quero mais que o meu desejo:
Ser vosso, e só de ser vosso me arreio,
Porque o vosso penhor em mi se asselle.
Naõ me lembro de mi quando vos vejo;
Nem do Mundo : e naõ érro, porque creio,
Que em lembrar-me de vós cumpro com elle.

CCCI.

Quem presumir, Senhora, de louvar-vos,
Com humano saber, e naõ divino,
Ficará de tamanha culpa dino,
Quammanha ficais sendo em contemplar-vos.
Naõ pertenda ninguem de louvor dar-vos,
Por mais que raro seja, e peregrino;
Que vossa formosura eu imagino,
Que Deos a elle só quiz comparar-vos.
Ditosa esta alma vossa, que quizestes
Em posse pôr de prenda taõ subida,
Como, Senhora, foi a que me déstes.
Melhor a guardarei, que a propria vida;
Que pois mercê tamanha me fizestes,
De mi será jámais nunca esquecida.

ADVERTENCIA.

Na Ediçaõ das Obras de Luis de Camões, que em tres tomos de doze se fez em Lisboa no anno de 1772 na Officina de Miguel Rodrigues, onde saõ tantos os erros, como as palavras, se acham 314 Sonet s, fazendo conta a se acharem errados os numeros dos ultimos dous Sonetos; pois devendo ser 313, e 314, se ve o mesmo numero 312 duas vezes repetido. De nenhuma maneira devemos estar por este número de 314 Sonetos, que se acha nesta Ediçaõ, e na Parisiense de 1759; (onde no segundo Tomo se acham 236, e no terceiro 78) porque na verdade naõ saõ mais que 301 os que existem do nosso Poeta; (postoque desconfiemos que alguns o naõ sejaõ, como já advertimos na pag. 157) e se estes dous Editores augmentáram assim o número, foi porque, naõ sei se maliciosa, se negligentemente nas Impressões

repetiram alguns dos mesmos Sonetos; como se poderá ver nesta ultima de Miguel Rodrigues, na qual o Soneto 6 he o mesmo que o 119, o 46 o mesmo que o 186, o 101 o mesmo que o 271, o 103 o mesmo que o 264, o 104 o mesmo que o 265, o 105 o mesmo que o 278, o 106 o mesmo que o 185, o 109 o mesmo que o 134, o 121 o mesmo que o 221, o 128 o mesmo que o 220, o 136 o mesmo que o 222, e o 156 o mesmo que o 314. Advirta-se tambem que na Ediçaõ de 1720 feita por Joseph Lopes Ferreira, a qual nos apresenta 302 Sonetos, se acham tambem repetidos 4; a saber, o 101 que he o mesmo que o 226, o 103 que he o mesmo que o 217, o 104 que he o mesmo que o 218, e o 105 que he o mesmo que o 234..

CANÇÕES.

CANÇAÕ I.

Formosa, e gentil Dama, quando vejo
A testa de ouro, e neve, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O collo de crystal, o branco peito,
De meu naõ quero mais que meu desejo,
Nem mais de vós, que ver taõ lindo gesto.
Alli me manifesto
Por vosso a Deos, e ao Mundo; alli me inflãmo
Nas lagrimas que chóro;
E de mi que vos amo,
Em ver que soube amar-vos me namoro:
E fico por mi só perdido de arte,
Que hei ciumes de mi por vossa parte.
Se por ventura vivo descontente
Por fraqueza de esprito, padecendo
A doce pena que entender naõ sei,
Fujo de mi, e acolho-me correndo

A' vossa vista, e fico taõ contente
Que zombo dos tormentos que passei.
De quem me queixarei,
Se vós me dais a vida deste geito,
Nos males que padeço
Senaõ de meu sogeito,
Que naõ cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isto de mi cuidar naõ posso,
De estar muito soberbo com ser vosso.
Se por algum acerto amor vos erra
Por parte do desejo, commettendo;
Algum nefando, e torpe desatino;
E se inda mais que ver, em fim, pertendo;
Fraquezas saõ do corpo, que he de terra,
Mas naõ do pensamento, que he divino.
Se taõ alto imagino
Que de vista me perco, ou pecco nisto,
Desculpa-me o que vejo.
Porém como resisto
Contra hum taõ atrevido, e vão desejo,
Faço-me forte em vossa vista pura,
Armando-me da vossa formosura.
Das delicadas sobrancelhas pretas,
Os arcos com que fere amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios desses olhos fez as settas
Com que fere quem alça os seus a vellos.

Olhos que saõ taõ bellos
Daõ armas de vantajem ao amor,
Com que as almas destrue:
Porém se he grande a dor
Com a alteza do mal a restitue:
E as armas com que mata saõ de sorte
Que ainda lhe ficais devendo a morte.
Lagrimas, e suspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, formosa Dama,
Mimoso está do mal que por vós sente.
Qual bem maior deseja quem vos ama,
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?
Quem vive descontente
Naõ ha de dar allivio a seu desgosto,
Porque se lhe agradeça:
Mas com alegre rosto
Soffro seus males para que os mereça:
Que quem do mal se queixa que padece,
O faz porque esta gloria naõ conhece.
De modo que se cahe o pensamento
Em alguma fraqueza, de contente,
He porque este segredo naõ conheço.
Assi que com razões naõ tam sómente
Desculpo ao amor, de meu tormento,
Mas inda a culpa sua lhe agradeço.
Por esta fé mereço
A graça que esses olhos acompanha;

E o bem do doce riso.
Mas ah! Que naõ se ganha
Com hum paraiso, outro paraiso:
E de enleada assi minha esperança
Se satisfaz co' o bem que naõ alcança.
Se com razões escuso meu remedio,
Sabe, Cançaõ, que só porque naõ vejo,
Engano com palavras o desejo.

CANÇAÕ II.

A INSTABILIDADE da fortuna,
Os enganos suaves de amor cego,
(Suaves se duráram longamente)
Direi, por dar á vida algum socego,
Que pois a grave pena me importuna,
Importune meu canto a toda gente.
E se o passado bem co' o mal presente
Me endurecer a voz no peito frio,
O grande desvario
Dará de minha pena signal certo;
Que hum erro em tantos erros he concerto.
E pois nesta verdade me confio
(Se verdade se achar no mal que digo)
Saiba o Mundo de amor o desengano,
Que já com a razaõ se fez amigo,
Só por naõ deixar culpa sem castigo.
Já amor fez leis, sem ter comigo alguma:

Já se tornou de cego razoado,
Só por usar comigo semrazões.
E se em alguma cousa o tenho errado,
Com siso grande dor naõ vi nenhuma:
Nem elle deo sem erros affeiçoes:
Mas por usar de suas isenções,
Buscou fingidas causas de matar-me.
Que para derribar-me
A este abysmo infernal de meu tormento,
Nunca soberbo foi meu pensamento:
Nem pertendeo mais alto levantar-me
De aquillo que elle quiz; e se elle ordena
Que eu pague seu ousado atrevimento,
Saibam que o mesmo amor que me condena
Me fez cahir na culpa, e mais na pena.
Os olhos que eu adoro, aquelle dia
Que descêram ao baixo pensamento,
Na alma os aposentei suavemente;
E pertendendo mais, como avarento,
O coraçaõ lhe dei por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente:
Mas como lhes esteve alli presente,
E entendêram o fim do meu desejo,
Ou por outro despejo,
Que a lingua descobrio por desvario,
Morto de sede estou posto em hum rio,
Onde de meu servir o fructo vejo;
Mas logo se alça se a colhê-lo venho;

E foge-me á agua se em beber porfio:
Assi que em fome, e sede me mantenho,
Naõ tem Tantalo a pena que eu sostenho.
Despois q̃ aquella em quem minha alma vive,
Quiz alcançar o baixo atrevimento,
Debaixo de este engano a alcancei.
A nuvem do contino pensamento
Ma figurou nos braços, e assi a tive,
Sonhando o que acordado desejei.
E porque a meu desejo me gabei
De conseguir hum bem de tanto preço;
A'lém do que padeço,
Atado em huma roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando;
Onde, se a algum bem subo, logo deço;
E assi ganho, e assi perco a confiança:
E assi de mi fugindo traz mim ando:
E assi me tem atado huma vingança,
Como Ixiaõ, taõ firme na mudança.
Quando a vista suave, e inhumana,
Meu humano desejo, de atrevido,
Commetteo, sem saber o que fazia;
(Que da sua belleza foi nascido
O cego moço, que com sétta insana
O peccado vingou desta ousadia)
Afora este penar, que eu merecia,
Me deo outra maneira de tormento.
Que nunca o pensamento,

Voando sempre de huma a outra parte,
Destas entranhas tristes bem se farte;
Imaginando como, e famulento,
Que come mais, e a fome vai crescendo;
Porque de atormentar-me naõ se aparte:
Assi que para a pena estou vivendo.
Sou outro novo Ticio, e naõ me entendo.
De vontades alhêas que eu roubava,
E que enganosamente recolhia
Em meu fingido peito me mantinha:
O engano de maneira lhes fingia,
Que despois que a meu mando as sobjugava,
Com amor as matava, que eu naõ tinha.
Porém logo o castigo que convinha
O vingativo amor me fez sentir,
Fazendo-me subir
Ao monte da aspereza que em vós vejo,
Co' o pezado penedo do desejo,
Que do cúme do bem me vai cahir.
Torno a subi-lo ao desejado assento:
Torna a cahir-me; em vão, em fim pelejo.
Sisypho, naõ te espantes deste alento,
Que ás costas o subi do soffrimento.
Desta arte o summo bem se me offerece
Ao faminto desejo, porque sinta
A perda de perdê-lo mais penosa:
Bem como o avaro, a quem o sonho pinta
O achado de hum thesouro, onde enriquece,

E farta a sua sede cobiçosa;
E acordando, com furia presurosa
Vai o sitio cavar com que sonhava:
Mas tudo o que buscava
Lhe converte em carvaõ a desventura:
Alli sua cobiça mais se apura,
Por lhe faltar aquillo que esperava:
O amor assi me faz perder o siso;
Porque aquelles que estaõ na noite escura
Naõ sentiriam tanto o triste abisso,
Se ignorassem o bem do Paraiso.
Cançaõ, naõ mais; que já naõ sei que diga:
Mas porque a dor me seja menos forte,
Diga o pregaõ a causa desta morte.

CANÇAÕ III.

Ja' a roxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Dos montes descobrindo
A negra escuridaõ da luz avara.
O Sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Traz ella presuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiram nas hervas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre, e luminoso.
Os passaros voando,

De raminho em raminho vaõ saltando;
E com suave, e doce melodia
O claro dia estaõ manifestando.
A manhãa bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena.
Oh deleitosa pena!
Oh effeito de amor alto, e potente!
Pois permitte, e consente,
Que ou donde quer q̃ eu ande, ou donde esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viver triste sou contente.
Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças á ventura,
Pois as foi pôr em ti taõ excellentes,
Que representes tanta formosura.
A luz suave, e leda,
A meus olhos me mostra, por quem mouro;
Com os cabellos de ouro,
Que nenhum ouro iguala, se os remeda.
Esta a luz he que arreda
A negra escuridaõ do sentimento,
Ao doce pensamento:
Os orvalhos das flores delicadas
Saõ nos meus olhos lagrimas cansadas,
Que eu chóro co' o prazer de meu tormento.
Os passaros que cantam,

Meus espiritos saõ, que a voz levantam,
Manifestando o gesto peregrino,
Com taõ divino som, que o Mundo espantam.
Assi como acontece,
A quem a chara vida está perdendo,
Que em quanto vai morrendo,
Alguma visaõ santa lhe apparece;
A mim em quem fallece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A esta alma qne em vós mora
(Em quanto da prisaõ se está apartando)
Vos estais juntamente apresentando
Em fórma de formosa, e roxa Aurora.
Oh ditosa partida!
Oh gloria soberana, alta, e subida!
Se mo naõ impedir o meu desejo,
Porque o que vejo, em fim, me torna a vida.
Porém a natureza
Que nesta pura vista se mantinha,
Me falta taõ asinha,
Como o Sol faltar soe á redondeza.
Se houverdes que he fraqueza
Morrer em taõ penoso, e triste estado,
Amor será culpado,
Ou vós, onde elle vive taõ isento,
Que causastes taõ largo apartamento,
Porque perdesse a vida co' o cuidado.
Que se viver naõ posso,

Homem formado só de carne, e osso;
Esta vida que perco, amor ma deo;
Que naõ sou meu: se morro, o damno he vosso.
Cançaõ de cysne, feita em hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deixo em companhia
Do letreiro da minha sepultura:
Que a sombra escura já me impede o dia.

CANÇAÕ IV.

Vaõ as serenas agoas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar naõ param:
Por onde as minhas mágoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começáram.
Alli se me mostráram
Neste lugar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve, e de ouro;
Riso brando, e suave; olhar sereno;
Hum gesto delicado,
Que sempre na alma me estará pintado.
Nesta florida terra,
Leda, fresca, e serena,
Ledo, e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra,

Glorioso co' a pena
Que de taõ bellos olhos procedia.
De hum dia em outro dia,
O esperar me enganava.
Tempo longo passei:
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho se empregava.
Mas que me presta já,
Que taõ formosos olhos naõ os ha?
  Oh quem me alli dissera,
Que de amor taõ profundo
O fim pudesse ver eu algum'hora!
E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no Mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora,
Já perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me.
  Mas a mór alegria
Que de aqui levar posso,
E com que defender-me triste espero;
He que nunca sentia,
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto vos eu quero.

Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Naõ vos dará tal pena
Como a que me condena:
Que mais sentirei vosso sentimento
Que o que a minha alma sente.
Morra eu, Senhora; e vós ficai contente.
Tu, Cançaõ, estarás
Agora acompanhando
Por estes campos estas claras agoas:
E por mi ficarás
Com choro suspirando;
Porque ao Mundo, dizendo tantas magoas,
Como huma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

CANÇAÕ V.

Se este meu pensamento,
Como he doce, e suave,
Da alma pudesse vir gritando fóra;
Mostrando seu tormento
Cruel, aspero, e grave,
Diante de vós só, minha Senhora,
Pudera ser que agora
O vosso peito duro
Tornára manso, e brando:
E entaõ eu, que sempre ando

Passaro solitario, humilde, e escuro,
Tornado hum cysne puro,
Brando, e sonoro, por o ar voando,
Com canto manifesto,
Pintára a minha pena, e o vosso gesto.
Pintára os olhos bellos
Que trazem nas meninas
O menino que os seus nelles cegou:
Os dourados cabellos
Em tranças de ouro finas,
A quem o Sol os raios seus baixou:
A testa que ordenou
Natura taõ formosa:
O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado,
Que cada parte tem da fresca rosa:
A boca graciosa,
Que o querê-la louvar he já escusado:
Em fim, he hum thesouro;
Pérolas dentes, e palavras ouro.
Vira-se claramente,
(Oh Dama delicada!)
Que em vós se esmerou mais a natureza:
Mas eu de gente em gente,
Trouxera trasladada
Em meu tormento vossa gentileza:
E sómente a aspereza
De vossa condiçaõ,

Senhora, naõ dissera,
Porque se naõ soubera
Que em vós podia haver algum senaõ.
E se alguem, com razaõ,
Porque morres, dissesse: respondera;
Morro, porque he taõ bella,
Que inda naõ sou para morrer por ella.
E quando, por ventura,
Dama, vos offendesse,
Escrevendo de vós o que naõ sento,
E vossa formosura
Tanto á terra descesse,
Que a alcançasse humano entendimento,
Seria o fundamento
De tudo o que eu cantasse,
Todo de puro amor,
Porque o vosso louvor
Em figura de mágoas se mostrasse:
E aonde se julgassse
A causa por o effeito, a minha dor
Diria alli sem medo;
Quem me sentir verá de quem procedo.
Logo entaõ mostraria
Os olhos saudosos;
E o suspirar que traz a alma comsigo;
A fingida alegria;
Os passos vagarosos;
O fallar, e esquecer-me do que digo:

Hum pelejar comigo,
E logo desculpar-me:
Hum recear ousando;
Andar meu bem buscando,
E de o poder achar acovardar-me;
E, em fim, averiguar-me
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
Saõ lagrimas, e amores;
Saõ vossas isenções, e minhas dores.
Mas quem terá, Senhora,
Palavras com que iguale
Com vossa formosura a minha pena;
E em doce voz de fóra
Aquella gloria falle
Que dentro na minha alma amor ordena?
Naõ póde taõ pequena
Força de engenho humano,
Com carga taõ pezada,
Senaõ for ajudada
De hum piedoso olhar, de hum doce engano,
Que fazendo-me o dano
Taõ deleitoso, e a dor taõ moderada
Em fim se convertesse
No gosto dos louvores que escrevesse.
Cançaõ, naõ digas mais; e se teus versos
A' penna vem pequenos,
Naõ queiram de ti mais, que dirás menos.

CANÇAÕ VI.

Com força desusada
Aquenta o fogo eterno
Huma Ilha nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Aonde o duro Inverno
Os campos reverdece alegremente.
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas
Tem della o senhorio.
Cercada está de hum rio
De maritimas aguas saudosas.
Das hervas que aqui nascem,
Os gados juntamente, e os olhos pascem.
Aqui minha ventura
Quiz que huma grande parte
Da vida, que eu naõ tinha, se passasse;
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue, e de lembranças matizasse.
Se amor determinasse
Que a troco desta vida,
De mi qualquer memoria
Ficasse como historia,
Que de hũus formosos olhos fosse lida,
A vida, e a alegria,

Por taõ doce memoria trocaria.
  Mas este fingimento,
Por minha dura sórte,
Com falsas esperanças me convida.
Naõ cuide o pensamento
Que póde achar na morte,
O que naõ pode achar taõ longa vida.
Está já taõ perdida
A minha confiança,
Que de desesperado,
Em ver meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança.
Mas oh, que se algum dia
Desesperar pudesse, viviria!
  De quanto tenho visto,
Já agora naõ me espanto,
Que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa disto,
Pois eu nunca fui tanto
Que causasse este fogo que me encende.
Se cuidam que me offende
Temor de esquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fora taõ amigo,
Que algum temor deixára ao pensamento.
Quem vio tamanho enleo?
Que houvesse ahi esperança sem receo!
  Quem tem que perder possa,

Só póde recear.
Mas triste quem naõ póde já perder!
Senhora, a culpa he vossa,
Que para me matar
Bastára hum'hora só de vos naõ ver.
Puzestes-me em poder
De falsas esperanças,
E do que mais me espanto,
Que nunca vali tanto,
Que visse tanto bem como esquivanças.
Valia taõ pequena
Naõ póde merecer taõ doce pena.
  Houve-se amor comigo
Taõ brando, ou pouco irado,
Quanto agora em meus males se conhece.
Que naõ ha mór castigo
Para quem tem errado,
Que negar-lhe o castigo que merece.
Da sórte que acontece
Ao misero doente,
Da cura despedido,
Que o Medico advertido,
Tudo quanto deseja lhe consente;
O amor me consentia
Esperanças, desejos, e ousadia.
  E agora venho a dar
Conta do bem passado,
A esta triste vida, e longa ausencia.

Quem póde imaginar
Que houvesse em mi peccado
Digno de huma taõ grave penitencia?
Olhai que he consciencia
Por taõ pequeno erro,
Senhora, tanta pena.
Naõ vedes que he onzena?
Mas se taõ longo, e misero desterro
Vos dá contentamento,
Nunca me acabe nelle o meu tormento.
Rio formoso, e claro,
E vós, ó arvoredos,
Que os justos vencedores coroais;
E ao cultor avaro,
Continuamente ledos,
De hum tronco só, diversos fructos dais;
Assi nunca sintais
Do tempo injúria algũa,
Que em vós achem abrigo
As mágoas que aqui digo,
Em quanto der o Sol virtude á Lũa;
Porque de gente em gente
Saibam que já naõ mata a vida ausente.
Cançaõ, neste desterro vivirás,
Voz núa, e descoberta,
Até que o tempo em ecco te converta.

CANÇAÕ VII.

Manda-me amor que cante docemente
O que elle já em minha alma tem impresso,
Com presupposto de desabafar-me;
E porque com meu mal seja contente,
Diz que o ser de taõ lindos olhos preso,
Cantá-lo bastaria a contentar-me.
Este excellente modo de enganar-me
Tomára eu só de amor por interesse,
Senaõ se arrependesse,
Com a pena o engenho escurecendo.
Porém a mais me atrevo,
Em virtude do gesto de que escrevo.
E se he mais o que canto que o que entendo,
Invoco o lindo aspeito,
Que póde mais que amor em meu defeito.
Sem conhecer a amor viver soia,
Seu arco, e seus enganos desprezando,
Quando vivendo delles me mantinha.
Hum amor enganoso, que fingia
Mil vontades alheas enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha.
No Touro entrava Phebo, e Progne vinha;
O corno de Acheloo Flora entornava;
Quando o amor soltava
Os fios de ouro, as tranças encrespadas,

Ao doce vento esquivas;
Os olhos rutilando chammas vivas;
E as rosas entre a neve semeadas;
Co' o riso taõ galante,
Que hum peito desfizera de diamante.
Hum naõ sei que suave respirando,
Causava hum admiravel, novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentiam.
Alli as garrulas aves, levantando
Vozes naõ ordinarias, em seu canto,
Como eu no meu desejo, se encendiam.
As fontes crystallinas naõ corriam,
De inflammadas na vista linda, pura.
Florecia a verdura,
Que andando co' os divinos pés tocava.
Os ramos se baixavam,
Ou de inveja das hervas que pizavam,
Ou porque tudo ant'ella se baixava.
Naõ houve cousa, em fim,
Que naõ pasmasse della, e eu de mim.
Porque quando vi dar entendimento
A's cousas que o naõ tinham, o temor
Me fez cuidar que effeito em mi faria.
Conheci-me naõ ter conhecimento;
Porém só nisto o tive, porque amor
Mo deixou para ver o que podia.
Tanta vingança amor de mi queria,
Que mudava a humana natureza

Nos montes, e a dureza
Delles em mi por troco traspassava.
Oh que gentil partido,
Trocar o ser do monte sem sentido,
Por o que em hum juizo humano estava!
Olhai que doce engano,
Tirar commum proveito de meu dano!
  Assi que indo perdendo o sentimento
A parte racional, me entristecia
Vê-la a hum appetite submettida.
Mas dentro na alma o fim do pensamento,
Por taõ sublime causa, me dizia
Que era razaõ ser a razaõ vencida.
Assi que quando a via ser perdida,
A mesma perdiçaõ a restaurava,
E em mansa paz estava
Cada hum com seu contrário em hum sogeito.
Oh grão concerto este!
Quem será que naõ julgue por celeste
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coraçaõ
Que venha o appetite a ser razaõ?
  Aqui senti de amor a mór fineza,
Como foi ver sentir o insensivel;
E o ver a mi de mi proprio perder-me;
E, em fim, senti negar-se a natureza:
Por onde cri que tudo era possivel
Aos lindos olhos seus, senaõ querer-me.

Despois que já senti desfallecer-me,
Em lugar do sentido que perdia,
Naõ sei quem me escrevia
Dentro na alma co' as letras da memoria,
O mais deste processo
Co' o claro gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de taõ longa historia.
Se bem a declarei,
Eu naõ a escrevo, da alma a trasladei.
Cançaõ, se quem te ler
Naõ crer dos olhos lindos o que dizes,
Por o que em ti se esconde;
Os sentidos humanos (lhe responde)
Naõ pódem dos divinos ser juizes,
Senaõ de hum pensamento
Que a falta suppra a fé do entendimento.

A Cançaõ que se segue he ao mesmo assumpto que a antecedente: ambas escreveo Luis de Camoẽs imitando outra de Pedro Bemho, que principia: Perche'l piacer aragionar m'invoglia etc. *a qual vem entre as Rhythmas deste Author, impressas em Veneza, no anno de* 1567.

CANÇAÕ VIII.

Manda-me amor que cante o q̃ a alma sente,
Caso que nunca em verso foi cantado,

Nem de antes entre a gente acontecido.
Assi me paga em parte o meu cuidado,
Pois que quer que me louve, e represente
Quaõ bem soube no Mundo ser perdido.
Sou parte, e naõ serei da gente crido:
Mas he tamanho o gosto de louvar-me,
E de manifestar-me
Por captivo de gesto taõ formoso,
Que todo o impedimento
Rompe, e desfaz a gloria do tormento,
Peregrino, suave, e deleitoso:
Que bem sei que o que canto
Ha de achar menos credito que espanto.
Eu vivia do cego amor isento;
Porém taõ inclinado a viver preso,
Que me dava desgosto a liberdade.
Hum natural desejo tinha acceso
De algum ditoso, e doce pensamento,
Que me illustrasse a insana mocidade.
Tornava do anno já a primeira idade;
A revestida terra se alegrava,
Quando o amor me mostrava
De fios de ouro as tranças desatadas
Ao doce vento estivo;
Os olhos rutilando lume vivo,
As rosas entre a neve semeadas;
O gesto grave, e ledo,
Que juntos move em mi desejo, e medo.

Hum naõ sei que suave respirando,
Causava hum desusado, e novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentiam:
Porque as garrulas aves entretanto
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu desejo, se encendiam.
As fontes crystallinas naõ corriam,
Inflammadas na vista clara, e pura:
Florecia a verdura,
Que andando, co' os ditosos pés tocava:
As ramas se baixavam,
Ou de inveja das hervas que pizavam,
Ou porque tudo ante elles se baixava:
O ar, o vento, o dia,
De espiritos continuos influia.
E quando vi que dava entendimento
A cousas fóra delle, imaginei
Que milagres faria em mi que o tinha.
Vi que me desatou da minha lei,
Privando-me de todo sentimento,
E em outra transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes de amor vinha,
Que o uso dos sentidos me tirava.
E naõ sei como dava
Contra o poder, e ordem de natura,
A's arvores, aos montes,
A rudeza das hervas, e das fontes,
Que conhecêram logo a vista pura:

Fiquei eu só tornado
Quasi em hum rudo tronco de admirado.
Despois de ter perdido o sentimento
De humano, hum só desejo me ficava,
Em que toda a razaõ se convertia:
Mas naõ sei quem no peito me affirmava
Que por taõ alto, e doce pensamento,
Com razaõ a razaõ se me perdia:
Assi que quando mais perdida a via,
Na sua mesma perda se ganhava.
Em doce paz estava
Com seu contrário proprio em hum sogeito.
Oh caso estranho, e novo!
Por alta, e grande, certamente approvo
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coraçaõ
Que hum desejo sem ser seja razaõ.
Despois de entregue já ao meu desejo,
Ou quasi nelle todo convertido,
Solitario, sylvestre, e inhumano,
Taõ contente fiquei de ser perdido,
Que me parece tudo quanto vejo
Escusado, senaõ meu proprio dano.
Bebendo este suave, e doce engano,
A troco dos sentidos que perdia,
Vi que amor me esculpia
Dentro na alma a figura illustre, e bella,
A gravidade, o siso,

A mansidaõ, a graça, o doce riso:
E porque naõ cabia dentro nella
De bens tamanhos tanto,
Sahe por a boca convertida em canto.
Cançaõ, se te naõ crerem
De aquelle claro gesto quanto dizes,
Por o que em si lhe esconde;
Os sentidos humanos (lhe responde)
Naõ podem dos divinos ser juizes,
Senaõ hum pansamento,
Que a falta suppra a fé do entendimento.

CANÇAÕ IX.

Tomei a triste pena
Já de desesperado
De vos lembrar as muitas que padeço;
Vendo que me condena
A ficar eu culpado
O mal que me tratais, e o que mereço.
Confesso que conheço
Que em parte a causa dei
Ao mal em que me vejo,
Pois sempre o meu desejo
A taõ largas promessas entreguei:
Mas naõ tive suspeita
Que seguisseis tençaõ taõ imperfeita.
Se em vosso esquecimento

Taõ condemnado estou
Como os signaes demostram que mostrais,
Neste vivo tormento,
Lembranças mais naõ dou
Que as que desta razaõ tomar queirais.
Olhai que me tratais
Assi de dia em dia
Com vossas esquivanças,
E as vossas esperanças
De que vãamente já me enriquecia,
Renovam a memoria,
Pois com a têr de vós só tenho gloria.
E s'isto conhecesseis
Sem verdade mais pura,
Do que de Arabia o ouro reluzente,
Inda que naõ quizesseis,
Essa condiçaõ dura,
Em branda se mudára facilmente.
Eu vendo-me innocente,
Senhora, neste caso,
Bem no arbitrio o puzera
De quem sentença dera
Com que o que he justo se mostrasse raso;
Se, em fim, naõ receára
Que a vós por mi, e a mi por vós matára.
Em vós escripta vi
Vossa grande dureza,
E na alma escripta está, que de vós vive:

Naõ que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano que entaõ tive;
Porque antes que me prive
A dor de meus sentidos,
Ao penoso tormento
Acode o entendimento
Com dous fortes soldados guarnecidos
De rica pedraria,
Que ficam sendo minha luz, e guia.
  Destes acompanhado
Estou posto sem medo
A tudo o que o fatal destino ordene:
Póde ser que cansado,
Ou seja tarde, ou cedo,
Com pena de penar-me me despene.
E quando me condene,
(Que he o que mais espero)
Inda a penas maiores,
Perdidos os temores,
Por mais que venham, naõ direi, naõ quero.
Estou, em fim, taõ forte,
Que naõ póde mudar-me a propria morte.
  Cançaõ, se já naõ queres
Crer tanta crueldade,
Lá vai onde verás minha verdade.

CANÇAÕ X.

Junto de hum secco, duro, esteril monte,
Inutil, e despido, calvo, e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vòa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
He Feliz, por antiphrasi infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde hum braço de alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice,
Ficando á parte, donde
O Sol, que nella ferve, se lhe esconde;
O Cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo, e teve,
Minha fera ventura.

Aqui nesta remota, aspera, e dura
Parte do Mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço:
Porque ficasse a vida
Por o Mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, maos, e solitarios,
De trabalho, de dor, de ira cheios:
Naõ tendo, naõ, sómente por contrarios
A vida, o Sal ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, férvidos, e feios,
Mas os meus pensamentos, que saõ meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada, e breve gloria,
Que eu já no Mundo vi quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrar-me que havia
No Mundo muitas horas de alegria.
Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastando tempo, e vida; os quaes taõ alto
Me subiam nas azas, que cahia
(Oh, vede se seria leve o salto!)
De sonhados, e vãos contentamentos,
Em desesperaçaõ de ver hum dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros, e em suspiros,

Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeada, e de pezares;
Desamparada, e descoberta aos tiros
Da soberba fortuna;
Soberba, inexoravel, e importuna.
Naõ tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Hum pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dor lhe era, e causa que padeça,
Mas que pereça naõ; porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh que este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos da voz importunados
Parece que se enfream:
Sómente o Ceo severo,
As estrellas, e o fado sempre fero,
Com meu perpétuo damno se recream;
Mostrando-se potentes, e indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, e taõ pequeno.
Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum'hora
Lembrava a hũus claros olhos que já vi;
E se esta triste voz rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
De aquella em cuja vista já vivi;

A qual tornando hum pouco sobre si,
Revolvendo na mente presurosa
Os tempos já passados
De meus doces errores,
De meus suaves males, e furores,
Por ella padecidos, e buscados;
E (posto que já tarde) piedosa,
Hum pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse.
Isto só que soùbesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah Senhora! ah Senhora! E que taõ rica
Estais, que cá taõ longe de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho, e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro, e forte
Contra o rosto feroz da féra morte;
E logo se me juntam esperanças
Com que a fronte, tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas, e suaves.
Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós Senhora;
A's aves que alli voam, se vos víram,

Que fazeis, que estaveis praticando;
Onde, como, com quem, que dia, e qu'hora.
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna, e trabalho,
Só por tornar a ver-vos,
Só por ir a servir-vos, e querer-vos:
Diz-me o tempo que a tudo dará tallho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreo, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
Assi vivo; e se alguem te perguntasse,
Cançaõ, porque naõ mouro;
Podes-lhe responder; que porque mouro.

CANÇAÕ XI.

Vinde cá meu taõ certo Sacretario
Dos queixumes que sempre ando fazendo,
Papel, com quem a pena desaffógo.
As sem razões digamos, que vivendo
Me faz o inexoravel, e contrario
Destino, surdo a lagrimas, e a rogo.
Lancemos agua pouca em muito fogo,
Accenda-se com gritos hum tormento,
Que a todas as memorias seja estranho.
Digamos mal tamanho
A Deos, ao Mundo, á gente, e em fim, ao vento,

A quem já muitas vezes o contei,
Tanto debalde como o conto agora,
Mas já que para errores fui nascido,
Vir este a ser hum delles naõ duvido.
E pois já de acertar estou taõ fóra;
Naõ me culpem tambem se nisto errei.
Se quer este refugio só terei,
Fallar, e errar sem culpa livremente.
Triste quem de taõ pouco está contente!
Já me desenganei, que de queixar-me
Naõ se alcança remedio; mas qnem pena,
Forçado lhe he gritar se a dor he grande.
Gritarei; mas he debil, e pequena
A voz para poder desabafar-me;
Porque nem com gritar a dor se abrande.
Quem me dará se quer que fóra mande
Lagrimas, e suspiros infinitos,
Iguaes ao mal que dentro na alma mora?
Mas quem póde algum'hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Direi, em fim, aquillo que me ensinam
A ira, e mágoa, e dellas a lembrança;
Que outra dor he por si mais dura, e firme.
Chegai, desesperados, para ouvir-me;
E fujam os que vivem de esperança,
Ou aquelles que nella se imaginam;
Porque amor, e fortuna determinam
De lhes deixar poder para entenderem

A medida dos males que tiverem.
Quando vim da materna sepultura
De novo ao Mundo, logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado,
Com ter livre alvedrio mo naõ deram;
Que eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, e o peor segui forçado.
E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandam que diligente
Hum menino sem olhos me ferisse.
As lagrimas da infancia já manavam
Com huma saudade namorada:
O som dos gritos que no berço dava
Já como de suspiros me soava.
Co' a idade, e fado estava concertado:
Porque quando por acaso me embalavam,
Se de amor tristes versos me cantavam,
Logo me odormecia a natureza,
Que taõ conforme estava co' a tristeza.
Foi minha ama huma féra; que o destino
Naõ quiz que mulher fosse a que tivesse
Tal nome para mi, nem a haveria.
Assi criado fui, porque bebesse
O veneno amoroso de menino,
Que na maior idade beberia,
E por costume naõ me mataria.

Logo entaõ vi a imagem, e semelhança,
De aquella humana féra taõ formosa,
Suave, e venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança,
De quem eu vi despois o original,
Que de todos os grandes desatinos
Faz a culpa soberba, e soberana.
Parece-me que tinha fórma humana,
Mas scintilava espiritos divinos.
Hum meneo, e presença tinha tal,
Que se vãagloriava todo o mal,
Na vista della: a sombra co' a viveza
Excedia o poder da natureza.
Que genero taõ novo de tormento
Teve amor, sem que fosse naõ sómente
Provado em mi, mas todo executado?
Implacaveis durezas que ao fervente
Desejo, que dá força ao pensamento,
Tinham de seu proposito abalado;
E corrido de ver-se, e injuriado.
Aqui sombras phantasticas trazidas
De algumas temerarias esperanças:
As bemaventuranças
Tambem nellas pintadas, e fingidas:
Mas a dor do desprezo recebido,
Que todo o phantasiar desatinava,
Estes enganos punha em desconcerto:
Aqui o adivinhar, e o ter por certo

Que era verdade quanto adivinhava:
E logo o desdizer-me de corrido;
Dar ás cousas que via outro sentido;
E para tudo, em fim, buscar razões:
Mas eram muitas mais as semrazões.
Naõ sei como sabia estar roubando
Co' os raios as entranhas, que fugiam
Par'ella por os olhos subtilmente!
Pouco a pouco invenciveis me sahiam;
Bem como do véo humido exhalando
Está o subtil humor o Sol ardente.
O gesto puro em fim, e transparente,
Para quem fica baixo, e sem valia
Este nome de bello, e de formoso;
O doce, e piedoso
Mover de olhos, que as almas suspendia,
Foram as hervas magicas, que o Ceo
Me fez beber; as quaes por longos anos
N'outro ser me tiveram transformado;
E taõ contente de me ver trocado,
Que as mágoas enganava co' os enganos:
E diante dos olhos punha o véo,
Que me encobrisse o mal que assi cresceo,
Como quem com affagos se criava
De aquelle para quem crescido estava.
Pois quem póde pintar a vida ausente,
Com hum descontentar-me quanto via,
E aquelle estar taõ longe donde estava,

O fallar sem saber o que dizia,
Andar sem ver por onde, e juntamente
Suspirar sem saber que suspirava?
Pois quando aquelle mal me atormentava,
E aquella dor que das Tartareas agoas
Sahio ao Mundo, e mais que todas doe,
Que tantas vezes soe
Duras iras tornar em brandas mágoas?
Agora co' o furor da mágoa irado,
Querer, e naõ querer deixar de amar;
E mudar n'outra parte, por vingança,
O desejo privado de esperança,
Que taõ mal se podia já mudar?
Agora a saudade do passado
Tormento puro, doce, e magoado,
Que converter fazia estes furores
Em magoadas lagrimas de amores.
Que desculpas comigo só buscava,
Quando o suave amor me naõ soffria
Culpa na cousa amada, e taõ amada!
Eram, em fim, remedios que fingia
O medo do tormento, que ensinava
A vida a sustenar-se de enganada.
Nisto huma parte della foi passada,
Na qual se tive algum contentamento
Breve, imperfeito, tímido, indecente,
Naõ foi senaõ semente
De hum cumprido, amarissimo tormento.

Este curso contino de tristeza,
Estes passos vãamente derramados,
Me foram apagando o ardente gosto,
Que taõ de siso na alma tinha posto,
De aquelles pensamentos namorados;
Com que criei a tenra natureza:
Que do longo costume da aspereza,
Contra quem força humana naõ resiste,
Se converteo no gosto de ser triste.
Desta arte a vida em outra fui trocando;
Eu naõ, mas o destino fero, irado;
Que eu, inda assi, por outra a naõ trocára.
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida chara.
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse, e tocasse o acerbo fructo seu:
E neste escudo meu
A pintura veraõ do infesto fogo.
Agora peregrino, vago, errante,
Vendo nações, linguagẽes, e costumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Só por seguir com passos diligentes
A ti, fortuna injusta, que consumes
As idades, levando-lhes diante
Huma esperança em vista de diamante:
Mas quando das mãos cahe se conhece

Que he fragil vidro aquillo que apparece.
A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contrária via,
No perigo primeiro; e no segundo,
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me, em fim, o tempo, e o Mundo.
Que segredo taõ arduo, e taõ profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ella!
E naõ poder perdella,
Estando tantas vezes já perdida!
Em fim, naõ houve trance de fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
(Injustiças de aquelles que o confuso
Regimento, do Mundo antigo abuso,
Faz sobre os outros homẽes, poderosos!)
Que eu naõ passasse atado á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguiçaõ de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.
Naõ conto tantos males, como aquelle
Que despois da tormenta procellosa,
Os casos della conta em porto ledo:
Que inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum só passo tenho medo.
Já de mal que me venha naõ me arredo,

Nem bem que me falleça já pertendo;
Que para mi naõ val astucia humana.
De força soberana,
Da Providencia, em fim, Divina pendo.
Isto que cuido, e vejo, a vezes tómo
Para consolaçaõ de tantos danos.
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre, e naõ alcança
Senaõ memoria dos passados anos,
As aguas que entaõ bebo, e o pam que como
Lagrimas tristes saõ, que eu nunca domo,
Senaõ com fabricar na phantasia
Phantasticas pinturas de alegria.
Que se possivel fosse que tornasse
O tempo para traz, como a memoria,
Por os vestigios da primeira idade;
E de novo tecendo a antigua historia
De meus doces errores, me levasse
Por as flores que vi da mocidade;
E a lembrança da longa saudade
Entaõ fosse maior contentamento,
Vendo a conversaçaõ léda, e suave,
Onde huma, e outra chave
Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os signais,
A vista, a neve, a rosa, a formosura,
A graça, a mansidaõ, a cortezia,
A singela amizade, que desvia

Toda a baixa tençaõ, terrena, impura,
Como a qual outra alguma naõ vi mais.
Ah vãas memorias! onde me levais
O debil coraçaõ, que inda naõ posso
Domar bem este vão desejo vosso?
Naõ mais, Cançaõ, naõ mais; q̃ irei fallando,
Sem o sentir, mil annos, e se acaso
Te culparem de larga, e de pezada;
Naõ póde ser (lhe dize) limitada
A agua do mar em taõ pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
Co' o gosto do louvor; mas explicando
Puras verdades já por mi passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!

CANÇAÕ XII.

Nem roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, e da verdura,
Colhida entre outras mil,
Foi nunca assi agradavel á donzella
Cortez, alegre, e bella,
De sua mãi cuidado, e gloria pura,
Como a mi foi a inculta formosura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua Esphera.
Natural fonte agreste,
Naõ lavrada de Artifice excellente,

Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Naõ fez já mais taõ lédo
Cansado caçador por sésta ardente,
Quanto o cuidado a mi me fez contente
Do ver taõ descuidado,
Que faz sereno a Jupiter irado.
Fructa que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acerto.
A quem pintada a vê de sangue, e leite;
Naõ lhe dará o deleite
Que essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma formosura;
E o toucado sem arte,
Que tornára Pastor ao bravo Marte.
A manhãa graciosa,
Que derramando sahe de entre os cabellos,
A flor, o lirio, a rosa,
Sem ajuda de ornato, ou de artificio,
Naõ faz o beneficio
Que faz a luz dos vossos olhos bellos,
A quem os vê taõ puros, e singelos;
E esse innocente riso,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphriso.
Outeiros coroados
Das arvores que fazem a espessura
Com os ramos copados,

Alegre, que mão destra os naõ cultiva;
Graça taõ excessiva
Naõ tem na sua natural verdura,
Quanta na de esses olhos, clara, e pura,
Deposita a esperança,
Com que amor gosto, a mãi tormento alcança.
  Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada,
De entre os verdes raminhos,
Taõ suave naõ he, taõ deleitosa,
A quem na selva umbrosa
Com mente ouvindo-a está toda elevada,
Quanto a mi essa falla doce agrada,
E o natural aviso,
Que roubam a Mercurio sceptro, e siso.
  De frescos rios agoa,
Que clara entre arvoredos se deriva,
Cahindo de alta fragoa,
Esmaltando de pérolas no prado
O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Naõ nos alegra quanto a graça esquiva
De essa luz soberana,
Que faz cortez a rustica Diana.
  A tal luz (ó Cançaõ, que ousaste vella!)
Vendo estás já prostrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella;
E Mercurio, e Diana, e toda Estrella.

CANÇAÕ XIII.

Oh pomar venturoso,
Onde co' a natureza
A subtil arte tem demanda incerta;
Que em sitio taõ formoso
A maior subtileza
De engenho em ti nos mostra descoberta!
Nenhum juizo acerta,
De cego, e de elevado,
Se tem em ti mais parte
A natureza, ou arte;
Se terra, ou Ceo, de ti tem mais cuidado,
Pois em feliz terreno
Gozas de hum ar mais puro, e mais sereno.
De teu formoso pezo
Se mostra o monte lédo,
E o caudaloso Zezere te estranha,
Porque olhas com desprezo
Seu crystal puro, e quedo,
Que com Pera os teus pés rodea, e banha.
Em ti pintura estranha
A que Apelles cedêra,
Enigmas intricados,
E myrtos animados
Vemos, que o proprio Escopas naõ fizera:
Em ti, co' a paz interna,

Tem o santo prazer morada eterna.
  Os jardins da famosa
Babel, taõ nomeados
Por maravilha, o Mundo naõ levante,
Inda que com gloriosa
Voz, que estaõ pendurados
Do instavel ar, a fama antigua cante:
Nem haja quem se espante
Dos famosos de Alcino:
Nem as mais doutas pennas
Cantem os de Mecenas,
Cultor de todo engenho peregrino,
Mas onde quer que voe,
De ti só falle a fama, e te pregoe.
  Que se era antiguamente
De pomos de ouro bellos
O jardim das Hesperidas ornado;
E a pesar da serpente
Que os guardou, só colhellos
Pode o famoso Alcides, de esforçado;
Tu, mais avantajado,
Mostras a huma alma casta
Seguir o que deseja,
Fugir da torpe inveja;
(Pomos de ouro que o tempo naõ contrasta)
Em fim, co' a caridade
Vencer o Inferno, abrir a Eternidade.
  Por tanto, da ventura,

Para ti reservada,
Te deixe o Ceo gozar perpetuamente;
Porque sejas figura
Da gloria avantajada
Delle mesmo, e que em ti se represente;
Porque em quanto sustente
O Ceo, o mar, e a terra,
Seus feitos milagrosos,
Mysterios mais gloriosos,
Com que a morte das almas nos desterra,
Por onde em nossas almas
Com mais pompas triumpha, e com mais palmas.
Goza, pois, longamente
Teu venturoso fado,
Da Mãi do teu Auctor bem possuido:
Que em ti sempre contente
De seu sublime estado,
A alma dos seus alegra, e o sentido.
Cada qual preferido
Nas grandes qualidades
Ao sabio Nestor seja,
Para que o Mundo os veja
Exceder as longuissimas idades;
E com a longa vida
Seja sua memoria ennobrecida.
Cançaõ, pois mais famosas
Por ti naõ podem ser
Deste monte as estancias deleitosas;

Bem póde succeder
Que aquelle que os teus numeros governa,
Por queré-las cantar te faça eterna.

CANÇAÕ XIV.

Quem com sólido intento
Os segredos buscar da natureza,
Quanto de Athenas préza,
Entregue ao mar irado, ao leve vento
Em forjar meu tormento,
Nova Philosophia,
De experiencias feita, amor me ensina.
Das Leis do antigo tempo bem declina,
Que amor, e a natureza, em mi varía,
Donde escólas de Sabios nunca vio
Em natural sogeito,
Quanto amor em meu peito descobrio.
As aves no ar sereno,
O gado de Protheo nas aguas pasce;
Vive o homem, e nasce
Neste Mundo, qual Mundo mais pequeno.
Eu tudo desordeno,
Em todos dividido;
A boca no ar, na terra o entendimento:
Dá-me esse amor, dá-me esta o pensamento;
O coraçaõ no fogo he consumido:
Mas a agua, que dos olhos sempre desce,

Tem effeito taõ vário,
Que em hum humor contrário o fogo cresce.
Da vista amor soia
Abrir ao coraçaõ segura entrada;
Lei he já profanada:
Que quando a luz de hũus olhos me feria,
Amando o que naõ via,
Qual de escopeta o lume,
Primeiro o querer vi, que a causa visse.
Quem o desejo co' a esperança unisse,
Cego iria apoz cego, e vil costume.
Que eu desta alma, das Leis do Mundo isenta,
Morta a esperança vejo,
Onde sempre o desejo se sustenta.
Em vão se considera
Que hum semelhante a outro busca, e ama,
E que foge, e desama
Todo mortal a morte esquiva, e fera:
Sigo huma linda fera,
Que esconde em vista humana
Coraçaõ de diamante, e peito de aço,
De meu sangue faminta; e satisfaço
Com cruel morte a sede deshumana:
Assi que sendo em tudo differente
Corro apoz minha sorte,
E se me entrego á morte estou contente.
Cahe em maior defeito
Quem cuida ser sciencia clara, e certa,

Que a causa descoberta
Sempre produz a si conforme o effeito:
Rendeo-me hum lindo objeito,
Que sendo neve pura
Vivo me abraza, e o fogo interno aviva:
Que esta formosa fera fugitiva,
Com ser neve, do fogo se assegura:
Donde infiro por certo, (e cesse a fama
Vãa, mentirosa, e leve)
Que naõ desfaz a neve ardente chama.
Bem no effeito se sente
Cessar, cessando a causa donde pende;
Que o fogo mais se accende
Estando á vista donde mais ausente;
Mas na alma vivamente
A trazem debuxada,
De noite amor, de dia o pensamento:
E quando Apollo deixa o claro assento,
Por entre sombras vejo a Nympha amada:
Pois se sem luz amor os olhos ceva,
Cego, se naõ concede
Que em nada a amor impede a escura treva.
Erra quem atrevido
Pregôa ser maior que a parte o todo:
Amor me tem de modo,
Que estou n'hum'alma minha convertido:
Desta gloria ha nascido
O temor de perdê-la:

E postoque o receo a muitos finge
Lá na imaginaçaõ Chimera, e Sfinge,
De mal futuro, que urde imiga estrella,
Vejo em mi, por incognitò segredo,
Quando estou maiz contente,
Que só do bem presente nasce o medo.
Tem-se por manifesto
Parecer-se ao sogeito o accidente;
Mas inda em mi se sente
O pensamento, a côr, o riso, o gesto:
E tendo todo o resto
Da vida já perdido
Neste tormento meu taõ duro, e esquivo,
A gostos morto estou, apenas vivo:
E sendo morto já, vive o sentido,
Porque sinta que na alma despedida,
Póde em meu mal unir-se
O ficar, e o partir-se; a morte, e a vida.
Destas razões, Cançaõ, infiro, e creo,
Que ou se mudou em tudo a fórma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mi mudada.

CANÇAÕ XV.

Que he isto? Sonho? Ou vejo a Nympha pura,
Que sempre na alma vejo?
Ou me pinta o desejo

O bem que em vão cada hora me assegura?
Mal pode a noute escura,
Amando a sombra fria,
Mandar-me em sonho a luz formosa, e bella,
Que se naõ torne em dia,
De seus luzentes raios inflammada.
Oh vista desejada
De graciosa Nympha, e viva estrella!
Que ha tanto que por este mar navego,
(Sem ver meu claro Polo) escuro, e cego.
Nesses formosos olhos, de elevada,
Minha alma se escondeo,
Quando ordenava o Ceo
Que vivesse comigo desterrada.
Vós a mais certa estrada
De ver a summa alteza,
Do effeito a causa abrís a esta alma minha.
Assi mortal belleza
Só della nasce, e nella se resume:
Assi celeste lume
Lá dos Ceos se deriva, e lá caminha:
Pois como a Deos unir-me a vista possa,
Porque a negais, meu Sol, a esta alma vossa?
Se me quereis prender a parte a parte,
Cabello ondado, e louro,
Tecei-me a rede de ouro
Em que prendeo Vulcano a Cypria, e Marte.
Des que com gentil arte

Vestís de flores bellas
A terra em que tocais co' a bella planta,
Quantas vezes com vellas
Quiz n'huma de essas flores transformar-me?
Porque vendo pizar-me
De esse candido pé que a neve espanta,
Pode ser que na flor mudado fora
Que deo a Juno irada a linda Flora.
Mas onde te acolheste (ó doce vida!)
Mais leve, e presurosa,
Do que na selva umbrosa
Cerva de aguda sétta vai ferida!
Se para tal partida,
Meus olhos, vos abristes,
Cerrara-vos o somno eternamente,
Antes que ver-vos tristes,
Perdendo taõ suave, e doce engano.
Agora, com meu dano,
Vedes, para mór mágoa, claramente,
Neste bem fugitivo, e somno leve,
Que mal naõ ha mais longo, que hum bem breve.
Ditoso Endimiaõ, que a deosa chara,
Que a noite vai guiando
Teve em braços sonhando!
Ah, quem de sonho tal nunca acordára!
Tu só, Aurora avara,
Quando os olhos feriste,
Me mataste cruel de inveja pura:

Mas se de esta alma triste
A negra escuridaõ vencer quizeste,
Sabe que em vão nasceste:
Que para desfazer-se a nevoa escura
De meus olhos importa estar presente
Outro Sol, outra Aurora, outro Oriente.
Se a luz de meu Planeta,
Naõ me aviva, Cançaõ, branda, e quieta,
Qual flor de chuva, em breve consumida,
Verás desfeita em lagrimas a vida.

CANÇAÕ XVI.

Por meio de humas serras mui fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes aguas deleitosas.
Na ribeira de Buina, assi chamada,
Celebrada,
Porque em prados
Esmaltados
Com frescura
De verdura,
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Que excede a qualquer outra mais formosa.
As correntes se vem que acceleradas
As hervas regalando, e as boninas,
Se vaõ a entrar nas aguas Neptuninas,

Por diversas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a aurea arêa
Bem se arrêa;
Voam aves;
Mil suaves
Passarinhos
Nos raminhos
Acordemente estaõ sempre cantando,
Com doce accento os ares abrandando.
O doce rouxinol n'hum ramo canta,
E de outro o pintasirgo lhe responde:
A perdiz de entre a mata, em que se esconde,
O caçador sentindo, se levanta:
Voando vai ligeira mais que o vento;
Outro assento
Vai buscando,
Porém quando
Vai fugindo,
Retinindo,
Traz ella mais veloz a sétta corre,
De que, ferida, logo cahe, e morre.
Aqui Progne de hum ramo em outro ramo,
Co' o peito ensanguentado anda voando:
Cibato para o ninho indo buscando
A léda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pertende
Com engano

Fazer dano
A' coitada,
Que enganada
De hũus esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vai a cahir de seu imigo.
Aqui soa a calhandra na parreira;
A rola geme; palra o estorninho;
Sahe a candida pomba do seu ninho;
O tordo pousa em cima da oliveira:
Vaõ as doces abelhas susurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco, e frio,
Por o prado
De herva ornado,
Com que o aureo licor fazem, que deo
A' humana gente a industria de Aristeo.
Aqui as uvas luzidas penduradas
Das pampinosas vides resplandecem:
As frondiferas arvores se offrecem
Com differentes fructos carregadas:
Os peixes na agua clara andam saltando,
Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jucundas
Ondas comsigo trazem, crepitando

Por a praia alva com ruido brando.
Aqui por entre as serras se levantam
Animaes Calidoneos, e os veados,
Na fugida inda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pés se espantam.
Sahe o coelho, a lebre sahe manhosa
Da frondosa
Breve mata,
Donde a cata
Cam ligeiro;
Mas primeiro
Que ella ao contrário fervido se entregue,
A vezes deixa em branco a quem a segue.
Luzem as brancas, e purpureas flores,
Com que o brando Favonio a terra esmalta:
O formoso jacintho alli naõ falta,
Lembrado dos antiguos seus amores;
Inda na flor se mostram esculpidos
Os gemidos:
Aqui Flora
Sempre mora,
E com rosas
Mais formosas,
Com lirios, e boninas mil fragrantes,
Alegra os seus amores circumstantes.
Aqui Narciso em líquido crystal
Se namora de sua formosura:
Nelle as pendentes ramas da espessura

Debuxando-se estaõ ao natural.
Adonis, com que a linda Cytheréa
Se recréa,
Bem florido,
Convértido
Na bonina,
Que Erycina
Por imagem deixou de qual seria
Aquelle por quem ella se perdia.
Lugar alegre, fresco, accommodado
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego amor tivesse derribado:
E para memorar ao som das agoas
Suas magoas
Amorosas,
As cheirosas
Flores vendo,
Escolhendo,
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por grão penhor a Nymphas bellas.
Eu dellas, por penhor de meus amores,
Huma capella á minha deosa dava:
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem-mequeres entre tantas flores:
Porém, como se fora mal-mequeres,
Os poderes
Da crueldade

Na beldade
Bem mostrou;
Desprezou
A dadiva de flores; naõ por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

No tomo V. dos Commentarios ás Rhythmas, pag. 184, traz Manoel de Faria e Sousa a seguinte Cançaõ, feita á morte de D. Antonio de Noronha, e diz a achára no ultimo Munuscripto que descobrio das Obras do Poeta. A Cançaõ vinha alli em nome de huma D. Margarida; porém o mesmo Faria ultimamente assenta que he de Luis de Camões, e que este em parte disfarçára o estylo.

CANÇAÕ XVII.

A vida já passei assaz contente,
Livre tinha a vontade, e o pensamento,
Sem recêos de amor, nem da ventura:
Mas isto foi hum bem de hum só momento;
E á minha custa vejo claramente,
Que a vida naõ dá algum de muita dura.
No tempo em que eu vivia mais segura
De amor, e seu cuidado,
Por me ver n'hum estado
Em que eu cuidei que amor naõ tinha parte,
Naõ sinto por qual arte

Me vejo entregue a elle de tal sorte,
Que em quanto tarda a morte,
A esperança do bem tenho perdida.
Ai! Quaõ devagar passa a triste vida!
Quantas vezes eu triste aqui ouvia
O meu Felicio, e outros mil Pastores,
Queixar-se em vão de minha crueldade!
E mais surda entaõ eu a seus clamores,
Que aspide surda, ou surda penedia,
Julgava os seus amores por vaidade
Agora em pago disto a liberdade,
A vontade, e o desejo,
De todo entregue vejo
A quem, inda que brade, naõ responde;
Pois vejo que se esconde
Já debaixo da terra este que eu chamo,
Que he aquelle a quem amo,
Aquelle a quem agora estou rendida.
Ai! Quaõ devagar passa a triste vida!
Que gloria, amor cruel, com meu tormento,
Que louvor a teu nome accrescentaste?
Ou que te constrangeo a tal crueza,
Que com tal pressa esta alma sujeitaste
A hum mal, onde naõ basta o soffrimento?
Mas se, amor, es cruel de natureza,
Bastava usar comigo da aspereza
Que usas com outra gente:
Mas tu como sómente

De ver-me estar morrendo te contentas,
Quando mais me atormentas,
Entaõ desejas mais de atormentar-me,
E naõ queres matar-me
Porque este mal de mi se naõ despida.
Ai! Quaõ devagar passa a triste vida!
Onde cousa acharei que alegre veja?
A quem chamarei já que me responda?
Quem me dará remedio á dor presente?
Naõ ha bem que de mi já naõ se esconda;
Nem algum verei já que a mi o seja,
Porque está quem o foi da vida ausente.
Eu alguma naõ vi taõ descontente,
Que amor taõ mal tratasse,
Que inda naõ esperasse
A seus males remedio achar vivendo:
Eu só vivo soffrendo
Hum mal taõ grave, e taõ desesperado,
Que tanto he mais pezado,
Quanto a vida com elle he mais comprida.
Ai! Quaõ de vagar passa a triste vida!
Suaves aguas, dura penedía,
Arvoredo sombrio, verde prádo,
Donde eu já tíve livre o pensamento;
Frescas flores; e vós, meu manso gado,
Que já me acompanhastes na alegria,
Naõ me deixeis agora no tormento.
Se do mal meu vos toca sentimento,

Dai-me para elle ajuda,
Que eu tenho a lingua muda;
O alento me vai já desamparando.
Mas quando? (ai triste!) Quando
De hum dia hum'hora me virá contente,
Que eu te veja presente,
Pastor meu, e comtigo esta alma unida?
Ai! Quaõ devagar passa a triste vida!
Mas naõ sei se he sobrado atrevimento
Querer-se esta alma minha unir comtigo,
Pois della foste já taõ desprezado.
Amor me livrará deste perigo;
Que despois que lá vires meu tormento,
Creio que te haverás por bem vingado.
E se inda em ti durar o amor passado,
E aquella fé taõ pura,
Eu estou bem segura
Que has lá de receber-me brandamente.
Aprenda em mi a gente
Quaõ cara huma isençaõ com amor custa:
A pena dá bem justa
A hum'alma que lhe he pouco agradecida.
Ai! Quaõ devagar passa a triste vida!

ODES.

ODE I.

Detém hum pouco, Musa, o largo pranto
Que amor te abre do peito;
E vestida de rico, e lédo manto,
Demos honra, e respeito,
A'quella, cujo objeito
Todo o Mundo allumía,
Trocando a noite escura em claro dia.
O' Delia, que a pezar da nevoa grossa,
Co' os teus raios de prata,
A noite escura fazes que naõ possa
Encontrar o que trata,
E o que na alma retrata
Amor por teu divino
Raio, porque endoudeço, e desatino.
Tu, que de formosissimas estrellas
Corôas, e rodêas
Tua candida fronte, e faces bellas;

E os campos formosêas
Co' as rosas que seméas,
Co' as boninas que gera
O teu celeste humor na Primavera:
Pois, Delia, do teu Ceo vendo estás quantos
Furtos de puridades,
Suspiros, mágoas, ais, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Humas por saudades,
Outras por crús indicios
Fazem das proprias vidas sacrificios:
Já veo Endimiaõ por estes montes
O Ceo suspenso olhando:
E teu nome, co' os olhos feitos fontes,
Em vão sempre chamando,
Pedindo (suspirando)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti hum'hora piedade.
Por ti feito Pastor de branco gado
Nas selvas solitarias,
Só de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias,
De todo amor contrárias,
Mas naõ como ti duras,
Onde lamenta, e chora desventuras.
Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio
Suas sombras formosas:
Para ti no Erymanthó o lindo Epilio

As mais purpureas rosas;
E as drogas mais cheirosas
De este nosso Oriente
Guarda a felice Arabia mais contente.
De qual panthera, ou tigre, ou leopardo,
As asperas entranhas
Naõ temêram teu fero, e agudo dardo,
Quando por as montanhas
Mais remotas, e estranhas,
Ligeira atravessavas.
Taõ formosa que a amor de amor matava
Das castas virgẽes sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovando-lhe as forças, e os espritos:
Mas os de aquelle triste,
Já nunca consentiste
Ouvi-los hum momento,
Para ser menos grave o seu tormento.
Naõ fujas, naõ, de mi. Ah! Naõ te escondas
De hum taõ fiel amante.
Olha como suspiram estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu collo arrogante
Move piedosamente
Ouvindo a minha voz fraca, e doente.
Triste de mi! Que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem Já ergueo a mão para matar-me

Como a cruel imigo?
Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E que isto só pertende, e só me ensina.
Oh quanto ha já que o Ceo me desengana!
Mas eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana.
Tendo livre alvedrio
Naõ fujo o desvario;
Porque este em que me vejo
Engana co' a esperança o meu desejo.
Oh quanto melhor fora que dormissem
Hum somno perennal
Estes meus olhos tristes, e naõ vissem
A causa de seu mal:
Fugir, a hum tempo tal,
Mais que de antes proterva,
Mais cruel que ursa, mais fugaz que cerva!
Ai de mi, que me abrazo em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado,
E quando morro mais, entaõ mais vivo!
Porque tem ordenado
Meu infelice estado,
Que quando me convida
A morte para a morte tenha vida.
Secreta noite amiga, a que obedeço;
Estas rosas (por quanto
Meus queixumes me ouviste) te offereço;

E este fresco amaranto,
Humido inda do pranto,
E lagrimas da esposa
Do cioso Titam, branca, e formosa.

ODE II.

Taõ suave, taõ fresca; e taõ formosa,
Nunca no Ceo sahio
A Aurora no principio do Veraõ,
A's flores dando a graça costumada,
Como a formosa mansa fera, quando
Hum pensamento vivo me inspirou,
Por quem me desconheço.
Bonina pudibunda, ou fresca rosa,
Nunca no campo abrio,
Quando os raios do Sol no Touro estaõ,
De cores differentes esmaltada,
Como esta flor, que os olhos inclinando,
O soffrimento triste costumou
A' pena que padeço.
Ligeira, bella Nympha, linda, irosa,
Naõ creio que seguio
Satyro, cujo brando coraçaõ
De amores commovesse fera irada,
Que assi fosse fugindo, e desprezando
Este tormento, donde amor mostrou
Taõ próspero começo.

Nunca, em fim, cousa bella, e rigorosa,
Natura produzio
Que iguale aquella fórma, e condiçaõ,
Que as dores em que vivo estima em nada.
Mas com taõ doce gesto, irado, e brando,
O sentimento, e a vida me elevou,
Que a pena lhe agradeço.

Bem cuidei de exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo que a alma vio
Entre a doce dureza, e mansidaõ,
Primores de belleza desusada;
Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,
Entendimento, e engenho me cegou
Luz de taõ alto preço.

Naquella alta pureza deleitosa
Que ao Mundo se encobrio;
E nos olhos Angelicos, que saõ
Senhores desta vida destinada;
E naquelles cabellos, que soltando
Ao manso vento a vida me enredou,
Me alegro, e me entristeço.

Saudade, e suspeita perigosa,
Que amor constituio
Por castigo de aquelles que se vaõ:
Temores, penas da alma desprezada,
Fera esquivança que me vai tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo me offereço.

Amor isento a hũus olhos me entregou,
Nos quaes a Deos conheço.

ODE III.

Se de meu pensamento
Tanta razaõ tivera de alegrar-me,
Quanto de meu tormento
A tenho de queixar-me,
Puderas, triste lyra, consolar-me.
E minha voz cansada,
Que em outro tempo foi alegre, e pura,
Naõ fora assi tornada,
Com tanta desventura,
Taõ rouca, taõ pezada, nem taõ dura.
A ser como soia,
Pudera levantar vossos louvores;
Vós, minha Hierarchia,
Ouvireis meus amores,
Que exemplo saõ ao Mundo já de dores.
Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas, e momentos,
Oh quanto bem lembrados
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mi duros tormentos!
Ai gostos fugitivos!
Ai gloria já acabada, e consumida!
Ai males taõ esquivos!

Qual me deixais a vida!
Quam chea de pezar! Quam destruida!
Mas como naõ he morta
Já esta vida? Como tanto dura?
Como naõ abre a porta
A tanta desventura,
Que em vão com seu poder o tempo cura?
Mas para padecê-la
Se esforça o meu sogeito, e convalece;
Que só para dizê-la,
A força me falece,
E de todo me cansa, e me enfraquece.
Oh bem affortunado
Tu, que alcançaste com lyra soante,
Orphêo, ser escutado
Do fero Radamante,
E co' os teus olhos ver a doce amante!
As infernaes figuras
Moveste com teu canto docemente:
As tres furias escuras,
Implacaveis á gente,
Applacadas se víram de repente.
Ficou como pasmado
Todo o Estygio Reino co' o teu canto,
E quasi descansado
De seu eterno pranto,
Cessou de alçar Sisypho o grave canto.
A ordem se mudava

Das penas que regendo está Plutaõ;
Em descanso se achava
A roda de Ixiaõ;
E em gloria quantas penas alli saõ.
De todo já admirada
A Rainha infernal, e commovida,
Te deo a desejada
Esposa, que, perdida,
De tantos dias já tivera a vida.
Pois minha desventura,
Como já naõ abranda huma alma humana,
Que he contra mi mais dura,
E inda mais deshumana,
Que o furor de Callirrhoë profana?
Oh crua, esquiva, e fera,
Duro peito, cruel, e empedernido,
De alguma tigre fera
Lá na Hircania nascido,
Ou de entre as duras rochas produzido!
Mas que digo, coitado,
E de quem fio em vão minhas querellas?
Só vós (ó do salgado,
Humido Reino) bellas
E claras Nymphas, condoei-vos dellas.
E de ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças levantando,
Sobre as ondas erguidas
As tranças gottejando

Sahindo todas, vinde a ver qual ando.
  Sahi em companhia,
E cantando, e colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia;
Ouvireis meus amores:
E sentireis meus prantos, meus clamores.
  Vereis o mais perdido
E mais infeliz corpo que ha gerado,
Que está já convertido
Em choro, e neste estado
Sómente vive nelle o seu cuidado.

ODE IV.

Formosa fera humana,
Em cujo coraçaõ soberbo, e rudo,
A força soberana
Do vingativo amor, que vence tudo,
As pontas amoladas
De quantas séttas tinha tem quebradas:
  Amada Circe minha,
Postoque minha naõ, com tudo amada;
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho, mais entregarei.
  Pois natureza irosa,
Da razaõ te deo partes taõ contrárias,

Que sendo taõ formosa,
Folgues de te queimar em flammas várias,
Sem arder em nenhũa
Mais que em quanto allumía o Mundo a Lũa.
Pois triumphando vás
Com diversos despojos de perdidos,
Que tu privando estás
De razaõ, de juizo, e de sentidos;
E quasi a todos dando
Aquelle bem que a tados vás negando:
Pois tanto te contenta
Ver o nocturno moço em ferro envolto,
Debaixo da tormenta
De Jupiter em agua, e vento solto,
A' porta, que impedido
Lhe tem seu bem, de mágoa adormecido.
Porque naõ tens receo
Que tantas insolencias, e esquivanças,
A deosa que põe freo
A soberbas, e doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se accenda o fero amor?
Olha a formosa Flora
De despojos de mil suspiros rica,
Por o Capitam chora,
Que lá em Thessalia, em fim, vencido fica:
E foi sublime tanto,
Que altares lhe deo Roma, e nome santo.

Olha em Lesbos aquella
No seu salterio insigne conhecida;
Dos muitos que por ella
Se perdêram, perdeo a chara vida
Na rocha que se infama
Com ser remedio extremo de quem ama.
Por o moço escolhido,
Onde mais se mostráram as tres Graças;
Que Venus escondido
Para si teve hum tempo entre as alfaças,
Pagou co' a morte fria
A má vida que a muitos já daria.
E vendo-se deixada
De aquelle por quem tantos já deixára,
Se foi, desesperada,
Precipitar da infame rocha chara:
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.
Tomai-me, bravos mares;
Vós me tomai, pois outrem me deixou;
Disse: e dos altos ares
Pendendo, com furor se arremessou.
Acude tu, suave,
Acude, poderosa, e divina ave.
Toma-a nas azas tuas,
Menino pio, illesa, e sem perigo;
Antes que nestas cruas
Aguas cahindo apague o fogo antigo.

He digno amor tamanho
De viver, e ser tido por estranho.
Naõ: que he razaõ que seja
Para as lobas isentas, que amor vendem,
Exemplo onde se veja
Que tambem ficam presas as que prendem.
Assi o deo por sentença
Nemesis, que amor quiz que tudo vença.

ODE V.

Nunca manháa suave
Estendendo seus raios por o Mundo,
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto náo, que já no fundo
Se vio em mares grossos,
Como a luz clara a mi, dos olhos vossos.
Aquella formosura,
Que só no virar delles resplandece;
E com que a sombra escura
Clara se faz, e o campo reverdece;
Quando o meu pensamento se intristece,
Ella, e sua viveza,
Me desfazem a nuvem da tristeza.
O meu peito, onde estais,
He para tanto bem pequeno vaso:
Quando acaso virais

Os olhos, que de mi naõ fazem caso,
Todo, gentil Senhora, entaõ me abraso
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.
Se mil almas tivera,
Que a taõ formosos olhos entregára,
Todas quantas pudera
Por as pestanas delles pendurára;
E elevadas na vista pura, e clara,
(Postoque disso indinas)
Se andáram sempre vendo nas meninas.
E vós, que descuidada
Agora vivireis de taes querellas,
De almas minhas cercada
Naõ pudesseis tirar os olhos dellas,
Naõ póde ser que vendo a vossa entr'ellas,
A dor que lhe mostrassem
Tantas, huma alma só naõ abrandassem.
Mas, pois, o peito ardente
Huma só póde ter, formosa Dama,
Basta que esta sómente,
Como se fossem mil e mil, vos ama;
Para que a dor de sua ardente flama
Comvosco tanto possa,
Que naõ queirais ver cinza hum'alma vossa.

ODE VI.

Póde hum desejo immenso
Arder no peito tanto,
Que abranda, e a viva alma, o fogo intenso,
Lhe gaste as nodoas do terreno manto;
E purifique em tanta alteza o esprito
Com olhos immortaes,
Que faz que lêa mais do que vê escrito.
Que a flamma que se accende
Alto, tanto allumía,
Que se o nobre desejo ao bem se estende,
Que nunca vio, o sente claro dia;
E lá vê do que busca o natural,
A graça, a viva côr,
N'outra especie melhor que a corporal.
Pois vós, ó claro exemplo
De viva formosura,
Que de taõ longe cá noto, e contemplo
Na alma, que este desejo sobe, e apura;
Naõ creais que naõ vejo aquella imagem
Que as gentes nunca vem,
Se de humanos naõ tem muita vantagem.
Que se os olhos ausentes
Naõ vem a compassada
Proporçaõ, que das cores excellentes
De pureza, e vergonha he variada,

Da qual a Poesia que cantou
Até aqui só pinturas
Com mortaes formosuras igualou:
Se naõ vem os cabellos
Que o vulgo chama de ouro;
E se naõ vem os claros olhos bellos,
De quem cantam que saõ do Sol thesouro;
E se naõ vem do rosto as excellencias,
A quem diraõ que deve
Rosa, e crystal, e neve as apparencias?
Vem logo a graça pura,
A luz alta, e severa,
Que he raio da divina formosura,
Que na alma imprime, e fóra reverbera;
Assi como crystal do Sol ferido,
Que por fóra derrama
A recebida flamma esclarecido.
E vem a gravidade,
Com a viva alegria,
Que misturada tem de qualidade,
Que huma da outra nunca se desvia;
Nem deixa de ser huma receada
Por léda, e por suave,
Nem outra por ser grave muito amada.
E vem do honesto siso
Os altos resplandores
Temperados co' o doce, e ledo riso,
A cujo abrir abrem no campo as flores

As palavras discretas, e suaves,
Das quaes o movimento
Fará deter o vento, e as altas aves.
Dos olhos o virar
Que torna tudo raso,
Do qual naõ sabe o engenho divisar
Se foi por artificio, ou feito acaso:
Da presença os meneos, e a postura,
O andar, e o mover se,
Donde póde aprender-se formosura.
Aquelle naõ sei que,
Que aspira naõ sei como;
Que invisivel sahindo, a vista o vê,
Mas para o comprender naõ lhe acha tomo;
E que toda a Toscana Poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via:
Em vós a nossa idade,
Senhora, o póde ver,
Se engenho, se sciencia, e habilidade,
Iguaes a vossa formosura der,
Qual a vi no meu longo apartamento;
Qual em ausencia a vejo.
Taes azas dá o desejo ao pensamento.
Pois se o desejo affina
Huma alma accesa tanto,
Que por vós use as partes da divina;
Por vós levantarei naõ visto canto,

Que o Bethis me ouça, e o Tybre me levante:
Que o nosso claro Tejo,
Envolto hum pouco o vejo, e dissonante.
O campo naõ o esmaltam
Flores, mas só abrolhos
O fazem feo; e cuido que lhe faltam
Ouvidos para mi, para vós olhos:
Mas faça o que quizer o vil costume,
Que o Sol, que em vós está,
Na escuridaõ dará mais claro lume.

ODE VII.

A quem daraõ de Pindo as moradoras,
Taõ doctas como bellas,
Florecentes capellas
Do triumphante louro, ou myrto verde;
Da gloriosa palma, que naõ perde
A presumpçaõ sublime,
Nem por força de pezo algum se opprime?
A quem traraõ nas faldas delicadas,
Rosas a roxa Cloris,
Conchas a branca Doris;
Estas, flores do mar; da terra aquellas,
Argenteas, ruivas; brancas, e amarellas,
Com danças, e coréas,
De formosas Nereidas, e Napéas?
A quem faraõ os Hymnos, Odes, Cantos,

Em Thebas Amphiom,
Em Lesbos Ariom,
Senaõ a vós, por quem restituida
Se vê da poesia já perdida
A honra, e gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?
  Imitando os espritos já passados,
Gentís, altos, Reais,
Honra benina dais
A meu taõ baixo, quaõ zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro, e tenho;
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso.
  O rudo canto meu, que resuscita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos,
Para thesouro dos futuros anos,
Comvosco se defende
Da lei Lethéa, á qual tudo se rende.
  Na vossa arvore ornada de honra, e gloria,
Achou tronco excellente
A hera florecente,
Para a minha até aqui de baixa estima:
Nella, para trepar, se encosta, e arrima;
E nella subireis
Taõ alto, quanto os ramos estendeis.
  Sempre foram engenhos peregrinos

Da fortuna invejados;
Que quanto levantados
Por hum braço nas azas saõ da fama;
Tanto por outro aquella que os desama,
Co' o pezo, e gravidade,
Os opprime, da vil necessidade.
Mas altos corações dignos de Imperio,
Que vencem a fortuna,
Foram sempre coluna
Da sciencia gentil: Octaviano,
Scipiaõ, Alexandro, e Graciano,
Que vemos immortais;
E vós que o nosso seculo dourais.
Pois, logo, em quanto a cithara sonora
Se se estimar por o Mundo
Com som docto, e jucundo;
E em quanto produzir o Tejo, e o Douro,
Peitos de Marte, e Phebo, crespo, e louro,
Tereis gloria immortal
Senhor Dom Manoel de Portugal.

ODE VIII.

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica, e ousadia,
Que mereceo no Templo
Da Fama eterna ter perpétuo dia,
O grão filho de Tethys, que dez anos

Flagello foi dos miseros Troianos:
  Naõ menos ensinado
Foi nas hervas, e Medica policia,
Que destro, e costumado
No soberbo exercicio da Milicia:
Assi que as mãos que a tantos morte deram,
Tambem a muitos vida dar puderam.
  E naõ se desprezou
Aquelle fero, e indomito mancebo,
Das artes que ensinou
Para o languido corpo o intonso Phebo;
Que se o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar sabia.
  Taes Artes aprendeo
Do semivivo Mestre, e docto velho,
Onde tanto cresceo
Em virtude, e em sciencia, e em concelho,
Que Telepho por ellê vulnerado,
Só delle pode ser despois curado.
  Pois vós, ó excellente
E illustrissimo Conde, do Ceo dado
Para fazer presente
De altos Heroes o seculo passado;
E em quem bem trasladada está a memoria
De vossos Ascendentes a honra, e gloria:
  Postoque o pensamento
Occupado tenhais na guerra infesta,
Ou co' o sanguinolento

Taprobano, ou Achem, que o mar molesta;
Ou co' o Cambaico, occulto imigo nosso;
Que qualquer delles teme o nome vosso:
  Favorecei a antiga
Sciencia que já Achilles estimou:
Olhai que vos obriga
O ver que em vosso tempo rebentou
O fructo de aquell Orta onde florecem
Plantas novas, que os doctos naõ conhecem.
  Olhai que em vossos anos
Huma Orta produze varias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doctas, e protervas,
Medéa, e Circe, nunca conhecêram,
Postoque a lei da Magica excedèram.
  E vede carregado
De annos, e traz a vária experiencia,
Hum velho, que ensinado
Das Gangetigas Musas na sciencia,
Podaliria subtil, e arte sylvestre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles Mestre.
  O qual está pedindo
Vosso favor, e amparo, ao grão volume,
Que impresso á luz sahindo,
Dará da Medicina hum vivo lume;
E descobrir-nos-ha segredos certos,
A todos os Antiguos encobertos.
  Assi que naõ podeis

Negar a que vos pede benigna aura:
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca, e Maura,
Ajuda quem ajuda contra a morte;
E sereis semelhante ao Grego forte,

ODE IX.

Fogem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
As arvores sombrias;
As verdes hervas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.
Zephyro brando espira;
Suas séttas amor affia agora;
Progne triste suspira,
E Philomela chora;
O Ceo da fresca terra se namora.
Já a linda Cytheréa
Vem, do coro das Nymphas rodeada;
A branca Pasitéa
Despida, e delicada,
Com as duas irmãas acompanhada.
Em quanto as officinas
Dos Cyclopas Vulcano está queimando,
Vaõ colhendo boninas
As Nymphas, e cantando;
A terra co' o ligeiro pé tocando.

Desce do aspero monte
Diana, já cansada da espessura,
Buscando a clara fonte,
Onde por sorte dura
Perdeo Actéo a natural figura.
Assi se vai passando
A verde Primavera, e o secco Estio:
O Outono vem entrando;
E logo o Inverno frio,
Que tambem passará por certo fio.
Ir-se-ha embranquecendo
Com a frigida neve o secco monte;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte,
Temerá o marinheiro a Orionte.
Porque, em fim, tudo passa;
Naõ sabe o tempo ter firmeza em nada:
E a nossa vida escassa
Foge taõ apressada,
Que quando se começa he acabada.
Que se fez dos Troianos
Heitor temido, Enéas piedoso?
Consumíram-te os anos,
O' Cresso taõ famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.
Todo o contentamento
Crias que estava em ter thesouro ufano!
Oh falso pensamento,

Que á custa de teu dano
Do Sabio Solon creste o desengano!
O bem que aqui se alcança,
Naõ dura por possante, nem por forte:
Que a bemaventurança
Duravel, de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.
Porque, em fim, nada basta
Contra o terrivel fim da noite eterna;
Nem pode a deosa casta
Tornar á luz superna
Hippolyto da escura sombra averna.
Nem Theseo esforçado,
Ou com manha, ou com força valerosa,
Livrar pode o ousado
Perithoo da espantosa
Prisaõ Lethéa escura, e tenebrosa.

ODE X.

Aquelle moço fero
Nas Pelethronias covas doctrinado
Do Centauro severo;
Cujo peito esforçado
Com tutanos de tigres foi criado:
Na agua fatal, menino
O lava a mãi, presága do futuro;
Para que ferro fino

Naõ passe o peito duro
Que de si mesmo a si tem por muro.
A carne lhe endurece,
Porque naõ seja de armas offendida.
Cega! Pois naõ conhece
Que pode aver ferida
Na alma, e que menos doe perder a vida.
Que donde o braço irado
Dos Troianos passava arnez, e escudo,
Alli se vio passado
De aquelle ferro agudo
Do menino que em todos póde tudo.
Alli se vio captivo
Da captiva gentil que serve, e adora;
Alli se vio que vivo
Em vivo fogo mora,
Porque de seu Senhor a vê Senhora.
Já toma a branda lyra
Na mão, que a dura Pelias meneára;
Alli canta, e suspira,
Naõ como lhe ensinára
O velho, mas o moço que o cegára.
Pois, logo, quem culpado
Será, se de pequeno offerecido
Foi todo a seu cuidado;
No berço instituido
A naõ poder deixar de ser ferido?
Quem logo fraco infante,

De outro mais poderoso foi sujeito;
E para cego amante
Desde o principio feito,
Com lagrimas banhando o tenro peito?
Se agora foi ferido
Da penetrante ponta, e força de herva;
E se amor he servido
Que sirva á linda serva,
Para quem minha Estrella me reserva?
O gesto bem talhado;
O airoso meneo, e a postura;
O rosto delicado,
Que na vista figura
Que se ensina por arte a formosura:
Como póde deixar
De render a quem tenha entendimento?
Que quem naõ penetrar
Hum doce gesto attento,
Naõ lhe he nenhum louvor viver isento.
Aquelles cujos peitos
Ornou de altas sciencias o destino,
Se víram mais sujeitos
Ao cego, e vão menino,
Arrebatados do furor divino.
O Rei famoso Hebreo,
Que mais que todos soube mais amou;
Tanto, que a deos alheo
Falso sacrificou.

Se muito soube, e teve, muito errou.
  E o grão Sabio que ensina,
Passeando, os segredos da Sophia,
A' baixa concubina
Do vil Eunuco Hermia,
Aras ergueo, que aos deoses só devia.
  Aras ergue a quem ama
O Philosopho insigne namorado.
Doe-se a perpétua fama,
E grita que culpado
Da lesa divindade he accusado.
  Já foge donde habita;
Já paga a culpa enorme com desterro.
Mas, oh grande desdita!
Bem mostra tamanho erro,
Que doctos corações naõ saõ de ferro.
  Antes na altiva mente
No subtil sangue, e engenho mais perfeito,
Ha mais conveniente,
E conforme sogeito,
Onde se imprima o brando, e doce effeito.

ODE XI.

Naquelle tempo brando
E que se vê do Mundo a formosura,
Que Tethys descansando
De seu trabalho está, formosa, e pura,

Cansava amor o peito
Do mancebo Peleo, de hum duro affeito.
  Com impeto forçoso
Lhe havia já fugido a bella Nympha,
Quando no tempo aquoso
Noto irado revolve a clara lympha,
Serras no mar erguendo,
Que os cumes das da terra vaõ lambendo.
  Esperava o mancebo,
Com a profunda dor que na alma sente,
Hum dia em que já Phebo
Começava a mostrar-se ao Mundo ardente,
Soltando as tranças de ouro
Em que Clicie de amor faz seu thesouro.
  Era no mez que Apolo
Entre os irmãos celestes passa o tempo:
O vento enfrêa Eolo,
Para que o deleitoso passatempo
Seja quieto, e mudo;
Que a tudo amor obriga, e vence tudo.
  O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
A' cega idolatria
Que ao peito mais contenta, e mais aggrava;
Onde o cego menino
Faz que os humanos crêam que he divino:
  Quando a formosa Nympha,
Com todo o ajuntamento venerando,

Na crystallina lympha
O corpo crystallino está lavando;
O qual nas aguas vendo,
Nelle, alegre de o ver, se está revendo.
O peito diamantino,
Em cuja branca teta amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noite em dia;
A graçiosa boca
Que a amor com seus amores mais provoca.
Os rubijs graciosos;
As pérolas que escondem vivas rosas
Dos jardijs deleitosos,
Que o Ceo plantou em faces taõ formosas;
O transparente collo,
Que ciumes a Daphne faz de Apollo.
O subtil mantimento
Dos olhos, cuja vista a amor cegou;
A amor, que com tormento
Glorioso, nunca delles se apartou,
Pois elles de contino
Nas meninas o trazem por menino.
Os fios derramados
De aquelle ouro que o peito mais cobiça,
Donde amor enredados
Os corações humanos traz, e atica;
E donde com desejo
Mais ardente começa a ser sobejo.

O mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na terra o Ceo
Em taõ bella figura trasladado,
Mudo hũ pouco ficou,
Porque amor logo a falla lhe tirou.
Em fim, querendo ver
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foi perder,
Porque de puro amor, amor naõ via:
Vio-se assi cego, e mudo,
Por a força de amor que póde tudo.
Agora se apparelha
Para a batalha, agora remettendo;
Agora se aconselha,
Agora vai, agora está tremendo,
Quando já de Cupido
Com nova sétta o peito vio ferido.
Remette o moço logo
Para onde estava a chaga sem socego,
E co' o sobejo fogo
Quanto mais perto estava, entaõ mais cego:
E cego, e co' hum suspiro,
Na formosa donzella emprega o tiro.
Vingado assi Peleo,
Nasceo deste amoroso ajuntamento
O forte Larisseo,
Destruiçaõ do Phrygio pensamento,

Que por naõ ser ferido
Foi nas aguas Estygias submergido.

ODE XII.

Ja' a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras deleitosas;
Já de todo seccou
Candidos lirios, rubicundas rosas:
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.
Menea os altos freixos
A branda viraçaõ de quando em quando;
E de entre varios seixos
O liquido crystal sahe murmurando;
As gottas que das alvas pedras saltam,
O prado, como pérolas, esmaltam.
Da caça já cansada
Busca a casta Titanica a espessura;
Onde á sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura:
E sobre o seu cabello ondado, e louro,
Deixe cahir o bosque o seu thesouro.
O Ceo desimpedido
Mostrava o lume eterno das Estrellas;
E de flores vestido
O campo, brancas, roxas, e amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,

O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.
  Porém como o menino
Que a Jupiter por a aguia foi levado,
No cerco crystallino
For do amante de Clicie visitado;
O bosque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.
  O mar, que agora brando
He das Nereidas candidas cortado,
Logo se ira mostrando
Todo em crespas escumas empolado:
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.
  Lei he da natureza
Mudar-se desta sorte o tempo leve;
Succeder á belleza
Da Primavera o fructo; a elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.
  Tudo, em fim, faz mudança,
Quanto o claro Sol vê, quanto allumía;
Naõ se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia:
Mudam-se as condições, muda-se a idade,
A bonança, os estados, e a vontade.
  Sómente a minha imiga
A dura condiçaõ nunca mudou;
Para que o Mundo diga

Que nella lei taõ certa se quebrou:
Em naõ ver-me ella só sempre está firme,
Ou por fugir de amor, ou por fugir-me.
Mas já soffrivel fora
Que em matar-me ella só mostre firmeza,
Senaõ achára agora
Tambem em mi mudada a natureza;
Pois sempre o coraçaõ tenho turbado,
Sempre de escuras nuvẽes rodeado.
Sempre exprimento os fios
Que em contino receo amor me manda;
Sempre os dous caudais rios,
Que em meus olhos abrio quem nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o Veraõ brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.
O Sol sereno, e puro,
Que no formoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, naõ parece;
Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca de luz nova he soccorrida.
Porém seja o que for,
Mude-se por meu damno a natureza;
Perca a inconstancia amor,
A fortuna inconstante ache firmeza;
Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme estarei no que emprendi.

SEXTINAS.

SEXTINA I.

Foge-me pouco a pouco a curta vida,
Se por caso he verdade que inda vivo.
Vai-se-me o breve tempo d'ante os olhos;
Chóro por o passado; e em quanto fallo
Se me passam os dias passo a passo.
Vai-se-me, em fim, a idade, e fica a pena.
Que maneira taõ aspera de pena!
Pois nunca hum'hora vio taõ longa vida,
Em que do mal, mover se visse hum passo.
Que mais me monta ser morto que vivo?
Para que chóro, em fim? para que fallo,
Se lograr-me naõ pude de meus olhos?
Oh formosos, gentís, e claros olhos,
Cuja ausencia me move a tanta pena,
Quanta senaõ comprende em quanto fallo!
Se no fim de taõ longa, e curta vida,
De vós me inflammasse inda o raio vivo,

Por bem teria todo o mal que passo.
Mas bem sei que primeiro o extremo passo
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,
Que amor me mostre aquelles por quem vivo.
Testimunhas seraõ a tinta, e penna,
Que escrevêram de taõ molesta vida
O menos que passei, e o mais que fallo.
Oh que naõ sei que escrevo, nem que fallo!
Pois se de hum pensamento em outro passo,
Vejo taõ triste genero de vida,
Que se lhe naõ valerem tantos olhos,
Naõ posso imaginar qual seja a penna
Que esta pena traslade com que vivo.
Na alma tenho contino hum fogo vivo,
Que senaõ respirasse no que fallo,
Estaria já feita cinza a penna.
Mas sobre a maior dor que soffro, e passo,
O tempéram com lagrimas os olhos,
Com que, se foge, naõ se acaba a vida.
Morrendo estou na vida, e em morte vivo;
Vejo sem olhos, e sem lingua fallo;
E juntamente passo gloria, e pena.

SEXTINA II.

A culpa de meu mal só tem meus olhos,
Pois que deram a amor entrada na alma,
Para que perdesse eu a liberdade.

Mas quem póde fugir a huma brandura,
Que despois de vos pôr em tantos males
Dá por bẽes o perder por ella a vida?
Assaz de pouco faz quem perde a vida
Por condiçaõ taõ dura, e brandos olhos;
Pois de tal calidade saõ meus males,
Que o mais pequeno delles toca na alma.
Naõ se engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade.
Roubadora he de toda liberdade
(E oxalá perdoasse á triste vida!)
Esta que o falso amor chama brandura.
Ai meus antes inimigos, que meus olhos!
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,
Para vós lhe fazerdes tantos males?
Cresçam de dia em dia embora os males;
Perca-se embora a antigua liberdade;
Transforme-se em amor esta triste alma;
Padeça embora esta innocente vida;
Que bem me pagam tudo estes meus olhos,
Quando de outros, se os vem, vem a brandura.
Mas como nelles póde haver brandura,
Se causadores saõ de tantos males?
Engano foi de amor, porque meus olhos
Dessem por bem perdida a liberdade:
Já naõ tenho que dar senaõ a vida,
Se a vida já naõ deo, quem já deo a alma.
Que póde já esperar quem a sua alma

Captiva eterna fez de huma brandura,
Que quando vos dá morte diz que he vida?
Forçado me he gritar nestes meus males,
Olhos meus: pois por vós a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.
Chorai, meus olhos, sempre os damnos d'alma,
Pois dais a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males dá mais vida.

SEXTINA III.

Oh triste, oh tenebroso, oh cruel dia,
Amanhecido só para meu damno!
Pudeste-me apartar de aquella vista
Por quem vivia com meu mal contente?
Ah se o supremo foras desta vida!
Que em ti se começára a minha gloria.
Mas como eu naõ nasci para ter gloria,
Senaõ pena que cresça cada dia,
O Ceo me está negando o fim da vida,
Porque naõ tenha fim com ella o damno:
Para que nunca possa ser contente,
Da vista me tirou aquella vista,
Suave, deleitosa, alegre vista,
Donde pendia toda a minha gloria,
Por quem na mór tristeza fui contente;
Quando será que veja aquelle dia
Em que deixe de ver taõ grave damno;

E em que me deixe taõ penosa vida?
  Como desejarei humana vida,
Ausente de hũa mais que humana vista,
Que taõ glorioso me fazia o damno!
Vejo o meu damno sem a sua gloria;
A' minha noite falta já seu dia:
Triste tudo se vê, nada contente.
  Pois sem ti já naõ posso ser contente,
Mal posso desejar sem ti a vida:
Sem ti já ver naõ posso claro dia:
Naõ posso sem te ver desejar vista:
Na tua vista só se via a gloria:
Naõ ver a gloria tua he ver meu damno.
  Naõ via maior gloria que meu damno,
Quando do damno meu eras contente:
Agora me he tormento a maior gloria
Que póde prometter-me amor na vida,
Pois tornar-te naõ póde á minha vista,
Que só na tua achava a luz do dia.
  E pois de dia em dia cresce o damno,
Nem posso sem tal vista ser contente,
Só com perder a vida acharei gloria.

SEXTINA IV.

Sempre me queixarei desta crueza
Que amor usou comigo quando o tempo,
A pezar de meu duro, e triste fado,

A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mi aquella vista,
Por quem me contentava a triste vida.
  Levára-me, oxalá, traz ella a vida,
Para que naõ sentíra esta crueza
De me ver apartado de tal vista!
E praza a Deos naõ veja o proprio tempo
Em mi, sem esperança de remedio,
A desesperaçaõ de hum triste fado!
  Porém já acabe o triste, e duro fado,
Acabe o tempo já taõ triste vida,
Que em sua morte só tem seu remedio.
O deixar-me viver he mór crueza,
Pois desespero já de em algum tempo
Tornar a ver aquella doce vista.
  Duro amor, se pagava só tal vista
Todo o mal que por ti me fez meu fado,
Porque quizeste que a levasse o tempo?
E tambem se o quizeste, porque a vida
Me deixas para ver tanta crueza,
Quando em naõ vê-la só vejo o remedio?
  Tu só de minha dor eras remedio,
Suave, deleitosa, e bella vista.
Sem ti, que posso eu ver senaõ crueza?
Sem ti, qual bem me póde dar o fado,
Senaõ he consentir que acabe a vida?
Mas elle della me dilata o tempo.
  Azas para voar vejo no tempo,

Que com voar a muitos foi remedio;
E só naõ vôa para a minha vida.
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer tambem o triste fado
Que naõ acabe o tempo tal crueza?
Naõ poderáõ fazer crueza, ou tempo,
Força de fado, ou falta de remedio,
Que essa vista me esqueça em toda a vida.

Digitized by Google

ELEGIAS.

ELEGIA I.

O Poeta Simonides fallando
Co' o Capitam Themistocles hum dia,
Em cousas de sciencia praticando;
  Hum'arte singular lhe promettia,
Que entaõ cumpunha, com que lhe ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia;
  Onde taõ subtís regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
  Bem merecia, certo, fama, e gloria,
Quem dava regra contra o esquecimento
Que sepulta qualquer antigua historia.
  Mas o Capitam claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia,
Do passado as lembranças, por tormento;
  Oh illustre Simonides! (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,

Que mostras á memoria nova via;
  Se me désses hum'arte, que em meus dias
Me naõ lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias!
  Se este excellente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado;
  Oh como bradaria justamente,
Simonides inventa novas artes,
Naõ midas o passado co' o presente!
  Que se he forçado andar por várias partes,
Buscando á vida algum descanço honesto,
Que tu, fortuna injusta, mal repartes;
  E se o duro trabalho, he manifesto
Que por grave que seja ha de passar-se
Com animoso esprito, e ledo gesto;
  De que serve ás pessoas o lembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa,
Senaõ de entristecer-se, e magoar-se?
  Se em outro corpo hum'alma se traspassa,
Naõ como quiz Pythagoras na morte,
Mas como o quer amor na vida escassa;
  E se este amor no Mundo está de sorte,
Que na virtude só de hum lindo objecto
Tem hum corpo sem alma vivo, e forte;
  Onde este objecto falta, que he defecto
Tamanho para a vida que já nella
Me está chamando á pena a dura Alecto;

Porque me naõ criára a minha Estrella
Selvatico no Mundo, e habitante
Na dura Scythia, e no mais duro della?
Ou no Caucaso horrendo fraco infante,
Criado ao peito de huma tigre Hircana,
Homem fora formado de diamante?
Porque a cerviz ferina, e inhumana,
Naõ submettêra ao jugo, e dura lei,
De aquelle que dá vida quando engana.
Ou em pago das aguas que estilei,
As que passei do mar, foram do Lete,
Para que me esquecêra o que passei.
Porque o bem que a esperança vãa promette,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que he mal que hum'alma em lagrimas derrete.
Já, Senhor, cahirá como a lembrança
No mal do bem passado he triste, e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.
E se quizer saber como se apura
Em almas saudosas, naõ se enfade
De ler taõ longa, e misera escriptura.
Soltava Eolo a rede, e liberdade,
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha já solta á saudade.
Neptuno tinha posto o seu tridente;
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.
O Coro das Nereidas nos seguia;

Os ventos, namorada Galatéa,
Comsigo socegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopéa
Andava por o mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligea.
Eu trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na agua socegada,
E a agua sem socego nos meus olhos.
A bemaventurança já passada,
Diante de mi tinha taõ presente,
Como senaõ mudasse o tempo nada.
E com o gesto immoto, e descontente,
Co' hum suspiro profundo, e mal ouvido,
Por naõ mostrar meu mal a toda a gente;
Dizia : Oh claras Nymphas! Se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o naõ tendes esquecido;
Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Tethys, que vós tendes por Senhora;
Ou já por ver o verde prado enxuto,
Ou já por colher ouro rutilante,
Das Tagicas aréas rico fruto;
Nellas, em verso erotico, e elegante,
Escrevei co' huma concha o que em mi vistes,
Póde ser que algum peito se quebrante.
E contando de mi memorias tristes,
Os Pastores do Tejo, que me ouviam,

Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.
  Ellas, que já no gesto me entendiam,
Nos meneos das ondas me mostravam
Que em quanto lhes pedia consentiam.
  Estas lembranças que me acompanhavam
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavam.
  Porque chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade, que renova,
Lembrando a longa, e aspera mudança:
  Debaixo estando já da Estrella nova,
Que no novo Hemispherio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
  Eis a noite com nuvẽes se escurece;
Do ar subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano se embravece.
  A máchina do Mundo parecia,
Que em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.
  Lutando Boreas fero, e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das náos as velas concavas rompendo.
  As cordas co' o ruido assoviavam;
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos para o Ceo o ar coalhavam.
  Os raios por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero, e aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.

Amor alli, mostrando-se possante,
E que por algum medo naõ fugia,
Mas quanto mais trabalho mais constante;
Vendo a morte presente, em mi dizia:
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.
Em fim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco de aquelle,
Em quem alguma vez de siso entrasse.
Huma cousa, Senhor, por certa asselle,
Que nunca amor se affina, nem se apura,
Em quanto está presente a causa delle.
Desta arte me chegou minha ventura
A esta desejada, e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E nos proprios quaõ pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Huma Ilha que o Rei de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lha, e succedeo-nos bem.
Com huma grossa armada, que juntára
O Viso-Rei, de Goa nos partimos,
Com toda a gente de armas que se achára.
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada;
Com morte, com incendios os punimos.
Era a Ilha com aguas alagada,

De modo que se andava em almadias;
Em fim, outra Veneza trasladada.
Nella nos detivemos sós dous dias,
Qùe foram para algũus os derradeiros,
Pois passáram de Estyge as ondas frias.
Que estes saõ os remedios verdadeiros
Que para a vida estaõ apparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros.
Oh Lavradores bemaventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo soccgados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara da agua pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Naõ vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Naõ temem o furor da guerra dura.
Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grão cobiça de ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado:
Senaõ tem as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda, e o jacinto:
Se suas casas, de ouro naõ se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores

Onde os cabritos seus comendo saltam.
Alli lhe mostra o campo várias cores;
Vem-se os ramos pender co'o fructo ameno;
Alli se affina o canto dos Pastores.
Alli cantára Tityro, e Sileno:
Em fim, por estas partes caminhou
A sãa justiça para o Ceo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou.
Este, bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa;
Como se géra a chuva, e neve fria:
Os trabalhos do Sol, que naõ repousa;
E porque nos dá a Lũa a luz alhêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:
E como taõ depressa o Ceo rodêa;
E como hum só os outros traz comsigo;
E se he benigna ou dura Cytheréa.
Bem mal póde entender isto que digo,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte,
Que sempre os olhos traz em seu perigo.
Porém seja, Senhor, de qualquer arte,
Pois postoque a fortuna possa tanto,
Que taõ longe de todo o bem me aparte;
Naõ poderá apartar meu duro canto
Desta obrigaçaõ sua, em quanto a morte

Me naõ entrega ao duro Radamanto;
Se para tristes ha taõ léda sorte.

ELEGIA II.

Aquella que de amor descomedido
Por o formoso moço se perdeo,
Que só por si de amores foi perdido:
Despois que a deosa em pedra a converteo,
De seu humano gesto verdadeiro,
A ultima voz só lhe concedeo.
Assi meu mal do proprio ser primeiro,
Outra cousa nenhuma me consente,
Que este canto que escrevo derradeiro.
E se huma pouca vida estando ausente
Me deixa amor, he porque o pensamento
Sinta a perda do bem de estar presente.
Senhor, se vos espanta o soffrimento
Que tenho em tanto mal para escrevê-lo,
Furto este breve espaço a meu tormento.
Porque quem tem poder para soffrê-lo,
Sem se acabar a vida, co' o cuidado,
Tambem terá poder para dizê-lo.
Nem eu escrevo hum mal já acostumado;
Mas na alma minha triste, e saudosa,
A saudade escreve, e eu traslado.
Ando gastando a vida trabalhosa,

E esparzindo a contínua soidade
Ao longo de huma praia soidosa.
Vejo do mar a instabilidade,
Como com seu ruido impetuoso
Retumba na maior concavidade.
De furibundas ondas poderoso,
Na terra, a seu pezar, está tomando
Lugar em que se estenda cavernoso.
Ella, como mais fraca, lhe está dando
As concavas entranhas, onde esteja
Sempre com som profundo suspirando.
A todas estas cousas tenho inveja
Tamanha, que naõ sei determinar-me,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal desesperar-me,
Naõ posso, porque amor, e saudade,
Nem licença me daõ para matar-me.
A vezes cuido em mi, se a novidade,
E estranheza das cousas, co' a mudança,
Poderiam mudar huma vontade.
E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira progenie, a estranha usança.
Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterrano.
De alli estou tanteando adonde vio
O pomar das Hesperidas matando

A serpe que a seu passo resistio.
Estou-me em outra parte figurando
O poderoso Antheo, que derribado
Mais força se lhe vinha accrescentando.
Porém do Herculeo braço sobjugado,
No ar deixando a vida, naõ podendo
Dos soccorros da mãi ser ajudado.
Mas nem com isto, em fim, q̃ estou dizendo.
Nem com as armas taõ continuadas,
De amorosas lembranças me defendo.
Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro naõ consente
Que estejam de firmeza acompanhadas.
Vi já que a Primavera de contente,
Em variadas cores revestia
O monte, o campo, o valle, alegremente.
Vi já das altas aves a harmonia,
Que até duros penedos convidava
A algum suave modo de alegria.
Vi já, que tudo, em fim, me contentava,
E que, de muito cheo de firmeza,
Hum mal por mil prazeres naõ trocava.
Tal me tem a mudança, e estranheza,
Que se vou por os prados, a verdura
Parece que se sécca, de tristeza.
Mas isto he já costume da ventura;
Porque aos olhos que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhes figura.

Oh graves, e insoffriveis accidentes
De fortuna, e de amor! Que penitencia
Taõ grave dais aos peitos innocentes!
Naõ basta examinar-me a paciencia
Com temores, e falsas esperanças,
Sem que tambem me tente o mal de ausencia?
Trazeis hum brando espirito em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado
De lagrimas, suspiros, e lembranças.
E se estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal naõ consentís firmeza,
Para que nunca viva descansado.
Já quieto me achava co' a tristeza,
E alli naõ me faltava hum brando engano,
Que tirasse desejos da fraqueza.
Mas vendo-me enganado, estar ufano,
Deo á roda a fortuna, e deo comigo,
Onde de novo chóro o novo dano.
Já deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que calo,.
A quem já vio taõ aspero perigo.
E se nos brandos peitos faz abalo
Hum peito magoado, e descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolá-lo;
Naõ quero mais senaõ que largamente,
Senhor, me mandeis novas dessa terra,
Que alguma dellas me fará contente.
Porque se o duro fado me desterra

Tanto tempo do bem, que o fraco esprito
Desampare a prisaõ onde se encerra;
  Ao som das negras aguas de Cocito,
Ao pé dos carregados arvoredos,
Cantarei o que na alma tenho escrito.
  E por entre estes horridos penedos,
A quem negou Natura o claro dia,
Entre tormentos asperos, e medos;
  Com a tremula voz, cansada, e fria,
Celebrarei o gesto claro, e puro,
Que nunca perderei da phantasia.
  O Musico de Thracia já seguro
De perder sua Eurydice, tangendo
Me ajudará ferindo o ar escuro.
  As namoradas sombras, revolvendo
Memorias do passado, me ouviráõ;
E com seu choro o rio irá crescendo.
  Em Salmonéo as penas faltaráõ,
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vasos se encheráõ.
  Que se amor naõ se perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura:
Porque, em fim, a alma vive eternamente;
  E amor he effeito da alma, e sempre dura.

ELEGIA III.

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates apartado:
Sua chara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento;
De sua Patria os olhos apartando:
Naõ podendo encobrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queixava
De seu escuro, e triste nascimento.
O curso das Estrellas contemplava,
E aquella ordem com que discorria
O Ceo, e o ar, e a terra adonde estava.
Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte, procedendo
Com o seu natural lhes permittia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
A' sua natureza obedecendo.
Assi só de seu proprio natural
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor naõ acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha,
Nos soidosos versos que escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.
Desta arte me figura a phantasia

A vida com quem morro, desterrado
Do bem que em outro tempo possuia.
  Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.
  Aqui vejo caduca, e debil gloria
Desenganar meu erro co' a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.
  Aqui me representa esta lembrança
Quaõ pouca culpa tenho : me entristece
Ver sem razaõ a pena que me alcança.
  Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento della;
Mas muito doe a que se naõ merece.
  Quando a roxa manhãa, dourada, e bella,
Abre as portas ao Sol, e cahe o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomela;
  Este cuidado que co' o somno atalho,
Em sonhos me parece, que o que a gente
Por seu descanso tem me dá trabalho.
  E despois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acordo logra hum descontente).
  De aqui me vou, com passo carregado,
A hũ outeiro erguido, e alli me assento,
Soltando toda a redea a meu cuidado.
  Despois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos

A' parte donde tinha o pensamento.
Naõ vejo senaõ montes pedregosos;
E sem graça, e sem flor, os campos vejo,
Que já floridos vira, e graciosos.
Vejo o puro, suave, e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vaõ pondo em doce effeito o seu desejo.
Humas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando.
De alli fallo com a agua que naõ sente,
Com cujo sentimento esta alma sai
Em lagrimas desfeita claramente.
O' fugitivas ondas, esperai;
Que pois me naõ levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai.
Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vós ides, livre, e ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria?
Naõ póde tanto bem chegar taõ cedo:
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe taõ aspero degredo.
Mas essa triste morte que virá,
Se em taõ contrário estado me acabasse,
Esta alma assi impaciente adonde irá?
Que se ás portas Tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.

Que se a Tantalo, e Ticio for notoria
A pena com que vai, e que a atormenta,
A pena que lá tem teraõ por gloria.
Essa imaginaçaõ, em fim, me augmenta
Mil mágoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na gloria possuida.
Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado
Em que a fortuna faça o que costuma;
Se nella ha hi mudar-se hum triste estado.

ELEGIA IV.

Despois que Magalhães teve tecida
A breve historia sua, que illustrasse
A Terra Sancta Cruz, pouco sabida:
Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro de algum zoilo que ladrasse:
Tendo nisto occupada a phantasia,
Lhe sobreveio hum somno repousado,
Antes que o Sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe apparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez quem o vio todo enfiado.

Dizendo, em voz pezada, e temerosa;
Naõ he justo que a outrem se offereça
Obra alguma que possa ser famosa,
Senaõ a quem por armas resplandeça
No largo Mundo com tal nome, e fama,
Que louvor immortal sempre mereça.
Disse assi; quando Apollo, que da flama
Celeste guia os carros, de outra parte
Se lhe presenta, e por seu nome o chama,
Dizendo: Magalhães, postoque Marte
Com seu terror te espante, todavia
Comigo deves só de aconselhar-te.
Hum Varaõ sapiente, em quem Thalia
Poz seus thesouros, e eu minha sciencia,
Defender tuas obras poderia.
He justo que a escriptura na prudencia
Ache só defensaõ; porque a dureza
Das armas he contrária da eloquencia.
Assi disse: e tocando com destreza
A cithara dourada, começou
A mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercurio, que sempre costumou
Pacificar porfias duvidosas,
Co' o Caducéo na mão, que sempre usou,
Determina compòr as perigosas
Opiniões dos deoses inimigos
Com suaves razões, e ponderosas.
E disse: Bem sabemos dos antigos

Heroes, e dos modernos, que provâram
De Belona os gravissimos perigos;
Como tambem mil vezes concordâram
As armas com as letras, porque as Musas
A muitos na milicia acompanhâram.
Nunca Alexandre, ou Cesar, nas confusas
Guerras o estudo deixam grande espaço;
Que as armas já mais delle saõ escusas.
N'huma mão livros, n'outra ferro, e aço;
Aquella rege, e ensina; est'outra fere:
Mais co' o saber se vence, que co' o braço.
Pois, logo, hum Varaõ grande se requere,
Que com teus dões (Apollo) illustre seja;
E de ti (Marte) palma, e gloria espere.
Este vos darei eu, em quem se veja
Saber, e esforço, no sereno peito;
Que he hum Leoniz q̃ faz ao Mundo inveja.
Deste as irmãas em vendo o bom sogeito,
Todas nove nos braços o tomâram,
Criando-o co' o seu leite no seu leito.
As Artes, e as Sciencias lhe ensinâram,
Inclinaçaõ divina lhe influîram
A's virtudes moraes que logo o ornâram.
De aqui nos exercicios o seguîram
Das armas no Oriente, onde primeiro
Hum soldado gentil instituîram.
Alli taes provas fez de Cavalleiro,
Que, de Christão magnanimo, e seguro,

A si mesmo venceo por derradeiro.
Despois, já Capitam forte, e maduro,
Governando toda a Aurea Chersoneso,
Lhe defendeo co' o braço o debil muro.
Porque vindo a cercá-la todo o peso
Do poder dos Achêes, que se sustenta
De alheo sangue, em furia todo acceso;
Este só que a ti, Marte, representa,
O castigou de sorte, que vencido
De ter quem vivo fique se contenta.
E logo que este Reino defendido
Deixou; segunda vez, com maior gloria,
Para o ir governar foi elegido.
Mas naõ perdendo ainda da memoria,
Os amigos o seu governo brando,
Os imigos o damno da victoria;
Hũus com amor intrinseco esperando
Estaõ por elle; e os outros congelados
O estaõ com frio medo receando.
Vede, pois, se seriam debellados
Por seu claro valor, se lá tornasse,
E dos Indicos mares degradados.
Porque he justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olympo alto, e subido,
Favor, e ajuda com que pelejasse.
Aqui só póde ser bem dirigido
De Magalhães o estudo: este só deve
Ser de vós, claros deoses, escolhido.

Assi Mercurio disse; e em termo breve
Conformados se vem Apollo, e Marte;
E voou juntamente o somno leve.
Acorda Magalhães, e já se parte
A offrecer-vos, Senhor claro, e famoso,
Tudo o que nelle poz sciencia, e arte.
Tem claro estylo, e engenho curioso,
Para poder de vós ser recebido
Com mão benigna de animo amoroso.
Pois se só de naõ ser favorecido
Hum alto esprito, fica baixo, e escuro,
Este seja comvosco defendido;
Como o foi de Malaca o debil muro.

ELEGIA V.

Aquelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo espirito inflammado
Do crystallino rosto transparente:
Aquelle rosto immoto, e repousado,
Que estando na alma propriamente escrito,
Naõ póde ser em verso trasladado:
Aquelle parecer, que he infinito
Para se comprender de engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho dito:
Tanto a inflãmar-me vem de hũ doce engano,
E tanto a engrandecer-me a phantasia,
Que naõ vi maior gloria que meu dano.

Oh bemaventurado seja o dia
Em que tomei taõ doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia!
E bemaventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Faça-me quem me mata, o mal que ordena,
Trate-me com enganos, desamores;
Que entaõ me salva quando me condena.
E se de taõ suaves desfavores,
Penando vive hum'alma consumida,
Oh que doce penar! Que doces dores!
E se huma condiçaõ endurecida,
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer! Que doce vida!
E se me mostra hum gesto lindo humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que doce mentir! Que doce engano!
E se em querer-lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir! Que doce cacha!
Assi que ponho já no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo tormento.
Se sinto tanto bem só co' a memoria
De ver-vos, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais que ser vossa victoria?
Se tanto a vossa vista mais namora,

Quanto eu sou menos para merecer-vos;
Que quero eu mais que ter-vos por Senhora?
  Se procede este bem de conhecer-vos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
  Se em meu proveito faz qualquer partido,
Só na vista de hũus olhos taõ serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?
  Se, em fim, os meus espritos, de pequenos,
A merecer naõ chegam seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais naõ seja menos?
  A causa, pois, me esforça o soffrimento;
Porque, a pezar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
  Qne a razaõ faz a pena alegre, ou triste.

ELEGIA VI.

Entre rusticas serras, e fragosas,
Compostas de asperissimos rochedos,
De salitradas lapas cavernosas;
  Onde gretando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca, e fria,
Brotando estaõ de si mil arvoredos;
  Huma floresta fez verde, e sombria,
A natureza experta, que rodêa
Como elevado muro a serrania.
  Neste formoso sitio se recrêa

O lascivo Cupido entre as boninas,
Que sempre hum brando Zephyro menéa.
Da candida ceeem, das clavellinas,
Da salva, mangerona, e das mosquetas,
Das rubicundas flores hyacinthinas;
Muitas capellas tece, que de setas
Lhe servem contra peitos de donzellas,
A quem de inveja traz sempre inquietas.
Naõ saõ de huma só côr as flores bellas,
Que humas esmalta verde, outras rosado,
Entre as azues crescendo as amarellas.
Dos agrestes loureiros rodeado
Faz o valle huma sombra deleitosa,
Quando apparece o Sol mais levantado.
E por cima da relva bem graciosa,
As gottas de crystal quasi imitando
Estaõ do aljofar puro a luz formosa.
As crystallinas fontes, que brotando
Por entre alvos seixinhos se derivam,
Das arvores os troncos vaõ banhando.
Entre as limpidas aguas, que inda esquivam
O formoso Pastor que se perdeo
Preso das falsas mostras que o captivam;
Cresce a por cuja causa se esqueceo
A linda Cytheréa de Vulcano,
Quando presa de amor se lhe rendeo.
Na brancura do rosto soberano,
Inda as cruéis feridas apparecem

Do javalí cerdoso, e deshumano.
As rosas que de sangue resplandecem
Nas candidas boninas marchetadas,
Qual roxo esmalte á vista bem se offrecem.
Do matutino orvalho rociadas
As flores rutilantes, e cheirosas,
Estaõ como por cima prateadas.
Os humidos botões abrindo as rosas,
Que os agudos espinhos vaõ cercando,
No prado se vem rindo deliciosas.
A mellifera abelha susurrando
Por cima das boninas, que rodêa,
Está co' o som das aguas concertando.
Do trémulo regato a branda arêa
De jacinthos se cobre, e de vieiras,
Que encrespam da corrente a branca vêa.
Os alamos se abraçam co' as videiras
De sorte que se enxerga escassamente
Se saõ os cachos seus, se das parreiras,
E pendendo por cima da corrente,
Outro formoso bosque debuxando
Estaõ no fundo della brandamente.
Ouve-se o rouxinol aqui lembrando
Do perfido cunhado a crueldade,
Mágoas em melodías transformando.
A solitaria rola com soidade
Desfaz o rouco peito já cansada
De que naõ move a morte a piedade.

A domestica Progne anda banhada
No sangue de seus filhos, em vingança
Da triste Philomela profanada.
De competir co' o merlo naõ descança
O gárrulo calhandro, que enrouquece
Por naõ perder callado a confiança.
Em quanto o pobre ninho ajunta, e tece
O sonoro canario, modulando
Engana a grave pena que padece.
Algũus versos se escuta derramando
O vário pintasirgo, taõ saudaveis,
Que produzem memorias de amor brando.
Por os direitos troncos ha notaveis
Epigrammas; algũus de antigua historia,
Que contra o duro tempo saõ duraveis.
Hũus de cruel tormento, outros de gloria,
Conforme á liberdade do que escreve,
Estranhos casos mostram á memoria.
O que neste lugar contente esteve,
Contente declarou seu pensamento,
E os prazeres tambem que nelle teve.
Mas outros declarando o sentimento
Que dos olhos destila tristes agoas
Deixáram mil lembranças de tormento.
Abrazando-se algũus em vivas fragoas,
Escrevêram, do bosque em muitas partes,
Gostos de amor agora, agora mágoas.
Porque, cruel menino, o premio partes,

A quem serás tyranno se lho negas;
E injusto, e desigual, se lho repartes?
Porque enganas as almas que taõ cegas
Arrastas apoz ti, de error captivas?
Porque a cruéis rigores as entregas?
Para que contra hum peito assi te esquivas,
Que humilde se sujeita a teu cuidado,
Com enganos de sombras fugitivas?
Levas como a menino hum pobre a nado,
N'huma apparencia falsa embevecido,
Quando co' os braços corta o mar inchado.
Querendo-se tornar, vê-se perdido,
Já grita que se affoga, e tu zombando
Da praia entre os penedos escondido.
O triste, que conhece ir-se affogando,
No meio da arriscada zombaria,
Por divino soccorro está clamando.
Mas eu de que me espanto, se dizia
Hum Sabio, que de enganos se temesse
O que tomasse a hum cego tal por guia?
Nunca nelle a firmeza permanece;
Se nos dá gosto algum, muda-se logo;
Já chora, já se ri, já se enfurece.
Anda co' os corações sempre em hum jogo;
Humas vezes os faz de dedra fria,
Outras os faz de neve, outras de fogo.
Tornando ao bosque meu, que descrevia,
Despois de ter contado da frescura

Que nelle taõ pomposa apparecia;
  Referir quero agora huma aventura
Que nelle ao vaõ Narciso aconteceo,
Digna de se chorar com mágoa pura.
  Castigo foi que o moço mereceo
Por se mostrar esquivo com aquella
Que em viva pedra Juno converteo.
  Ardia em fogo da alma a vãa donzella,
Soffrendo hum duro peito; que a Narciso
Quando ella mais se abraza, mais congella.
  E quando a fraca Nympha mais de siso
Mostrava hum signal certo de firmeza,
Entaõ se provocava o moço a riso.
  Já de huma profundissima tristeza
A descora o rigor que a consumia.
Como diz desfavor mal com belleza!
  O gelado Pastor folgava, e ria;
Mas vendo-a de seu gosto andar contente,
Por naõ a contentar se entristecia.
  He tal o seu rigor que naõ consente
Que seja o gosto proprio festejado,
Antes disso se mostra descontente.
  Mas o cego Cupido, de affrontado,
Em vingança da fé que desprezou,
Fez que fosse de si mesmo enganado.
  Casualmente hum dia se chegou
A beber n'huma fonte crystallina,
Que de si nova sede lhe causou.

Vendo a sua figura peregrina,
Que a fonte dentro em si representava,
Se perdeo por imagem taõ divina.
Como já, de elevado, naõ cuidava
Nos enganos que a sombra lhe fazia,
Vendo o formoso rosto, suspirava.
Por as avaras aguas se metia,
E quanto mais molhava os tenros braços,
Entaõ mais vivamente o fogo ardia.
Vendo-se assi prender em duros laços,
Ao sentimento obriga a paciencia,
Dando fóra de si ao vento abraços.
Embevecido todo na apparencia,
Sem saber do cuidado o que sentia,
Naõ fez ao doce engano resistencia.
Ao ver-se longe mais, mais perto via
O peregrino gesto; e se chegava,
Entaõ para mais longe lhe fugia.
Vendo, em fim, como em tudo o remedava,
Cahio no torpe engano que tivera,
A tempo que de si já preso estava.
A belleza que a tantas morte dera,
De si mesma se abraza, e se captiva.
Quaõ longe entaõ de si ver-se quizera!
Ella se abranda propria; ella se esquiva;
E sendo ella sómente a que se amava,
Ella se chama ingrata, e fugitiva.
A formosura, pois, que namorava,

Com tal difficuldade era seguida,
Que estando dentro em si mui longe estava.
A solitaria Nympha, que escondida
Já nas cavernas concavas se via,
Dos males que lhe ouvio foi cõmovida.
Das namoradas mágoas que dizia
O namorado moço, ella sómente
Os ultimos accentos repetia.
Elle vendo-se estar alli presente,
As crystallinas aguas accusava
De que ellas o faziam descontente.
Outras vezes á fonte quando a olhava
Já cego, e sem juizo, agradècia
A figura que dentro lhe mostrava.
Mas vendo que ella em nada se doia
De seu grave tormento, grita, e chora.
Quanto erra quem de sombras se confia!
Já lhe pede que saia para fóra,
Ignorando que sempre fóra esteve
A belleza que nelle proprio mora.
Despois que longo espaço se deteve
Nestes queixumes seus taõ lastimosos,
Que com taõ longo ser julgou por breve;
Co' os olhos, bellos si, mas lagrimosos,
Do valle se despede, e da espessura,
Dando soluços da alma vagarosos.
Entregue na vontade da ventura,
Ou, por melhor dizer, de seus enganos,

Ao centro se arrojou da fonte pura.
Desta arte feneceo em tenros anos
Narciso, dando exemplo á formosura,
De que tema, se he tal, tambem seus danos.
Sentimento mostrou da sorte dura
O namorado Jupiter, mudando
Ao moço em flor purpurea, que inda dura.
Aquellas claras aguas rodeando,
Onde por seus amores se perdeo,
Está despois da morte acompanhando.
Tanto no seu engano procedeo,
Que naõ sabe na morte inda apartar-se
Dos erros que na vida commetteo.
Bem póde o coraçaõ desenganar-se,
Que o fogo de hũ querer na alma inflammado,
Naõ costuma na morte resfriar-se.
Porque despois do corpo sepultado,
Prisaõ onde se encerra o fraco esprito,
Eternamente chora o seu cuidado.
E das escuras aguas de Cocito,
A rapida corrente refreando,
Celebra o lindo gesto na alma escrito.
Lá se está co' os favores recreando.
E se foi desprezado, lá padece,
As duras esquivanças lamentando.
Nem dos avaros olhos lá se esquece,
Que de formoso verde a terra esmaltam,
Por naõ ver os do triste que endoudece.

Assi que os desfavores nunca faltam
Até despois da morte perseguindo
Hum triste coraçaõ que desbaratam.
Triste de quem em vão lhe vai fugindo!

ELEGIA VII.

Ao pé de hum'alta faia vi sentado,
N'hum valle deleitoso, e bem florido,
A Almeno, Pastor triste, e namorado.
Outro no Mundo póde haver nascido
Taõ queixoso de amor; porém naõ tanto
Como este amante por amar perdido.
Já Venus hia récolhendo o manto
Escuro, com que a terra se mostrava,
Para ajudar de Almeno o triste pranto.
Apollo sobre os montes derramava
Seus dourados cabellos, que faziam
Ao triste inda mais triste do que estava.
As flores por o prado se estendiam,
E das que finas mais eram as cores,
As brancas roxas Nymphas mais colhiam.
Já guiavam seus gados os Pastores,
Que deixando-os no campo deleitoso,
Com ellas praticavam só de amores.
Mas era esta alegria hum perigoso
Estado para Almeno entristecido,
E por isso a deixava presuroso.

Buscando outro lugar, contra Cupido
Claramente exclamava, e o arguia
De contràrio, de astuto, e fementido.
De quando em quando a frauta que tangia,
Numeros dava ao ar taõ docemente,
Que as aves provocava a melodia.
Cego assi desta dor, deste accidente,
Com os olhos em lagrimas banhados,
Postos no Ceo, dizia tristemente:
Se, amor, eu te offendi com meus cuidados,
Porque mos déste tu para offender-te,
Quando livre vivia nestes prados?
Naõ vês quanto me negas merecer-te
O bem que me mostravas, se deixasse
Ferir meu coraçaõ para soffrer-te?
Qual bem me has dado, amor, q̃ me durasse?
Ou qual me has promettido, que hajas dado?
Ou qual déste que muito naõ custasse?
Mostra-me quem puzeste em tal estado,
Que pudesse viver de ti contente;
Ou quem de ti naõ fosse lastimado?
Inimigo cruel de toda a gente,
Já naõ quero teu bem, só meu mal quero;
Se de ti nem meu mal se me consente.
Inda que de teus bẽes já desespero,
Naõ desprézo dos males o tormento,
Antes o prézo mais quando he mais fero.
Arrebatado deste pensamento

Hia o triste Pastor com hum contino
Pranto, que lhe avivava o sentimento.
Quando entrou n'hũ vergel de esmalte fino,
Que era de amor plantado; e parecendo
Lhe está menos humano que divino.
Nelle a dor sua esteve suspendendo:
Porém naõ como cervo está ferido,
Reparo ao mal que leva pertendendo.
Apparecia o sitio taõ florido,
Que provocava a naõ vulgar espanto,
Entre hũus altos ulmeiros escondido.
De hum crystallino orvalho tinha o manto,
Quando entrou nelle o misero Pastor,
E as tenções explicou neste seu canto.
O' bellas rosas, vós que sois amor,
He, por dita humildade, ou he baixeza,
O ter apar de vós murta que he dor?
Papoulas conversais, que saõ tristeza!
Naõ desprezais o cardo, que he tormento!
Admittís a hortelãa, sendo crueza!
Dos goivos longe vejo o sentimento;
Dos jasmijs perto estou vendo o perigo.
Dos malmequeres vejo o soffrimento·
Deste me temerei como inimigo;
Mas traz por armas salva, que he razaõ:
Com ella acabará tambem comigo.
As minhas vem a ser huma affeiçaõ,
Que saõ os puros cravos misturados

Co' a vontade sujeita; que he limaõ.
Ai mosquetas, que sois de amor cuidados!
Ai crespa mangerona, que es prazer!
Vós sós devieis adornar os prados.
Naõ pódem dous oppostos juntos ser,
Onde se oppõe giesta, que he lembrança,
Junto do rosmaninho, que he crescer.
Bem péza do leve álamo a mudança;
Do roxo goivo anima o pensamento;
Do cypreste odorifero a esperança.
O trevo, que he sentido apartamento,
Cérca o mangericaõ, que se interpreta
Memoria a quem offende o esquecimento.
Mais importuna que o jardim de Creta,
A ameixieira a flor está soltando:
A segurelha vejo, que he discreta.
As hervas que de aqui irei tomando,
Saõ a pura cecem, que he saudade;
Cravos, medo de ver qual de amor ando.
E, de ter mui perdida a liberdade;
Tomarei madresylva entendimento;
Legacaõ tomarei, porque he verdade.
Marmeleiro me dá arrependimento:
Por a salva, que he gosto, tomarei
Coentro opposto ao meu contentamento.
Conhecimento firme nunca achei,
Que violetas saõ; e, quando o houvera,
Qual meu damno entaõ fora, bem o sei.

Oh quem, herva cidreira, oh quem pudera
Ver-vos aqui menor, pois sois victoria,
Que de mi alcançou chamma severa!
Mas se quereis que tenha alguma gloria,
Por galardaõ de amar, e ser sujeito,
Perderei de tormentos a memoria.
Porém, pois mo negais, de todo engeito
A palma, que he ventura; e na parreira,
Que he esperança perdida, me deleito.
Entretanto co' a flor da laranjeira,
Que he desafio duro, e arriscado,
Posso arguir da hora derradeira.
Já naõ se quer deter o meu cuidado
Com a romãa deseanso; a brevidade
Das maravilhas só tem desejado.
E vós, ovelhas minhas, sem piedade
Vos apartai de mi, se algum desejo
Tendes de ter do pasto mais vontade.
Se muita de me verdes em vós vejo,
Toda a minha de ver-vos hei perdido
A' força do poder de amor sobejo.
Lograi do Tejo o placido ruido;
Sós lograi estas veigas florecidas,
Pois se perde o Pastor vosso querido:
Naõ gosteis de com elle ser perdidas.

ELEGIA VIII.

Belisa, unico bem desta alma triste,
Descanso singular de minha vida;
Throno donde o poder de amor consiste:
Formosa fera, a quem está rendida
De amor a que he mais livre liberdade,
Ganhada mais, se mais por ti perdida:
Quaõ contrário parece na beldade,
Que os corações captiva com brandura
Alguma nodoa haver de crueldade!
Quaõ contrário parece em formosura,
Que deixa muito atraz quanto he humano,
Esquiva condiçaõ, ou alma dura!
Quaõ mal parece, em quem só co' hũ engano
Póde dar vida ao coraçaõ sujeito,
Dar-lhe em lugar de vida hum mortal dano!
Quaõ mal parece que hum amor perfeito
Naõ seja de outro igual remunerado,
Inda que seja, acaso, contrafeito!
Quaõ mal parece estar desesperado
Quem tanto por ti soffre, e tem soffrido,
Devendo estar de penas alliviado!
Porém peor parece quem rendido
Naõ for a hum parecer que tudo rende,
Por mais que em seu rigor viva offendido.
E inda peor parece quem defende

O ser essa belleza sempre amada,
Por mais que em vão se canse o que a pertende.
Se quem te mostra amor te desagrada,
Só pódes pertender o naõ ser vista,
Mas naõ despois de vista o ser deixada.
Quaõ mal sabe o valor de tua vista
Quem cuida que o que della acaso alcança
Póde achar coraçaõ que lhe resista!
Quaõ bem pareceria huma esperança
Já concedida a meu amor ardente,
Naõ sempre huma mortal desçonfiança!
Se hum padecer por ti constantemente
Pudesse ser reparo a quem mais te ama,
Inda esperar pudera o ser contente.
Mas eu temo que aquella immensa chama
Com que a teu bello imperio me levaste,
Te enfria tanto a ti, quanto me inflama.
Se a Olympica belleza assi imitaste,
Que brandamente move hum amor puro,
Porque taõ dura condiçaõ tomaste?
Qual elevado, qual soberbo muro,
Este mal, que me occupa o pensamento,
Contado, naõ tornára menos duro?
Tu, que es a causa só de meu tormento,
Tu, que sómente pódes gloriar-me,
Queres que as minhas queixas leve o vento?
Tu, que me pagarias com matar-me,
Inda a morte me negas vezes tantas?

Ai, que me deras vida a morte dar-me!
Usa piedade, tu, que o Mundo espantas
Co' os bellos olhos com que o douras tanto,
Se acaso a vê-lo brandos os levantas.
Estende-se na terra o negro manto,
E á noute dá alegria a luz alhêa,
Mas nos meus olhos tristes dura o pranto.
Torna a manhãa despois alegre, e chêa
Da luz que o choro enxuga á bella Aurora,
Mas do meu choro nunca enxuga a vêa.
Lagrimas já naõ saõ que esta alma chora,
Mas amor he vital que dentro arde,
E por a luz dos olhos salta fóra.
Como inda a morte quer que mais aguarde?
Naõ tarde já, mas corra a mal taõ fero.
Mas já por mais que corra virá tarde.
Nem no supremo trance de ti espero
Que inda com ver o estado em q̃ me has posto
Queiras, crua, entender quanto te quero.
Ai se volvesses esse bello rosto
Ao lugar triste em que morrer me vires,
Naõ por desgosto teu, mas por teu gosto!
Naõ quero de ti, naõ, que alli suspires,
Nem que de dar-me a morte te arrependas,
Mas que os olhos de ver-me entaõ naõ tires.
Assi nunca Pastor a quem te rendas,
Te faça conhecer o que me fazes,
Para que com teu mal meu mal entendas.

Como já agora naõ te satisfazes
Das penas deste amor, que por querer-te,
De teu merecimento saõ capazes?
Pois quem com outro merito render-te
Presume, (oh raro monstro de belleza!)
Muito mais longe está de merecer-te.
Este si, que merece a grão crueza
Com que tu de acabar-me a vida tratas,
Pois diante de ti, de si se préza.
Se cuidas que com isto desbaratas
O meu constante amor, porque naõ viva,
Elle mais vive quando mais me matas.
Se o dar-me morte têes por gloria altiva;
Eu me inclino a que mates: tu te inclina
A matar mais de branda que de esquiva.
Se esta alma tua julgas por indina
De aquelle grande bem que em ti se esconde,
Do descoberto mal a faze dina.
Onde (ai!) voz acharei q̃ baste, (ai!) onde,
A poder reduzir-te a ser piedosa?
Ou me acaba de todo, ou me responde.
Mas por mais que te mostres rigorosa,
Deixar meu pensamento me he impossivel,
Igualmente que a ti naõ ser formosa.
E por mais que esta dor seja terrivel,
Sómente o contemplar a causa della,
Inda que a faz maior, a faz soffrivel.
Porém chegando a naõ poder soffrê-la,

Perdendo a vida, quando a morte chame,
Naõ perderei o gosto de perdê-la.
He justo que eu por ti mil mortes ame:
Mas vê tu se te illustra, quando offensa
Minha mortal o teu valor se chame.
Bem vês que hũa beldade taõ immensa,
De vencer-me tem gloria bem pequena,
Pois só render-me tómo por defensa.
Mas já que amor taõ puro me condena;
Contente fico assaz desta victoria:
Que naõ me daõ meus males tanta pena,
Quanto o serem por ti me dá de gloria.

ELEGIA IX.

A Vida me aborrece, a morte quero;
Será eterno o meu mal, segundo entendo,
Pois na mór esperança desespero.
Sem viver vivo, por morrer vivendo;
Por naõ verdes, Senhora, como eu vejo,
Quanto de mi por vós me ando esquecendo.
Seja-me agradecido este desejo:
Ingrata naõ sejais a quem vos ama
Com puro, e honestissimo despejo.
A culpa que me pondes, ponde á fama,
Que pregoa de vós celeste vida,
Que os corações de amor divino inflama.
Humana, quando naõ agradecida,

Vos mostrai ao mal meu, que me faz vosso,
Antes que a alma do corpo se despida.
Mas que posso eu fazer pois já naõ posso
Hum tormento domar taõ forte, e duro,
Homem formado só de carne, e de osso?
Em minha fé segura me asseguro;
Porque esta, quando he grande, já mais erra,
Se resulta de amor syncero, e puro.
Essa beldade sancta me faz guerra;
Por ella hei de morrer, inda que veja
Tornar o brando rio em dura serra.
Que cousa tenho eu já que minha seja?
Quem naõ deseja a vossa formosura,
Naõ póde assegurar que o Ceo deseja.
De que eu sempre o deseje estai segura:
Neste desejo meu nunca mudança
Haõ de ver as mudanças da ventura.
A vida tenho posta na balança
Da gloria singular do damno esquivo:
Que o perdê-la por vós he mór bonança.
Se vos offendo, cuido que naõ vivo:
Olhai se muito mais que de offender-vos,
Das esperanças do viver me privo.
O que temo sómente he só perder-vos;
O que quero sómente he só adorar-vos;
O que sómente adoro he só querer-vos.
Querer-vos sem deixar de venerar-vos;
Desejar-vos sómente por servir-vos;

Por servir a amor vil naõ desejar-vos.
Sómente ver-vos, e sómente ouvir-vos
Pertendo, e pois sómente isto pertendo,
Deveis a estes sentidos permittir-vos.
Isto sómente, (oh cego!) estou dizendo!
Como se fora pouco, isto sómente!
Que mais q̃ ouvir-vos ha? q̃ estar-vos vendo?
Se o naõ merece o meu amor decente;
Se morte por amar-vos se merece,
Morra eu, Senhora; e vós ficai contente.
Se vos aggrava quem por vós padece;
Se vos vẽ a offender quem vos quer tanto;
Quem desta sorte errou naõ desmerece.
Que quando os olhos da razaõ levanto
Ao Ceo de essa rarissima belleza,
De naõ morrer por ella só me espanto.
Deixai-me contentar desta tristeza,
E fazer de meus olhos largo rio,
Se algum póde abrandar vossa dureza.
Correndo sempre as lagrimas em fio,
Farei crescer as hervas por os prados,
Pois já de outra alegria desconfio.
No monte darei pasto a meus cuidados,
E seraõ de mi sempre entre Pastores
Esses divinos olhos celebrados.
Aprenderáõ de mi os amadores
Aquillo que se chama amor sublime,
Ouvindo o rigor vosso, e minhas dores.

E nenhum haverá que a pena estime
Mais soberana por a causa della,
Que a que teve até entaõ naõ desestime:
E que inveja naõ mostre á minha estrella.

ELEGIA X.

Que tristes novas, ou que novo dano?
Que inopinado mal incerto sôa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo as praias humidas de Goa
Ferver com gente attonita, e turbada,
Do rumor que de boca em boca vôa?
He morto D. Miguel, (ah crua espada!)
E parte da lustrosa companhia
Que alegre se embarcou na triste Armada.
E de espingarda ardente, e lança fria,
Passado por o torpe, e iniquo braço,
Que nossas altas famas injuría.
Naõ lhe valeo escudo, ou peito de aço,
Naõ animo de avós claros herdado,
Com que temer se fez por longo espaço.
Naõ ver-se em de redor todo cercado
De irados inimigos, que exhalavam
A negra alma do corpo traspassado.
Naõ as fortes palavras que voavam
A animar os incertos companheiros,
Que tímidos as costas lhe mostravam.

Mas já postos nos termos derradeiros,
Rotos por partes mil, e traspassados
Os membros, no valor sómente inteiros;
Os olhos (de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentam
Dos duros inimigos espantados)
Postos no Ceo, parece que presentam
A alma pura á suprema Eternidade,
Por quem os Ceos, e a terra se sustentam.
E pedindo, dos erros que na idade
Immatura, e innocente, já fizera,
Perdaõ á pia, e justa Magestade;
As rosas apartou da neve fria;
E como debil flamma a quem fallece
O radical humor de que vivia;
Nas mãos do Coro Angelico, que dece,
Se entrega, e vai lograr a vida eterna,
Que com morte taõ justa se merece.
Vai-te, alma, em paz á gloria sempiterna:
Vai, que quem por a Lei sacra, e divina,
A solta, áquelle a dá que o Ceo governa.
Mas se de tal valor foi morte dina,
A ausencia que do gosto nos saltêa,
A perpetua saudade nos inclina.
Deixa, pois, tu formosa Cytheréa,
Do gentil filho, e neto de Cyniras,
O pranto por a morte hórrida, e fêa.
E tu, dourado Apollo, que suspiras

Por o crespo Jacintho, moço charo,
Por quem a clara luz ao Mundo tiras,
Vinde, e chorai hum moço em tudo raro,
Naõ de ferino dente vulnerado,
Nem de risco sujeito a algum reparo:
Mas só de ferro imigo traspassado,
Que sem dúvida incerta, ou frio medo,
A vida poz nas mãos de Marte irado.
Tambem tu, moço Idalio, assiste quedo,
Deixa de dar o venenoso mel
A beber por os olhos, triste, e lédo:
Pois os formosos olhos de Miguel,
Já cobertos se vem do escuro manto
Da lei geral, a todos mais cruel.
E vós, filhas de Thespis, que com canto
Podeis bem mitigar a dor immensa
Dos irmãos generosos, e alto pranto;
Naõ consintais que façam larga offensa
A' grande integridade, a que se devem
Aguas naõ só do damno recompensa.
Que já diante os olhos me descrevem
Quando as bocas da fama voadora,
Ao patrio, e claro Tejo as novas levem;
A profunda tristeza, que em hum'hora
Tal posse tomará dos altos peitos,
Que delles o discurso lance fóra.
Alli de dor os corações sujeitos
Haõ de lançar de si toda a memoria

De exemplos claros, sólidos respeitos.
Mas, porém se igualais a vida á gloria,
O claro Dom Philippe, e pertendeis
Deixar-nos de acções vossas larga historia;
Eu naõ vos persuado a que estreiteis
O coraçaõ na Estoica disciplina,
Onde livre de affectos vos mostreis.
Que mal a natureza determina
Medo, esperanças, dores, e alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.
Immanidade estupida, (dizia
O Sulmonense canto) e vil rudeza,
He naõ sentir affectos que a alma cria.
Porém se o sentir nada for bruteza,
E se paixaõ devida se consente,
Tambem o sentir muito he já fraqueza.
Em vós hum soffrer alto se exprimente,
Qual nos fortes Varões foi conhecido,
Como em estranha, em Lusitana gente.
Bem conheço que o corpo assi perdido,
Como de illustre tumulo carece,
Será de brutas feras consumido.
Mas consola-me, em fim, que se parece
Ao grande bisavô, que por a vida
Real, a sua á Maura lança offrece.
Em pedaços a gente enfurecida
O corpo alli lhe deixa; e com mão dura
Lhe nega a sepultura merecida.

Facil he a perda aqui da sepultura;
Diogenes prudente, e Theodoro,
Pouco sentem do corpo essa jactura.
Assi formoso, e inteiro; assi decóro
Adora quem o tem, como o tomou,
Quando se ouvir o extremo som canoro.
Mas ai! Qual temor subito occupou
O vosso claro peito, ó Portuguezes?
Qual pávido temor vos congelou?
Que lançadas, que golpes, que revézes
Vos fizeram fazer tamanha injúria
Aos fortes Lusitanicos arnezes?
Ou já de Capitam sobeja incuria,
Ou fraqueza? Naõ: que elle sustentava
Com seu peito, dos barbaros a furia.
Ou já do ferreo cano a força brava
Com estrondos que atroam mar, e terra,
E os corações ardentes congelava?
Ah! Quem vos fez q̃ os impetos da guerra
Naõ sustentasseis com valor ousado,
Desprezando o furor que a vida encerra?
A vida por a Patria, e por o Estado,
Pondo vossos avós, a nós deixáram
Em terra, e mar, exemplo sublimado.
Elles a desprezar nos ensináram
Todo temor. Pois como agora os netos
Subitamente assi degeneráram?

Naõ pódem, certo, naõ, viver quietos
Com fêa infamia peitos generosos,
Já em publicos lugares, já em secretos.
Mortos de Espartha os Heroes valerosos,
Da fera multidaõ, fazendo extremos,
Taes Epitaphios tinham gloriosos:
Diras, Hóspede, tu; que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro, em quanto
A's santas Leis da Patria obedecemos.
Fugindo os Persas vaõ com frio espanto,
Mas acham as mulheres no caminho,
Mostrando-lhes o ventre em terror tanto.
Pois do damno fugís, vendo-o visinho,
Fracos, vinde a esconder-vos (lhes diziam)
Outra vez no materno, e escuro ninho.
Vede quaes com mais gloria ficariam,
Se aquelles que morréram por o Estado,
Se estes a quem mulheres injuríam?
Mas tu, claro Miguel, que já acordado
Deste sonho taõ breve, estás naquella
Torre do Ceo, seguro, e repousado;
Onde com Deos unida a forte, e bella
Alma, com teus Maiores, reluzindo
Trocaste cada chaga em clara estrella;
Co' os pés o crystallino Ceo medindo,
Nada de essas altissimas Espheras,
Nem da terreste aos olhos encobrindo;

Agora hum curso, e outro consideras,
Agora a vaidade dos mortaes,
Que tu tambem passáras se viveras, ****

ELEGIA XI.

Se quando contemplamos as secretas
Causas porque este Mundo se sustenta,
E o revolver dos Ceos, e dos Planetas;
E se quando á memoria se presenta
Este curso do Sol, taõ bem medido,
Que hũ ponto só naõ mingua, nem se augmenta;
Aquelle effeito tarde conhecido
Da Lũa na mudança taõ constante,
Que mingoar, e crescer he seu partido;
Aquella natureza taõ possante
Dos Ceos, que taõ conformes, e contrarios,
Caminham sem parar hum breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que naõ mente,
Co' os effeitos da terra necessarios;
Se quando, em fim, revolve subtilmente
Tantas cousas a leve phantasia,
Sagaz escrutadora, e diligente;
Bem vê, se da razaõ se naõ desvia,
Aquelle unico Ser, alto, e divino,
Que tudo póde, manda, move, e cria.
Sem fim, e sem princípio hum Ser contino;

Hum Padre grande, a quem tudo he possibil,
Por mais que o difficulte humano atino.
Hum saber infinito, incomprehensibil;
Huma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visibil, e invisibil.
Esta potencia, em fim, que tudo manda;
Esta Causa das causas, revestida
Foi desta nossa carne miseranda.
Do amor, e da justiça, compellida,
Por os erros da gente, em mãos da gente
(Como se Deos naõ fosse) deixa a vida.
Oh Christão descuidado, e negligente!
Pondera-o com discurso repousado;
E ver-te-has advertido facilmente.
Olha aquelle Deos alto, e increado,
Senhor das cousas todas, que fundou
O Ceo, a terra, o fogo, o mar irado:
Naõ do confuso caos, como cuidou
A falsa Theologia, o povo escuro,
Que nesta só verdade tanto errou:
Naõ dos atomos leves de Epicuro;
Naõ do fundo Oceâno, como Thales,
Mas só do pensamento casto, e puro.
Olha, animal humano, quanto vales,
Pois este immenso Deos por ti padece
Novo estylo de morte, novos males.
Olha que o Sol no Olympo se escurece,
Naõ por opposiçaõ de outro Planeta,

Mas só porque virtude lhe falleee.
  Naõ vês que a grande máchina inquieta
Do Mundo se desfaz toda em tristeza,
E naõ por causa natural secreta?
  Naõ vês como se perde a natureza?
O ar se turba; o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?
  Naõ vês que cahe o monte, a terra treme?
E que lá na remota, e grande Athenas
O docto Areopagita exclama, e teme?
  Oh summo Deos! Tu mesmo te condenas,
Por o mal em que eu só sou o culpado,
A tamanhas affrontas, tantas penas?
  Por mi, Senhor, no Mundo reputado
Por falso, e violador da sacra Lei,
A fama a ti se põe do meu peccado?
  Eu, Senhor, sou ladraõ, tu justo Rei.
Pois como entre ladrões eu naõ padeço?
A pena a ti se dá do que eu errei?
  Eu servo sem valor, tu immenso preço,
Em preço vil te pões, por me tirares
Do captiveiro eterno que mereço?
  Eu por perder-te, e tu por me ganhares
Te dás aos soltos homẽes, que te vendem,
Só para os homẽes presos resgatares?
  A ti, que as almas sóltas, a ti prendem?
A ti summo Juiz, ante Juizes
Te accusam por o error dos que te offendem?

Chamam-te malfeitor, naõ contradizes,
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizem que quem te fere prophetizes.
Rim-se de ti, tu choras a crueza
Que sobre elles virá : a gente dura,
Por quem tu vêes ao Mundo, te despreza.
O teu rosto, de cuja formosura
Se veste o Ceo, e o Sol resplandecente,
Diante quem pasmada está a natura;
Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue está banhado,
Cuspido, atropellado cruelmente.
Aquelle corpo tenro, e delicado,
Sobre todos os Santos sacrosanto,
A açoutes rigorosos desangrado.
Despois coberto mal de hum pobre manto,
Que se pegava ás carnes magoadas
Para dobrar-lhe as dores outro tanto.
Magoavam-no as chagas naõ curadas,
Hum tormento causando-lhe excessivo;
Ao despir por as mãos cruéis, e iradas.
As venerandas barbas de Deos vivo,
De resplandor ornadas, se arrancavam
Para desempenhar a Adaõ captivo.
Com cordas por as ruas o levavam,
Levando sobre os hombros o trophéo
Da victoria que as almas alcançavam.
O' tu, que passas, homem Cyrenéo,

Ajuda hũ pouco a este Homem verdadeiro,
Que agora, como humano, enfraquecceo.
Olha que o corpo afflicto do marteiro
E dos longos jejũus debilitado,
Naõ póde já co' o peso do madeiro.
Oh naõ enfraqueçais, Deos incarnado!
Essas quédas, que tanto vos magôam,
Supportai, Cavalleiro sublimado.
Aquellas altas vozes que lá sôam,
Dos Padres saõ, que o Limbo tem, escuro,
E já de louro, e palma vos corôam.
Todos vos bradam que subais o muro
Da cidade infernal, e que arvoreis
Em cima essa bandeíra mui seguro.
O' Santos Padres, naõ vos appresseis;
Pois muito mais a Deos que a vós custáram
Essas duras prisões em que jazeis.
Aquellas mãos que o Mundo edificáram;
Aguelles pés que pizam as estrellas,
Com durissimos pregos se encraváram.
Mas qual será o humano que as querellas
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover a dor, e mágoa dellas?
E que dos olhos seus naõ destillasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto signalasse?
Oh quem lhe víra os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, e regando

Aquellas faces bellas, e excellentes!
Quem a ouvíra com vozes ir tocando
As estrellas, a quem responde o Ceo
Co' os accentos dos Anjos retumbando!
Quem víra quando o puro rosto erguco
A ver o Filho que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeo!
Que mágoas taõ chorosas que diria?
Que palavras taõ miseras, e tristes,
Para o Ceo, para a gente espalharia?
Pois que sería, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, e com vinagre amaro,
Matar a sede ao Filho que paristes?
Naõ era este o licor suave, e claro,
Que para o confortar entaõ daricis
A quem vos era, mais que a vida, charo.
Como, Virgem Senhora, naõ corricis
A dar as puras tetas ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com sede vieis?
Naõ era só, naõ, esse o verdadeiro
Poto, que vosso Filho desejava,
Morrendo por o Mundo em hũ madeiro.
Mas era a salvaçaõ que alli ganhava
Para o misero Adaõ, que alli bebia
Na fonte que do peito lhe manava.
Pois, ó pura e Sanctissima Maria,
Que, em fim, sentistes esta mágoa quanto
A grave causa della o requeria;

De essa Fonte sagrada, e peito santo,
Me alcançai huma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava, e péza tanto.
Do licor salutifero, e suave,
Me abrangci, com que mate a sede dura
Deste Mundo taõ cego, torpe, e grave.
Assi, Senhora, toda creatura
Que vive, e vivirá, e que naõ conhece
A Lei de vosso Filho a abrace pura;
O falsissimo herege, que carece
Da graça, e com damnado, e falso esprito
Perturba a Santa Igreja, que florece;
O povo pertinaz no antiguo rito,
Que só o desterro seu, que tanto dura,
Lhe diz que he pena igual ao seu delito;
O torpe Ismaelita, que mistura
As Leis, e com preceitos taõ viciosos
Na terra estende a seita falsa, e impura;
Os idolatras máos, supersticiosos,
Varios de opiniões, e de costumes,
Levados de conceitos fabulosos;
As mais remotas gentes onde o lume
Da nossa Fé naõ chega, nem que tenham
Religiaõ alguma se presume;
Assi todos, em fim, Senhora, venham
A confessar hum Deos crucificado,
E por nenhum respeito se detenham.
E de hum, e de outro o vício já deixado,

O seu Nome, co' o vosso neste dia,
Seja por todo o Mundo celebrado:
E respondam os Ceos: JESUS, MARIA.

ELEGIA XII. ACROSTICA.

Juizo extremo, horrifico, e tremendo,
E Juiz sempiterno, alto, e celeste,
Significará a terra humedecendo.
Ver-se-ha nelle hum suor que manifeste
Como em carne vem Deos, para que o veja
Homem toda esta máchina terreste;
Rei justo, que dos corpos, e almas seja
Juiz; e quando o Mundo cego, e inculto,
Sobre espinhos cruéis deitado seja.
Todo vão simulachro, e gentil culto,
Ousará engeitar a gente; e guerra
Fará co' o mar o fogo, e cru tumulto.
Immensa luz, que as carnes desenterra,
Lançará fóra as portas vãas do Averno,
Hum Justo, e outro, alçando á santa terra.
Outros, que saõ os máos, no fogo eterno
Deitará, descobrinso-se os segredos,
E sendo claro todo feito interno.
Desfeitos seraõ montes, e penedos;
E será tudo pranto, e estridor duro;
Obras de grande dor, e tristes medos.
Será tornado o Sol de todo escuro;

E destruida a máchina do Mundo,
Sem luz as luzes todas do Orbe puro.
Altos seraõ os valles, e em profundo
Lugar se abateráõ os altos montes,
Vibrará mares vento furibundo.
Averá só de chammas vivas fontes:
De trombeta tremenda som terribil
Ouvido, fará pállidas as frontes.
Responderá dos maos gemido horribil.

ADVERTENCIA.

Atéqui as Elegias que se acham no exemplar de Manoel de Faria e Sousa, que seguimos, as quaes elle assentou serem indubitavelmente de Luis de Camões. Em diversos Manuscriptos confessa que vira outras muitas, e as desprezára: humas por as reputar viciadas, e outras por totalmente alheias do estylo do nosso Poeta.

Nas Edições que se seguiraõ á de Faria insensivelmente se foram accrescentando as que se seguem, e aqui damos, sempre na dúvida de serem, ou naõ, de Luis de Camões.

ELEGIA XIII.

Se obrigações de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez maior espanto;
Se tambem de Lucrecia a Livia historia,
Inda que já passada, cá florece,
E por fama, e triumpho, hoje tem gloria;
Se a perfeiçaõ de Laura nunca esquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, e hoje crece:
E se aquella cruel Troiana espada,
Deo com a morte vida á formosura
De Dido, por Virgilio celebrada;
E se Venus formosa, hoje segura
Se apresenta em mil versos; e Diana,
Co' as nove irmãas d'Apollo tem ventura;
Que fará a formosura soberana,
De Figueiroa illustre, de quem quero
Cantar com doce lyra, e Mantuana?
Mas se me ella naõ falta, della espero
Cantar; naõ destas já, que já acabáram:
Destas cante Virgilio, cante Homero.
Que se outras com seus versos celebráram,
Foi, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) naõ a alcançáram.
Mas tinha-lhe a ventura Oriental cama,

Guardada lá em Damaõ, porque nascendo,
Perder fizesse ás outras gloria, e fama.
E em quanto alegre declarar pertendo,
Vós, pai de tal thesouro, dai-me ouvidos,
Para delle dizer mais do que entendo.
Naõ reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes dai-lhe louvor, para que sejam
De tal dama, e de vós favorecidos.
Que milagres d'amor farei que vejam?
Direi os olhos bellos, boca, e riso,
Mil partes, que outras damas ter desejam.
Cabellos d'ouro, em fim seu grande aviso,
Sua arte, perfeiçaõ, e fórmosura,
Que na terra nos mostra hum Paraiso.
Que mais? O grave aspeito, e a brandura,
A boca de rubijs, chea de perlas,
Das crystallinas mãos a neve pura.
Senhora Dona Maria entre as mais bellas,
Vós sois quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas sois qual Sol entre as Estrellas.
Por vós Damaõ, Senhora, hoje florece;
Por vós as Musas já do sacro monte,
Donde contíno o louro verde crece,
Vos vem apresentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas:
As pegaseas flores de Heliconte.
A vós se vem cantando, rodeadas
Das Nymphas, que o dourado Tejo cria,

Com suas doces lyras temperadas.
E com seu suave canto, e melodia,
Chegadas a vós já, dizem cantando:
Esta he por quem Apollo emmudecia.
Esta he por quem Vertumno desprezando
Pomona, de contino se abrazava,
Na menos parte sua imaginando.
Esta he por quem em fonte se tornava
O avò de Phaetonte, e porque Orphéo
As furias infernaes aquebrantava.
Esta he por quem só Troia se perdeo,
Esta he a quem Páris deo a maçãa d'ouro,
E esta por quem Orlando endoudecco.
Esta he quem desdo Ganges até o Douro,
Só sem falta compoz a natureza,
Do Indicō Oriental todo o thesouro.
Esta he quem trouxe a luz toda á nobreza
Dos de Leaō Fajardos, que descende
Do Real tronco Inglez, na mór alteza.
Esta he a flor do lago, que se estende,
E em quem de novo nasce a Real pranta
Esta he a quem o mesmo amor se rende.
Esta he por quem a Aurora se levanta
Na parte Oriental mais clara, e pura;
Esta he por quem morrendo o cysne canta.
Esta he por quem nos dotou só a ventura,
De mil primores chea, collocada
Em rara perfeiçaō de formosura.

Esta será de nós sempre cantada,
E dos novos Poetas mil louvores
Terá com fama eterna, e sublimada.
Na festa de deos Pam cem mil Pastores
Desta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levaráõ cheos de flores.
A ti as suas lutas dedicando,
Seus jogos pastorís de cem mil partes,
Com versos te estaraõ sempre louvando.
E tu, que de teu ser nunca te partes,
Com formosura, e graça de contíno,
Com que por fama ao Mundo te repartes;
Com rosto branco alegre, e peregrino,
Acceitarás seus versos, coroada
De rosas, e de louro a ti só dino.
Dalli do nosso coro venerada
Terás cargo da selva de Diana,
E entre nós tu serás mais estimada.
Dalli, ó alta dea, e soberana,
Governarás o Indico Oriente,
E todo estado além da Taprobana.
Dalli correndo irá de gente em gente
Tua fama, fazendo esquecida
A das antigas damas do Occidente,
Ganhando teu louvor immortal vida.

ELEGIA XIV.

Naõ porque de algum bem tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado,
Que sei que em vós fará pouca mudança.
Mas já perdido, triste, e magoado,
Para remedio tómo escrever dores;
Esperar de vós outro he escusado.
O que naõ faz amor em meus amores,
O que lagrimas tristes naõ fizeram,
Bem menos o faraõ causas menores.
Pois onde as mais tégóra se perdêram,
Percam-se estas palavras de meu ser,
Que pouco me doem já, já me doêram.
Sempre deste meu mal tive suspeita,
Naõ que de todo em todo me faltasse,
Hũa esperança vãa em fim desfeita.
Fazia-me o desejo que esperasse,
A razaõ d'outra parte, que temesse,
E de esperanças vãas naõ confiasse,
Que olhasse, que por ellas naõ perdesse
A doce liberdade, o riso, o canto,
De que despois em vão me arrependesse.
Amor, que tudo póde, pode tanto,
Que para ver o mal, em que me vejo,
Me naõ deo olhos mais, que para pranto.
Naõ curei a razaõ, segui o desejo;

Outras cousas segui, de qualidade,
Que chóro, e callo, por naõ ser sobejo.
Pela vossa neguei minha vontade:
Logo como vos vi, no mesmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade:
O que passou despois, naõ vo-lo conto:
De que serve contar cousas sobejas,
A quem lhe soube dar hum tal desconto?
Ah esperanças minhas, já perdidas!
Agora, para mais ter que contar,
Soube que fostes vãas, fostes fingidas.
Em que posso ou que devo hoje esperar?
Onde acharei de novo outros enganos,
Que possam desenganos enganar?
Mas he vento cuidar enganar danos:
O triste que nem na alma tem alento,
Tem seu remedio só no fim dos anos.
Já naõ espero ver contentamento;
Perdi quanto esperei n'hma só hora,
E naõ perdi em muitas o tormento.
E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vós a vós queixar-me,
Naõ mo consente amor, que na alma mora.
Põe-se diante, a fim só de estorvar-me,
Que vos offenderei, mostrado aqui,
Que tanta fé paguais com maltratar-me.
E entaõ este temor deixa-me assi,
Além de magoado, frio, e mudo,

Arrependido de quanto escrevi.
Cousas de vosso gosto ainda cudo,
Como senaõ cuidasse, o que naõ crêo,
Naõ perder isto, como perdi tudo.
Mas vá-se o medo já, pois que já veo
O desengano, sem se ter sabida,
Que a certeza podia ter receo.
Agora naõ me dá perder a vida,
Nem a deve recear quem a despreza:
Matai-me, se de mi sois offendida.
Senaõ mate-me já minha tristeza,
Que este só bem me fica, este me val,
Se mo naõ estorvar vossa crueza.
Quem se naõ espantará, vendo-me tal!
Temer, que o triste fim, que me ordenastes,
Mo negueis por remedio de meu mal.
Entre sylvestres feras vos criastes
Pois dais por galardaõ do que esperava
Cruezas desusadas do que usastes.
Quantas lagrimas triste derramava,
Quantos suspiros dava noite, e dia,
Se vos naõ via, e em quanto vos olhava?
Tremia diante vós, ausente ardia,
Abrandava este mal ter para mim,
Que sentia meu fogo essa alma fria.
Mas muito differente foi o fim
De tudo o que cuidava no começo,
Por onde de hum mal n'outro, a tantos vim.

Vida para tal vida naõ vos peço:
Morte para tal morte qual me mata
Me podeis dar, que bem vo-lo mereço.
Porque co' a dor a lingua se desata,
E com gritos vos chama, e com razaõ,
Sem fé, desamoravel, cruel, ingrata.
Por isso acabai já vossa tençaõ;
Fartai, Senhora, já vossas cruezas
No sangue deste triste coraçaõ.
Acabai de acabar tantas tristezas:
Pois acabastes já vãas esperanças,
Acabem já tambem minhas firmezas.
Acabe a vida, acabaráõ lembranças,
Mas tudo está por vós taõ acabado,
Como muitas em mi as confianças,
Que tanto me trouxeram enganado.

ELEGIA XV.

Foi-me alegre o viver, já me he pezado,
Que do contentamento que sentia
A' minha custa estou desenganado.
Ao regaço da morte a dor me guia;
Porém, porque com vida mais me mata,
Dilatando-ma vai de dia em dia.
Manda-me amor fugir da morte ingrata,
Pois naõ soffre limite em vós amor,
Que elle os laços ordena, elle os desata.

Lancei contentamentos a voar,
Tarde os espero ver, que he seu costume
Ter azas ao fugir, freio ao tornar.
O pensamento posto em alto cume,
Para sacrificar-se á vossa vista,
No coraçaõ me guarda eterno lume.
Co' o pensamento os olhos tem conquista,
Pois sempre em vós está, porque os naõ leva,
Que elle muro naõ tem, que lhe resista.
Ainda que minha alma em vós se enleva,
Em todo tempo naõ deixa de arder,
Quando o monte arde em calma, ou quando neva.
Vivei, cuidados, em quanto eu viver,
Ou porque em sombras vossas sempre viva,
Ou porque me apresseis para morrer.
Vontade minha, sempre sois captiva;
Meu pensamento, nunca sois mudado;
Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.
Suave captiveiro, doce estado,
Brando fogo de amor, que em vós guardais
A fim de meu desejo retratado;
Nunca nesta alma minha, aonde estais,
Falteis, porque entaõ falta a esperança,
Sem quem me falta a vida muito mais.
Senhora, em cujo peito odio, e mudança,
Lançam fóra o amor, e sua firmeza,
Que dais esquecimento por lembrança;
Armada dos espinhos da crueza,

Trazeis por apparencias a brandura
No rosto, a qual o peito pouco préza.
Mostrou-me hum leve bem minha ventura,
Paguei-o logo com longo tormento,
Que o gosto foge sempre, e a pena dura.
A tanta dor hum leve sentimento,
Nunca em vós pude ver, quanto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o dais ao vento;
No principio meu fado me foi amigo,
Naveguei pelo mar deste desejo,
Que leva de hum perigo a outro perigo.
Em vós he pouco o amor, em mi sobejo;
Cresce em mi, falta em vós, e de maneira,
Que de quanto em vós vi, já nada vejo.
Mostrou-se-me o tormento na primeira
Com rosto alegre, para que o seguisse,
E lanceime ao seguir nesta cegueira.
Fortuna, porque quiz, que eu o sentisse,
Mostra-se, por mostrar qual dentro era,
Eu chóro meu engano, e ella risse.
Quem em contentamentos vãos espera,
Espere cedo de desenganar-se,
Que tem breves limites sua espera.
Porém quem ha, que mais queira livrar-se
De taõ doce prisaõ? ou quem deseja
Dos nós desses cabellos desatar-se?
Os olhos, a quem as luzes tem inveja,
Que em vós o amor de amor tendes vencido,

Quem ha que vos naõ ame, e vos naõ veja?
  Rosto formoso, em quem está esculpido
O mór bem que se póde ver na terra,
Quem ha naõ queira ser por vós perdido?
  Olhai, Senhora, as horas apressadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, e torna as rosas descóradas.
  Ireis ver ao crystal os olhos bellos,
E já os naõ vereis quaes d'antes eram,
Pois quaes entaõ seraõ, naõ queirais vellos.
  Usai dos bẽes, que vaõ como nascêram;
Olhai que tudo desce de alto estado,
Que tambem os prazeres meus descêram,
  Mas naõ descerá nunca meu cuidado.

ELEGIA XVI.

Nunca hum appetite mostra o dano
Antes de ser de todo effeituado,
Mas no fim vem mostrar o desengano.
  Dureza a causa, e eu desesperado,
Pelo que imaginou o pensamento,
Ando por esta serra desterrado;
  E espalhando a voz ao leve vento,
Delle só consolado, delle ouvido,
O faço sabedor de meu tormento.
  Que monte ha, que naõ tenha já movido,
Que aspera montanha, ou roca dura,

A força de meu mal naõ merecido?
Nas duras pedras acha-se brandura,
Falta nesse cruel humano peito.
Quem vio nunca maior desaventura!
Pouco póde em ti amor perfeito,
Quando de hum movimento vive indino,
Que já mais se negou a hum sogeito.
Da ventura, de vós, de meu destino,
Pois todos contra mi saõ conjurados,
Este valle farei de meu mal dino.
Co' elle a noite, e o dia, meus cuidados
Passarei em acerba, e longa vida,
Em queixas, e em suspiros desusados.
Porque sei que serás disso servida,
Naõ deixarei dos montes a dureza,
Até tua vontade ser movida.
Aqui me subirei na mór alteza
Da serra, onde logo contemplada
Será tua perfeiçaõ, tua crueza.
A alma em ti só prompta, e occupada
Estando de tormento esquivo, e duro,
Opprimida será de ti levada.
E discorrendo hum passo, e outro escuro,
De mal em mal, de hum em outro dano,
A paga tal verá de hum amor puro.
E vendo aqui taõ claro o desengano,
Co' os olhos feitos fontes mudará
Lugar taõ infelice, e deshumano.

E o que mór tormento lhe dará
A lembrança de algum contentamento,
Que inda que pequeno, magoará.
Fará por divertir o pensamento
Desta parte tristissima mudando
Huma lembrança chèa de tormento.
Alli algum espaço porfiando,
Tendo por impossibil esquecer-te,
Ficará ao vento vozes dando.
Alli se queixará de conhecer-te:
Alli dura, cruel, despiedosa,
Dirá: Dize, que podes já mover-te.
Mais que Venus (dirá) dize formosa,
Quando nessa belleza pura, e rara,
Se verá huma hora piedosa.
Alli dirá, cruel, e quem cuidára
De hum espirito taõ resplandecente
Taõ fera condiçaõ, e taõ avara?
Alli vivirá triste, alli ausente,
O costumado mal por si soffrendo,
De o quereres tu tanto contente,
Como o Mundo está já conheçendo.

ELEGIA XVII.

La sierra fatigando de contino
Los passos vagarosos voy moviendo,
Perdiendo de la vida todo el tino,

De mis suspiros tristes no pudiendo
El alma apartar, y el pensamiento
De aquella por quien yo estoy muriendo:
Que aunque la ausencia es grave tormiento
Que te olvide en ello es impossible,
Que con amor no puede apartamiento.
Veote con espirito invisible:
En el muy vivo tengo aquel meneo
Tan fiero para mi, y tan terrible.
Todo lo màs alegre triste veo,
El fresco valle, el monte, la espessura,
La clara fuente enoja aun el deseo.
El dia se me buelve en noche escura,
No puede amanecer de dó ausente:
Tus claros ojos son, de tu hermosura.
Pemitte ya, Señora, que presente,
Do quiera que tu luz es detenida,
Sean el alma y vida juntamente.
En tu servicio alli prompta la vida
Porné en alma sola en contemplarte,
Aunque me seas siempre endurecida.
El mal que hazes dulce en toda parte
Sabroso es el tormiento, yo lo quiero,
Pues es tu voluntad no ablandarte.
Que quando una hora venga, que no espero,
Piedosa, y blanda màs que las passadas,
Y me quieras oir, viendo que muero.
Las tristes no seran de mi dexadas,

Que no sabré vivir sin el estado
De penas, tanto tiempo ya provadas.
Hablo como furioso, y transportado,
Pido lo que me es màs enojoso,
Holgando de me ver tan olvidado.
Quien fatigado es, no dà reposo,
Que sufras con paciencia te conviene,
Las quexas del, que a si se es odioso,
Al tiempo que bolando ya màs viene
Mis desusadas bozes encomienda,
Que assi la triste voz en ti detiene.
La fuerça del dolor ninguna emienda
Puede tomar en mi, que satisfaga
Lo menos que la quexa en mi te ofienda.
Incurable parece una llaga,
Y lo es, que reciba de tu mano,
No quiera amor, que yo jamás deshaga
Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA XVIII.

De peña en peña muevo las passadas,
La tristissima voz al ayre dando
Voy cantando mis quexas desusadas:
Incierto en el camino, que pisando
De un monte esquivo, al otro me encamina;
En medio del estoy en ti pensando.
Oh rigoroso passo! Y quan indina

El alma veo aqui de sola una hora
Poder en ti pensar cosa tan dina.
Si el alma aun no es merecedora,
Puríssima, y prefecta? Y que me puede
De esperança quedar en ti, Señora?
Mas que puedo querer, fortuna ruede,
Llevandome de un triste en otro estado,
Y si es tu voluntad un bien no quede.
En mi no vivo ya, es transformado
En ti, el triste esprito, que tenia,
De ti sola se quiere ver mirado.
Que aunque en fatigas passe noche, y dia,
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho,
La firme voluntad no mudaria.
Y si por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido,
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho;
Adó me llegaria aquel sonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al valle, al monte empedernido?
Dó no se cantaria tu blandura?
En que region estraña, ó nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura?
Quien no pusiera estudio, ingenio, y arte,
Y quando todo nó, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte?
Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña y intratada,

Que mis mudadas vozes no oyera?
  Mas no quiere amor, que la usada
Quexa, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.
  Ni tu querràs que yo dexe la vida,
Para me dar tormiento aun màs fiero,
Ni con tan luenga usança interrompida.
  Cada hora màs aspera te espero,
Que vengas pido, el mal sea màs duro,
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.
  Pruevase este amor perfecto, y puro,
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es màs seguro.
  Excedes à las fieras en dureza,
Quando se ha visto en esta pura, y rara
Gracia, del duro monte la aspereza.
  De los bienes que puedes dar avara,
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el Mundo no pensára,
  Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELEGIA XIX.

Illustre, e nobre Sylva descendido
Do grão filho de Anchises valeroso,
Por armas, e por sangue esclarecido;
  Que como forte, ousado, e piedoso,
A's costas salvou o pai de longos anos,

E o filho pela mão tenro, e mimoso;
E os Penates, que tinham os Troianos,
Tirou no mór conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizeram tantos danos.
Crescendo foi de hũa em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra, e bondade,
Até chegar á nossa taõ ditosa,
Pois nella o Ceo a ti Sylva nos deo,
Que a fazes com tuas obras mais formosa.
Aonde o inclyto Rei de motu seo,
Movido pelo Espirito, que o guia
A maiores proezas, que a Theseo,
Pelas partes que em ti já conhecia,
Ou decreto de cima, te escolheo
Por começo do fim que pertendia.
De Capitam de Tanger te proveo,
Em tempo que o Maluco assaz valente
O grande Imperio de Africa venceo.
E sendo esta eleiçaõ do Rei valente,
Da cega inveja foste murmurado,
Porque ninguem escapou ao maldizente.
Naõ te negáram seres esforçado;
Mas diziam, que á guerra em tal idade
Servia Capitam exprimentado.
E que em tempo de tal necessidade
Convinha velho amparo, e forte escudo,
Em quem naõ possa haver temeridade.

Mas bem ao contrário se vio tudo,
Pois prudencia, e esforço juntamente
Em ti exprimentou o Mouro rudo.
Quando com grão conselho, e pouca gente,
Atravessaste os campos Africanos,
Como grão Capitam, velho, valente.
E foste a parte onde os Mauritanos
Naõ tinham visto lança de Christãos
Havia longos tempos, longos anos.
Tomaste descuidado hum Capitam,
No tempo, e assi na guerra exprimentado
Em quem se confiava Tetuam.
Alafe, irmão de Alafe, nomeado,
Que naõ só o seu campo defendia,
Mas entrava no nosso confiado.
Este, que toda a grande Barbaria
Tinha, por mui prudente, e animoso,
Agora o têes na tua estrebaria.
Que póde aqui dizer pois o invejoso,
Onde taõ claro vê, que nessa idade
Suppre o nobre sangue generoso?
Naõ te dirá, que foi temeridade
Para feito como este taõ valente,
Com ter seguro o campo, e a Cidade.
Nem te póde negar seres prudente,
Pois tempo, e conjunçaõ foste escolher,
Em que naõ arriscaste a tua gente.
Mas assi te soubeste recolher

Com grão despojo feito, denso dano,
Sem hum dos que levaste se perder.
O' felice Varaõ, Sylva Troiano;
Quem te póde louvar, como venceste,
Pois no dia menor que tinha o ano,
O maior feito em Africa fizeste?

ELEGIA XX.

Saiam desta alma triste, e magoada,
Palavras magoadas de tristeza,
E seja ao Mundo a causa declarada.
Saia do peito a voz, com que a graveza
Sogiga, doma, e as gentes move tanto,
Por mais, e mais que tenham de dureza.
E vós, meus olhos tristes, entretanto
Em lagrimas esta alma derretida
Chorai, que amargo choro he o meu canto.
Quanto de mi a causa foi sentida,
Seja de vós chorada, e juntamente
Choremos huma morte, e huma vida.
A bondade choremos innocente,
Cortada em flor, que pela acerba morte
Nos foi arrebatada d'entre a gente;
E aquella immensa dor, e dura sorte
Da magoada mãi, cuja alma triste
Tambem cortada foi co' o agudo córte.
O' espirito gentil, que ao Ceo subiste;

Porque engeitaste a minha companhia,
E acompanhar-te eu naõ consentiste?
Este he o canto heroico, e de alegria,
Que já em teu louvor apparelhava.
Como o tornou a morte em Elegia?
Esta he a esperança que nos dava
De ti, tua tenra, e alegre mocidade,
De quem taõ grandes cousas se esperava?
O Hymeneo, que em mais perfeita idade
Com honras mil te andava apparelhando
A mãi, de quem naõ houveste piedade?
Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buscando em vão a casa em toda a parte,
Amado filho meu, por ti brádando.
Quem me vedou os olhos teus cerrar-te,
Que em taõ amarga, e triste despedida
Pudera esta alma minha acompanhar-te?
Quem te privou da chara, e doce vida,
Meu filho taõ formoso, e mal logrado?
Dous corações passou huma ferida.
Em terra de desterro, ai filho amado,
Deixando-me sem ti desamparada,
Quizeste ser de estranhos sepultado.
Se hias para fazer taõ grão jornada,
Naõ leváras em tua companhia
Esta misera mãi desconsolada?
Quiçá que algum soccorro te seria;
Que vendo vir a espada em alto erguida

Filho, com hum grito meu te avisaria.
Ou recebêra o golpe nesta vida,
Metendo-me no meio, e tu vivêras;
Fartára de meu sangue esse homicida.
Ai filho, meu amor, que tu só eras
Quem com tua vida alegre algum descanso
A meu viver cansado dar puderas!
E tu serás tambem quem manso a manso
Me acabarás a vida que eu queria
Sem ti ver acabada de hum só lanso.
E vós tambem, mulheres, que paristes,
Ajudai-me a chorar, porque em mal tanto
Naõ satisfazem só meus olhos tristes.
Assi com grave dor de canto a canto
Até nos corações de mór dureza
Soa huma voz confusa, hum amargo pranto.
O' tu, honra, e primor da natureza,
Illustre, e formosissima maria;
Naõ trates mal, Senhora, tal belleza.
Pois só costodia es, donde alegria
Defunta, e tal chorada em dia amargo
Resurgirá em outro alegre dia.
Que a ti deo o movedor do Mundo o cargo
De alegrares a mãi chorosa, e triste,
Que alegre vivirá por tempo largo.
Postoque a dor do irmão muito sentiste,
Naõ destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio nisso naõ consiste.

Naõ trates mal as nitidas estrellas
Dos olhos teus, com lagrimas ardentes,
Pois tem mais resplandor que todas ellas.
Naõ offendas as faces refulgentes,
Obra de Deos, com mão despiedosa,
Da patria honra, se louvor das gentes.
Mas vai com doce voz, branda, e amorosa,
Consola a triste mãi, desconsolada,
Com tua vista alegre, e taõ formosa.
Promette-lhe, que em si resuscitada
Verá sua alegria já perdida,
De todos taõ sentida, e taõ chorada.
Pois teu remedio está só em sua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Naõ dê tanto lugar á dor crescida.
Bem se permitte á fraca humanidade
Por filho tal, e tanto tempo ausente,
Hum moderado pranto, huma saudade.
Mas taõ contínua dor, que espante a gente,
E põe em tal extremo a vida amada,
Nem Mundo o quer, nem Deos naõ o consente.
Naõ foi a morte de Heitor sempre chorada
Da triste mãi, que além de filho amado,
Era por elle só Troia amparada.
Mas já despois de morto, e arrastado
Com Grego applauso, vozes, e alarido,
O corpo houve ás mãos desconjuntado.
Perdida a côr, o collo recahido,

Naõ parecia Heitor, que d'antes era,
De pó, de sangue, e de suor tingido.
Com seus olhos lavou-lhe a chaga fera,
Com suas mãos o rosto lhe alimpava,
Sem alma, e sangue, já de côr de cera.
Mas vendo, em fim, quaõ pouco aproveitava
Seu choro, e nem por mais que em vão brádando,
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.
De lagrimas os olhos enxugando,
Desenganada já do filho amado,
Se foi co' amada filha consolando.
Nem sempre o fero Achilles foi chorado
De Tethys sua mãi, do branco coro,
Principe Grego taõ assignalado.
Tambem pagou á morte o antigo foro,
E á deosa naõ valeo ser prevenida,
Nem suspiros valêram, nem seu choro.
Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, e filho amado
Da deosa de Nereo taõ querida.
Nas aguas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro naõ pudesse ser cortado.
Mas a agua naõ chegou áquella parte,
Que esquadrinhou a sétta aguda, e forte,
Que contra ella naõ val engenho, e arte.
Choráram as Gregas gentes sua morte,
Os Phocas, e Delphijs tambem choráram,

Chorou do grão Nereo toda a Corte.
  Tantas lagrimas tristes derramáram,
Tanto chorou a mãi, que muito o amava,
Que o Xanto, e o Simois accrescentáram.
  Mas vendo que o chorar naõ aproveitava,
E que era dor perdida, e desatino,
Os seus formosos olhos alimpava.
  E com alegre rosto de ar benino
O Ceo, a terra, o mar, tudo alegrando,
E os Cidadãos do Reino crystallino;
  Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Nymphas rodeada,
Tornando a vista atraz de quando em quando;
  De Pausilipe, e Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, e de Melanto,
Se foi para Nereo consolada.
  Deixai pois já, Senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal, que tanto crece,
E dai lugar ao meu inculto canto.
  Com grão difficuldade se offerece
A grandes desventuras, taes como esta,
A dar-lhe iguaes palavras, quaes merece.
  Por tanto eu, Senhora, agora nesta
Naõ as hei de buscar por consolar-te,
Que aos tristes consolar só a razaõ presta.
  Tambem seraõ perdidas nesta parte
Consolações, que em choro de amargura
Força naõ tem, por mais que tenham d'arte.

Se as lagrimas naõ vence a razaõ pura,
Fortuna sempre a outras accrescenta;
Guarde-te Deos de mór desaventura.
Naõ digo, que a alma estê de mágoa isenta,
Porque humano he sentir, mas he fraqueza
Naõ soffrer o que Deos nos apresenta.
Naõ he este Mundo a nossa natureza;
Estrada si, por onde caminhamos,
Pertendendo chegar á summa Alteza.
Neste caminho hum passo estreito achamos;
Morte se chama, horrenda, e desabrida,
Dívida que Adaõ fez, e nós pagamos.
A todos he commum esta partida:
Quem morre, naõ morreo, partio primeiro,
E o que ha despois da morte he eterna vida.
Todo animal que nasce, está foreiro
A passar este passo estreito tanto;
Todos lá havemos de ir por derradeiro.
Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho está no Ceo resplandecente,
Já entre os Cidadáos do Coro santo.
Nossas memorias tristes naõ as sente,
Já livre; e de theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.
Da Visaõ Beatifica gozando,
Sem medo ou sobresalto de perdella,
O Mundo, e seus affagos desprezando.
Dalli contempla de hũa, e de outra estrella,

Ou fixa, e errante, o curso, e movimento,
Tendo, sem se mover, os pés sobre ella.
Veloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de Polo a Polo, e o Ceo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.
E porque o mar continuo mingoa, e crece,
Comprende, e a quinta essencia pura, e neta,
E com que luz a Lũa resplandece.
Nem o espanta no ar qualquer Cometa;
Os pontos sabe de hũ, e de outro Signo,
Por onde faz seu curso o grão Planeta.
Hum Anjo novo tẽes, sancto, e benino:
Vive, Senhora, alegre, e consolada,
Que por ti roga ao Padre de contino.
O' alma pura, em alto alevantada,
Que lá estás nesse Ceo luzente, e claro,
Desta mortal prisaõ já desatada;
O' Senhor meu Dom Tello, amigo charo,
Que do terreno Sol, onde viveste
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro;
Se ao passar do Lethe naõ perdeste
A memoria de mi, que tanto te amo,
E por íntimo amigo me tiveste;
Com attençaõ escuta o meu reclamo,
Naõ desprezes de ouvir lá dessa altura
A baixa, e rouca voz, com que te chamo.
Que quando concedido da ventura
Me for o que eu por ti agora peço,

Naõ borrará o teu nome a fama escura.
  Em tanto as baixas Rhythmas te offereço
Em penhor da vontade, e amor profundo,
Até cumprir o que ora aqui profeço.
  Que entaõ te cantará por todo o Mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occupará teu nome sem segundo
  Do patrio Tejo além da Taprobana.

ELEGIA XXI.

Naõ me julgueis, Senhora, atrevimento
O que me faz fazer hũ mal taõ forte,
Que naõ me basta nelle o soffrimento.
  Que tal me traz já agora minha sorte;
Que me faz buscar vossa crueldade,
Donde só por remedio espero a morte.
  Naõ vos pude callar esta verdade,
Porque força naõ tem poder humano
Contra outro, que naõ tem humanidade.
  Amor, que tudo faz para mór dano,
Me deo o mal, levou-me o soffrimento.
Ah duro amor, cruel, e deshumano!
  Naõ vos lembre, Senhora, meu tormento,
Que este bem o merece a ousadia
De eu empregar em vós meu pensamento.
  Lembro-vos hum amor, que cada dia
Em mi taõ verdadeiro, e firme crece,

Que alheo me traz já do que sohia.
  Naõ peço que o pagueis, como merece,
Que naõ mereço eu tanto, mas só peço,
Que por mi naõ cuideis que desmerece.
  Porque se só por si he de tal preço,
Que a supprir basta seu merecimento,
Quanto eu de minha parte desmereço.
  Bem vejo que em tomar o soffrimento
Para viver, melhor remedio fora,
Que hum taõ desordenado atrevimento.
  Mas eu que do viver menos, já agora
Que de todo a livro, pois crescendo
Vaõ com a vida os males cada hora,
  Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura
Quem pertende fazer o que eu pertendo.
  Quizesse oh oxalá minha ventura,
Que castigasseis vós esta ousadia
Com huma cruel morte, triste, e dura!
  Que naõ sería morte, mas sería
Hum suave remedio, doce, e brando,
Deste mal, que me mata cada dia.
  Até quando, Senhora, e até quando
Terá lugar em vós vossa crueza,
E a morte naõ em mi, q̃ a estou chamando?
  Abrande meu amor vossa dureza,
Que esta alma em si transforma com tal cura,
Que já naõ he amor, mas natureza.

Abrande já huma vida, em que só dura
A alma, porque veja, e exprimente,
Que naõ tem fim a grão desaventura.
Abrande já huma dor, que juntamente
A vida penetrou, e a alma triste,
E lhe roubou o estado seu contente.
Mostrai-vos poderosa em quem resiste
Em desobedecer, ou enojar-vos,
E naõ já contra quem vos naõ resiste.
Em quem cuidar, q̃ digno foi de amar-vos,
Mostrai vosso poder, pois o merece,
Em mi naõ, q̃ o naõ sou taõ só de olhar-vos.
Attentai por huma alma, que se esquece
De si, porque em vós poz sua lembrança,
E tal, que em nenhum tempo desfallece.
Nem suspeito que possa haver mudança
N'hum coraçaõ, que mais que a si vos ama:
Dai-lhe já morte, ou vida, ou esperança,
Que tudo será gloria por tal dama.

ESTANCIAS

PRIMEIRAS.

I.

Quem póde ser no Mundo taõ quieto?
Ou quem terá taõ livre o pensamento?
Quem taõ exprimentado, ou taõ discreto?
Taõ fóra, em fim, de humano entendimento,
Que ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe naõ revolva, e espante o sentimento,
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
Ver, e notar do Mundo o desconcerto?

II.

Quem a que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes, e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpétua pena, immensos vituperios;
Se a fortuna em contrário o seva, e guia,
Mostrando, em fim, que tudo saõ mysterios
Em alteza de estados triumphante,
Que por livre que seja naõ se espante?

III.

Quem a que veja aquelle que taõ clara
Teve a vida, que em tudo por perfeito
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peito;
Se a má fortuna, ao bem sómente avara,
O reprime, e lhe nega seu direito,
Que lhe naõ fique o peito congelado,
Por mais, e mais, que seja exprimentado?

IV.

Demócrito dos deoses proferia
Que eram sós dous; a Pena, e Beneficio.
Segredo algum será da phantasia,
De que eu achar naõ posso claro indicio.
Que se ambos vem por naõ cuidada via
A quem os naõ merece, he grande vício
Em deoses sem justiça, e sem razaõ.
Mas Demócrito o disse, e Paulo naõ.

V.

Dir-me-heis, que se este estranho desconcerto
Novamente no Mundo se mostrasse,
Que por livre que fosse, e mui experto,
Naõ era de espantar se me espantasse.
Mas que se jà de Socrates foi certo,
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, (ou de prudente, ou de constante)
Exemplo tome delle, e naõ me espante.

VI.

Parece a razaõ boa; mas eu digo
Deste uso da fortuna taõ damnado,
Que quanto he mais usado, e mais antigo,
Tanto he mais estranhado, e blasphemado.
Porque se o Ceo, das gentes taõ amigo,
Naõ dá á fortuna tempo limitado,
Bem he para causar hum grande espanto,
Que mal taõ mal olhado dure tanto.

VII.

Outro espanto maior aqui me enléa;
Que com quanto fortuna taõ profana
Com estes desconcertos senhorêa,
A nenhuma pessoa desengana.
Naõ ha ninguem que assente, nem que crêa
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe, nem que entenda,
Que algum pouco do Mundo naõ pertenda.

VIII.

Diogenes pisava de Plataõ
Com seus sórdidos pés o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presumpçaõ
Em desprezar o fausto taõ prezado.
Diogenes, naõ vês que extremos saõ
Esses que segues de mais alto estado?
Pois se de desprezar te prézas muito,
Já pertendes do Mundo fama, e fruito.

IX.

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
He fartar esta sede cubiçosa
De querer dominar, e mandar tudo,
Com fama larga, e pompa sumptuosa.
Deixo aquelles que tomam por escudo
De seus vicios, e vida vergonhosa,
A nobreza de seus antecessores,
E naõ cuidam de si que saõ peores.

X.

Aquelle deixo, a quem do somno esperta
O grão favor do Rei que serve, e adora,
E se mantém desta aura falsa, e incerta,
Que de corações tantos he senhora.
Deixo aquelles que estaõ co' a boca aberta
Por se encher de thesouros de hora em hora;
Doentes desta falsa hydropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

XI.

Deixo outras obras vãas do vulgo errado,
A que já naõ ha alguem que contradiga;
Nem de outra cousa alguma he governado,
Que de huma opiniaõ, e usança antiga.
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Plataõ divino, que me diga,
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencê-las, que alcançou?

XII.

Cesar dirá: Sou digno de memoria,
Vencendo povos varios, e esforçados:
Fui Monarca do Mundo; e larga historia
Ficará de meus feitos sublimados.
He verdade: mas esse mando, e gloria,
Lograste-o muito tempo? Os conjurados
Bruto, e Cassio diraõ, que se venceste,
Em fim, em fim, ás mãos dos teus morreste.

XIII.

Dirá Plataõ: Por ver o Etna, e o Nilo,
Fui a Sicilia, a Egypto, e outras partes,
Sò por ver, e escrever em alto estilo
Da natural sciencia em muitas artes.
O tempo he breve, e queres consumi-lo,
Plataõ, todo em trabalhos; e repartes
Taõ mal de teu estudo as breves horas,
Que, em fim, do falso Phebo o filho adoras?

XIV.

Pois quanto des que vive já apartada
A alma desta prisaõ terreste, e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que da fama que fica nada cura.
E se o corpo terreno sinta nada
O Cynico dirá se por ventura
No campo onde lançado morto estava
De si os cães, ou as aves, enxotava.

XV.

Quem taõ baixa tivesse a phantasia,
Que nunca em môres cousas a metesse.
Que em só levar seu gado á fonte fria,
E mungir-lhe do leite que bebesse!
Quaõ bemaventurado que seria,
Que por mais que a fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria maior pena,
Que pezar-lhe de a vida ser pequena!

XVI.

Veria erguer do Sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agua donde nace,
Nem quem a luz occulta no Horizonte:
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as hervas do alto monte:
Em Deos creria simples, e quieto,
Sem mais especular algum secreto.

XVII.

De hum certo Trasilao se lê, e escreve,
Entre as cousas da velha Antiguidade,
Que perdido grão tempo o siso teve,
Por causa de huma grave enfermidade:
E em quanto de si fóra doudo esteve,
Tinha por teima, e cria por verdade,
Que eram suas, das naos que navegavam,
Quantas no porto Píreo ancoravam.

XVIII.

Por hum Senhor mui grande se teria,
(Além da vida alegre que passava)
Pois nas que se perdiam naõ perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Naõ tardou muito tempo, quando hum dia
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
Chegando á patria, quando o vio perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

XIX.

Aos Medicos o entrega, e com aviso
O faz estar á cura refusada.
Triste, que por tornar-lhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada!
As hervas Apollineas de improviso
O tornam á saude já passada.
Sisudo Trasilao, ao charo irmaõ
Agradece a vontade a obra naõ.

XX.

Porque despois de ver-se no perigo
Do trabalho a que o siso o obrigava;
E despois de naõ ver o estado antigo,
Que a louca presumpçaõ lhe presentava:
O' inimigo irmão, com côr de amigo;
Para que me tiraste (suspirava)
Da mais quieta vida, e livre em tudo,
Que nunca pôde ter algum sisudo?

XXI.

Por qual Senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
Que me dava que o Mundo se acabára,
Ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora me he penosa a vida chara:
Sei que cousa he trabalho, e que tristeza.
Torna-me a meu estado; que eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso.

XXII.

Vedes aqui, Senhor, bem claramente
Como a fortuna em todos tem poder,
Senaõ só no que menos sabe, e sente,
Em quem nenhum desejo póde haver:
Este se póde rir da cega gente;
Neste naõ póde nada acontecer;
Nem estarà suspenso na balança
Do temor mao da perfida esperança.

XXIII.

Mas se o sereno Ceo me concedêra
Qualquer quieto, humilde, e doce estado,
Onde com minhas Musas só vivera,
Sem ver-me em terra alhêa degradado;
E alli outrem ninguem me conhecêra,
Nem conhecêra eu outro mais honrado,
Senaõ a vós, tambem, como eu, contente,
Que bem sei que o serieis facilmente:

XXIV.

E ao longo de huma clara, e pura fonte,
Que em borbulhas nascendo convidasse
Ao doce passarinho, que nos conte
Quem da chara consorte o apartasse:
Despois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
Avivando o juizo ao doce estudo,
Mais certo manjar da alma, em fim, que tudo:

XXV.

Cantára-nos aquelle que taõ claro
O fez o fogo da arvore Phebea,
A qual elle em estylo grande, e raro,
Louvando, o crystallino Sorga enfrêa,
Tangéra-nos na frauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora por a arêa:
Passára celebrando o Tejo ufano
O brando, e doce Lasso Castelhano:

XXVI.

E comnosco tambem se achára aquella,
Cuja lembrança, e cujo claro gesto,
Na alma sómente vejo, porque nella
Está em essencia puro, e manifesto,
Por alta influiçaõ de minha estrella
Mitigando o rigor do peito honesto,
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o Sol em vellos:

XXVII.

E em quanto por Veraõ flores colhesse,
Ou por Inverno a fogo accommodado,
O que de mi sentíra nos dissesse,
De puro amor o peito salteado;
Naõ pedíra entaõ eu, que amor me désse
Do insano Trasilao o doudo estado,
Mas que alli me dobrasse o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

XXVIII.

Mas por onde me leva a phantasia?
Porque imagino em bemaventuranças,
Se taõ longe a fortuna me desvia,
Que inda me naõ consente as esperanças?
Se hum novo pensamento amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as esquivanças
Do bem, me fazem taõ desamparado,
Que naõ póde ser mais que imaginado?

XXIX.

Fortuna, em fim, co' o amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoasse:
Amor a hum vão desejo me obrigou,
Só para que a fortuna mo negasse:
O tempo a tal estado me chegou,
E nelle quiz que a vida se acabasse;
Se ha em mi acabar-se, o que eu naõ creo;
Que até da muita vida me receo.

ESTANCIAS SEGUNDAS.

I.

Como nos vossos hombros taõ constantes
(Principe illustre, e raro) sustenteis
Tantos negocios arduos, e importantes,
Dignos do largo Imperio que regeis;
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar, e a terra segureis
Do Pirata insolente, e do tyrano
Jugo do potentissimo Othomano:

II.

E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juizo alheo,
A' desordem do vulgo temeraria,
Na santa paz ponhais o duro freo;
Se com minha escriptura longa, e vária,
Vos occupasse o tempo, certo creo
Que com vagante, e ociosa phantasia
Contra o commum proveito peccaria.

III.

E naõ menos seria reputado
Por doce adulador, sagaz, e agudo,
Que contra meu taõ baixo, e triste estado
Busco favor em vós que podeis tudo;
Se contra a opiniaõ do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde, e rudo,
Diraõ, que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.

IV.

Porém, porque a verdade póde tanto
No livre arbitrio, (como disse bem
Ao grão Dario o moço sabio, e santo,
Que foi reedificar Hierusalem)
Esta me obriga a que em humilde canto,
Contra a tençaõ que a plebe ignara tem,
Vos faça claro a quem vos naõ alcança;
E naõ de premio algum vil esperança.

V.

Romulo, Baccho, e outros que alcancáram
Nomes de semideoses soberanos,
Em quanto por o Mundo exercitáram
Altos feitos, e quasi mais que humanos;
Com justissima causa se queixáram
Que naõ lhes respondêram os mundanos
Favores do rumor justos, e iguaes,
A seus merecimentos immortaes.

VI.

Aquelle que nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Anteo,
E a quem os seus trabalhos taõ famosos
Fizeram Cidadão do claro Ceo;
Achou que a má tençaõ dos invejosos
Naõ se doma senaõ despois que o véo
Se rompe corporal: porque na vida
Ninguem alcança a gloria merecida.

VII.

Com tudo, se Barões taõ excellentes
Foram do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudas gentes,
He louvor dos Reaes, e sublimados.
Quem no lume dos vossos Ascendentes
Poderá pôr os olhos, que abalados
Lhes naõ fiquem da luz, vendo os maiores
Vossos passados, Reis, e Imperadores?

VIII.

Quem verá aquelle Pai da Patria sua,
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo só, co' a espada nua,
Removeo do pescoço Lusitano;
Que naõ diga: ó grão Nuno, a eterna tua
Memoria causará, senaõ me engano,
Que qualquer teu menor tanto se estime,
Que nunca possa ser senaõ sublime?

IX.

Nisto naõ fallo mais, porque conheço
Que da materia se me baixa o engenho:
Mas pois a dizer tudo me offereço,
(E dias ha que no desejo o tenho)
Sendo vós de taõ alto, e illustre preço,
A vida fostes pôr n'hum fraco lenho,
Por largo mar, e undosa tempestade,
Só por servir á Regia Magestade,

X.

E despois de tomar a redea dura
Na mão, do povo indomito que estava
Costumado á largueza, e á soltura
Do pezado governo que acabava;
Quem naõ terá por sancta, e justa cura,
Qual do vosso conceito se esperava,
A taõ desenfreada enfermidade
Applicar-lhe contrária qualidade?

XI.

Naõ he muito, Senhor, se o moderado
Governo se blasphema, e se desama,
Porque o povo a larguezas costumado,
A' lei serena, e justa, dura chama.
Pois o zelo em virtude só fundado
De salvar almas da Tartárea flama,
Com a agua salutifera de Christo,
Poderá por ventura ser malquisto?

XII.

Quem quizesse negar taõ gráo verdade,
Qual he o seu affeito sancto, e pio;
Negue tambem ao Sol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio:
Se o successo he contrário da vontade
A's obras que saõ boas, e o desvio;
Está nas mãos dos homens comettellas,
E nas de Deos está o successo dellas.

XIII.

Sei eu e sabem todos, que os futuros
Veraõ por vós o Estado accrescentado:
Seráõ memoria vossa os fortes muros
Do Cambaico Damaõ bem sustentado:
Da ruina mortal seraõ seguros
Tendo todo o alicerce seu fundado
Sobre órphãas amparadas com maridos,
E pagos os serviços bem devidos.

XIV.

Quando de infamia ao Principe he perder-se
Pouco do Estado seu que inteiro herdou,
Tanto por gloria grande póde ter-se
Se accrescentado, e próspero o deixou.
Nunca consentio Roma ennobrecer se
Com triumphos alguem, senaõ ganhou
Provincia com que o Imperio se augmentasse,
Por maiores victorias que alcançasse.

XV.

Póde tomar o vosso nome dino
Damaõ, por honra sua clara, e pura,
Como já do primeiro Constantino
Tomou Byzancio aquelle que inda dura.
E tu, Rei, que no Reino Neptunino,
Lá no seio Gangetico a Natura
Te aposentou; de ser taõ inimigo
Deste Estado, naõ ficas sem castigo.

XVI.

Bem viste contra ti nadantes aves
Cortar a espumosa agua navegando;
Ouviste o som das tubas naõ suaves,
Mas com temor horrifero soando:
Sentiste os golpes asperos, e graves,
Do Lusitano braço nunca brando;
Naõ soffreste o grão brado penetrante,
Que os trovões imitava do Tonante,

XVII.

Mas antes dando as costas, e a victoria
A' Bragancez ventura naõ corrido,
Déste bem a entender quaõ grande gloria
He de tal vencedor o ser vencido.
Quem faz obras taõ dignas de memoria
Sempre será famoso, e conhecido,
Onde os altos juizos se estimarem;
Que estes sós tem poder de fama darem.

XVIII.

Naõ vos temais, Senhor, do povo ignaro,
Taõ ingrato a quem tanto faz por elle,
Mas sabei que he signal de serdes claro,
O ser agora taõ malquisto delle.
Themistocles da Patria sua amparo,
O forte, e liberal Cimon, e aquelle
Que Leis aó povo deo de Espartha antigo,
Testimunhas seraõ de quanto digo.

XIX.

Pois ao justo Aristides, hum robusto,
Votando no Ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi; porque era justo
Desejava que fosse desterrado.
Pachitas por fugir do povo injusto
Calumnioso, dando no Senado
Conta de Lesbos, que elle já mandára,
Se tirou co' o seu ferro a vida chara.

XX.

Demosthenes lançado das tormentas
Populares, a Pallas foi dizendo,
Que de tres mõstros grandes te contentas,
Do drago, e moucho, e do vil povo horrendo?
Que glorias immortaes houve que isentas
Do veneno vulgar fossem vivendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos;
E vós tambem sois hum dos Lusitanos.

ESTANCIAS TERCEIRAS.

I.

Mui alto Rei, a quem os Ceos em sorte
Deram ó nome augusto, e sublimado,
De aquelle Cavalleiro que na morte,
Por Christo, foi de séttas míl passado;
Pois delle o fiel peito, casto, e forte,
Co' o nome Imperial tendes tomado,
Tomai tambem a sétta veneranda
Que a vós o Successor de Pedro manda.

II.

Já por ordem do Ceo, que o consentio,
Tendes o braço seu, reliquia chara,
Defensor contra o gladio que ferio
O Povo que David contar mandára.
E pois que tudo em vós se permittio,
Presagio temos, e esperança clara,
Que sereis braço forte, e soberano,
Contra o soberbo gladio Mauritano.

III.

E o que hum presagio tal agora encerra,
Nos faz ter por mais certo, e verdadeiro,
A sétta que vos dá quem he na terra
Dos celestes thesouros Dispenseiro.
Que as vossas séttas saõ na justa guerra
Agudas, e entraráõ por derradeiro,
Cahindo a vossos pés povo sem lei,
Nos peitos que inimigos saõ do Rei.

IV.

Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortissimo, com gloria,
Por as praias de Persia, e alcançava
De Naçoes taõ remotas a victoria;
As séttas embebidas, que tirava
O arco Armusiano, he larga historia,
Nos ares, Deos querendo, se viravam,
Pregando-se nos peitos que as tiravam.

V.

Oh querido de Deos, por quem peleja
O ar tambem, e o vento conjurado!
Ao tambor acode, porque veja
Que o que a Deos ama, he de Deos amado.
Os contrarios revéis á Madre Igreja
Atroáram co' o tom do Ceo irado,
Que assi deo já favor maior que humano,
A Josué Hebreo, a Teodosio Hispano.

VI.

Pois se as séttas tiradas da inimiga
Corda, contra si só nocivas saõ,
Que faraõ, Rei, as vossas que tem liga
Com a que já tocou Sebastiaõ?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A levantar a Deos o coraçaõ,
Crendo bem que as que vós despedireis
No sangue Sarraceno as tingireis.

VII.

Ascanio, (se trazer me he concedido
Entre sanctos exemplos hum profano)
Rei do Imperio, despois taõ conhecido,
De Roma, e só reliquia do Troiano;
Vingou com sétta, e animo atrevido,
As soberbas palavras de Numano;
E logo foi de alli remunerado,
Com louvores de Apollo celebrado.

VIII.

Assi vós, Rei que fostes segurança
De nossa liberdade, e que nos dais
De grandes bẽes certissima esperança,
Nos costumes, e aspecto que mostrais;
Concebemos segura confiança,
Que Deos a quem servís, e venerais,
Vos fará vingador dos seus revéis,
E os premios vos dará que mereceis.

IX.

Estes humildes versos, que pregáõ
Saõ destes vossos Reinos com verdade,
Recebei com benigna, e Real maõ,
Pois he devido a Reis benignidade.
Tenham (senaõ merecem galardaõ)
Favor sequer da Régia Magestade:
Assi tenhais de quem já tendes tanto,
Com o nome, e reliquia, favor santo.

ESTANCIAS QUARTAS.

I.

Despois que a clara Aurora a noite escura
Com novo resplandor foi desfazendo;
E Phebo por os montes, e espessura,
Os seus dourados raios estendendo;
Se buscava nos valles a verdura
O manso gado a luz serena vendo;
Quando a férvida sésta já abrazava,
Todo animal da calma repousava,

II.

Já por fugir do Sol o fogo ardente,
As sombras os rebanhos vaõ buscando:
Os tenros cabritinhos juntamente
Apoz as mansas mãis hiam saltando:
Tangendo as suas frautas docemente
Os Pastores, estavam enganando
A grão chamma Solar que entaõ ardia;
Só Liso o ardor della naõ sentia.

III.

Tristes lembranças tanto o traspassavam,
Que a dura sésta nellas só passava;
O tempo que em prazer outros gastavam,
Em celebrer seu mal elle o gastava:
As festas que com jogos celebravam,
Elle com suspirar as celebrava:
Nada buscava mais, mais naõ queria
Que o repouso do fogo em que elle ardia.

IV.

Os repetidos jogos dos Pastores,
As lutas entre a rama repetidas,
Em nada lhe divertem suas dores,
Mas antes na alegria as vê crescídas.
Como o repouso roubam os amores
A's almas que para elles saõ nascidas,
Delle, todo o repouso que esperava,
Consistia na Nympha que buscava.

V.

Com o choro, que já corria em fio
Por o pallido rosto, augmenta as fontes,
Que levam agua estranha ao claro rio
Que os valles vai regando entre altos montes.
Com suspiros a quem o ecco pio
Responde de apartados Horizontes,
Os ventos parecia que enfreava,
Os montes parecia que abalava.

VI.

Que ás queixas de seus doces pensamentos
Se movessem os montes mais constantes,
Se parassem os mais veloces ventos,
Que estavam, que corriam circumstantes;
Bem se devia á dor de seus tormentos,
E inda que fosse em peitos de diamantes;
Que hum peito de diamante abrandaria
O triste som das mágoas que dizia.

VII.

Porém elle as dizia a outro peito,
Mais, que diamante, inexpugnavel, duro:
A fé lhe encarecia, a que sogeito
O tinha em pena eterna o amor puro:
Mostrava-lhe este na alma mais perfeito,
Quanto mais offendido mais seguro:
A Nympha mais segura tudo ouvia,
Mas nada o duro peito commovia.

VIII.

As lástimas aqui tanto crescêram,
Que se em montes de Hircania se escuitáram,
Tigres nos seios seus mover pudéram,
E pedras nos seus cumes abrandáram.
Mas se no peito as tristes vozes déram
De aquella fera humana que buscáram,
Elle de as admittir se retirava;
Que na vontade de outro posto estava.

IX.

Desenganado já da triste sorte,
De que mal fino amor se desengana,
Com a esperança só de sua morte
Aquellas penas ultimas engana.
Deixando na espessura o claro norte,
Para elle de outra luz mais soberana,
A hum valle aberto entaõ sahir procura,
Cansado já de andar por a espessura.

X.

Deixando as suas cabras que pascessem
Naquelle verde prado as frescas flores;
Porque os Satyros leves o soubessem,
Ou os sylvestres Faunos amadores;
Tambem porque os Pastores o entendessem,
Todo o processo, e fim de seus amores
Escreveo (sem em nada haver mudança)
No tronco de huma faia por lembrança.

XI.

Por lembrança no tronco de huma faia,
Que vai sahindo ao Ceo de puro altiva,
Na verde, prateada, e aurea praia,
Por onde a claro Tejo se deriva;
Porque tambem ao Ceo sua dor saia;
Sobre aquella corrente fugitiva,
Escripta no papel da natureza,
Escreve estas palavras de tristeza.

XII.

Natercia, Nympha bella, por quem vivo
Em tal tormento, tempo algum me olhou;
Mas des que em mi sentio que era captivo
De aquelle brando olhar que me enganou,
O amor tornava em desamor esquivo,
E de hum tormento tal a outro passou.
Em cousas taõ sujeitas a mudança
Nunca ponha ninguem sua esperança.

XIII.

Para dar proveitosos desenganos
Dos enganos que saõ de amor effeitos,
E dos dous sexos publicar, humanos,
A origem das mudanças de seus peitos;
Estas letras aqui por longos anos
Digam, (a corações a amar sujeitos)
Em peito varonil, que de ventura;
Em peito feminil, que de natura.

XIV.

Faltou-lhe aqui o alento, e já cansado
Cahio ao pé da faia em que escrevia,
Naõ podendo seguir o começado,
Porque a alma já do corpo lhe sahia.
Tres vezes, com accento mal formado,
Para exemplo futuro repetia;
Amantes, entendei que a mór belleza
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

ESTANCIAS QUINTAS.

I.

CA' nesta Babylonia adonde mana
Hypocrisia, engano, e falsidade;
Cá donde ousada toda carne humana
A todo arbitrio vive da vontade:
Cá donde enrouqueceo da Lusitana
Musa o furor heroico, e suavidade;
Cá donde se produz por cega via
Materia a quanto mal o Mundo cria:

II.

Cá donde o puro amor naõ tem valia,
Porque Baccho o tem hoje desterrado;
Cá donde a frecha de ouro naõ feria,
Senaõ cabello preto, e alfenado:
Cá donde a loura trança naõ servia,
Nem o rosto de sangue matizado;
Cá donde nada val á gloria humana,
Que a mãi, que manda mais, tudo profana.

III.

Cá donde o mal se affina, o bem se dana,
Se algum a terra em si quer produzir;
Cá donde a falsa gente Mahometana
A gloria toda funda em adquirir:
Cá donde multiplica a mão tyrana
Professa em mais crescer, matar, mentir;
Cá donde o fazer bem he villanía,
E póde mais que a honra a tyrannia:

IV.

Cá donde a errada, e cega Monarchia
De fabulosas leis está vivendo,
E á força de hum amor engrandecia
O nefando Alcoraõ em que está crendo:
Cá donde nada val a Poesia,
E se está da lei della escarnecendo;
Cá donde a fidalguia Mahometana
Cuida com nome vaõ, que a Deos engana.

V.

Cá nesta Babylonia, onde a Nobreza
Da Lusitana gente se perdeo;
E do grão Sebastiam toda a grandeza
Irreparavelmente se abateo:
Cá donde algum mentir naõ he baixeza,
E os meritos esmola (assi cresceo
Da cobiça mortal a semrazaõ)
Com esforço, e saber, pedindo vaõ.

VI.

A's portas da cobiça, e da vileza,
Estes netos de Agar estaõ sentados,
Em bancos de torpissima riqueza,
Todos de tyrannia marchetados.
He do feo Alcoram summa a largueza
Que tem para que sejam perdoados
De quantos erros commettendo estaõ
Cá neste escuro cáos de confusaõ.

VII.

Cumprindo o curso estou da natureza,
Illustre Dama, neste labyrinto;
Mas quem usa comigo mais crueza,
He tua condiçaõ, que na alma sinto.
Acabe se algum dia tal tristeza,
E este sentido mal que em versos pinto:
E pois na alma he sentido, e coraçaõ,
Ve se me esquecerei de ti, Siaõ.

ESTANCIAS SEXTAS.

I.

Senhora, se encobrir por alguma arte
Pudéra esta occasiaõ de meu tormento,
Naõ créas que chegára a declarar-te
Este meu perigoso pensamento:
Mas por mais que te offenda, naõ sou parte
No crime de tamanho atrevimento:
Elle he de amor, e delle fui forçado
A que te declarasse o meu cuidado.

II.

Se merece castigo a confiança
Com que descubro agora o que padeço,
Aqui prompto me têes, toma a vingança
Que por taõ grave culpa te mereço.
Bem me podes negar toda esperança,
Mas eu naõ desistir deste começo;
Porque tempo, e fortuna, naõ saõ parte
Para deixar hum'hora só de amar-te.

III.

Já que ver-te os meus olhos alcançáram,
Descansem neste bem com alegria,
Pois já com ver os teus tanto ganháram,
Quanto, estando sem vê-los, se perdia.
Que gloria querem mais, se a ver chegáram
Aquella pura luz que vence ao dia?
Qual mór bem ha no Mundo que querer-te,
Senaõ ha mais que ver despois de ver-te?

IV.

Minhas dores mortaes, bella Senhora,
Tiráram a virtude ao soffrimento;
E fazendo-se mais em qualquer hora,
Levando vaõ traz ti meu pensamento:
Porém soberbos vejo desde agora,
Por a causa gentil de seu tormento,
Minha alma, meu desejo, meu sentido,
Porque á tua belleza se haõ rendido.

V.

A par de tua rara formosura
Se desconhece o mór merecimento:
A tua claridade torna escura
Do Sol a clara luz em hum momento.
Se Zeuxis ao formar bella figura,
A vista em ti pudera pôr attento,
Mais alto original houvera achado
Para admirar o Mundo co' o traslado.

VI.

Aquelles que escrevêraõ mil louvores
De formosura, graça, e gentileza,
Todos foram, Senhora, hũus borradores
De tua perfeitissima belleza.
Agora se vê claro em teus primores
Que em ti se esmerou mais a natureza;
E que eram os seus cantos prophecias
Do que havias de ser em nossos dias.

VII.

Vê, pois, se vinha a ser culpavel falta
Em mi o naõ render-te amante a vida,
E se a deixar de amar gloria taõ alta
Era digno da pena mais crescida.
Em fim, eu te amarei: que amor me exalta
Co' o castigo de culpa assi atrevida:
E quando della caia, maior gloria
Terá o Tejo, que o Pô com sua historia.

ADVERTENCIA.

No tomo quarto dos seus Commentarios ás Rhythmas de Luis de Camões, pag. 143, traz Manoel de Faria e Sousa as seguintes estancias a Santa Ursula; e ahi mesmo em hum Anteeloquio, ou Prologo, prova concludentissimamente serem do mesmo Luis de Camões, e naõ de Diogo Bernardes, que sem algum pejo, no Livro intitulado Rhythmas ao Bom Jesus, as imprimio por suas. Naõ temos necessidade de produzir por ora estas provas: sómente advertimos ao Leitor curioso, que queira conferir este Poema com o que publicou o mesmo Diogo Bernardes, no sobredito Livro, (temos presente a ediçaõ de 1594) e conhecerá a differença; quanto aqui vai melhorado; e quanto o mesmo Manoel de Faria foi mais feliz em achar melhores, e mais certos Manuscriptos.

ESTANCIAS SEPTIMAS.

I.

De huma formosa Virgem desposada,
Que de óutras onze mil, tambem formosas,
Entrou no claro Olympo acompanhada,
Com corôas de lyrios, e de rosas;
De Christo Esposo seu taõ namorada,
Que delle as quiz fazer todas Esposas;
Amor, vida, e martyrio cantar quero,
Fiado no favor que della espero.

II.

Alcança, Ursula bella, (que diante
De taõ bello esquadraõ foste por guia)
Do teu suave Amor, que de ti cante
O seu amor que no teu peito ardia.
Meu verso para ti mais se levante,
O' Christifera, ó Heroica companhia:
Tanto se mostre aqui mais soberano,
Quanto o divino Amor excede o humano.

III.

E vós, unica Mãi, e Virgem pura,
Pois sois das que tal ordem escolhêram,
Que fostes, sois, sereis guarda segura
Da pureza que a Deos offerecêram;
Neste canto me dai melhor ventura
Do que atégora as Musas vãas me déram:
Vossas servas seraõ de mi servidas,
Cantadas suas mortes, suas vidas.

IV.

Serenissima Infante, produzida
Do grão Tronco Real, sublime Planta;
No titulo, nas obras, e na vida,
Retrato natural de Ursula Santa;
Desta Virgem, tambem de Reis nascida,
Ouvi com lédo rosto o que se canta:
Dai o sentido hum pouco a tal sogeito;
Naõ lhe tire seu preço o meu defeito.

V.

No tempo que Cyriáco se sentava
Na Cadeira de Pedro Pescador;
De que com sãa doutrina apascentava
As Ovelhas de Christo, Bom Pastor;
Teve Bretanha hum Rei, que professava
A Lei que deo no Mundo o Redemptor,
Justo, e temente ao Ceo, pio, e devoto,
Chamado Mauro de hũus, e de outros Noto.

VI.

De virtudes hum novo exemplo, e raro,
Em idade, e belleza, florecia
Ursula, por quem Noto era mais claro,
Que por todo o poder que possuia;
Com quem em nada o Ceo quiz ser avaro,
Com quem todas as graças repartia;
Prudente, honesta, e docta, a maravilha,
De taõ ditoso Pai ditosa Filha.

VII.

Aquella que por o ar com ligeireza
As penas de mil azas abre, e cerra;
E que com velocissima presteza
Com outros tantos pés corre por terra:
Aquella, que de sua natureza
Naõ cuida em quanto diz se acerta, ou erra;
E de huma em outra boca se derrama:
Aquella, em fim, a quem chamamos fama:

VIII.

Hia por todo o Mundo divulgando
Extremos desta Virgem soberana,
Aquella formosura celebrando
Com que amor cego a tanta vista engana:
Mais hia a da alma sua publicando,
Porque era mais divina do que humana:
Já de huma, e de outra já, dizia tanto,
Que em hũus criava amor, n'outros espanto.

IX.

Ouvidos seus louvores, muitas vezes
Desejou desta Virgem fazer nora
Hum Rei que o sceptro tinha dos Inglezes,
Idólatras entaõ, cegos agora.
O' povo cego, e leve; as torpes fezes
Aparta do ouro puro, e lança fóra.
Torna-te ao teu Pastor, perdido gàdo;
Olha que vás sem elle mál guiado.

X.

Hum filho deste Rei, (de quem dizia
Que ser de Ursula sogro desejava)
Movido do rumor que della ouvia,
Já dentro no seu peito a namorava.
Alli seu amor, delle, lhe offrecia;
Alli por o amor, della, suspirava.
Suspira elle por ella; ella suspira
Tambem por outro amor que nunca víra.

XI.

Mandou o Rei Inglez Embaixadores
Com pompa Regia, e lustre suptuoso,
(Do grande Reino seu grandes Senhores)
A Noto, Rei naõ tanto poderoso.
Pedio-lhe a bella Filha (que em amores
Ardia toda do celeste Esposo)
Para Esposa do Filho, que sabia
Que jâ de amores della todo ardia.

XII.

O Rei Bretaõ se achava descontente
Com a nova Embaixada de Inglaterra:
Recêa que se nella naõ consente,
O Gentio lhe mova cruel guerra:
Porque sendo mais ricò, e mais potente,
Assi no largo mar, como na terra,
Quando desprezos visse de seu rogo,
Podia pôr Bretanha a ferro, e fogo.

XIII.

Sobre este naõ errado pensamento
Do medo de perder seu senhorio,
Novo discurso tinha, e novo intento,
Com que se achava mais medroso, e frio.
Estranhava o fazer ajuntamento
Da Catholica Filha co' hum Gentio;
Pois nem a Lei de Christo o permittia,
Nem Ursula fiel o admittiria.

XIV.

Estando o Pai em tal angustia posto,
Divinamente a Filha já inspirada,
Lhe assegurava com sereno rosto,
Que consentir podia na Embaixada:
Dizendo que se o Inglez levava gosto
De ella com seu herdeiro ser casada,
Primeiro lhe mandasse dez donzellas,
Do Reino as mais illustres, as mais bellas.

XV.

Que mil daria a cada Virgem destas,
E que a ella outras mil tambem daria,
Todas de claro sangue, e em vista honestas:
Desta arte a conta de onze mil fazia.
Que por trez annos dilaçaõ nas festas,
A'lém do já pedido, lhe pedia;
E náos, e mantimentos, porque todas
Fossem com ella a Roma antes das bodas.

XVI.

Alli sua pureza, e virgindade,
Queria com solemne, e sacro voto
Consagrar á Divina Potestade,
Que o Ceo, e a terra fez de proprio moto.
E que deixasse a vãa Gentilidade
Seu Filho, para genro ser de Noto,
Para que neste espaço doutrinado
Fosse na Fé de Christo, e baptizado.

XVII.

Com estas condições Ursula disse
Ao charo Pai, que, a ser dellas contente,
Podia responder, e despedisse
A proposta de aquelle Rei potente:
Ou porque ouvindo-as elle desistisse,
Podendo-se acceitar difficilmente;
Ou porque, quando as Virgẽes concedesse,
Comsigo a seu Senhor onze mil désse.

XVIII.

Oh Divino saber, quaõ soberano
Concelho he sempre o teu! Quaõ remontado!
Oh quanto o mór saber te cede, humano,
Por mais que de razões vá mais ornado,
Já dos idolos deixa o cego engano
O Principe, da Virgem namorado:
Já terno pede ao Pai quanto ella pede;
Já o Pai quanto lhe roga lhe concede.

XIX.

Já para ti, ó Virgem bella, e branda,
Com hũa singular velocidade,
Juntar se via de hũa, e de outra banda,
De feminil Nobreza tenra idade.
As náos apparelhar o Rei já manda;
Já nellas se recolhe a Virgindade;
Já daõ para Bretanha ao vento vellas;
O coraçaõ do Noivo vai com ellas.

XX.

Já vem a tomar porto onde esperava
Ursula alvoroçada em grão maneira;
Que para as receber alli se achava,
Como Senhora naõ, mas companheira.
Quaõ falsa era a Lei dellas lhes mostrava,
A de Christo quaõ pura, e verdadeira.
Já se baptiza huma, e outra Dama;
Damas Ursula já, do Ceo, lhes chama.

XXI.

A fama, que naõ sabe repousar,
Voou de Reino em Reino, d'Ilha em Ilha;
A gente que concorre naõ tem par,
Por ver a nunca vista maravilha.
Outros vem por servir, e acompanhar
A Virgem de Rei Nora, de Rei Filha.
Movem-se muitos Bispos de Bretanha;
Pantolo em vida, e morte os acompanha.

XXII.

Por ti, deixando o Reino, co' a familia,
E quatro filhas suas, se embarcou
(Juliana, Victoria, Aurea, Babilia;
Hum filho tinha mais que mais levou)
Gerasina, Rainha de Sicilia,
E com devido amor te acompanhou;
Que he justo que comtigo vaõ Rainhas,
Quando tu para o Rei dos Reis caminhas.

XXIII.

Já se partem as bellas Peregrinas,
As mãos ao claro Empyreo levantadas;
Já rompem, já, por ondas crystallinas
As náos de formosura carregadas.
Quando, dizei, ó aguas Neptuninas,
Fostes de tal belleza navegadas?
Nunca, depois que a terra descobristes,
A tal frota por vós caminho abristes.

XXIV.

Com vento sempre igual, com mar bonança,
Sem perigos algũus, sem algum pejo,
Cicla foram tomar, porto de França,
Onde pouca demora fazer vejo.
O coraçaõ da Virgem naõ descança,
Saudosa do fim de Seu desejo:
Manda que levem ferro, soltem linho,
Que leve por o mar o negro pinho.

XXV.

O vento nova posse vai tomando
Das Virgẽes que lhe saõ encommendadas:
Com tal prosperidade vaõ voando,
Que já deixam atraz ondas salgadas:
Já nas doces do Rheno estaõ entrando,
Onde tem suas vidas limitadas:
Huma Cidade vem á linha da agoa,
Que de vê-las morrer naõ teve mágoa.

XXVI.

Ah Colonja cruel, que naõ te encobres
A taõ formosos olhos, que seguros
As altas torres viam que descobres,
Lustrosos edificios, fortes muros!
Permitte o largo Ceo que fama cobres
De ser taõ dura mãi de peitos duros!
Duros peitos, que a tantos, limpos de erro
Víram abrir sem dor com impio ferro.

XXVII.

Estando neste porto a bella Armada,
Tomando o necessario mantimento,
Para poder seguir sua jornada,
E dar terceira vez o treu ao vento;
Sendo parte da noite já passada,
A Virgem lá no seu retrahimento,
Quando estava dormindo toda a Frota,
A Christo orou assi, branda, e devota:

XXVIII.

Amor, divino Amor, Amor suave;
Amor, que amando vou toda rendida;
Com quem naõ ha na vida pena grave,
Sem quem gloria real naõ ha na vida;
Amor, que do meu peito tẽes a chave,
Amor, de cujo amor ando ferida;
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXIX.

Amor, que de amor cheo, e de brandura,
De amor enches esta alma saudosa;
Amor, sem cujo amor, e formosura,
Naõ póde nunca haver cousa formosa,
Amor, com cujo amor anda segura
Huma vida taõ fraca, e duvidosa;
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja Amor, o que naõ vejo?

XXX.

Amor, que por amor te dispuzeste
A restaurar o Mundo errado, e triste;
Amor, que por amor do Ceo desceste;
Amor, que por amor á Cruz subsiste;
Amor, que por amor a vida déste;
Amor, que por amor a gloria abriste;
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXXI.

Amor, que mais, e mais sempre te augmentas
No coraçaõ que lá comtigo trazes;
Amor, que de amor puro te sustentas
No fogo em que tu mesmo arder me fazes;
Amor, que sem amor naõ te contentas,
De tudo com amor te satisfazes;
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXXII.

Amor, que com amor me captivaste;
(Se livre póde ser quem naõ captivas)
Amor, que em taes prisões me asseguraste
As esperanças de antes fugitivas:
Amor, que suspirando me ensinaste
A derramar por ti lagrimas vivas;
Quando verei, Amor, o que desèjo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXXIII.

Quando verei hum dia em que offereça
Por ti ao cruel ferro o peito forte,
E cercada de Virgẽes appareça
Na tua soberana, e eterna Corte?
Onde lá cada huma te mereça,
Cá passando comigo a propria morte;
E todas dando o sangue juntas, todas
Celebremos comtigo eternas bodas.

XXXIV.

Faze-me já, Senhor, esta vontade
Que tenho de ter ver, que sempre tive,
Des que me deo lugar a tenra idade,
E lume de razaõ nesta alma vive.
Naõ queiras, meu Amor, que a saudade
Sem tal bem a mi só da vida prive;
Que se muito se alarga este desterro,
Por ella irei a ti, naõ por o ferro.

XXXV.

Desata o meu espirito saudoso,
Do nó mortal em que se vai detendo,
Primeiro que tres vezes presuroso
O Sol os doze Signos vá correndo.
Espaço he que tomei, meu doce Esposo,
Para outro esposo meu ir entretendo:
Mas a meu amor crendo, de ti creo
Que acabes com a vida o meu receo.

XXXVI.

Inda neste fervente, e justo rogo
Ursula suspirando procedia,
Quando de hum resplandor como de fogo,
Divina voz ouvio, que assi dizia:
O' Virgem, que soubeste fazer jogo
Do que no Mundo tem maior valia;
Entende que da volta que fizeres,
Aqui quero que seja o que tu queres.

XXXVII.

Tanto que tal resposta do Ceo teve,
Naõ quiz do que esperava perder hora:
Já lhe parece larga a noite breve,
E que já tarda muito a bella Aurora.
Em descobrindo Apollo o carro leve,
Do porto de Colonia sahio fóra:
Já Basiléa em breve tempo toma:
E a pé de alli partíram para Roma.

XXXVIII.

O Pastor summo, Ciriáco santo,
As sahe a receber, e as acompanha
Com gozo espiritual, com grande espanto
De ver em tal idade fé tamanha.
Dizer se póde mal, mal cuidar quanto
Se gosa o Real sangue de Bretanha,
Os veneraveis Templos visitando
De aquelles que tambem foi imitando.

XXXIX.

Na propria noite deste propria dia
Que Roma ver as Virgẽes mereceo,
A quem de Pedro a Barca entaõ regia,
Revelou o que rege a terra, e Ceo;
Que martyrio tambem receberia
Onde Ursula co' as mais o recebeo:
Deixa contente o grão Pontificado,
Desejoso de ser martyrizado.

XL.

Por mais que todo o Clero soffre mal
Mover-se por aquellas Estrangeiras,
Movido da Vontade divinal
O bom Pastor se vai com as Cordeiras.
Hum Arcebispo leva, hum Cardeal:
Tres Bispos deixam vagas tres Cadeiras,
De Luca, Ravicana, e de Ravenna:
Mauricio me ficava já na penna.

XLI.

Despois de na agua entrar donde sahíram,
Com taõ formoso Sol tantas Estrellas,
Já as ancoras debaixo acima tiram,
E de cima já abaixo soltam vellas.
Estas náos lá adiante outras náos víram,
Que fazendo-se vem na volta dellas:
Conhecêram-se logo as duas Frotas:
Ambas de hum Reino saõ, ambas devotas.

XLII.

Alli (já Rei erguido de Inglaterra)
Vinha de Ursula bella o bello Esposo,
Que reinar naõ queria já na terra,
Do Ceo já namorado, e saudoso.
Do seu primeiro amor venceo a guerra,
A força de outro amor mais poderoso:
Amando já em seu Deos a Esposa bella,
Para o poder achar buscava a ella.

XLIII.

A Mãi, já convertida, traz comsigo;
O Pai já Christão feito fallecêra,
Com que soube evitar o grão castigo
Que morrendo Gentio naõ soubera.
Amor celeste, como aqui naõ digo
O teu sublime obrar? Ah quem pudera!
Por meio de huma Virgem foste meio
Com que gente copiosa a Christo veio.

XLIV.

Vinha mais nesta nova companhia
Florencia, irmãa do Rei, da Mãi cuidado;
Florencia, que em belleza florecia,
Como flor em jardim bem cultivado.
Tambem a Frota Bispos dous trazia,
Hum Marcello, Clemente outro chamado:
O primeiro já em Grecia bago teve;
Do segundo o Bispado naõ se escreve.

XLV.

Outra Virgem viuva alli mais vinha,
Que desposada sendo em tenra idade,
Antes das bodas enviuvado tinha,
E promettida a Christo a castidade.
Esta do mesmo Rei era sobrinha,
Filha da Imperatriz da grão Cidade,
Onde por culpa nossa, ou pouca dita,
Seu throno agora tem o fero Scita.

XLVI.

Estes que adverte repetida Historia
Deixáram só por Deos altos Estados,
Com outros de que he menos a memoria,
Foram divinamente amoestados,
Que todos (para entrar juntos na gloria)
Ao Coro Virginal fossem juntados,
Com quem na terra Martyres seriam,
E no Ceo para sempre reinariam.

XLVII.

Seria estranho o gozo que sentíram
Aquellas bem nascidas Almas santas,
Quando juntas alli todas se víram
De partes taõ remotas, e de tantas.
Sem estorvos, que de antes o impedíram,
As duas, mais que todas, bellas plantas,
Alli abraços se daõ sem algum pejo,
Ambas conformes já n'hum só desejo.

XLVIII.

Alli faria o Rei acatamento
A quem deixou da Barca o grão governo;
E elle, conforme a seu merecimento,
Responderia com amor paterno.
Naõ faltaria em tal recebimento
Prazer exterior, prazer interno;
Inda que nos estados differentes,
Todos seriam hũus em ser contentes.

XLIX.

O vento as brancas vélas naõ enchia,
Corria o frio Rheno entaõ mais quedo;
Antes para Colonia naõ corria,
Porque as Virgẽes naõ fossem lá taõ cedo.
Parece que já claro conhecia
(Oh Coro Virginal, sereno, e lédo!)
Que lá vos esperava a ímpia morte.
Agora, ó Musa, conta de que sorte.

L.

Aquelle que na fórma de serpente
Deixou aos dous primeiros enganados,
Invejoso de ver que tanta gente
Se convertia á Lei dos Baptizados;
No coraçaõ entrou manhosamente
De dous Gentios, Principes damnados,
Da soberba Romãa Cavaleria,
Por encurtar a Fé que se estendia

LI.

A fama os assegura com certeza
Que a Virgem a Colonia já voltava,
Com toda a casta juvenil belleza,
Que por amor do Ceo peregrinava.
Fizeram avisar com grão presteza
A hum parente, que Julio se chamava,
Soberbo Capitam dos Hunnos feros;
Que todos para todas foram Neros.

LII.

Eis logo o cego Principe Gentio,
Com gente innumeravel de seu mando,
A praia a tomar vem do mesmo rio
Por onde as Virgẽes vinham navegando.
Já descobrem aquelle, este navio,
Os que estaõ do mais alto atalaiando:
A's armas veloz corre o bruto povo,
Por de novo as tingir no sangue novo.

LIII.

Vindo a Frota a surgir junto do muro,
Onde lhe parecia estar segura,
(Oh Virgẽes que buscais lugar seguro
Adonde vos espera a sepultura!)
Entra com mão armada o povo duro
Por esta peregrina formosura:
Já começa a provar os aços fortes;
Eis tudo sangue já, já eis tudo mortes.

LIV.

Já nú todas as Virgẽes offreciam
O delicado collo, o tenro peito:
Era para caber quantas cahiam,
Todo largo lugar lugar estreito.
Do puro sangue os rios que corriam,
Outro vermelho mar já tinham feito.
Tu só, Córdula, á morte te escondeste;
Mas despois a buscaste, e recebeste.

LV.

Ciriáco o primeiro, bem constante,
A vida ao ferro offrece sem espanto:
O moço Rei Inglez cahio diante
De aquelles castos olhos que amou tanto.
Espera, brando Esposo hum breve instante;
Espera a tua doce Esposa, em tanto
Que outro Amor outro golpe lhe prepara;
E juntos entrareis na Patria chara.

LVI.

Em qual terra, ó cruéis, em qual Cidade,
Entre quaes gentes mais a furor dadas,
Se naõ usou de amor, e de piedade,
Com formosas donzellas desarmadas?
Como belleza tanta, e tal idade,
Vos deixou arrancar vossas espadas?
Ah lobos, carniceiros, tigres bravos,
Filhos de crueldade, de ira escravos!

LVII.

De quantos animais sustenta a terra,
Nunca tanta crueza foi usada;
Inda que tenham hũus com outros guerra,
Nunca do macho a femia he lastimada:
Anda a cerva co' o cervo por a serra,
A novilha do touro acompanhada,
A' leoneza o leaõ defender préza:
Vós sós quebrais as leis da natureza?

LVIII.

Pudéram outros olhos por ventura
De lagrimas divinas escusar-se,
Vendo, cuberta já de nevoa escura,
A luz de tantos bellos apagar-se?
Vendo a purpurea rosa, a cecem pura,
Em taõ formosas faces descorar-se?
As tranças de ouro vendo, espedaçadas,
Por debaixo dos pés andar pizadas?

LIX.

Na força desta furia accesa, e brava,
O tyranno cruel a vista ergueo
A' Virgem, que invencivel animava
As Almas que juntára para o Ceo.
Assi já envolta em sangue como andava,
Da sua formosura se venceo;
E com doces razões, que amor ensina,
A vencê-la de amor se determina.

LX.

Fingindo se arrepende do passado,
(E de fingí-lo se arrepende azinha)
Sua vida lhe offrece, e seu Estado,
Sem ver que Estado, e vida a perder vinha.
O seu amor lhe pede confiado;
O seu amor que dado a seu Deos tinha:
Pede-lhe o seu amor, antes naõ seu,
Porque já dado o havia a quem lho deu.

LXI.

Usa de mil lisonjas, mil enganos,
Por conseguir o seu desejo bruto.
A flor logra (dizia) de teus anos;
Colhe de essa belleza o doce fruto:
Naõ dês materia nova a novos danos,
Naõ pagues verde á morte o seu tributo:
Olha que têes em mi (naõ saõ cautelas)
Outro Reino, outro Esposo, outras Donzelas.

LXII.

Naõ faças mentirosa a natureza,
Que dá de amor em ti grande esperança.
Que se póde alcançar de essa belleza,
Se já piedade della naõ se alcança?
Aos tigres, aos leões, deixa a braveza,
E deixa aos meus soldados a vingança.
Se por ver-me cruel queres ser crua,
Já te vingas de mi em cousa tua.

LXIII.

Volve esses olhos jà com mais brandura;
Esses olhos, de amor doce morada:
Delles naõ faça em mi a formosura,
O que em tantos já fez a minha espada.
Se queres derribar minha ventura,
Que delles estar vejo pendurada,
Acabarei de ver quaõ pouca tenho,
Pois donde a matar vim a morrer venho.

LXIV.

Como do rogo meu naõ te aproveitas,
Quando o teu risco a me rogar te obriga?
Ou naõ conheces bem a quem engeitas,
Ou me engeitas por mais que seja, e diga.
Em que cuidas, Senhora, ou que suspeitas?
Mais proprio era chamar-te dura imiga.
Mas naõ consente amor nome taõ duro,
Em parecer taõ brando, e taõ seguro.

LXV.

Os raios desses olhos já serenos
Enxuguem desse rosto as puras rosas:
O triste suspirar já soe menos
Nestas concavidades saudosas.
Naõ façam grande mal males pequenos;
Quem naõ soffre esperanças vagarosas
Que anda costumado em seus amores
A medir por seu gosto seus favores.

LXVI.

Que gosto podes ter de maltratar-me?
Vendo-me do passado arrependido?
Attenta que mais ganhas em ganhar-me,
Do que neste destroço tẽes perdido.
Se queres insistir em desprezar-me,
Ver-me-has, sobre amoroso, enfurecido.
Naõ me declaro mais, porque naõ quero
Que o medo faça o que de amor espero.

LXVII.

Ah perfido amador! Deixa o teu erro.
Naõ vês quanto enganado, e cego andas?
Aquella a quem naõ vence o duro ferro,
Como a podem vencer palavras brandas?
Manda a sua alma já deste desterro,
Com essas que a seu doce Esposo mandas.
Naõ a detenhas mais em teus amores,
Se dobrar-lhe naõ queres suas dores.

LXVIII.

Vendo o cruel, em fim, que o que dizia,
Tomava a bella Virgem por affronta;
E que quanto de amor mais se accendia,
Ella delle fazia menos conta;
No concavo arco que na mão trazia,
Huma sétta embebco de aguda ponta,
E o peito lhe passou de banda a banda.
Assi rendeo o esprito a Virgem branda.

LXIX.

Vai-te, Esprito gentil, desta baixeza;
As azas abre já, já a luz derrama;
Vôa com desusada ligeireza,
Onde o teu Bem te espera, onde te chama.
Verás baixa do Mundo a môr alteza;
Verás que engana mais a quem mais ama;
E lá do teu Amor, cá suspirado,
O fructo colherás taõ desejado.

LXX.

Em paz te vai, ó Alma pura, e bella,
Mais bella inda no sangue que verteste;
Vai-te alegre a gozar, vai, já de aquella
Formosa Regiaõ, alta, e celeste.
Coroada de gloria, immortal nella
Com Christo lograrás, a quem te déste
Com tantas, e taõ bem nascidas Almas,
(Formosura do Ceo) onze mil palmas.

INDICE DOS POEMAS

DESTA PARTE DAS RHYTHMAS,

COM A DECLARAÇÃO DO ASSUMPTO, E ARGUMENTO DE ALGUNS DELLES, MAIS DIFFICEIS DE ENTENDER.

OS NÚMEROS MARGINAES ACCUSAM AS PAGINAS.

SONETOS.

A.

A CHAGA que, Senhora, me fizestes. 64.

Acho-me da fortuna saltendo. 134.

Chora o tormento passado como se o tivera presente.

A formosura desta fresca serra. 139.

Antepõe a vista da sua amada a tudo o que póde dar gosto.

Agora toma a espada, agora a penna. 99.

A Estacio de Faria, valeroso Soldado, e Poeta insigne.

Ah fortuna cruel! Ah duros fados! 90.

Na morte da sua amada.

Ah minha Dinamene! Assi deixaste. 88.
A huma Dama, que morreo indo de viagem.
Ai amiga cruel! Que apartamento. 87.
A huma Dama, que embarcava para fazer longa viagem.
A la margen del Tajo en claro dia. 83.
Vendo que a sua Dama se estava penteando.
Alegres campos, verdes arvoredos. 23.
Affectos de tristeza amorosa, na contemplaçaõ do bem perdido, ou por morte, ou por ausencia, ou por outro incidente.
Alma minha gentil que te partiste. 12.
Na morte da sua amada, fallecida de curta idade.
Alá em Monte Rei, en Bal de Laça. 148.
Em Idioma Gallego.
Alma gentil, que á firme eternidade. 117.
Na morte de D. Antonio de Noronha, que morreo em Africa.
Alegres campos, verdes, deleitosos. 106.
A huma Dama chamada Ignez.
Amor, que em sonhos vãos do pensamento. 107.
Sonhando com a sua amada.
Amor, que o gesto humano na alma escreve. 7.
Descripçaõ da belleza amada, e dos effeitos della, vendo a chorosa.
Amor, com a esperança já perdida. 28.
Esperanças perdidas.

Amor he hum fogo que arde sem se ver. 43.
Varias definições do amor.
À morte, que da vída o nó desata. 70.
Triumpho grande de amor, em ausencia dilatada.
Aos homẽes hum só homem poz espanto. 125.
A Saõ Joaõ Baptista.
A peregrinaçaõ de hum pensamento. 134.
Cresce o tormento, á medida da causa.
Aponta a bella Aurora luz primeira. 123.
A' purissima Conceiçaõ da sempre Virgem Maria, Senhora nossa.
Apollo, e as nove Musas descantando. 28.
Logo que se vio captivo da formosura, começou a celebrá-la, por influencia de Apollo, e das Musas: mas o amor trocou tudo em tristeza.
Apartava-se Nise de Montano. 29.
Apartamento de Nise, que amando a Montano na India, o deixou lá, e se embarcou para Portugal.
A perfeiçaõ, a graça, o doce gesto. 48.
Descreve a formosura amada, e lhe dá a entender o modo com que ella podia conhecer as penas amorosas que elle por ella padecia.
Aquella que de pura castidade. 50.
A Lucrecia, bellissima Matrona Romana, que

se matou a si mesma, logo depois da força que experimentou no infame Sexto Tarquino.

Aquella fera humana, que enriquece. 40.

Lamentando seu tormento, mostra desvanecer-se delle.

Aquella triste, e léda madrugada. 15.

Ausentando-se da sua amada.

Aqui de longos damnos breve historia. 94.

Parece que escreveo o Poeta este Soneto para Prologo, ou Proëmio dos Sonetos Eróticos.

Ar, que de meus suspiros vejo cheio. 60.

Diz que vive contra toda a ordem natural, pois tem por contrárias aquellas cousas que conduzem para a conservaçaõ da vida.

Arvore, cujo pomo bello, e brando. 71.

A huma arvore, a cuja sombra esteve o Poeta.

A violeta mais bella que amanhece. 62.

Escripto a huma Dama chamada Violante.

Ay! quien dará a mis ojos una fuente. 114.

Manoel de Faria e Sousa quer que este Soneto seja sobre as palavras de Jeremias no cap. 9.: *Quis dabit capiti meo aquam, et oculis meis fontem lacrymarum, et plorabo die ac nocte?* E pouco mais abaixo: *Quis dabit me in solitudine diversorium viatorum, et derelinquam populum meum, et recedam ab eis?*

Ayuda-me, Senhora, a ser vengança. 110.

Considerando-se inferior á sua amada, lhe pede o castigue.

B.

Bem sei amor que he certo o que receo. 42.

Conhecendo que o amor o engana, se deixa enganar.

Brandas aguas do Tejo, que passando. 57.

Escreveo o Poeta este Soneto em Lisboa, no tempo em que estava de partida para a India. Diogo Bernardes o imprimio por seu, e he o 27 nas suas Rhythmas.

Busque amor novas artes, novo engenho. 10.

Exquisito tormento de amor: padecer sem esperança.

C.

Campo nas Syrtes deste mar da vida. 87.

Achando-se o Poeta fóra da Corte, e em lugar solitario.

Cá nesta Babylonia adonde mana. 100.

Escreveo o Poeta este Soneto na India, depois de haver experimentado que alli, álém de outros vicios, reinava huma cobiça insaciavel.

Cantando estava hum dia bem seguro. 89.

Chora as suas adversidades, e a morte da sua amada.

Chara minha inimiga, em cuja maõ. 14.
A huma Dama, que o Poeta estimava, a qual morreo no mar.
Chorai, Nymphas, os fados poderosos. 145.
Na morte de certa Senhora.
Coitado, que em hum tempo chóro, e rio. 78.
Contrariedades em que penosamente vivia.
Com grandes esperanças já cantei. 4.
Chora por haver cantado, e por lhe não restarem esperanças de algum contentamento.
Como fizeste, ó Porcia, tal ferida? 33.
A Porcia, Matrona Romana, filha de Cataõ o Maior, e mulher de M. Bruto, a qual se matou a si mesma, como seu pai.
Como louvarei eu, Seraphim Santo. 126.
A Saõ Francisco de Assis.
Como quando do mar tempestuoso. 43.
Sem temer o rigoroso da vista da sua amada, torna repetidas vezes a ella.
Como podes, ó cego peccador. 120.
Desperta a hum peccador adormecido na culpa.
Con razon os vays agoas fatigando. 114.
Parece que escreveo o Poeta este Soneto, vendo desde algum dos montes de Santaram, onde assistia, como corriam as aguas do Tejo para Lisboa, onde se achava a sua amada.

Contente vivi ja, vendo me isento. 127.
Queixa-se do tormento padecido, e causado do amor.
Conversaçaõ domestica affeiçoa. 46.
Experimentando falta de fidelidade na Dama que amava. Tem Manoel de Faria este Soneto, entre todos os de Luis de Camões, pelo mais claro na phrase, e mais escuro no conceito.
Correm turbas as aguas deste rio. 100.
Sobre o engano com que vivem os homẽes, e dão credito ás cousa do mundo, para se perderem por ellas.
Creou a natureza Damas bellas. 79.
Perfeições da belleza amada.
Crecei desejo meu, pois que a ventura. 67.
Anima-se a amar huma rara belleza, qual a da sua Dama, esperando, como de huma causa taõ nobre, o fim mais ditoso.

D.

Dai-me huma lei, Senhora, de querer-vos. 37.
Pede á sua Dama lhe dê huma lei, para lhe querer bem, sem que lhe desagrade.
De amor escrevo, de amor trato, e vivo. 54.
Que só nasceo para amar, ainda a pezar de não ser amado.

De Babel sobre os rios nos sentámos. 121.
Sobre o Psalmo 136.
Debaixo desta pedra está metido. 34.
Na morte de D. Fernando de Castro, filho bastardo de D. Diogo de Castro, Senhor de Lanhoso, Santa Cruz, Cinfães, e outras terras; o qual morreo na India com D. Alvaro da Sylveira.
Debaixo desta pedra sepultada. 118.
Na morte de D. Catharina de Ataïde, a quem o Poeta estimava, a qual morreo de curta idade.
De cá donde sómente o imaginar-vos. 61.
Com as lembranças da sua amada suaviza o duro tormento da ausencia.
De frescas belveredes rodeadas. 104.
A certas Damas assistindo em huma casa de campo.
De hum taõ felice engenho produzido. 143.
Não parece de Luis de Camões este Soneto, naõ só porque falla em Torquato Tasso, cujos versos não chegou a ver impressos, senaõ tambem porque chama nosso a Boscam, que era Biscaïnho.
Deixa Apollo o correr taõ appressado. 127.
Aos amores de Apollo, e Daphne.
De mil suspiros vãos se me levantam. 63.
A humas suspeitas que teve da sua amada.

Depois de tantos dias mal gastados. 30.
Procura desenganar-se com as sem-razões do amor. Este Soneto imprimio por seu Diogo Bernardes, e he nas suas Rhythmas o 77 em número.

De quantas graças tinha a natureza. 68.
Retrato da belleza amada.

Despois que quiz amor que eu só passasse. 5.
Tormento amoroso, e ingratidaõ para com o merecimento do Poeta.

Despois que vio Cybele o corpo humano. 98.
Fabula de Atys, e Cybelle, applicada a Dom Rodrigo Pinheiro, que foi Bispo do Porto, varaõ de summo engenho, e doutrina.

Despois de haver chorado os meus tormentos. 103.
Este Soneto parece foi feito para servir de Proëmio aos Sonetos (que alguns intituláram) tristes em materia amorosa.

Desce do Ceo immenso Deos benino. 102.
A' Incarnaçaõ do Verbo Eterno.

De taõ divino accento em voz humana. 34.
Este Soneto he em resposta a hum, de Author incerto, (diz Faria ser de Joaõ Lopes Leitaõ) que em louvor seu se escreveo, o qual vai ao princípio do primeiro tomo, e principia: *Quem he este, que na Arpa Lusitana.*

De vós me aparto, ó vida, e em tal mudança. 14.
Em huma despedida.
Diana prateada, esclarecida. 148.
Apparecendo-lhe de noite a sua amada.
Ditosas almas, que ambas juntamente. 126.
Ditosa penna, como a mão que a guia. 96.
A Manoel Barata, publicando a sua Arte de escrever, pelos annos de 1572. Era morador em Lisboa, mas natural de Pampilhosa : foi o primeiro que na Europa publicou traslados abertos em chapa. Em poder de certo amigo vi neste presente anno de 1783 hum exemplar desta Obra, em cujo principio se acha este Soneto, que lançarei aqui da mesma sorte que alli vem; para que o Leitor veja, e pondere quanto o nosso Poeta emendava, limava, e melhorava as proprias composições.

Ditosa penna, ditosa mão que a guia
Com tantas perfeições da subtil arte;
Que quando com razão venho a louvarte
Em teus louvores perco a phantasia.
Mas o amor que effeitos varios cria,
Me manda de ti cante em toda a parte,
Não em plectro belligero de Marte,
Mas em suave, e branda melodia.
Teu nome Emanuel de hum a outro Polo
Correndo se levanta, e te apregoa,
Agora que ninguem te levantava :

E porque immortal sejas, eis Apollo
Te offerece de flores a coroa,
Que já de muitos annos te guardava.

Ainda muito mais consideravel differença (come bem observei em hum Exemplar do Livro do mesmo Orta) se acha entre a Ode que o Poeta imprimio em Goa, no Livro de Garcia d'Orta, e a outra, que ao depois se achou em M. S., e sahio impressa em Lisboa.

Ditoso seja aquelle que sómente. 40.
Mostra-se arrependido de erros passados.
Diversos dões reparte o Ceo benino. 74.
Divina companhia que nos prados. 83.
Que tem conseguido a immortalidade pelos seus versos, como tambem para a sua amada, celebrada nelles.
Diversos casos, varios pensamentos. 147.
Pondéra a incostancia grande que ha nas cousas do Mundo, menos no seu tormento.
Dizei, Senhora, da belleza idéa. 144.
Doce sonho, suave, e soberano 147.
A hum sonho.
Doce contentamento já passado. 136.
Chora o ver-se ausente, e o haverem-se-lhe frustrado as suas esperanças.
Doces e claras aguas do Mondego. 69.

Ausentando-se o Poeta dos campos do Rio Mondego.

Dos Ceos á terra desce a mór belleza. 102.

Ao Nascimento de Christo.

Doces lembranças da passada gloria. 12.

Queixa-se de que lhe venham á memoria contentamentos passados, e o esquecimento em que o tem posto a sua amada.

Dos antigos illustres, que deixáram. 46.

A D. Joaõ Coutinho, segundo Conde do Redondo, e Capitam de Arzilla. Floreceo reinando D. Joaõ o III., e foi de agradavel presença, Cortezão entendido, de agudos ditos, grande Cavalleiro de gineta, e extremado valor. Foi filho de D. Vasco Coutinho, Conde de Borba, e depois primeiro do Redondo.

Dulces engãnos de mis ojos tristes. 115.

Sonhando com a sua amada.

E.

El vaso reluziente, y crystallino. 145.

Em Babylonia sobre os rios, quando. 122.

Sobre o Psalmo 136.

Em flor vos arrancou de entaõ crescida. 9.

A' morte de D. Antonio de Noronha, filho de D. Francisco de Noronha, segundo Conde

de Linhares, e sobrinho de D. Pedro de Menezes, Capitam General de Ceuta, que era filho de D. Antonio de Noronha, primeiro Conde de Linhares. Era D. Antonio Cavalheiro de grandes esperanças, muito favorecedor do nosso Poeta, e a quem este dirigio muitos dos seus Poemas. Morreo com o sobredito seu Tio D. Pedro de Menezes em 18 de Abril de 1553, pelejando valerosamente contra os Mouros de Tetuaõ. No Indice da primeira ediçaõ escrevi que este esforçado, e entendido Mancebo morréra na idade de 22 annos, mas foi equivocaçaõ, porque ao depois achei, que ao certo morreo na florente de 17. Consta claramente da Inscripçaõ da sua sepultura, que se lê na Capella mór do Mosteiro de Saõ Bento de Xabregas, dos Conegos Seculares de Saõ Joaõ Evangelista, a qual, para que mais se dilate, e conserve na posteridade o ardente zelo com que esta Illustrissima Familia se destinguio sempre no serviço da patria, deixarei aqui, e he a seguinte:

Sepultura de D. Antonio de Noronha, primeiro filho do segundo Conde de Linhares Dom Francisco, e da Condessa D. Violante, que os Mouros matáraõ em Ceuta em 18 *de Abril de* 1553 *annos, sendo elle de desassete. Donna*

Joanna de Noronha, sua Irmãa, que nunca casou, e fez esta Capella á sua custa, quando a acabou, que foi no anno de 1622, trasladou seus ossos da Sé de Ceuta a esta Sepultura; e naõ a deo aos mais Irmãos seus, porque dous delles morrêraõ em Africa com ElRei D. Sebastião, e os outros dous nas partes da India: e dous saõ Religiosos da Ordem de Santo Agostinho.

Em formosa Lethéa se confia. 16.

Fabula de Lethéa, e Oleno. Vide Ovid. Metamorph. lib. 10. vers. 70.

Em huma lapa toda tenebrosa. 130.

Em prisões baixas fui hum tempo atado. 5.

Namorando-se de huma escrava.

Em quanto quiz fortuna que tivesse. 3.

Proposiçaõ de todas as Rhythmas do Poeta.

Em quanto Phebo os montes accendia. 149.

Sobre a fábula de Venus, Marte, e Vulcano, bem sabida.

En una selva al dispuntar del dia. 85.

Queixa-se Endimiaõ, amante da Lũa, porque o Sol sahindo, foi causa de que ella lhe desapparecesse.

Erros meus, má fortuna, amor ardente. 99.

Reconhecimento de culpas passadas.

Esforço grande, igual ao pensamento. 47.

Na morte de D. Henrique de Menezes, septimo

Governador da India, filho natural de Dom Fernando de Menezes, a que chamáram o Roxo.

Espanta crescer tanto o crocodilo. 97.

A pessoa condecorada com dignidade Episcopal.

Esses cabellos louros, e escolhidos. 55.

Está o lascivo e doce passarinho. 18.

Compara-se a hum passarinho, a quem insperadamente mata o caçador.

Está-se a Primavera trasladando. 17.

Descripção de huma rara formosura.

Este amor que vos tenho limpo, e puro. 138.

Este terrestre cáos com seus vapores. 66.

Eu cantarei de amor taõ docemente. 4.

Eu cantei já, e agora vou chorando. 86.

Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo. 82.

Dispedida das Damas Lisbonenses, embarcando para a India.

Eu vivia de lagrimas isento. 142.

F.

Ferido sem ter cura parecia. 37.

Compara-se ferido da formosura amada com Telepho ferido da inimiga lança de Achilles.

Fiou-se o coraçaõ de muito isento. 108.

Diz Faria que lhe parece feito a haver-se namorado de alguma parenta mui chegada.

Foi já n'hum tempo doce cousa amar. 45.
A' sua propria fortuna, pelo ter costumado a naõ sentir desgraças, por muito habituado nellas.

Formosos olhos, que cuidado dais. 132.
A huns olhos.

Formosos olhos, que na idade nossa. 22.
Aos olhos da sua amada.

Formosa Beatriz, tendes taes geitos. 106.
Celébra os olhos de Beatriz.

Formosura do Ceo a nós descida. 36.
Que a formosura da sua amada sobrepuja a todo o encarecimento.

Fortuna em mi guardando o seu direito. 137.
Queixa-se da sua fortuna.

G.

Gentil Senhora, se a fortuna imiga. 74.
Achando-se ausente de sua amada.

Grão tempo ha já que soube da ventura. 26.
Queixa-se do amor, e da fortuna.

Guardando em mi a sorte o seu direito. 88.
Sentindo a morte de Dinamene, lamentada no Soneto 170.

H.

He o gozado bem em agua escrito. 68.

Que só no desejo consiste o verdadeiro bem da formosura amada.

Horas breves de meu contentamento. 93.

Queixa-se do amor, e da fortuna. Nas Flores do Lima meteo o usurpador Bernardes este Soneto, e he o 75, aindaque differente em parte.

Hum firme coraçaõ posto em ventura. 59.

Queixa-se da crueldade da sua amada. Tambem este Soneto se acha nas Rhythmas de Bernardes, e he o 20 : tem lá sua differença, porque Bernardes (o mesmo que lhe succedeo com outros) o tirou de manuscriptos viciados.

Hum mover de olhos brando, e piedoso. 20.

Descreve, e pinta huma formosura por hum novo estylo, e por huma nova idéa.

Huma admiravel herva se conhece. 67.

Diz que, para com a sua amada, he como certa herva, que ha na Asia (naõ he o heliotropio, ou Clicie) que á vista do Sol se alegra, e o segue, e ausente elle se intristece, e desmaia.

I.

Já a branca e roxa Aurora destoucava. 38.
Descreve huma madrugada.
Já claro vejo o bem, já bem conheço. 60.
Queixa-se de naõ achar amor na sua amada.
Já cantei, já chorei a dura guerra. 92.
Pede licença ás Musas para dizer os males que causa o amor.
Já do Mondego as aguas apparecem. 58.
Ausentando-se o Poeta de Lisboa, para Coimbra. Este Soneto tambem foi usurpado por Diogo Bernardes, e he o 29 nas suas Rhythmas.
Já he tempo, já, que minha confiança. 27.
A huma esperança vãa, e inutil.
Já me fundei em vãos contentamentos. 129.
Reconhece o seu erro, e dá por perdido o tempo que empregou em amores.
Já naõ sinto, Senhora, os desenganos. 140.
Compadece-se de certa Dama, naõ obstante darse por offendido della.
Já naõ fere o amor com arco forte. 152.
Illustre, e digno ramo dos Menezes. 6.
A hum Cavalheiro da Illustre familia dos Menezes, na occasiaõ que partia de Goa com huma Armada para o Estreito de Arabia, ou boca do mar Roxo.

Illustre Gracia, nombre de una moça. 131.
A certa moça chamada Gracia.
Imagẽes vãas que imprime a phantasia. 118.
Sobre o di correr, e resolver nas materias, approvando a resolução, a constancia, e a liberdade para huma, e outra cousa.
Indo o triste Pastor todo embebido. 143.
Queixa-se de huma Nympha, porque o naõ attendia.
Julga-me a gente toda por perdido. 78.
Que tratando outros, de outros empregos, e de outros interesses, elle só trata de contemplar na sua amada.

L.

Las peñas retumbavan al gemido. 85.
Queixas de se naõ ver correspondido. Nas Flores do Lima imprimio Bernardes este Soneto por seu.
Leda serenidade deleitosa. 42.
Descreve huma formosura por novo estylo.
Lembranças saüdosas, se cuidais. 29.
Soffrimento, vendo-se descahido da graça da sua Dama.
Lembranças que lembrais o bem passado. 91.
Queixa-se de que a memoria lhe faça representações do bem perdido, por serem estas

duro tormento, quando o mesmo bem se naõ póde recuperar.

Lembranças de meu bem, doces lembranças. 132.

Esperanças perdidas.

Levantai minhas Tagides a frente. 116.

Ao Senhor D. Theodosio, que sendo filho do Duque de Bragança D. Jaime, neto do Duque D. Fernando, bisneto de D. Afonso, filho d'ElRei D. Joaõ o I, e primeiro Duque de Bragança, herdou este Real Estado, Reinando D. Joaõ o III, e foi o primeiro do nome, quinto do titulo, e terceiro Duque de Guimarães.

Lindo e subtil trançado, que ficaste. 24.

Trançado que recebeo da sua Dama por prenda.

Los ojos que con blando movimiento. 109.

M.

Mal que de tempo em tempo vás crescendo. 119.

Desengana-se, e procura aborrecer os bens caducos.

Males que contra mim vos conjurastes. 16.

Aos tormentos procedidos da causa do seu amor.

Mi gusto y tu beldad se desposaron. 112.

Mil vezes determino naõ vos ver. 64.

Mil vezes entre suẽnos tu figura. 111.
Sonhando que a sua amada o favorecia.
Moradoras gentis, e delicadas. 56.
Mudam se os tempos, mudam se as vontades. 31.
Sobre a instabilidade de tudo o de que se compõe este miseravel Mundo.

N.

Na desesperaçaõ já repousava. 73.
Que, postoque desesperado de conseguir favores, com tudo se consolava com alguns bens, ministrados pela phantasia.
N'hu jardim adornado de verdura. 9.
A certa Dama, chamada Violante.
N'hum bosque, que das Nymphas se habitava. 13.
N'hum taõ alto lugar de tanto preço. 150.
Naiades, vós que os rios habitais. 31.
Na margem de hum ribeiro, que fendia. 76.
Na metade do Ceo subido ardia. 38.
Buscando a sua amada a horas de sésta.
Naõ ha louvor que arribe á menor parte. 61.
Que naõ ha louvor digno da belleza amada.
Naõ passes, caminhante. Quem me chama? 21.
Não consta ao certo a quem fosse escripto este Soneto: suppõe-se que a D. Joaõ de Castro
Naõ vás ao monte, Nise, com teu gado. 62.
Ná ribeira do Euphrates assentado. 144.
Allude ao Psalmo 136.

Nas Cidades, nos bosques, nas florestas. 128.
A Nossa Senhora dos Martyres.

Nem o tremendo estrepito da guerra. 108.
Que nenhum horror de conflictos marciaes teme, desde que vio os olhos da sua amada; e que naõ ha inimigo de quem naõ saiba defender-se, á excepçaõ do amor.

No bastava que amor puro, y ardiente. 110.

No Mundo poucos annos, e cansados. 53.
Presume-se ser escripto na morte de Rui Dias, soldado nobre de Alemquer, a quem Afonso de Albuquerque fez padecer no mar pena de morte, por achálo com huma escrava sua.

No Mundo quiz o tempo que se achasse. 47.
Sobre a sua adversa fortuna. Entende-se que foi escripto na India.

No regaço da mãi amor estava. 66.
A huma pintura em que estava Venus, e Cupido dormindo em seus braços.

Nos braços de hum Sylvano adormecendo. 105.

No tempo que de amor viver solia. 6.
Diz que no tempo em que costumava viver de amor, nem sempre andava captivo; mas ora preso, ora livre.

Novos casos de amor, novos enganos. 57.
Queixa-se dos enganos do amor. O célebre

Bernardes tambem se aproveitou deste Soneto, e o imprimio por seu.

Nunca em amor damnou o atrevimento. 69.

Que nunca no amor foi nocivo o atrevimento. Quer que nos amantes se verifique o *Audaces fortuna juvat* de Virgilio.

O.

O Ceo, a terra, o vento socegado. 89.

Chora a morte da sua Nympha, que se affogára, e pede ao mar lha restitua.

O Cysne quando sente ser chegada. 24.

Compara-se ao cysne, e diz que morre cantando os desfavores da sua amada.

O' claras agoas deste blando rio. 111.

O' cesse ya, Senhor, tu dura mano. 115.

Falla com o amor.

O culto divinal se celebrava. 41.

Signala Luis de Camões o tempo, e lugar em que teve principio a sua inclinaçaõ amorosa, que Faria quer que fosse na Igreja das Chagas de Lisboa.

O filho de Latona esclarecido.. 71.

Contrapõe aos seus, os amores de Apollo, e Daphne.

O fogo que na branda cera ardia. 22.

Cahindo de hum candieiro huma vela accesa,

e queimando no rosto a D. Guimar de Blaesfet, Dama da Raïnha D. Catharina, mulher d'ElRei D. Joaõ o III.

Oh Arma unicamente só triumphante. 124.

A' Santa Cruz.

Oh como se me alonga de anno em anno. 27.

Que havendo seguido esperanças de amor, e fortuna, se acha já na ultima idade para as seguir; e se ainda impellido de alguma, corre a poz algum bem, desmaia no caminho, e o perde de vista.

Oh quanto melhor he o supremo dia. 120.

Oh quaõ caro me custa o entender-te. 51.

A huns zelos, a que lhe deo occasiaõ a sua amada.

Oh rigorosa ausencia desejada. 113.

Opprimido de adversidades na patria, deseja passar á India.

Olhos aonde o Ceo com luz mais pura. 79.

Aos olhos da sua amada : he o mesmo argumento, que o do Soneto 38.

Olhos formosos, em quem quiz natura. 153.

A huns olhos.

Ondados fios de ouro reluzente. 45.

A's representações que a memoria lhe ministrava da formosura amada, em huma ausencia.

Ondados fios de ouro, onde enlaçado. 107.

Dama com appellido de Paz.
Onde porei meus olhos, que naõ veja. 58.
Considera-se sem alguma esperança de remedio, em pertenções amorosas.
Onde acharei lugar taõ apartado. 93.
Profunda tristeza.
Onde mereci eu tal pensamento. 104.
Mostra que a formosa causa dos seus tormentos lhos torna gloriosos.
O raio crystallino se estendia. 52.
Apartamento de Nile.
Ornou sublime esforço ao grande Atlante. 97.
A D. Joaõ de Castro, Governador, e Viso-Rei da India.
Orpheo enamorado que tañia. 86.
Fábula de Orpheo, e Eurydice.
Os meus alegres, venturosos dias. 92.
Com grande tristeza reconhece erros passados.
Os Reinos, e os Imperios poderosos. 13.
Ao Senhor D. Theodosio, filho do Duque de Bragança D. Jaime, a quem he tambem o Soneto 227.
Os vestidos Elisa revolvia. 51.
Ao successo de Dido, e Enéas, conforme o refere Virgilio no Livro 4. da Eneida.
Os olhos onde o casto amor ardia. 96.
Formosura morta de curta idade.
O tempo acaba, o anno, o mez, e a hora. 151.

P.

Para se namorar do que creou. 101.
A' purissima Conceiçaõ da sempre Virgem Maria Senhora nossa.
Passo por meus trabalhos taõ isento. 8.
Que padecendo muito pela sua amada, deseja ainda maior tormento, pela maior gloria que dahi lhe resulta.
Pede o desejo, Dama, que vos veja. 18.
Vendo-se assaltado de hum desejo lascivo.
Pensamentos que agora novamente. 49.
Que no meio de continuadas tristezas, pela morte da sua amada, o assaltavam pensamentos de novos amores, representando-lhe algum futuro contentamento.
Pois meus olhos naõ cansam de chorar. 36.
Quer que conste ao Mundo o seu tormento amoroso.
Pois torna por seu Rei, e juntamente. 98.
Ao clarissimo D. Luis de Ataïde, voltando segunda vez a governar a India, que foi no fim do anno de 1577. Este Soneto, que o insolente Bernardes imprimio por seu, e he nas suas Rhythmas o 115, foi das ultimas cousas que escreveo Luis de Camões, pois morreo logo no anno de 1579.

Por cima destas aguas forte, e firme. 72.
Em huma despedida, que se julga foi quando partio de Lisboa para a India.

Por gloria tuve un tiempo el ser perdido. 84.
Este Soneto, em quanto ao argumento, está claro : he feito com o artificio de principiar cada hum dos versos repetindo a palavra ultima do antecedente, de que se acham exemplos, assim como nas Rhythmas de Vasco Mausinho de Quevedo.

Pastora mia gloria de la vida;
Vida, que vida y muerte dás por suerte;
Suerte mejor que vida, y peor que muerte;
Muerte, etc.

Por os raros extremos que mostrou. 25.
Elogiando igualmente a quatro Damas.

Porque quereis, Senhora, que offereça. 19.
Fallando com a sua amada lhe diz, que se o despreza por elle merecer pouco, que bem fóra está de que venha ao Mundo quem dignamente a mereça..

Porque a tamanhas penas se offerece. 103.
A' sacratissima Paixaõ de Christo, Senhor nosso.

Porque a terra no Ceo agasalhasse. 123.
Ao Nascimento de Christo, Senhor nosso.

Porque me faz amor inda acá torto. 149.
Em Idioma Gallego.
Por sua Nympha Cephalo deixava. 94.
Contém este Soneto a fabula de Cephalo, Procris, e a Aurora.
Presença bella, Angelica figura. 72.
Este Soneto he todo continuado, e só no fim fecha, e tem clausula. Tem Camões alguns destes, assim como o 35, que principia: *Hum mover de olhos brando, e piedoso.*
Posto me tem fortuna em tal estado. 152.
Pues siempre sin cessar mis ojos tristes. 133.
Em hum manuscripto foi achado este Soneto com este titulo: *De Luis de Camões a huma Dama, que lhe enviou huma lagrima entre dous pratos.*
Pues lagrimas tratais mis ojos tristes. 153.
Este Soneto he o mesmo que vai na pag. 133, com o qual se póde cotejar: advertindo, que com a differença que ahi se verá se acháram em dous differentes Manuscriptos.

Q.

Qual tem a borboleta por costume. 131.
Compara-se á borboleta, buscando a luz dos olhos da sua Dama.
Quando da bella vista, e doce riso. 11.
Perfeições da belleza amada.

Quando o Sol encoberto vai mostrando. 20.
Pensamentos, e phantasias varias na ausencia da sua amada.
Quando vejo que meu destino ordena. 30.
Em huma despedida, que he a mesma que servio de argumento ao Soneto 47, que principia : *Se sómente hora alguma em vós piedade.*
Quando de minhas mágoas a comprida. 39.
Sonhando com a sua amada, que era fallecida.
Quando se vir com agua o fogo arder. 75.
Exaggera o Poeta a sua fé, e a sua constancia em amar a certa Dama.
Quando a suprema dor muito me aperta. 76.
Escripto em ausencia.
Quando os olhos emprégo no passado. 91.
Desengano, com esperanças perdidas.
Quando cuido no tempo que contente. 141.
Lembrando-se das perfeições da sua amada, teme o morrer esquecido dellas, pela grande distancia em que se acha.
Quando, Senhora, quiz amor que amasse. 142.
Offerece-se a padecer o maior tormento pela sua amada.
Quanto tiempo ha que lloro un dia triste. 116.
Apartando-se da sua amada.
Quantas penas amor, quantos cuidados. 151.

Que basta hum só olhar benigno da sua amada, para lhe compensar muitas horas de tormento.

Quantas vezes do fuso se esquecia. 23.

A huma Dama fiando, que por muito cuidadosa de seus amores, deixava cahir o fuso. He pensamento de Ovid., Lib. 4. Metamorph. vers. 231.

. . . . . *Pavet illa, metuque*
Et colus, et fusus digitis cecidere remissis.

E tambem de Christovaõ Falcaõ, que diz no seu Crisfal:

Em huma roca fiando:
Porém cahia lhe o fuso
Dos dedos de quando em quando.

Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento. 90.

No pranto amoroso, procedido da crueldade da sua amada, se consola com as esperanças.

Quanta incerta esperança, quanto engano. 119.

Que se naõ deve fazer confiança alguma nas cousas do Mundo, mas sómente no Author delle, amando-o; pois só elle naõ costuma faltar com o premio, a quem nelle põe suas esperanças.

Que vençais no Oriente tantos Reis. 35.
A D. Luis de Ataïde, Viso-Rei da India.
Que levas cruel morte? Hum claro dia. 44.
Na morte da Infanta D. Maria, filha ultima do Senhor Rei D. Manoel, e de sua terceira mulher D. Leonor, irmãa do Imperador Carlos V. Nasceo posthuma no anno de 1521, e falleceo no de 1578: no de 1579 foi o fallecimento de Luis de Camões; donde este Soneto seria talvez, ou o ultimo, ou dos ultimos que elle escreveo. Alguns casamentos se tratáram para esta Infanta, dos quaes nenhum chegou a effeituar-se. Era de extremada formosura, e muito estudiosa. A sua casa era huma Universidade de mulheres eruditas, entre as quaes floreceo a famosa Toledana Luiza Sigea, cujo nome será sempre respeitado com assombro.
Que poderei do mundo já querer. 49.
Sobre muitas outras desgraças lamenta a morte da sua amada.
Que doudo pensamento he o que sigo. 59.
Entre os Sonetos de Bernardes he este o 79. Porém Manoel de Faria, que conhecia de estylos excellentemente, affirma, naõ ter o mesmo Bernardes cabedal, naõ só para o fazer, mas nem ainda para o entender.
Que modo tao subtil da natureza. 75.

A certa Senhora de pouca idade, e extremada gentileza, que se meteo Religiosa Franciscana.

Que esperais esperanca? Desespero. 80.
Que naõ desiste de amor, postoque tenha perdidas as esperanças.

Que me quereis, perpetuas saüdades. 113.

Que estilla a Arvore santa? Hum licor santo. 124.
A Christo Crucificado. He este hum Soneto Dialogistico, assim como são os 57, 59, 61, 83, 154, 198, 200; mas mais conforme ao 83, e ao 154, porque em cada verso ha huma pergunta, e resposta.

Que póde já fazer minha ventura. 141.
Que por muito costumado naõ sente, nem sentirá para o futuro o tormento que o penaliza.

Quem vê, Senhora, claro, e manifesto. 11.
Clara, e docemente explica á sua Dama desejos amorosos.

Quem jaz no grão sepulchro que descreve. 32.
Epitaphio para a sepultura do Senhor Rei D. João o III., que falleceo no anno de 1557, tempo em que o Poeta andava na India.

Quem póde livre ser, gentil Senhora. 33.
Que naõ he facil ver a belleza amada, sem ficar captivo.

Quem fosse acompanhando juntamente. 41.
Profunda tristeza.
Quem poderá julgar de vos, Senhora. 55.
Padecendo grandes dúvidas na intelligencia da vontade da sua amada.
Quem, Senhora, presume de louvar-vos. 56.
Que naõ ha louvores dignos da belleza amada.
Quem diz que amor he falso, ou enganoso. 105.
Quer Faria que Luis de Camões falle neste Soneto do amor casto, e puro.
Quem quizer ver de amor huma excellencia. 109.
Que nenhuma adversidade da fortuna, nem ainda a mesma morte, o poderá separar da sua amada.
Quem vos levou de mim, saüdoso estado. 146.
Lembrando-se de algum breve, e gostoso descanso da vida passada.
Quem presumir, Senhora, de louvar-vos. 154.
Que naõ ha louvor digno da sua amada.

R.

Rebuelvo en la incessable fantasia. 84.
Quem estima em mais o captiveiro de amor, que o estado livre.

S.

Se a fortuna inquieta, e mal olhada. 137.
Parece que he feito em resposta a alguns, em que o louvavam.

Se algum'hora essa vista mais suave. 81.

Se as penas com que amor taõ mal me trata. 32.

Persuade a sua Dama a que, pondo de parte rigores, se aproveite da sua florida idade; e lhe adverte, que perdida esta, se naõ póde recuperar.

Se com desprezos, Nympha, te parece. 65.

Constancia do Poeta, a pezar dos tormentos que lhe dá a sua amada.

Se como em tudo o ma s fostes perfeita. 80.

Da crueldade da formosura amada, e resignaçaõ do amante.

Se da célebre Laura a formosura. 54.

Se despois de esperança taõ perdida. 52.

Escripto na India, quando se achava opprimido dos maiores trabalhos.

Se de vosso formoso e lindo gesto. 150.

O Leitor que tiver feito suas observações no estylo do Poeta, poderá julgar deste Soneto, que he dos accrescentados na Ediçaõ de Joseph Lopes Ferreira.

Se em mim, ó alma, vive mais lembrança. 130.

Se grande gloria me vem só de olhar-te. 138.

Seguia aquelle fogo que o guiava. 95.

Fabula de Leandro, e Ero.

Se lagrimas choradas de verdade. 129.

Os primeiros quatro versos deste Soneto são os

quatro ultimos da Estancia 10 na Ecloga quinta, em quanto ao conceito.

Se me vem tanta gloria só de olhar te. 77.

Que he maior a pena de naõ ver a sua amada, que o gosto, e gloria de vê-la.

Sempre a razaõ vencida foi de amor. 77.

Que se os mais morrem de amor, elle morre por hum effeito da razaõ.

Sempre, cruel Senhora, receei. 136.

Este Soneto, que duvidamos seja de Luis de Camões, he dos accrescentados por Joseph Lopes Ferreira.

Senhora minha, se eu de vós ausente. 65.

He traducção do Soneto 9 de Garcilasso.

Senhora já desta alma, perdoai. 146.

Tambem este Soneto he dos accrescentados pelo Lopes Ferreira, e naõ parece no estylo ser do nosso Poeta.

Senhor Joaõ Lopes, o meu baixo estado. 70.

A Joaõ Lopes Leitaõ, homem bem instruïdo, e agudo, e de quem he aquelle Soneto, que principia : *Quem he este, que na arpa Lusitana,* a quem o Poeta respondeo com o 62. Que fossem muito amigos se colhe de que o Poeta lhe falla em materias amorosas, e na pratica que tinha com a sua Dama.

Se no que tenho dito vos offendo. 135.

Sentindo-se alcançada a bella esposa. 95.

He huma continuaçaõ do Soneto 183, que contem a fabula de Cephalo, Procris, e a Aurora.

Se pena por amar-vos se merece. 44.

Se quando vos perdi, minha esperança. 15.

Havendo perdido as esperanças, se achava de novo assaltado dellas.

Se sómente hora alguma em vós piedade. 26.

Despedindo se da sua amada o Poeta, para se ausentar.

Se tanta pena tenho merecida. 19.

Offerece-se a padecer pela sua amada.

Sete annos de Pastor Jacob servia. 17.

Ao successo dos amores de Jacob com Rachel. Por serem hoje hum pouco raras as *Horas Subsecivas* do Erudito Aleixo Collotes de Jantillet, signalado entre os que no seu tempo se souberão explicar melhor no Idioma Latino, (impressas em Lisboa na Officina de Joaõ da Costa, anno de 1679) e em obsequio aos amantes das Traducções Literaes, deixarei aqui as duas, que elle, verso por verso, fez deste Soneto de Luis de Camões. Diz assim a primeira em versos Senarios.

Deserviebat annos per septem Jacob
Pastor, Labano bellæ Rachelis patri;

Non patri serviebat tamen, at filiæ,
Solam petebat quam laboris præmium.
In spem diei agebat unius dies,
Duci contentus aspectu illius frui.
Sed usus arte fallaci vafer parens,
Ipsi Rachelis in locum dabat Liam.
Accipiens tristis Pastor, cum dolo suam
Sibi puellam denegatam, non secus
Ac si nequaquam promeritus illam foret;
Alios per annos septem servire occipit,
Dicens, diutius ipse servirem, nisi
Esset, tam longum ad amorem, vita tam brevis.

ALITER.

Septem annos Pastor curabat ovile Labani
Cujus erat Rachel filia pulchra, Jacob.
Non famulabatur patri tamen ille, sed illi,
Quam sibi poscebat præmia sola dari.
Cernere dilectam contentus, speque diei
Ducebat placidos unius ipse dies.
At pro formosa genitor Rachele, sororem
Subdebat tacitâ callidus arte Liam.
Mœstus ut advertit Pastor, sibi fraude negata
Tanquam non merito, Virginis ora suæ.
Deservire iterum septenis incipit annis,
Taliaque ex imo pectore verba refert:
Servirem longo mage tempore tam breve vitæ
Si non pro tanto tempus amore foret.

Se tomo minha pena em penitencia. 50.

Parece que se desviou a amada, por alguns defeitos que descobrio no amante.

Si el fuego que me enciende consumido. 112.
Encarecimento da sua firmeza.
Sobre os Rios do Reino escuro, quando. 122.
Sobre o Psalmo 136.
Sospechas que en mi triste fantasia. 139.
A humas suspeitas.
Suspiros inflammados, que cantais. 39.
Desenganos de amor, e fortuna.
Sustenta meu viver huma esperança. 140.

T.

Tal mostra de si dá vossa figura. 73.
Exaggera as perfeições da sua Dama.
Tanto de meu estado me acho incerto. 7.
Que tudo no estado em que vive, e em que se acha, são incertezas.
Tanto se foram, Nympha, costumando. 81.
Tem feito os olhos neste apartamento. 133.
Em huma despedida.
Todo animal da calma repousava. 10.
Queixa-se da inconstancia da sua Dama.
Tomava Daliana por vingança. 25.
Casa-se Daliana com hum rustico, por se vingar da perfidia de Silvio. Este Soneto deve ler-se depois do 41.
Tomou-me vossa vista soberana. 21.
Que naõ póde deixar de ser vencido da sua amada.

Tornai essa brancura á alva açucena. 63.

Transforma-se o amador na cousa amada. 8.

Que para sua satisfaçaõ lhe basta o empregar-se em amar. Parece que foi o Poeta assaltado de algum desejo menos decente.

V.

Vencido está de amor meu pensamento. 82.

Verdade, amor, razaõ, merecimento. 121.

Desengano das cousas do Mundo.

Vi queixosos de amor mil namorados. 128.

Que tudo no amor he tristeza, e tormento.

Vósoutros que buscais repouso certo. 101.

Ao engano com que os homẽes vivem, e daõ credito ás cousas do Mundo, procurando achar repouso nellas, è perdendo-se pelas mesmas.

Vós Nymphas da Gangetica espessura. 117.

A D. Leonis Pereira, filho illegitimo de Dom Manoel Pereira, terceiro Conde da Feira. Tendo á sua conta a Praça de Malaca, entaõ huma das mais importantes daquelle Estado, e sendo esta envadida por ElRei de Achem com huma poderosa Armada, elle a defendeo valerosamente. Succedeo isto no anno de 1568., em que o Poeta sahio da

India para Sofála, donde partio para Lisboa, chegando aqui no anno de 1569.

Vós, que de olhos suaves, e serenos. 48.
He do mesmo argumento que o Soneto 87, e vem a ser ciume a que a sua Dama deo causa.

Vós que escutais em Rhythmas derramado. 53.
He traducçaõ de hum Soneto, que serve de Proemio aos Sonetos de Petrarca, e principia:
Voi ch'ascoltate in Rime sparse in suóno,
Di quei suspiri ond'io nudriva il cuore, etc.

Vossos olhos, Senhora, que competem. 35.
Aos olhos da sua amada.

Vós só podeis, sagrado Evangelista. 125.
A Saõ Joaõ Evangelista.

CANÇÕES.

A instabilidade da fortuna. 160.
Enganos, e desenganos de amor, e de fortuna. Falla tambem contra o amor vicioso, e desordenado.

A vida já passei assaz contente. 217.
A' morte de D. Antonio de Noronha. Veja-se a advertencia, no fim da pag. 217.

Com força desusada. 173.

Foi escripta na India, e descreve o Poeta a sua fortuna naquelles Estados.

Formosa e gentil Dama, quando vejo. 157.

Descreve a formosura da sua amada, e o tormento amoroso, que por ella padecia.

Já a roxa manhãa clara. 164.

Descreve a serenidade de huma manhãa clara, e diz que nella vê a formosura amada.

Junto de hum secco, duro, esteril monte. 187.

Foi escripta em Goa, depois de voltar da Arabia Feliz. Lamenta o Poeta nella as proprias desgraças, e os seus amorosos cuidados.

Manda-me amor que cante docemente. 177.

Descreve o primeiro assalto amoroso, fundamento de quasi todas as Rhythmas que o Poeta escreveo.

Manda-me amor que cante o que a alma sente. 180.

Esta Canção, e a septima, que principia: *Manda-me amor que cante docemente,* ambas são ao mesmo assumpto, e ambas á imitaçaõ de outra de Pedro Bembo, como fica dito em huma advertencia na pag. 180.

Nem roxa flor de Abril. 200.

Tem por argumento huma rara formosura natural, sem algum enfeite, ou adorno da arte.

Oh pomar venturoso. 203.

A hum pomar.

Por meio de humas serras mui fragosas. 212.

Descripçaõ de huma ribeira, e prado adjacente.
Que he isto? Sonho? Ou vejo a Nympha pura. 209.
Sobre hum sonho, de que trata na Estancia quarta da Cançaõ que principia: *A instabilidade da fortuna.*
Quem com sólido intento. 206.
Tem por argumento o naõ produzirem no Poeta as causas os seus communs, e devidos effeitos, senaõ outros muito contrarios; e que elle vive daquillo mesmo de que outros morrem. Imita Luis de Camões nesta Cançaõ, e em parte traduz humas Lyras de Luis Grotto, impressas na primeira parte das suas Rhythmas.
Se este meu pensamento. 169.
He o mesmo argumento, que o da Cançaõ que principia: *Formosa e gintil Dama, etc.*
Tomei a triste penna. 184.
Cançaõ para se enviar como carta a huma Dama.
Vaõ as serenas agoas. 167.
Estando o Poeta ausente de Coimbra, onde lhe ficára o emprego do seu cuidado.
Vinde cá meu taõ certo Secretario. 191.
Refere o Poeta as cousas mais principaes da sua vida.

ODES.

Aquelle moço fero. 245.
Achando-se namorado de huma escrava sua.
Aquelle unico exemplo. 240.
Foi escripta em Goa a D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, e Viso-Rei da India, na occasiaõ em que Garcia de Horta, Medico d'ElRei, imprimio alli o seu livro das drogas Orientaes, que foi no anno 1563, por Joaõ de Endem.
A quem daraõ de Pindo as moradoras. 238.
A D. Manoel de Portugal, filho do primeiro Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal. Foi D. Manoel Poeta insigne, grande favorecedor dos que se applicavam ao estudo da Poesia, e o que neste Reino poz os versos hendecasyllabos no seu devido esplendor.
Detém hum pouco, Musa, o largo pranto. 221.
Esta Ode foi escripta em Cintra, serra a que os Antigos chamáraõ da Lũa: escreveo-a o Poeta por occasiaõ de se achar alli a sua amada.
Fogem as neves frias. 243.
Descreve a entrada da Primavera, e logo o Estio, o Outono, e o Inverno, e como estas Estações se vaõ successivamente seguindo

huma a outra; tirando desta vicissitude, e constante mudança, huma moralidade verdadeira, da pouca duraçaõ da vida humana, e prosperidades do Mundo. Em fim, he esta Ode huma imitaçaõ (em parte traducçaõ) da Ode VII. do Livro IV. de Horacio.

Formosa fera humana. 230.

A certa Dama Lisbonense, que pelo contexto se entende ser semelhante á de que falla Horacio na Ode X. do Livro terceiro.

Já a calma nos deixou. 252.

He o mesmo argumento, que o da Ode IX., com a differença de que lá principiou com a entrada da Primavera, e aqui começa com o rigoroso do Verão.

Naquelle tempo brando. 248.

Amores de Peleo, e Tethys, e como delles nasceo o forte Achilles.

Nunca manhãa suave. 233.

Escripta em obsequio de certa Dama.

Póde hum desejo immenso. 235.

Foi escripta em ausencia, na qual só em vivas representações da imaginaçaõ via a sua amada.

Se de meu pensamento. 227.

Escreveo o Poeta esta Ode, quando já cansado com as trabalhosas experiencias de amor, e

fortuna, que o haviam reduzido a hum estado de naõ poder cantar como costumava.

Taõ suave, taõ fresca, e taõ formosa. 225.

Da Estancia septíma desta Ode se entende que foi escripta em huma despedida; porque diz que aquelles que se vaõ soffrem saüdades, suspeitas, temores, penas, etc., e conclue o Poeta dizendo, que se expõe a soffrer tudo. He escripta com o mesmo artificio que outras, que escrevêram Poetas insignes, assim como Francisco Petrarca, Pedro Bembo, e Luis Grotto na Italia: na Hespanha Alonso Peres: e em Portugal Fernando Alvares do Oriente. Ha suspeita de que esta de Luis de Camões se acha aqui truncada, ou diminuta, por culpa de Copiadores ignorantes.

SEXTINAS.

A culpa de meu mal só tem meus olhos. 256.

Lamenta o tormento amoroso: mas, que vive nelle voluntario, e com gosto.

Foge-me pouco a pouco a curta vida. 255.

Foi escripta na India, nos ultimos annos da vida do Poeta, estando ausente da Patria, e de quem nella amava.

Oh triste, oh tenebroso, oh cruel dia. 258.

Na morte da sua amada Natercia.

Sempre me queixarei desta crueza. 259.
Tambem tem por argumento a morte da mesma Natercia.

ELEGIAS.

Ao pé de huma alta faia vi sentado. 294.
Vergel de amor. Com este titulo se achou a presente Elegia em hum Manuscripto.
Aquella que de amor descomedido. 271.
A D. Antonio de Noronha, estando o Poeta desterrado em Ceuta.
Aquelle mover de olhos excellente. 283.
Descreve perfeições da sua amada, e dá por bem empregado o tormento amoroso que padece.
A vida me aborrece, a morte quero. 303.
Escreveo o Poeta esta Elegia entre os 17, et 18 annos da sua idade, e no principio da sua inclinaçaõ amorosa.
Belisa, unico bem desta alma triste. 299.
A Belisa persuadindo a a que o naõ trate com crueldade, pois que com esta naõ conseguirá o deixar elle de a amar.
De peña en peña muevo las passadas. 335.
He do mesmo argumento daquella que principia :

La sierra fatigando de continuo.

Despois que Magalhães teve tecida. 279.

A D. Leoniz Pereira, que sendo Capitam, e Governador de Malaca a defendeo valerosamente do poder de Achem, no anno de 1568. Nesta Elegia o dispõe o Poeta, para que receba benignamente o Livro das cousas do Brasil, impresso em Lisboa, no anno de 1576, que Pedro de Magalhães Gandavo lhe dedicava.

Entre rusticas serras, e fragosas. 285.

Fabula de Narcizo.

Foi me alegre o viver, já me he pezado. 328.

Queixa-se da sua fortuna, por lhe conceder a dita de ver huma formosura, da qual sempre ficou captivo, sem resgate.

Illustre e nobre Sylva descendido. 337.

A Pedro da Sylva.

Juïzo extremo, horrifico, e tremendo. 319.

Contém estes Tercetos acrosticos huma traducçaõ do vaticinio que a Sibylla Erythrea escrevco em versos Gregos.

La sierra fatigando de contino. 333.

Foi escripta em ausencia, naõ obstante a qual, promette huma constante firmeza á sua Dama.

Naõ porque de algum bem tenha esperança. 325.

Desesperado de conseguir o objecto dos seus

desvelos deseja com a morte dar fim a seu tormento.

Naõ me julgueis, Senhora, atrevimento. 348.

Pede á sua Dama se compadeça do cruel tormento em que vive, e de que ella mesma he causa.

Nunca hum appetite mostra o dano. 331.

Foi feita estando desterrado: e nella se queixa de que amando tanto a sua Dama, ella lhe naõ corresponda igualmente,

O Poeta Simonides fallando. 263.

Foi escripta em Goa, nos fins do anno de 1553, e isto se sabe por dar nella conta de huma victoria que os Portuguezes alcançáram (em que tambem se achou o Poeta) do Rei de Pimenta. Tambem aqui descreve successos da sua viagem para aquelles Estados.

O Sulmonense Ovidio desterrado. 276.

Escreveo o Poeta esta Elegia aos 19, ou 20 annos da sua idade, e no seu primeiro desterro, que foi em Santarem.

Que tristes novas, ou que novo dano. 306.

Deixou Luis de Camões esta Elegia, sem alguma lima, talvez por lhe naõ agradar a ordidura della. Era escripta na morte de D. Miguel de Menezes, filho de D. Henrique de Menezes, Commendador da Idanha a velha, e Azinhaga, e sexto Governador da Casa do

Civel, no principio do Reinado d'ElRei Dom Joaõ III: a mãi se chamava Dona Beatriz de Vilhena, e tiveram os filhos seguintes: Dom Joaõ, D. Rodrigo, D. Antonio, D. Francisco, D. Miguel, D. Philippe, D. Joaõ, Dona Branca, D. Maria, D. Leonor, e D. Joanna. Toda esta noticia he necessaria para a intelligencia deste Poema Morreo D. Miguel na India: e fazendo Manoel de Faria toda a diligencia, lhe não foi possivel descobrir em que occasiaõ.

Saiam desta alma triste, e magoada. 340.

Na morte de D. Tello, a quem matâram na India.

Se obrigações de fama podem tanto. 321.

Escripta em Damaõ a D. Maria de Figueiroa, filha do Mestre Melchior.

Se quando contemplamos as secretas. 312.

A' Paixaõ de Christo S. N. He imitaçaõ (em parte) do Poëma Latino, que deste mesmo argumento escreveo Sanazzaro, e principia:

Si quando magnum mirati surgere Solem
Oceano, et toto flammas diffundere Cœlo, etc.

ESTANCIAS.

Cá nesta Babylonia adonde mana. 375.

He huma glosa do Soneto 194, que principia: *Cá nesta Babylonia, etc.*

Como nos vossos hombros taõ constantes. 361.

A D. Costantino de Bragança, Viso-Rei da India. Era filho do IV. Duque de Bragança Dom Jaime, e pessoa, que além desta primeira qualidade, teve hum talento de taes quilates, que pareceo que só por elle podia ser restaurada a India, que naquelle tempo ameaçava a ultima ruïna. Foram escriptas estas estancias em Goa anno de 1560.

De huma formosa Virgem desposada. 380.

A Santa Ursula. Na pag. 380. deixámos huma advertancia, em que puzemos patente serem estas Estancias de Luis de Camões, e naõ de Diogo Bernardes, que as imprimio por suas.

Despois que a clara Aurora a noite escura. 370.

He huma glosa do Soneto 14. que principia:

Todo o animal da calma, etc.

Mui alto Rei, a quem os Ceos em sorte. 367.

Sobre a sétta que o Santo Padre mandou a El-Rei D. Sebastiam no anno de 1575.

Quem póde ser no mundo taõ quieto. 351.

A D. Antonio de Noronha, sobre o desconcerto do Mundo.

Senhora, se encobrir por alguma arte. 377.

Estancias escriptas a certa Dama.

FIM DO TOMO TERCEIRO.

961734

ERRATA.

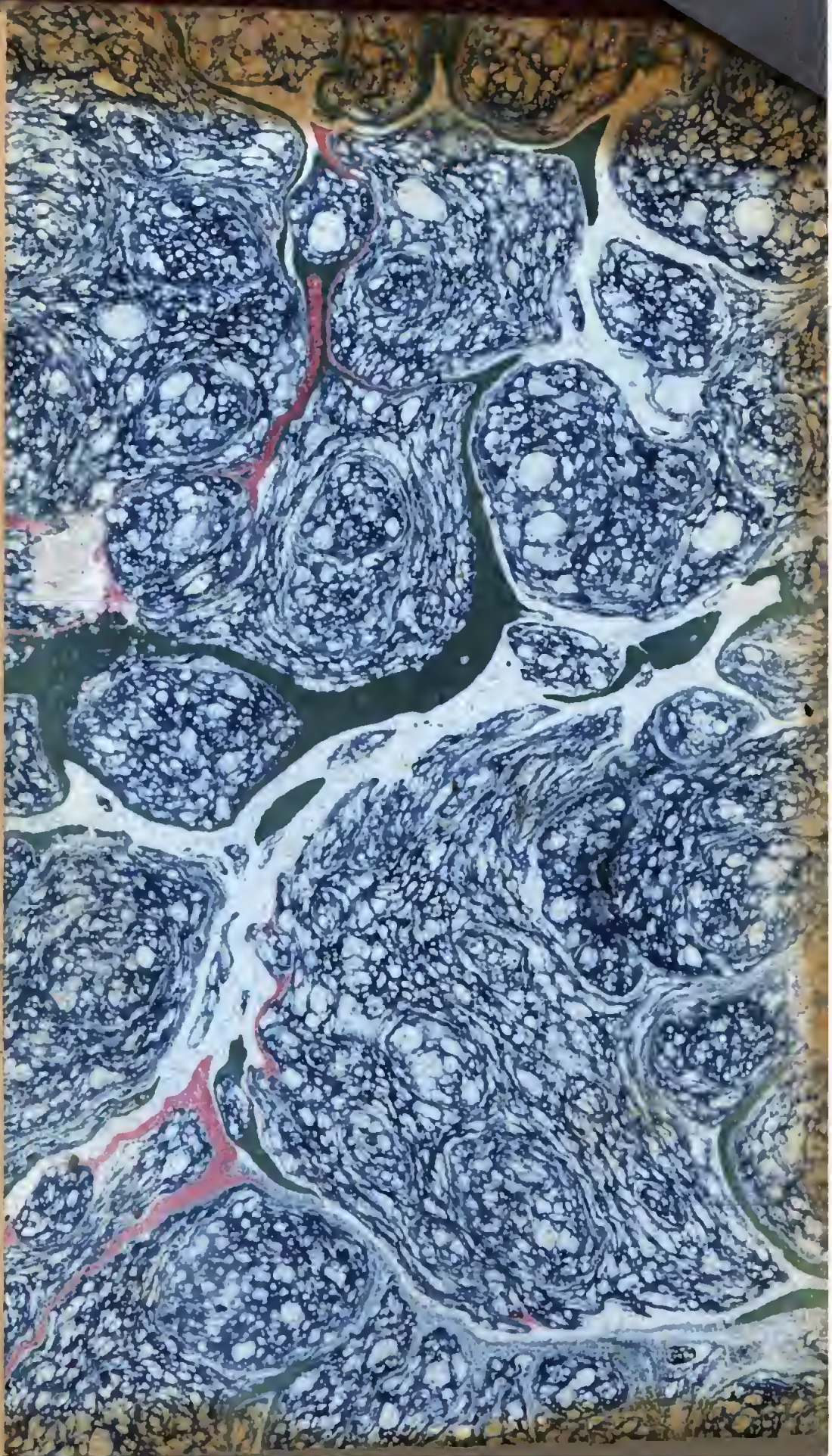
TOMO III.

PAG.	LINH.	ERROS.	EMENDAS.
xix	4	Pelomenos, *leya*	Pelo menos.
xxiij	6	muita,	muitas.
6 rhyt.	6 v. 5	aseus,	e seus.
6	7	7 as cousa,	as causas.
13	21	1 pederosos,	poderozos.
19	33	1 se setanta,	se tanta.
35	65	5 postrados,	prostrados.
52	99	14 Nm taõ triste,	Nem taõ triste.
114	222	12 abrita,	abrirà.
114	223	11 desco,	deseo.
121	237	11 saio,	siaõ.
163 linh.	28	tbesouro,	thesouro.
180	19	Bemho,	Bembo.
185	15	sem,	ser.
188	10	sal,	sol.
196	23.	sustenar-se,	sustentar-se.
214	17	A'bumana,	A'humana.
223	11	Matava,	Matavás.
289	25	dedra,	pedra.
311	12	monstrando-le,	monstrando-lhe.
384 est. 3.	11 v. 2	suptuozo,	sumptuozo.

PAG.	LINH.	ERROS.	EMENDAS.
405	2	saltendo,	*leya* salteado.
412	16	frescas,	frescos.
413	6	natarereza,	natureza.
415	5	come bem,	como bem.
425	13	N'hum hosque,	N'hum bosque.
429	11	Níle,	Níse.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google